Alice Clayton

Autora de Subindo pelas Paredes

Arranhando as Paredes

[Rusty Nailed]

Benvirá

Créditos: Star Books Digital

Epub feito com o pdf original



Ao Peter Por estar ao meu lado antes, durante e sempre.
Obrigada por me manter sã – ainda que a sanidade seja algo relativo.
Bjoca!

PRÓLOGO

Eu nunca fui tão feliz – e tão pelada – quanto naquela época.

D*ezembro*

Eu nunca tinha passado um Natal longe da minha família. Natal para mim é sinônimo de família: a de sangue, a agregada, a velha, a nova. A minha família e amigos se reúnem, árvores são enfeitadas, presentes são embalados, biritas são preparadas e quase sempre entornadas. Natal é Norman Rockwell como pano de fundo para um tio bêbado. E eu não mudaria uma vírgula disso tudo por nada neste mundo.

Exceto neste ano. Este Natal foi completamente diferente. Rolou Rockwell, mas com um Trepador de Paredes no meio.

Como fotógrafo freelancer, Simon tinha um trabalho inacreditavelmente legal. Ele viajava pelo mundo fotografando para a National Geographic, para o Discovery Channel, enfim, para quem precisasse de um fotógrafo nos lugares mais distantes do planeta. Neste Natal, ele trabalharia em algumas cidades da Europa durante a melhor época das férias e passaria dezembro quase inteiro fora.

Depois que eu e ele nos tornamos oficialmente nós, tivemos que encontrar um equilíbrio na nossa relação e deixar a vida voltar ao normal. Ele continuava viajando a trabalho para diferentes lugares do mundo – Peru, Chile, Inglaterra – e chegou até a passar um fim de semana na Mansão da Playboy, em Los Angeles, para fazer um "estudo"… Duro, né? Entretanto, quando o meu Trepador de Paredes mochileiro estava em casa, ele estava em casa mesmo, de corpo e alma. Comigo. Fosse no meu apartamento, fosse no dele. Fosse nos jantares com os nossos amigos Jillian e Benjamin, fosse no pôquer com os nossos outros dois casais de melhores amigos. Estava comigo, na minha cama, na dele; na minha cozinha, na dele; no balcão da minha cozinha, no da dele… Em casa.

Ao que parecia, porém, Simon sempre costumava passar o Natal longe. Ora ele estava trabalhando em Roma, cobrindo os eventos da Praça de São Pedro, ora no arquipélago de Vanuatu, no Pacífico Sul, lugar que comemora o Natal antes do resto do mundo. Certa vez, passou o Natal no Polo Norte fazendo um boneco de neve.

Estranho? Nem tanto. Os pais dele morreram num acidente de carro quando Simon cursava o último ano do ensino médio. Quando tinha dezoito anos, o mundo dele virou de cabeça para baixo. Sem outros parentes, deixou a Filadélfia alguns meses depois, ao ser aceito na Universidade de Stanford, e nunca mais voltou.

Então, sim, o Natal era algo difícil para Simon. Eu estava começando a entender o meu Trepador de Paredes para além do homem, do mito, da lenda. Feriados em geral eram difíceis para ele. E, para um casal que estava junto havia pouco tempo, passar o Natal com os meus pais seria um evento e tanto, talvez um tanto demais. Simon ainda nem os conhecia, por isso o Natal com (toda!) a família Reynolds poderia não ser a melhor ocasião para dar esse passo tão importante.

Assim, não fiquei surpresa quando ele começou a fazer planos para passar o mês todo fora. Quem ficou surpreso foi o próprio Simon quando eu me auto convidei para passar o Natal com ele.

– De Praga, vou pra Viena, depois pra Salzburgo, onde provavelmente vou passar o Natal. Lá

tem um festival que…

– Pois espere que eu estou chegando!

– Ainda? Caramba, eu sou bom mesmo… Já faz uma hora que a gente… – Ele colocou uma daquelas mãos maravilhosas entre as minhas pernas. Estávamos deitados na cama, tarde de uma noite no final de novembro. Depois de alguns dias de viagem, Simon tinha voltado para casa, e nós tínhamos tirado o atraso… uma após outra.

– Não, engraçadinho, eu quis dizer que vou pra Europa. Quero passar nosso primeiro Natal juntos, literalmente… Vai ser divertido!

– E seus pais? Não vão ficar chateados?

– Claro, mas eles vão entender. Vai estar nevando lá?

– Nevando? Ah, sim! Tem certeza? Passei os últimos Natais sozinho. Não estranho mais. Não ligo de ficar sozinho – ele disse, evitando me olhar nos olhos.

Sorri e ergui levemente o seu queixo.

– Mas eu ligo. Além disso, tenho uma semana de folga entre o Natal eo Ano-Novo. Está decidido.

– Você é mandona, senhorita Reynolds – ele brincou, escorregando a mão mais para perto do quadril.

– Sim, sou mesmo, senhor Parker. E não pare de fazer isso que você está fazendo… hum…

E foi assim que eu me vi num conto de fadas em pleno Natal. Viajei para Salzburgo, na Áustria, onde nos hospedamos num hotel maravilhoso no centro velho da cidade – sob a neve, as árvores enfeitadas com milhares de luzinhas brancas e Simon ridiculamente fofo (awn!) usando uma touca de lã com um pompom na ponta. Num acesso extremo de turista, ele arranjou um trenó arrastado por cavalos, com sininhos e tudo.

Na véspera de Natal, debaixo de um cobertor quentinho e completamente enroscada em Simon, apreciei a vista da cidade e do luar, que se refletia nas águas do rio.

– Estou feliz que você esteja aqui – ele sussurrou, depois mordiscou a minha orelha.

– Eu sabia que você ia ficar feliz. – Sorri quando a mão dele se insinuou para debaixo da minha blusa.

– Te amo – Simon murmurou com a voz doce como mel.

– Eu te amo mais – respondi, os olhos marejados.

Nova tradição? O tempo dirá…

1*4 de fevereiro*

Mensagem de Simon para Caroline:

S: Acabei de estacionar. Tá pronta?

C: Quase. Vou me vestir. Entra.

S: Subindo a escada. A gnt vai se atrasar.

C: Ñ vai ñ. É só vc não tirar a calça.

S: Nunca ouvi vc dizer isso.

C: Abre a porta e entra! Agora!

Apertei o botão "enviar" e em seguida apoiei o corpo no balcão da cozinha. Ouvi ele girar a chave e abafei uma risadinha. Simon e eu havíamos combinado encontrar nossa gangue dali a vinte minutos para um jantar romântico. Considerando o trânsito, com sorte chegaríamos em quarenta. E, com mais sorte ainda, nem chegaríamos.

– Amor! O que você está fazendo? Precisamos ir! – ele disse.

Ouvi-o despejar a bolsa ao atravessar a porta.

Enquanto ele caminhava pelo corredor, eu avisei bancando a dramática: – Resolvi não ir. Não estou me sentindo muito bem.

Ouvi-o parar de repente e apostei (valendo a minha Le Creuset!) que Simon estava passando as mãos pelo cabelo, contendo um suspiro.

Eu tinha enchido o saco dele por vários dias para que saíssemos no Dia dos Namorados e insistido para que comemorássemos com os nossos amigos. Mas Simon passaria apenas uma semana em casa, e eu sabia que ele não queria outra coisa senão vegetar no sofá e dormir com a namorada.

Namorada.

Ainda sinto uns arrepios quando penso nessa palavra. Namorada de Simon. Ele, que já foi o Mestre do Harém, agora é o meu namorado.

Então, após eu ter jogado verde desde janeiro para garantir que ele estaria em casa no Dia dos Namorados e passado horas e horas ao telefone com Sophia e Mimi planejando a melhor noite romântica de todos os tempos, a minha repentina decisão de ficar em casa deve ter feito Simon questionar a sua decisão de arranjar uma namorada.

– Tem certeza? Achei que você quisesse…

Ao entrar na cozinha, ele parou. Sentada sobre o balcão, com um avental, um sorriso no rosto e um salto de quinze centímetros, lá estava moi. Segurando uma maçã no colo.

– Eu quero outra coisa. Não um restaurante lotado. Eu não poderia usar isso num restaurante lotado… – Desci do balcão e me virei. Eu estava vestindo o avental e somente o avental. Ah, o salto! Não esqueça o salto.

– Caroline. Uau!

Sorri ainda mais.

– Tem uma coisinha aqui.

– Ô se tem!

– Seu bobinho. Fiz uma torta pra você. A sua torta de maçã favorita, bem quentinha. Você só precisa vir pegá-la. – Cortei um pedaço da massa e mergulhei numa vasilha com calda de açúcar e canela. O que será que ele vai querer primeiro? A torta ou a mim?

As duas. Ele quis as duas.

A*bril*

– Achei que a gente estava progredindo. A gente assiste beisebol, eu te arranjo manteiga de amendoim de vez em quando, e você faz isso? Por quê? Por que você continua fazendo isso? Aliás… por que eu continuo permitindo que você faça isso?

Chegando ao topo da escada, ouvi a conversa vinda de dentro do meu apartamento. Simon estava sozinho em casa… talvez estivesse no telefone. Então, abri a porta, entrei e me deparei com ele sentado à mesa e com Clive, o meu gato, bem à sua frente. O moletom da Stanford entre os dois. No comecinho do namoro, Clive "marcara território" várias vezes no "graduado moletom", mas já fazia algum tempo que ele não sentia a necessidade de lembrar a Simon quem era o verdadeiro homem da casa. Tanto Simon quanto eu achávamos que ele tinha parado com essa cafajestagem. Engano nosso, aparentemente…

Eu me segurei para não rir diante da seriedade com que Simon encarava Clive e da indiferença com que Clive retribuía, cutucando o rabo como se este não pertencesse ao próprio corpo. Recuei até a porta em silêncio, depois chacoalhei a maçaneta para que os dois soubessem que tinha chegado.

Quando cheguei à sala de jantar, encontrei Simon lendo o jornal com a maior naturalidade, como se nada tivesse acontecido. Ele não citou a conversa que estava tendo com o meu gato.

Permiti a ele essa dignidade e, algumas horas depois, fingi que não vi o moletom na lixeira.

M*aio*

Um barulho invadiu o quarto, lacerando a noite, triturando os meus ouvidos. Um ruído de serra, um estrondo de origem desconhecida que me arrancava do meu sonho com o George Clooney. Fui sufocada por um corpo quente que me abraçava por trás; sons terríveis emanavam da boca dele direto para o meu cérebro. Eu me agarrei a um ponto fresco no travesseiro, enquanto o calor dele me envolvia em ondas e o ronco – ah, meu Deuzinho, o ronco! – sacudia as minhas entranhas.

Nem mesmo Clive aguentou: arranjou um canto seguro em cima da cômoda.

Num movimento tosco reminiscente dos tempos de playground no jardim de infância, joguei minhas pernas para trás e afastei o macho suado e roncador que preenchia todo o meu colchão e arruinava o meu sono.

– Oof! – Ele acordou sobressaltado e, num gesto inconsciente, pressionou ainda mais o corpo contra o meu.

Eu me joguei para fora da cama, usando o meu travesseiro, agora integralmente tomado pelo calor, como arma.

– O que foi, amor? Você me chutou? – Ele se enrolou como um tatu-bola.

– Você precisa parar!

– Parar? Parar com o quê? Anda… volta pra cama – Simon murmurou, imediatamente retornando ao seu sonho, no qual, ao que parece, ele era um lenhador.

– Nem pense em voltar a dormir! Pode. Parar. De. Roncar!

– Ser privada do meu sono sagrado me transforma numa mulher possuída.

– Ronco? Fala sério, eu nem devo roncar tanto assim… Ei! Calma aí!

Arranquei o travesseiro dele.

– Se eu não posso dormir, ninguém pode! Você está roncando muito alto! E está muito quente!

– Bem, a parte do quente a gente já sabia, certo?

– Grrrrrr!

– Ei, calma. Está de TPM? – ele perguntou e logo fez cara de medo ao perceber o erro que tinha

cometido.

Simon foi dormir no apartamento dele, de frente para o meu. Eu precisava dormir.

Julho

– Nossa, Caroline, o que foi isso? Que delícia.

– Sim, foi muito bom – ronronei, envolvendo-o com as minhas pernas, trazendo-o mais para perto, sentindo-o dentro de mim.

Ele respirou em sincronia comigo e relaxou enquanto eu acariciava o seu cabelo e fazia carinho nas suas costas. Depois de alguns minutos, Simon se apoiou no cotovelo e eu afastei o cabelo dele para trás.

– Você não chegou lá, né?

– Não, meu doce, mas foi incrível mesmo assim.

– Deixa que eu te dou uma mãozinha – ele insistiu, passando a mão pelo meu corpo. E ficou surpreso quando o interrompi. – O que foi?

– O objetivo não é sempre esse. E, mesmo sendo diferente, continua maravilhoso, entende? Às vezes, ficar aqui, ficar juntinho, é tudo o que eu preciso. – Eu o beijei de um jeito lento e doce. – Te amo tanto – sussurrei na orelha dele, e o sorriso de Simon fez o meu coração derreter.

Depois do Grande Hiato Orgástico, como eu imagino que seja conhecido em todo o mundo, ele estava sempre pronto para mim? Claro que não. Nem sempre. Mas, na maioria das vezes, sim, e quase sempre em múltiplos; às vezes, até trazia um G junto. Nessas noites, eu quase desmaiava, sério.

Mas, embora eu amasse o sexo no balcão, o sexo no chuveiro, o sexo no chão da cozinha e o sexo na escada do prédio – bem, esse rolou uma vez –, o meu favorito continuava sendo aquele sexo tranquilo, sereno: Simon em cima de mim, dentro de mim, me preenchendo inteira, o seu corpo me pressionando amorosamente. Se vez ou outra O não desse as caras, tudo bem.

Eu sabia que ele sempre voltaria.

Simon se jogou na cama, uma garrafa d'água na mão e Clive no calcanhar. Clive sempre se mantinha longe quando eu e Simon nos atracávamos – desde a vez em que pulou na gente e quase foi lançado da cama. Só que, quando Simon saía para pegar água, Clive entendia que a barra estava limpa para voltar.

Simon me passou a garrafa, e eu liguei a TV para ver a previsão do tempo de amanhã e saber se preciso levar o guarda-chuva. Com Clive no meio de nós dois, assistimos ao noticiário, as mãos entrelaçadas sobre o travesseiro entre nós. Incrivelmente incrível.

Agosto

– Fala. Eu sei que você está louco pra falar.

– Nem preciso, Caroline. Seu gemido já diz tudo.

– Não, não. Sei que você quer falar. Fala.

– Ok. Eu avisei, não avisei?

– Está se sentindo melhor?

– Sim.

– Que bom! Agora, cala a boca e me deixa comer em paz. Simon ri enquanto eu sugo ruidosamente o meu pho, uma deliciosa receita vietnamita de noodle. Por anos, eu pensara que não gostava de comida vietnamita. Desconfio que comer no próprio Vietnã fez toda a diferença.

Mais uma vez, ser a namorada de Simon se provava um golpe de sorte. Ele tinha me convidado para acompanhá-lo numa viagem pelo Sudeste Asiático: Laos, Camboja e, por último, Vietnã. Eu não pude acompanhá-lo na viagem inteira, mas o encontrei em Hanói e passei uma semana com o meu namorado enquanto ele fotografava para a National Geographic. Visitamos cidades e aldeias, praias de águas cristalinas e montanhas tranquilas. Comemos pratos maravilhosos todos os dias e nos curtimos de manhã até de noite.

Agora, estávamos flutuando na Baía de Halong, comendo uma refeição maravilhosa preparada dentro da nossa própria casa-barco. Apreciei as pequenas ilhas que quebravam a superfície da água como dragões irrompendo das profundezas. O sol se punha, e, para se refrescar em meio ao calor escaldante, Simon tinha mergulhado na água, que escorria por aquela pele, fazendo a bermuda grudar nas pernas, e pelo tórax sem camisa, me fazendo salivar muito mais do que com a sopa vietnamita. A vida era boa? Sim, a vida era boa.

De todas as viagens que eu havia feito com Simon, desde as mais curtas durante um fim de semana até as mais extensas por lugares exóticos, esta para o Vietnã foi a que mais me deixou alucinada. O Vietnã é um lugar mágico, inebriante, magnífico. Eu nem tinha partido e já queria voltar. Queria que ele me trouxesse de novo.

Continuei comendo a minha sopa enquanto Simon abria uma cerveja Tiger. Sorrimos um para o outro. Os meses que passamos juntos tinham criado uma proximidade que tornava as palavras desnecessárias. Quando me virei para observar o pôr do sol, ele me puxou de volta para o seu colo. Tínhamos o corpo quente, salgado tanto pela água quanto pelo suor. Há dois dias que eu não vestia outra coisa senão a parte de cima do meu biquíni verde e um sarongue. Simon segurou os meus quadris, os polegares chegaram a marcar o tecido.

– Esse lugar é lindo, não é?

– Lindíssimo. – Observei o sol se pôr, depois me virei para beijá-lo, sentindo aquele frio na barriga que nunca passou. E eu espero que nunca passe.

Setembro

– Oi.

– Oi, lindo.

– Está acordada?

– Não exatamente. Espera. O que você está fazendo aqui?

– Antecipei meu voo. Estava com saudades.

– Hummm… Eu também.

– Caroline, Caroline… O que você está vestindo… ou não está vestindo?

– Está muito calor pra usar roupa.

– Concordo plenamente – ele sussurrou.

Deitando-se atrás de mim, a sua excitação é bem-vinda apesar do calor. Mãos percorriam as minhas costas e se aproximavam dos meus quadris, me fazendo inclinar para trás; gemi ao senti -lo,

o meu corpo sempre pronto para reagir às mãos de Simon em contato com a minha pele. Ele se detém por um momento para me acompanhar na ausência de roupas, e eu arqueei o meu corpo e o pressionei contra o dele quando o senti de novo, ávido e pronto para me amar.

Ele acariciou os meus seios com movimentos deliberados e provocantes. Simon sabia que a reação seria instantânea. Encaixando-se entre as minhas coxas, ele ergueu uma das minhas pernas, abrindo-me para ele.

– Posso? – perguntou, a respiração quente no meu ouvido.

– Pode – eu digo, levando um braço para trás e enroscando os dedos no cabelo dele.

Com um gemido, Simon me penetrou. Suspiro ao senti-lo, insistente e real, no lugar que é dele.

CAPÍTULO UM

– Ai, meu Deus!

Tum.

– Ai, meu Deus!

Tum, tum.

– Caroline, não me fala essas coisas quando eu estiver longe! – Simon pediu em voz grave e rindo, mas ainda assim eletrizante como sempre.

– Simon, seu bobinho, só estou reagindo à batida do outro lado da parede.

– E quem é que está do outro lado da parede?

– O cara do martelo. Você precisa ver. É e-nor-me.

– Tenho que te pedir pra não falar do martelo de outros caras, ok?

– Então, volta pra casa e me mostra o poder do seu – sugeri, dando risada e fechando a porta do escritório para amenizar o barulho. Escritório que não seria meu por muito mais tempo. Eu estava avançando na vida. Ou pelo menos no corredor. Era este o motivo do bate-bate: a minha nova sala estava sendo reformada. Escritório maior, sala de canto, ao lado da de Jillian, dona da empresa e minha chefe (desculpa, meu bem!). Vista privilegiada da baía, quase duas vezes maior do que o meu antigo escritório, uma ante sala pequena para um possível futuro estagiário.

Talvez eu tenha um estagiário. Oi?

– Chego amanhã. Acha que consegue segurar os pensamentos sobre o meu martelo até lá? – ele perguntou. Olhei de relance para o calendário na minha escrivaninha – um círculo em volta da data do retorno de Simon.

– Vou me esforçar, gato, mas você precisa ver a grossura daquele cinto de ferramentas. Não prometo nada. – Simon grunhiu, e eu gargalhei ainda mais. Sempre adorei torturá-lo nos mais diversos fusos horários. – E não esquece o meu presente.

– Já esqueci alguma vez?

– Não, você é um fofo, não é?

– Não esquece o meu presente também… – ele disse, a voz grave de novo.

– O baby-doll cor-de-rosa está separado. Vou estar com ele quando você chegar.

– E eu vou estar em cima dele, debaixo dele, dentro dele, vou… Ops, preciso desligar, o táxi chegou.

– Continuamos a conversa sobre o baby-doll pessoalmente. Te amo.

– Também te amo. – Ele desligou.

Fiquei mirando o telefone por um tempo, imaginando Simon do outro lado do mundo, em Tóquio. Só neste ano, ele já tinha obtido mais milhas no programa de milhagem do que a maioria das pessoas acumula a vida inteira, e a sua agenda estava cheia para o resto do ano.

Eu ainda sorria para o telefone quando Jillian bateu na porta e entrou, depois se sentou no canto

da minha mesa.

– Está tramando alguma coisa, Jillian? – perguntei, arrancando uma pétala seca de um vaso de rosas corais que se encontrava ao lado de onde a bunda dela, envolta num vestido de cashmere, se apoiava.

– Parece que é você que está tramando alguma coisa. Era o Simon no telefone? – ela indagou quando eu abri um sorriso.

– Só ele te deixa alegrinha desse jeito.

– Vou perguntar de novo. Está tramando alguma coisa, Jillian? – Dei uma cutucada de leve nela com um lápis.

– Estou tramando uma coisa que vai te deixar ainda mais alegrinha, embora suas bochechas já estejam parecendo dois tomates.

– Seu noivo te acha tão insuportável quanto seus funcionários acham?

– Muito mais, muuuuuito mais. Está preparada pra ouvir a grande novidade, ou vai continuar zombando da minha cara?

– Manda – respondi, com um suspiro profundo.

Eu amo a minha chefe, mas ela tem um dom para o drama. No ano passado, por exemplo, se fez de desentendida enquanto, na verdade, bancava o cupido comigo e com Simon. Jillian tem um grande coração – que pertence cem por cento a Benjamin, um investidor de risco. Os dois estão juntos há anos e finalmente vão se casar daqui a algumas semanas, um evento que está na boca de San Francisco. Benjamin é um verdadeiro príncipe encantado, capaz de deixar as minhas melhores amigas e eu tontas sempre que está por perto. Jillian sabe que todas nós temos uma queda nada platônica por ele e usa isso para nos provocar com uma frequência bastante considerável. Agora, Jillian finalmente se casaria com o homem dos nossos sonhos e passaria a lua de mel também dos nossos sonhos, na Europa.

– Então, lembra daquele trabalho que fizemos para o Max Camden na última primavera? Aquela vitoriana à beira-mar, antes da filha dele se casar?

– Sim, que ele deu pra ela de presente. O que tem?

– Max Camden, esse mesmo. Bem, o Hotel Claremont, em Sausalito, aquele antigo, é dele, e ele está procurando um escritório de design de interiores para reformar e modernizar o lugar.

– Maravilhoso! Já fez a proposta? – indaguei, imaginando a propriedade. Localizado na rua principal de Sausalito, o Claremont se encontrava ali desde o início do século e fora um dos poucos edifícios a sobreviver ao terremoto de San Francisco.

– Não, porque é você quem vai fazer a proposta. Você vai liderar o projeto se conseguir fechar o negócio – Jillian esclareceu. – Acha que eu vou assumir um projeto desses com o casamento chegando? Não vou abrir mão da minha lua de mel pelo trabalho… Já abri mão de muitas férias nesses anos todos.

– Eu? Não, não, não! Eu não estou preparada pra isso, você não está preparada pra isso… está maluca? – gaguejei, sentindo o coração na garganta. Cilada à frente, baby.

– Você consegue, gata. – Jillian me deu um chute de leve.

– Sentiu? Foi o meu pé te chutando pra fora do ninho.

– É, então, só que eu já saí do ninho faz um tempo, mas isso é diferente – retruquei enquanto mastigava o lápis. Que Jillian arrancou da minha boca.

– Acha mesmo que eu te daria algo assim se não considerasse que você está preparada? Me fala a verdade: você não está nem um pouquinho interessada? – Jillian acertou em cheio o meu ponto fraco. Eu sempre quis executar um projeto grande como esse. Mas ser a designer-chefe da reforma de um hotel inteiro? – Eu sei que estou pedindo demais, afinal você já vai tocar o barco por aqui enquanto eu estiver na lua de mel. Você realmente acha que é muita coisa de uma vez só?

– Nossa… eu só… nossa – respondi, com um suspiro profundo.

Quando Jillian tinha me perguntado se eu poderia cuidar das coisas enquanto ela estivesse em lua de mel, isso envolvia tarefas como conferir todas as noites se o alarme estava ligado ou se Ashley tinha encomendado o creme para o café. A lista não parava de crescer à medida que os projetos se acumulavam, porém tudo continuava executável. Mas isso?

Refleti por um momento. Será que consigo? Jillian parecia acreditar que sim.

– Hum…

Imaginei o hotel: ótima iluminação, ótima localização, mas precisando de uma reforma e tanto. Eu já estava pensando nas possíveis paletas que usaria, quando Jillian bateu na minha cabeça com o lápis.

– Oi, Caroline. Alô? – disse ela, balançando a mão em frente ao meu rosto.

Sorri.

– Estou dentro. Vamos ver no que dá – respondi, já com mil ideias.

Jillian sorriu e ergueu a mão com o punho cerrado em um cumprimento de mano.

– Vou avisar o pessoal que você vai fazer a apresentação.

– Talvez eu apresente meu vômito pra eles, mas beleza – disse brincando, só que não muito.

– Não tem segredo: é só combinar o tapete com as cortinas. Agora, vamos escolher a música pro meu casamento – disse ela, e em seguida tirou o iPod do bolso e começou a vasculhar as músicas.

– Isso faz parte das minhas funções?

– O quê? Me agradar? Sim, pode olhar no seu contrato. Então, quando eu entrar na igreja, que música você acha…

Não havia nada capaz de deter Jillian quando ela ligava o botão do casamento, então relaxei, embora a minha mente estivesse a mil. Cilada à frente, baby. Mas eu dava conta.

Certo?

Passei a tarde pensando num esboço de projeto para Max Camden. À medida que eu via fotos antigas do hotel e da área ao redor, as ideias começavam a brotar… Nada muito definido, por enquanto, mas pistas do que poderia ser algo interessante o suficiente para dar uma chance a uma designer novata. Eu sabia que a força das minhas ideias seria corroborada pela reputação de Jillian; qualquer um que fosse bom o bastante para trabalhar com ela entrava em qualquer disputa com alguma vantagem. Mesmo assim, ganharia o escritório cujas ideias fossem as melhores – e eu queria desenvolver algo épico.

Eu ainda estava refletindo sobre o projeto quando girei a chave da porta de entrada de casa e ouvi

um ruído, seguido de um tic-tic-tic de passos na minha direção.

Clive.

Ao empurrar a porta, fui recepcionada pelo meu maravilhoso gato, meu pedacinho de céu felino. Num acesso de fofura acinzentada, os meus tornozelos são envolvidos pelo ronronar e pelas cabeçadas insistentes.

– Oi, meu anjinho, você se comportou bem hoje? – cumprimentei, me inclinando para acariciar os pelos sedosos.

Enroscando-se na minha mão, ele garantiu que sim, que se comportara como um anjo. Como que me repreendendo por deixá-lo sozinho por uma eternidade, ele miou e ronronou, me levando até a cozinha.

Conversamos, enquanto eu preparava o jantar dele – certamente, a missão para a qual fui posta nesta Terra –, sobre assuntos corriqueiros como: quais pássaros ele tinha visto pela janela, se tufos de poeira tinham aparecido debaixo da cama e se eu encontraria brinquedos enfiados nos meus chinelos. Em relação a esse último assunto, Clive foi bem evasivo.

Depois que coloquei a comida na tigela, ele me ignorou completamente, então voltei ao quarto para vestir algo confortável. Desenrolei a gola da minha cacharrel e fui até a cômoda espelhada para pegar a calça de ioga. Enquanto tirava os braços das mangas da camiseta, o meu coração subiu até a garganta ao ver o reflexo de alguém sentado na minha cama. O meu instinto entrou em ação, então girei com os punhos cerrados e um grito preso na garganta.

Meu cérebro só processou que se tratava de Simon depois que eu já tinha lançado um dos punhos.

– Ei, ei! Caramba, Caroline! – ele gritou quando acertei a sua mandíbula.

– Caramba, Caroline? Caramba, Simon! O que diabos você está fazendo aqui? – rebati. Bom saber que, se um dia eu sofrer um ataque de verdade, não vou ficar paralisada.

– Cheguei mais cedo pra fazer uma surpresa! – ele explicou, esfregando a mandíbula e fazendo caretas.

O meu coração continuava martelando o meu peito, e, enquanto eu tentava me acalmar, notei que havia uma mala no canto. Coisa que não tinha percebido quando entrara no quarto. Olhei para baixo e vi a cacharrel ainda pendurada no meu pescoço feito um cachecol.

– Eu poderia ter te matado! – esbravejei, empurrando-o sobre a cama. – Você quase me matou de susto, seu tonto!

– Meu plano era avisar que eu estava aqui, mas aí eu teria perdido sua conversa com o Clive. Eu não quis interromper. – Ele sorriu e me abraçou, enroscando as mãos na minha cintura e os dedos dentro e fora do passador da minha calça.

Enrubesci.

– Traidor! – gritei na direção do corredor. – Você poderia ter me falado que tinha alguém aqui além de nós… Você é um péssimo gato de guarda!

Um miado totalmente despreocupado soou ao fundo.

– Eu não sou apenas alguém. Acho que mereço um título melhor do que esse – Simon retrucou no meu pescoço, que agora ele cobria com o mais delicado dos beijos. – Não vai dizer "oi" pro seu

namorado que cruzou o planeta Terra de avião só pra mostrar o martelo dele, ou vai me dar outro soco?

– Não sei… Ainda estou um pouco assustada. Meu coração está disparado, consegue sentir? – perguntei, pressionando a mão dele contra o lado esquerdo do meu peito.

Apenas para que ele pudesse sentir o meu coração. Sim. Somente para isso. O meu coração estava mesmo em festa por ter Simon em casa antes do esperado. Essa era a única razão; ele, o coração, amava encontros românticos. Só que as outras partes do corpo também estavam eufóricas…

– Ah, pensei que ele estivesse acelerado por minha causa – Simon resmungou com uma risadinha, enfiando o nariz na minha clavícula enquanto sentia o meu "coração".

– Vai sonhando, Trepador de Paredes – eu disse, fingindo indiferença. Na real mesmo? O meu coração estava no "modo Simon" agora, batendo por causa dele. Por falar em batendo…

– Então, você chegou antes só pra me ver? – sussurrei no ouvido dele, lascando um beijo molhado bem no lóbulo.

As mãos dele mergulharam mais fundo nos meus quadris quando ele se mexeu na cama.

– Vim.

– Acha que pode me ajudar com essa cacharrel aqui?

– Sim.

– Aí, depois disso, quer me mostrar seu martelo? – perguntei com o rosto na sua camiseta, esfregando o nariz nele, ajeitando as minhas pernas nas laterais do seu corpo.

Ele reagiu impelindo o corpo para cima, me fazendo sentir aquele martelo.

– Hum, você vai me martelar?

Simon levantou a minha cacharrel, depois desabotoou o sutiã, e os meus seios saltaram para fora, os olhos dele queimando de desejo antes de me focarem com determinação.

– Chega de perguntas! – ele disse com firmeza, ajeitando o corpo debaixo de mim enquanto me puxava para perto.

Levei a mão à boca simulando fechá-la com um zíper, e em seguida ele me virou e me deitou na cama, de barriga para cima. Deus do céu, amo esse homem.

Os lábios dele dançaram ao longo da minha clavícula, alternando vez ou outra com uma mordiscada de um jeito que sempre me deixa excitada, rapidamente excitada, como ele bem sabe. Já entendi; também estou com saudades, Simon. Arqueando as costas, pressionei os seios contra o corpo dele, me remexendo e me ajeitando para me aproximar ao máximo, a minha pele precisando sentir a dele. Mesmo depois de um ano, ele ainda consegue me deixar louca com um simples toque, um beijo, um olhar.

Eu me afastei um pouco, depois me atirei de novo nele, puxando a sua calça jeans.

– Tira. Agora – instruí.

Quando o cinto já não estava na calça, os botões já desabotoados, escancarei o jeans e percebi que ele, o meu homem, mais uma vez estava sem cueca.

É como se ele tivesse sido posto neste mundo com a única missão de me enlouquecer.

Enfiei uma mão dentro da calça e o segurei com firmeza, sentindo o quanto ele estava excitado, pronto para me fazer dar a volta ao mundo.

– Caralho, que saudades de você – ele sussurrou, o corpo ereto e teso.

Deslizei pela cama, beijando e lambendo a pele dele com um desejo lancinante. Ele levou as mãos ao meu rosto, os dedos percorreram as minhas bochechas, afastando o cabelo para trás. Para que ele pudesse assistir.

Eu o enfiei na boca, todo ele. Simon agarrou o meu cabelo e me prendeu, me paralisou naquele lugar, me segurando na posição exata em que me queria.

– Hum, Caroline – ele gemeu, erguendo o corpo bem devagar. Devagar o cacete… não era nesse ritmo que o show estava rolando.

Eu me afastei e logo em seguida o recebi de novo, com força. Eu o acariciei, alternando os meus toques para que ele não soubesse onde o tocaria a seguir, usando a língua e a boca para provocá-lo e tentá-lo, atraída pelas palavras doces e profanas que saíam daquela boca divina. Essa boca da qual eu sei que partiria uma vingança doce e profana que percorreria todo o meu corpo. Adoro vê-lo assim, adoro saber que o deixo louco. Mas, pouco antes de ir longe demais, ele me ergueu e tirou a minha calcinha antes que eu sequer tivesse tempo de dizer "Ei, a minha calcinha!".

Depois, ele levantou a minha saia e abriu as minhas pernas usando os próprios joelhos. Em seguida, Simon me olhou com aqueles olhos penetrantes de safira, os dedos percorreram o meu corpo de cima a baixo, me fazendo gemer e suspirar, estremecer e me remexer.

– Gostosa – disse baixinho enquanto eu continuava a gemer.

– Preciso de você, Simon… preciso de você, por favor!

Eu estava a ponto de arrancar os cabelos e jogá-los nele se isso o fizesse me penetrar mais rápido.

Qualquer outro pensamento desapareceu quando ele deslizou porta adentro. Grosso, duro e tudo de mais maravilhoso que eu conheço. No momento em que Simon enfiou em mim, fui completamente envolta por mil maravilhas.

– Que delícia! – grunhi. Senti-lo me preenchendo era arrebatador.

E, quando ele nos fez rolar na cama para me deixar por cima e ergueu a cintura, pressionando o corpo com força dentro do meu, foi perfeito.

Até o momento em que desabamos numa pilha de corpos suados e ele me perguntou o que achei do seu martelo.

Aí, foi mais do que perfeito.

CAPÍTULO DOIS

Na manhã seguinte, me desvencilhei de um Simon dorminhoco. Depois de uma segunda rodada de marteladas, quando ele por fim desabou sobre mim, cansado e… Espera. Sabe quando, nos romances, o cara cai em cima da mulher, exausto? Então, imagina isso e acrescenta um voo transatlântico; foi o que aconteceu com Simon. Ele literalmente tinha desabado em cima de mim, saciado e atordoado com a brusca mudança de fuso horário. Eu mal tive tempo de programar o despertador antes que oitenta e seis quilos de pura brasa despencassem sobre mim e não me deixassem levantar.

Bem, a verdade é que, quando você passa a semana sem esses mesmos oitenta e seis quilos na sua cama, não é nada ruim dormir debaixo deles. Ou um pouquinho ao lado… Amo Simon, mas também amo os meus rins.

Após cuidar de Clive, tomei um banho rápido. Depois, já vestida, o avistei no seu posto, na janela da frente, conferindo se a vizinhança continuava no lugar. Prendendo o cabelo úmido num rabo de cavalo, fiquei admirando Simon roncar feito uma serra elétrica. O cabelo preto desgrenhado – pelas minhas mãos – recaía sobre a testa. Nariz imponente, maçãs do rosto perfeitas, a barba de uns dias, sexy e pecaminosa, e os lábios carnudos que entoaram o meu nome tantas vezes antes de ele… Hummm…

Fiquei mais um tempo apreciando aquele ser imóvel na minha frente: corpo esticado, braços acima da cabeça, torso longo e esguio e nada além de uma promessa entre ele e o lençol.

Balancei a cabeça de um lado para o outro para dispersar o pensamento, depois atravessei o quarto e me sentei perto dele. Ainda dormindo, ele murmurou e esticou os braços na minha direção. Sorrindo, me deixei envolver pelo abraço de urso sonolento e beijei a testa de Simon até que aqueles lindos olhos azuis cruzassem os meus.

– Bom dia, amor. – Sorri quando ele me abraçou ainda mais forte. Conheço bem esse jogo. E não tinha, nesse momento, tempo para ele. – Não, não, preciso ir. As meninas estão me esperando. – Café da manhã com minhas duas melhores amigas, Mimi e Sophia, é algo para o qual sempre tenho tempo, com Trepador de Paredes ou sem.

– Meninas? Aonde pensa que vai? Eu acabei de voltar – ele reclamou, ainda meio sonolento.

– Vou tomar café com as meninas. Você não ia voltar pra casa até amanhã, está lembrado?

– Mas estou aqui agora – murmurou, se esforçando para manter os olhos abertos.

– Dorme mais um pouco. Sei que você está cansado – sussurrei, beijando a sua testa mais uma vez e enfiando-o de volta nas cobertas, o que era ridículo, porque, vamos combinar, Simon deitado numa cama? Parecia pecado cobrir qualquer parte daquele corpo.

Afofando o travesseiro e se ajeitando na cama, Simon se deu por vencido. Com um suspiro profundo, ele disse:

– Vou dormir mais um pouco.

Contive uma risada quando ele regressou à terra dos sonhos.

Caminhei até a porta, assentindo para Clive enquanto vestia o blazer.

– E aí? Tudo certo lá fora?

Clive olhou para a janela, depois voltou a olhar para mim.

Ele piscou e – estou quase certa disso – deu de ombros.

Sorri e deixei os meus meninos em casa para tomar café da manhã com as minhas amigas.

– Quero dois ovos mexidos, duas torradas integrais com creme de amendoim, uma salada de frutas e café, por favor.

– Vou querer a omelete de claras com espinafre, tomate, queijo feta, sem torradas e um smoothie de morango, por favor.

– Quero um waffle grande com calda de mirtilo e chantili, por favor, uma fatia de bacon, uma porção de linguiça e um chocolate. E pode trazer também uma porção de arroz doce?

Desde o nosso primeiro ano na Berkeley, Mimi, Sophia e eu tomamos café juntas. Nós três nos conhecemos muito bem; tanto que somos capazes de identificar o estado de humor umas das outras com base no que pedimos para comer.

Mimi e eu nos olhamos com cara de surpresa quando Sophia fez o pedido e depois voltou a construir uma cidade de potes de geleia, que já estava suficientemente sofisticada e com diversos edifícios. Encolhi os ombros, e Mimi gesticulou com a cabeça na direção de Sophia, tentando fazer com que eu tocasse no assunto.

– Parem de falar de mim e peguem os potes de geleia na mesa de trás – Sophia disparou, tirando os olhos da sua Cidade de Geleias.

Revirei os olhos, mas peguei os potes.

– Toma. Não esquece de pôr um telhado na prefeitura – pontuei, apontando com a cabeça a peça recém-acrescentada.

– Não, Caroline, a prefeitura está ali. Agora estou fazendo o quartel de bombeiros.

Mimi arregalou tanto os olhos que as sobrancelhas quase tocaram o couro cabeludo.

– Ok. Vou simular uma intervenção! – Mimi gritou, esticando o braço para varrer a cidade da mesa.

– Encoste o dedo nesse pote, e eu voo na sua garganta – Sophia advertiu, fazendo uma cara feia.

– Senhoritas, nada de violência a esta hora da manhã, ok? Eu nem tomei meu café ainda – intervim no exato momento em que o garçom chegou com o meu café. – Deixa pra lá, esqueçam o que eu disse, podem se atracar – acrescentei com um sorriso, recostando na cadeira.

Sophia mostrou a língua para Mimi, que abriu um sorriso discreto no rosto minúsculo. Mimi estava toda graciosa como de costume, com uma minissaia xadrez, meia sete-oitavos e uma cacharrel. Se estivesse com tranças e uma mochila, pareceria uma colegial filipina – um visual que, tenho certeza, o seu noivo, Ryan, adoraria.

Sim, Mimi e Ryan ficaram noivos. Como naquelas comédias românticas cheias de reviravoltas, Mimi e Sophia conheceram os seus respectivos príncipes encantados na mesma noite. Melhores amigos do meu Simon, Ryan e Neil se apaixonaram completamente pelas minhas meninas. Depois de um revertério, veja bem. Assim, entre Jillian e Benjamin e agora Mimi e Ryan, a febre do casamento se instalara no meu círculo de San Francisco.

Mas parte desse círculo tinha se rompido. Sendo mais clara, houve um rompimento.

Enquanto Sophia e Mimi trocavam farpas, percebi mais uma vez o quanto Sophia parecia cansada. Ela não andava dormindo bem (embora eu não estivesse em posição de poder julgá-la). Quando ela nos contou que Neil a havia traído, ficamos sem saber o que fazer. A primeira coisa que planejamos foi tacar fogo no carro dele, o que Simon sabiamente nos desaconselhou. Condenação por incêndio é um fardo pesado para carregar pelo resto da vida.

Num momento de loucura, pensamos em invadir o estúdio de Neil durante uma transmissão e comunicar aos telespectadores que tínhamos conseguido uma notícia esportiva quente sobre um traidor filho da puta, mas, de novo, a consciência falou mais alto.

Então, Mimi e eu simplesmente permanecemos ao lado da nossa amiga, que se desfazia em cacos.

Tudo começou quando recebi uma ligação de Sophia numa madrugada. Ela não parava de xingar; os piores bocas-sujas do mundo teriam ficado com inveja. Só consegui entender uma ou outra coisa, do tipo "traidor filho da puta", "a cara de pau do desgraçado" e "pau pequeno". Mais tarde, quando ela subiu para o meu apartamento, os palavrões começaram a diminuir e deram lugar a lágrimas incessantes. Ela recusou o chá que eu ofereci, mandou para dentro umas doses de uísque e me contou o que tinha acontecido. Quando Mimi chegou, as cartas já estavam todas sobre a mesa.

Neil tinha jantado com uma ex-namorada; depois do jantar, os dois foram tomar um drinque, e o drinque virou pegação. Ou um beijo, a depender de quem contava a história. De qualquer modo, essa tinha sido a razão de Sophia jogar as chaves do carro dele na privada.

Todos ficamos surpresos. Os dois pareciam muito felizes juntos, formavam o casal perfeito, combinavam de todas as formas. Neil era comentarista esportivo da NBC local, bonito, gentil, amável, o típico cara legal. E traidor, coisa que ninguém poderia imaginar.

Furiosa, Sophia tinha terminado com ele no mesmo instante e se recusado a vê-lo ou a atender as ligações dele. Rejeitara toda e qualquer tentativa de Simon e Ryan de pôr os dois em contato. Sophia primeiro ficou ensandecida, depois muito triste e agora…

Bem, passaram-se algumas semanas, e cá estava ela num restaurante, de pijama, com o lindíssimo cabelo ruivo enroscado na cara inchada, sem maquiagem e com uns sete quilos a mais – erguendo uma cidade com potes de geleia. Criança prodígio da música, Sophia era violoncelista na Orquestra Sinfônica de San Francisco. Uma das mulheres mais lindas e talentosas de San Francisco agora estava na minha frente, fazendo nevar na Cidade de Geleia. Não! Não eram as caspas caindo – era açúcar mesmo.

– Sophia, para, para, para! – berrei e agarrei a mão dela, fazendo o açúcar se espalhar por toda parte. – Já chega. Chega de choro, chega de se esconder. Isso está ridículo!

– É! – concordou Mimi.

– Falando sério, isso passou dos limites. Por Deus, mulher, lava esse cabelo!

– É… – concordou Mimi de novo.

– Você é gostosa, linda, um mulherão. E daí que aquele filho da puta do Neil não te valorizou? Não importa, você continua maravilhosa.

– É isso aí! – Mimi acrescentou para enfatizar.

Silêncio recaiu sobre a mesa. Sophia brincou com um último sachê de açúcar, passando a borda

do papel por entre as unhas, depois parou e ficou olhando para elas. Roídas, irregulares e com o esmalte descascando. Ela suspirou, depois olhou para Mimi e para mim, duas lágrimas gordas escorrendo pelas bochechas.

– Odeio ele – sussurrou, a respiração entrecortada. – E sinto falta dele.

– Nós sabemos, querida – ponderou Mimi, segurando as mãos de Sophia.

Eu me aproximei e ofereci um lenço a Sophia, que o pegou e enxugou as lágrimas; depois, olhou para a blusa de moletom, amarrotada e manchada.

– Estou fedendo – disse, com uma careta.

– Disso nós também sabemos, querida – Mimi fez Sophia sorrir pela primeira vez.

As bochechas de Sophia ficaram ligeiramente coradas. Ela tirou um elástico da bolsa e prendeu em um coque o cabelo desgrenhado, tirando-o do rosto. Sophia ergueu a cabeça quando o garçom trouxe a comida, arregalando os olhos aos poucos ao se dar conta da pilha de comida que havia pedido. Depois que o garçom saiu, ela abriu o guardanapo e o apoiou no colo.

– Ok, chega de mimimi. Eu pedi e vou comer. Mas, a partir de hoje, o fim do mimimi inclui parar de comer feito um moleque de treze anos.

– Os moleques dessa idade têm que comer muito. Eles precisam de energia pra aguentar tantas ereções – explicou Mimi com a maior naturalidade e didática, separando o mirtilo das framboesas, alinhando-os ao lado do prato feito bolas de canhão minúsculas.

Sophia e eu ficamos olhando para Mimi enquanto ela continuava a sua explicação sobre o impacto da ereção na vida social dos adolescentes, de acordo com o que o noivo, um especialista no assunto, lhe contara.

– O Ryan te falou isso mesmo? – indaguei e dei um gole no meu smoothie.

– Sim, ele me disse que, quando tinha uns quinze anos, não podia tirar as mãos de cima da calça – Mimi enfatizou, sem perceber que começava a atrair a atenção da mesa de trás.

– Parece que você e Ryan compartilham tudo mesmo, hein? – Sophia disse, balançando a cabeça sem conseguir acreditar no que viu quando Mimi fez uma demonstração da "técnica" particular que havia sido usada pelo adolescente Ryan.

– Ok, ok, já entendi! – retruquei, brandindo as mãos. – Já ouvi detalhes da intimidade do Ryan o bastante pra não conseguir olhar na cara dele nunca mais. Vamos mudar de assunto… Quem tem alguma novidade?

A sessão fofoca do café estava oficialmente iniciada.

– Ok. Eu começo. Descobri que o Palace of Fine Arts está disponível; se tudo der certo, a recepção do meu casamento vai ser lá! – exclamou Mimi.

– Jillian me pediu para coordenar a equipe de licitação da reforma do Hotel Claremont, em Sausalito – contei.

– Passei as últimas três semanas na fossa, então não tenho nada. Mas vocês sabiam que meu cabelo está tão comprido que eu consigo sentar em cima dele?

Nesse momento, Mimi e eu preferimos mastigar.

– Uma cliente me perguntou se eu poderia organizar a coleção de pornô dela – contou Mimi.

– Uns dias atrás, eu quase encomendei uma coleção de pornô às três da manhã – comentou Sophia sob a blusa de moletom.

– Simon voltou antes e me fez uma surpresa. Então, tive uma sessão pornô ao vivo e em cores ontem.

– Ele voltou pra casa antes do previsto? Uau! Parece que ultimamente ele tem viajado mais do que de costume – disse Mimi, comendo as suas balas de canhão alternadamente. Mirtilo. Framboesa.

– É, ele anda mais ocupado do que o normal. O que eu posso fazer se meu namorado é o queridinho da indústria fotográfica? – disse com um sorriso e as bochechas coradas ao me lembrar de como ele ficava sexy quando estava trabalhando.

– Não sei como vocês conseguem ficar tanto tempo separados. Eu morreria se não visse o Ryan todos os dias… simplesmente cairia dura no chão! – exclamou Mimi. Mirtilo. Framboesa. – Não sei como você não sente saudade dele!

– É claro que eu sinto saudade dele… Tem semanas que são horríveis. Mas ele é assim, sempre foi, e nós nos adaptamos. Sinceramente? Às vezes é ótimo. Tenho um tempo pra mim, assim como ele tem um tempo pra ele, e, quando ele volta pra casa, temos nosso tempo juntos. – Passei o dedo de leve no chantili de Sophia. – Enfim, gosto da ideia de não sermos um casal que precisa dormir junto todas as noites. Admitam. Às vezes vocês não sentem falta de ter a cama todinha pra vocês?

Mimi fez que não com a cabeça no mesmo instante, enquanto Sophia evitou o contato olho no olho.

– Ok, vamos mudar de assunto de novo. Vamos falar do casamento. O casamento do século – sugeri, mas logo mudei de ideia ao ver a cara que Mimi fez –, pelo menos até a Mimi aqui vestir o véu. Até lá, vai ser a vez da Jillian! Vocês precisam ver o fraque do Benjamin. Meu Deus do céu! Ninguém fica tão bem de fraque quanto aquele homem!

Ao ouvir o nome de Benjamin, todas nos animamos, até mesmo Sophia. Ele é o arquétipo do coroa sexy, por isso (e por ele) as três suspiraram ao mesmo tempo.

– Bem, precisamos começar a pensar num boy pra você, mocinha. Quem você está pensando em levar? – perguntei, olhando para Sophia. Que ficou pálida.

– Merda, eu nem tinha me tocado! O Neil vai ao casamento, né? – ela perguntou, com uma cara de pânico. Abaixou a cabeça e olhou para si mesma, depois voltou a erguê-la e olhou para nós.

– Não posso deixar que ele me veja assim! O que ele vai pensar? Que estou na fossa!

Mimi começou a falar, mas eu segurei o braço dela e fiz um gesto com a cabeça para que Sophia continuasse.

– E se ele for acompanhado? Merda! Ele vai levar alguém, não é? Não vai? Já chega… aquele filho da puta desgraçado! Ele acha que vai me deixar na pior? Ah, mas não vai mesmo!

Sophia disse tudo isso a si mesma enquanto pegava a bolsa e caminhava até o banheiro. Depois que ela saiu, peguei o resto dos seus waffles e dividi entre o meu prato e o de Mimi. Tilintamos os nossos garfos e traçamos tudo em poucos minutos.

– Acha que ele vai levar alguém? – perguntei a Mimi.

– Certeza que sim. Tentei sondar o Ryan a respeito, mas ele invocou o código de honra dos homens, "primeiro os camaradas, depois as namoradas", alguma coisa ridícula do tipo.

– A mesma coisa com o Simon. Me pergunto se eles… – Me detive quando Sophia saiu do banheiro.

A blusa de moletom agora estava amarrada na cintura, a regatinha colada à mostra. O cabelo estava com uma trança, a franja penteada para trás, deixando transparecer um rosto limpo e sereno. Ela tinha passado gloss nos lábios e blush nas maçãs do rosto. A mulher estava estonteante de novo; uma beleza como essa não pode ser escondida por muito tempo. Mas o que fez todos os homens e várias das mulheres no restaurante não tirar os olhos dela foram mesmo os peitões. Mais acentuados do que nunca por conta de um rasgo que ela tinha feito de propósito na regata, destacando cada um dos seios em seu pleno potencial.

– Dá pra acreditar que eu estava preocupada por ter engordado um pouco? Olha como meus peitos estão sensacionais! – ela anunciou assim que voltou à mesa.

– Vamos dar uma volta no parque e pegar uns caras sarados. Vamos ver quantos eu consigo fazer parar de correr com isto aqui. – Ela tirou um punhado de dinheiro da bolsa e arremessou na mesa.

Não consegui segurar a risada quando ela arrastou Mimi para fora da mesa, afastando dois garçons do caminho conforme deixava o restaurante. Sophia estava de volta à pista.

Fiquei no parque tempo suficiente para confirmar que Sophia tinha mesmo acordado do seu coma. Eu ainda tinha as minhas dúvidas de que ela havia superado a história com Neil, mas às vezes você precisa fingir que está se sentindo melhor para de fato se sentir melhor. É por isso que roupas de ginástica novas te fazem querer malhar – na verdade, eu continuo esperando que esse último "argumento autoajuda" também seja verdadeiro.

Não passei o resto da tarde no parque sob o pretexto de manter um Trepador de Paredes na minha cama, o que dispensava maiores explicações. Enquanto virava a esquina depois de descer do ônibus, pensei no que Mimi dissera, que ela precisava ver Ryan todo dia. Os dois podiam fazer isso com toda a facilidade: tanto ele quanto ela trabalhavam na cidade e quase nunca viajavam a trabalho. Mimi era personal organizer, daquelas que ajudam famílias a organizar a bagunça da casa de forma inteligente. Já Ryan administrava uma organização sem fins lucrativos que ajudava a levar computadores a escolas localizadas em regiões de baixa renda.

Se eu gostaria de ver Simon todos os dias? Claro que sim – só aquele abdome delicioso já seria motivo suficiente. Apesar disso, nós… nos dávamos bem. A nossa relação fluía como nenhuma outra do meu passado, talvez porque Simon e eu tínhamos nos tornado amigos primeiro. E, embora tivéssemos os nossos desentendimentos, como todo casal, raramente brigávamos. Talvez porque passávamos menos tempo juntos do que os outros casais.

Resolvi deixar o assunto para lá enquanto subia a escada. Não importava por que a nossa relação dava certo, simplesmente dava. E, já que Simon continuaria trabalhando no mesmo ritmo, nós manteríamos a relação a distância. A ideia de um relacionamento não convencional me agradava, ainda mais porque desde o começo o nosso só podia ter recebido essa denominação.

Eu não saía com ninguém desde um caso de uma noite com Aquele-Que -Não-Deve-Ser-Nomeado (leia-se Cory Weinstein), que espantara o meu orgas mo, que o fizera desaparecer da face da Terra. Assim, sem mais nem menos. Sem "tchau", "até logo", "foi bom enquanto durou". O simplesmente tinha sumido. Eu tentei recuperá-lo com alguns caras testados e aprovados, mas nada. Óbvio que também recorri à Santíssima Trindade das Fantasias Sexuais (Leto, Damon e o divino Clooney), mas nem com a minha própria mão… O tinha abandonado o barco mesmo. Por fim,

Simon e eu conseguimos evocá-lo sobre um feixe de farinha de trigo no chão da minha cozinha, cercados por passas e mel.

Por falar em coisas não convencionais, Simon nunca tinha namorado sério. Quando o conheci, ele era o rei da Amizade Colorida, dono de um verdadeiro harém. No início da nossa amizade, ele confessou que todas as mulheres com quem tinha se envolvido pareciam querer sempre a mesma coisa: brincar de casinha. Eu o convenci de que, na verdade, nem todas as mulheres queriam estar em um comercial de margarina, especialmente aquela que estava bem na frente dele. *"A mulher certa não vai querer que você mude nada na sua vida. Ela não vai balançar o seu barco, mas pular de cabeça dentro dele e seguir viagem com você"*, falei.

Eu tinha namorado um cara que me queria para bancar a típica esposa serviente, a dona Amélia, ou a sra. James Brown, neste caso. Advogado, não o Chefão do soul, que fique claro.

Brincar de casinha? Não, não, muito obrigada.

Eu gostava da minha vida, gostava da nossa vida – era maravilhosa.

Uma prova perfeita disso era o modo como lidávamos com o nosso espaço. Ao colocar a chave na fechadura do meu apartamento, olhei para a porta do outro lado, a porta do apartamento dele. Quando Simon estava em casa, nós geralmente passávamos a maior parte do tempo na minha casa, mas eu gostava da ideia de cada um manter o seu próprio apartamento. Eu tinha dividido a casa com outras pessoas durante a maior parte da minha vida adulta, e, embora fosse sublocatária de Jillian (eu jamais conseguiria bancar um apartamento maravilhoso como este sem a ajuda dela), este apartamento – o qual eu dividia com um felino muito peculiar – eu podia chamar de Lar. Entrei e olhei ao redor à procura de Clive. Não o vi, mas fazia uma boa ideia de onde ele estava. Tirei os sapatos e caminhei na pontinha dos pés até o quarto, espreitando pela porta.

Aconchegado no canto da cama que eu normalmente lhe concedia, estava Simon, ainda descansando da longa viagem. Enrolado feito um novelo atrás dos joelhos dele, Clive abriu um olho e registrou que eu estava em casa, depois ergueu uma orelha, se alongou e voltou a se embrenhar no seu local favorito, ainda mais aninhado.

– E aí, Clive, como vai o meu docinho…

Ele me interrompeu com um miau silencioso. Depois, me olhou de um jeito bastante peculiar para me avisar que os meus garotos precisavam dormir e que eu devia deixá-los em paz. Soltei uma risadinha quando Simon deixou escapar um ronco alto e me afastei. Clive, obviamente, permaneceu aninhado atrás dos joelhos dele.

Os Joelhos de Simon… Que nome excelente para uma banda!

Enquanto os garotos dormiam, lavei um pouco de roupa, preparei alguns rascunhos para o projeto do hotel e cozinhei. Cozinhar me deixa centrada, me ajuda a ter foco e a resolver problemas, especialmente quando estou trabalhando em algo novo.

Dois pães de abobrinha mais tarde, lá estava eu empoleirada na ilha da cozinha, com um lápis colorido na boca, quando escutei uma fungada. O nariz de Simon despontou na cozinha. Fiquei sem ar e quase inalei o lápis quando vi a calça folgada do pijama, o cabelo bagunçado, a cara de sono. Sabia que, se enfiasse o rosto bem no meio do tórax dele, eu sentiria o cheiro de Downy e a pele quente. O meu coração, como sempre, começou a palpitar.

– Abobrinha? – Simon perguntou, farejando o ar, as pálpebras a meio mastro, os olhos à procura

do pão. E as pálpebras não eram a única coisa a meio mastro…

– Abobrinha – respondi, concordando com a cabeça.

Ele abriu um sorriso discreto; nada o deixa mais feliz do que pão caseiro. Quer dizer, quase nada.

– Quer? – ofereço.

Com cara de determinação, Simon se aproximou de mim e do pão que estava atrás de mim.

– Está brincando, né? – ele perguntou, descruzando as minhas pernas e se posicionando bem no meio delas. – Eu sempre quero.

– Ainda estamos falando do pão de abobrinha? – questionei enquanto ele afundava as mãos nos meus quadris.

Num ímpeto, ele me deslizou, me colocou na ponta do balcão e meteu um beijo molhado debaixo da minha orelha.

– Estou com fome, sim – sussurrou com uma voz que fez as minhas coxas instantaneamente se abrirem ainda mais. – E o pão pode esperar.

Gemi. Quer dizer, é óbvio que eu gemi.

Em sessenta segundos, já não havia nada debaixo do meu avental, que agora já estava fora do caminho. Simon ficou de joelhos, posicionando os meus quadris na pontinha do balcão, apoiando as minhas pernas nos seus ombros.

– Ai, Simon, o que é is… Ai!

Perdi o raciocínio quando a boca aberta dele me pressionou, a língua vasculhando com força. Na primeira lambida, quase cheguei lá. Na segunda, fiquei completamente fora de mim.

Na terceira… Essa é a parte curiosa do meu orgasmo. Depois que eu relaxo completamente (leia-se: fico completamente louca), O se sente todo confortável e… A-hã…

– Ai, Deus do céu… isso… ai… nossa… hum – gemi. Ele se moveu, eu me movi. Ele vibrou, eu me contraí. Ele chupou, eu… Ai, cacete! Me debati.

– Sensível ela, não? – ele murmurou, erguendo a cabeça e lambendo os lábios com um jeitinho todo perverso.

Enrosco as mãos no cabelo dele e sem muita gentileza o empurro de volta para baixo.

– Se você parar agora, eu te mato com esse temporizador – ameacei, agarrando a única coisa que havia por perto e que soltei assim que Simon retomou o seu posto.

A minha respiração ficou rápida, impossível de controlar. Mergulhei os calcanhares nas costas dele, erguendo descaradamente os quadris para aproximá-lo de onde eu precisava dele. Depois de uma lambida generosa no interior de cada uma das minhas coxas, ele colocou as mãos espalmadas ao redor da minha cintura, me segurando na melhor posição possível, fazendo com que eu me abrisse ainda mais.

– Como eu poderia parar? Não sabe o quanto eu sonho com isso quando estou fora? – Simon perguntou, esfregando o nariz no exato lugar onde eu precisava que a sua boca estivesse.

– Você… sonha com… isso? – indaguei, arqueando as costas. Estava perto, bem perto…

– Claro que sim! – Ele aplanou a língua e a arrastou por toda a minha xoxota, mergulhou dentro, depois subiu, fechou a boca e começou a fazer movimentos circulares com os lábios. Com um

gemido, me soltou, deslizou uma mão e usou os dedos para me pressionar. – Penso nisso, penso no jeito como você geme quando chega lá, no gosto dela. Hum… Caroline, meu doce, você me enlouquece.

As palavras dele dançavam nos meus pensamentos. Me apoiei nos cotovelos, a pele pegando fogo, o olhar embaçado naquele homem lindo, estupendamente lindo e com a boca em mim. Conduzindo a mão dele, os meus quadris ondulavam enquanto a sua língua e a sua boca me consumiam. Os olhos de Simon eram duas labaredas de fogo incendiando os meus. Arquejei quando o orgasmo me atingiu feito um trem de carga. Trêmula, despenquei em cima do balcão.

Simon se levantou, uma mão acariciando a minha pele enquanto eu estremecia e a outra puxando a calça de moletom para baixo. Ele se tocou, deslizando a mão para cima e para baixo, então me penetrou, mas apenas ligeiramente. Jogou a cabeça para trás enquanto as mãos envolviam a minha cintura, usando o peso do meu corpo como alavanca conforme aos poucos… se enterrava… lá dentro.

Simon permaneceu perfeitamente imóvel. Eu, perfeitamente móvel.

Simplesmente não conseguia me controlar. Aquilo era demais; ele era demais. Eu nunca me acostumaria com a sensação de tê-lo dentro de mim, me desbravando, me preenchendo. Eu me remexi, eu me arqueei, eu me flexionei, eu me debati. E Simon continuou perfeitamente imóvel. Os músculos do braço enrijeceram, bem como os do pescoço, o torso reluziu ante o doce deleite de não se mover. Simon era quase como uma obra de arte lasciva.

Então, ele trouxe a cabeça à frente e abriu os olhos.

Concentrado, misterioso, determinado.

Simon estava prestes a gozar dentro de mim.

Depois de puxá-lo de volta quase que por completo, ele o enfiou de novo. Com força. E precisão.

Fiquei fora de mim.

Ele me conduziu, ele conduziu o meu corpo e o meu sexo, e, quando inclinou o corpo com mais força na minha direção e sussurrou no meu ouvido as palavras mais sujas que se pode imaginar, gozei de novo. Exatamente no momento em que ele gozou. Grave. Forte.

Com os braços envolvendo-o, eu o mantive dentro de mim o máximo que pude. Mesmo quando Simon me levantou do balcão, relutei e mantive as pernas em volta da cintura dele, e ele riu. Ele me ergueu nos ombros tal qual um bombeiro faria e me deu um tapa na bunda.

Então, Simon comeu um pão inteiro de abobrinha e, com a calça arriada na altura dos tornozelos, se debruçou no balcão e apoiou a cabeça na minha bunda.

– Me lembre de nunca deixar de cozinhar para você – falei, quinze minutos depois, finalmente autorizada a pôr a calça de volta e limpar a cozinha.

– Há alguma possibilidade disso acontecer? – indagou Simon, arrasado com a hipótese de eu parar de cozinhar (ou seria porque tinha acabado de comer um pão inteiro?).

– Duvido. Está na cara que é o tipo de coisa que traz benefícios mútuos.

– Concordo – ele disse com um sorriso enquanto eu servia um pouco de café para ele e o enxotava para o sofá. – Por que estou indo pro sofá?

– Porque eu estou limpando e você está atrapalhando. Além disso, você acabou de chegar, então me deixa te paparicar um pouco.

– Mas o motivo principal é que eu estava atrapalhando, certo?

– Certo. – Peguei uma vassoura e comecei a varrer as passas. Clive já tinha dado sumiço em algumas; presumi que as encontraria na cama mais tarde. Ele adorava escondê-las, uma por uma.

Simon relaxou no sofá e me observou varrer, fazendo comentários quando a minha bunda ficava em uma posição particularmente gostosa. Por cima da asa da xícara, ele me perguntou:

– Ei, o que é essa papelada em pleno sábado? Vai trabalhar hoje?

– Mais ou menos.

– Mais ou menos?

– É, a Jillian me passou um projeto importante. Temos uma licitação na semana que vem e, se eu conseguir este trabalho… Bem, vai ser um negócio e tanto – disse hesitante, evitando dizer em voz alta. Seria uma responsabilidade daquelas. Coisa de gente grande.

– Que ótimo! Que tipo de negócio?

– Um hotel em Sausalito. A Jillian me colocou pra coordenar o projeto, por causa do casamento e da lua de mel dela. Então, a semana vai ser corrida no trabalho. – Terminei de varrer e joguei as passas no lixo. Depois, peguei o meu caderno de desenho, fui para a sala e sentei ao lado de Simon, apoiando os pés no seu colo.

– Parece importante. Isso é ótimo, amor.

– Além disso, eu meio que vou tomar conta de tudo durante a lua de mel dela. Vou ficar atolada de trabalho.

– Você dá conta. Estou orgulhoso de você.

– Bem, guarde o orgulho pro caso de eu conseguir o trabalho. Até lá, é apenas uma licitação. Mas dedos cruzados, ok? – Eu sorri e me recostei nas almofadas enquanto ele esfregava meu calcanhar.

– Estou com um bom pressentimento. Talvez a gente tenha algo pra comemorar na semana que vem – ele disse, balançando o meu dedão. – E, por falar em comemorar, quer viajar comigo pro Rio em dezembro?

– Ahn? Mas… ahn?

– É tão sexy quando você fala assim… – Simon murmurou, se aproximando e se inclinando sobre mim.

– Eu falei alto?

– Falou.

– Ok. Bem, então responde o meu ahn.

– Ninguém no mundo jamais pronunciou essa frase antes.

– Simon soltou uma risadinha, depois passou a ponta do dedo ao longo do meu nariz e pressionou a minha boca.

– Rio? Em dezembro?

– No Natal.

– Ahn?

Enquanto Simon ria, tirei os pés do colo dele.

– Explique, por favor.

– Não há nada pra explicar. Tenho um trabalho no Brasil… Vou passar o Natal trabalhando no Rio. E quero minha namorada comigo.

Natal no Brasil. Brisa quente do mar. Caipirinha. Festas. Água de coco. Biquíni. Simon.

O segundo Natal seguido longe de casa?

Pensei em outros Natais, de quando eu era criança. Eu tinha um tio e uma tia favoritos (quem nunca teve?). Liz e Lou, tecnicamente meus tios-avós, eram uma lenda na nossa família. Eles nunca tiveram filhos; se foi por escolha ou alguma questão da natureza, nunca soubemos, ninguém nunca conversou sobre isso. Mas os dois levavam a vida com a qual sempre sonhei.

Liz e Lou viajavam todo ano, mas viajavam mesmo. Pra valer. O tio Lou tinha muito dinheiro, grandes investimentos e, aos sessenta e cinco anos, quando se aposentou, os dois caíram no mundo. Eles possuíam uma casa em San Diego, mas nunca se fixaram lá. Tinham amigos ao redor do mundo e viajaram para lugares como Madri, Atenas, Roma, Lisboa, Amsterdã, Caracas e São Paulo. Rio de Janeiro. Pegavam a estrada ou um avião sempre que queriam e iam para onde o vento os levasse. Vez ou outra passavam o Natal com a gente, e todo ano eu ficava empolgada com o presente de Natal deles, curiosa para saber de que lugar distante vinha o pacote.

Eles amavam menos a família porque escolheram viajar pelo mundo no Natal? Nunca achei que sim, embora alguns familiares mais tradicionais julgassem estranho e um pouco egoísta o fato de os dois nunca estarem presentes para cantar as musiquinhas de Natal na casa da minha avó, ou para comer peru com os demais.

Eu achava romântico, excitante e maravilhoso.

Liz e Lou faleceram alguns anos atrás, com uma diferença de três meses entre um e outro. Depois que os dois morreram, ajudei a cuidar de alguns dos seus pertences e me deparei com os seus passaportes. Os documentos estavam surrados, cheios de registros e carimbos de diversas cidades do mundo, sobre algumas das quais eu nunca tinha ouvido falar.

Quando, no Natal do ano passado, fui para Salzburgo para fazer companhia a Simon, não me senti estranha nem egoísta. Achei romântico, excitante, maravilhoso. Algo nada tradicional, mas uma tradição de Simon e Caroline, talvez?

Calculei mentalmente se as minhas responsabilidades extras no trabalho me permitiriam passar um tempo fora. A época das festas era um período agitado para nós no escritório, porém a semana entre o Natal e o Ano-Novo era administrável. O convite de Simon pintou do nada, mas não seria nada impossível.

Comecei a cantarolar "Garota de Ipanema" e esbocei um sorriso discreto.

– Isso quer dizer que sim? – indagou Simon.

– Quer dizer com certeza, Trepador de Paredes. É claro que vou com você pro Rio! – exclamei, envolvendo a cintura dele com as pernas. Vi a cara de entusiasmo de Simon e o beijei, um beijo molhado, quente, intenso. No ano passado, eu mesma havia me convidado. Neste ano, ele me convidou para acompanhá-lo. Cacete. Como eu amo esse homem.

Ficamos nos beijando por um tempo, até que Simon retomou o seu lugar no sofá, voltou a massagear os meus pés e eu voltei ao meu esboço.

Alguns minutos depois, recebi uma mensagem. Resfoleguei, depois passei o recado para Simon:

– Ei, é da Central de Casamento. Você precisa tirar as medidas pro smoking, pra ontem. Jillian disse que você e o Benjamin precisam ir juntos; ela está enlouquecendo.

– Eu sei… padrinho e tal… Preciso estar gatão – ele comentou, revirando os olhos.

Foi perfeito quando Benjamin pediu a Simon para ser seu padrinho no casamento, já que eu era uma das madrinhas de Jillian.

– Que você vai estar gatão, ninguém tem a menor dúvida.

– Dei risada quando ele começou a fazer cócegas nos meus pés. – A minha dúvida é se a Sophia vai estar bem. Ela estava meio na fossa hoje de manhã, decidida a comprar o vestido mais sexy que visse pela frente.

– Hum-hum – disse Simon, se concentrando no peito do meu pé.

– Acho que ela quer fazer questão de estar arrasadora caso o Neil apareça. Ele vai mesmo? Certeza?

– Hum-hum – Simon repetiu, franzindo a testa um pouquinho, quase que imperceptivelmente.

Eu o deixei massagear os meus pés por mais um minuto.

– Ele vai levar alguém? – indaguei no tom mais indiferente possível.

– Caroline… – Simon advertiu.

– O quê? Se ele for acompanhado, seria bom saber com antecedência, não acha? Você não estaria traindo o cara só por me contar que ele vai levar alguém, certo? – perguntei, cutucando a sua barriga com o dedão, arrancando um sorriso.

– Sim, ele vai levar alguém – Simon confessou, observando a minha expressão com cautela.

Expirei com a mesma cautela.

– Viu? Não foi tão ruim assim, foi? – perguntei, enfiando o pé na mão dele de novo. Simon voltou a massageá-lo. Fiquei em silêncio por um minuto. – Ela é bonita?

– Parei – disse ele, tirando o meu pé do colo e se levantando.

– O quê? Só estou perguntando se ela é bonita – insisti quando ele se virou de novo para mim.

– Já falei que não vamos conversar sobre isso. Você sempre fica exaltada, para de pensar, e eu…

– Eu fico exaltada?! É claro que eu fico exaltada! A minha melhor amiga está arrasada porque o idiota do seu melhor amigo a traiu e…

– Pela última vez, ele não traiu!

– Beijar é trair! Claro que é! – esbravejei, me levantando para encará-lo de frente.

– Ele beijou uma ex-namorada uma vez… aconteceu apenas uma vez. E ele contou pra Sophia. Ele poderia não ter contado! Poderia ter escondido dela, mas ele contou!

– Nossa, vamos canonizar o cara! Ele contou pra ela que a traiu!

Eu fui muito sincera quando contei que Simon e eu não brigávamos. Exceto por esse motivo.

Então, aqui vai a história completa. Quando a ex-namorada de Neil veio à cidade e o jantar dos dois acabou em um beijo, Neil contou para Sophia, que o deixou. Desde então, ela se recusava a falar com ele, a vê-lo, a ter qualquer tipo de contato. Apagou e-mails e mensagens de texto. Ela não quis que ele tentasse explicar nada porque, na sua cabeça, não havia nada para explicar.

O problema é que todos os caras concordaram que o que Neil fez, embora errado, não era motivo para terminar o relacionamento. É claro que todas as garotas concordavam que beijar era traição: o pau não precisava entrar para se configurar uma traição. Sophia tinha todo o direito de terminar com Neil, e ele, como o traidor da história, não tinha muito o que explicar sobre o ocorrido.

Por isso, as brigas.

Mimi e Ryan também brigavam por causa disso; era algo sobre o qual todos tinham uma opinião. Por mais que Simon e eu tivéssemos concordado que não valia a pena falar sobre o assunto, ele continuava vindo à tona.

Enfim, o que era traição? Seria ela aquela linha que, quando cruzada, não podia ser descruzada? Seria algo diferente para cada casal, ou seria algo preto no branco, sem discussão ou exceções?

– Não, não vamos canonizar o cara, não foi isso que eu quis dizer, e você sabe que…

– Esse tipo de coisa não acontece simplesmente, Simon. Ele fez uma escolha…

– Um beijo! Isso é motivo pra terminar tudo? E a Sophia? Ela nem deu chance do cara se explicar, ela…

– Não há nada pra explicar, você não entende? – eu gritei, arremessando o caderno de desenho ao outro lado da sala.

Silêncio.

– Não quero mais falar nisso – murmurei, atravessando a sala para pegar o caderno. Simon agarrou a minha mão no meio do caminho.

– É por isso que desde o começo eu não quis entrar nesse assunto. Não há certo e errado nessa história – ele pôs os dedos nos meus lábios quando comecei a explicar que, sim, há certo e errado –, ou pelo menos não existe consenso. Mas, seja como for, não tem por que a gente discutir, certo?

Soltei um suspiro, deixando-o me puxar para perto. Encostei o rosto bem no meio do tórax dele. O perfume de Downy me acalmou.

– Certo.

Ele me abraçou forte.

– Eu te amo.

– Eu também te amo.

Às vezes, é difícil ser a metade de "nós".

CAPÍTULO TRÊS

– É cantalupo.

– É calêndula.

– Calêndula!? Está mais pra abóbora do que pra calêndula, mas não importa… porque é cantalupo.

– Se você acha mesmo que é cantalupo, está precisando ir urgente no oftalmologista, porque é óbvio que…

– Mimi, o que você acha? É cantalupo, não é?

– Sim, Mimi, olha e me diz em que lugar do mundo isso é cantalupo.

– Cheetos – respondeu Mimi.

– O quê? – perguntei, olhando para Jillian.

Estávamos no setor de roupas para madrinhas de casamento da Neiman Marcus. Corrigindo. Eu estava no setor de roupas para madrinhas de casamento, de calcinha e sutiã, enquanto Jillian e Mimi bebiam champanhe sentadas em enormes poltronas estofadas.

– Cheetos, o salgadinho. E combina perfeitamente com o tom da sua pele, devo dizer – comentou Mimi, enquanto se servia de mais uma taça e mandava goela abaixo. – Agora, as senhoritas calem a boca. Fala sério! Ninguém merece ficar ouvindo duas designers discutindo sobre a cor do vestido de madrinha.

Jillian e eu olhamos para o espelho e nós duas erguemos as sobrancelhas.

– Ok, né? É cheetos. Pode experimentar, fazendo favor? – perguntou Jillian, me entregando o vestido.

Concordei e entrei no provador. Enquanto me contorcia para fechá-lo, ouvi-a dizer baixinho:

– Can-ta-lu-po. Melhor deixar para lá.

Eu me virei para o espelho, vi o meu reflexo e fui obrigada a admitir: ficava muito bem de cheetos.

Saia mídi, decote canoa, alças finas, braços descobertos. Com um bronzeadinho, ficaria ótimo. Mais do que ótimo. Dei uma voltinha, mas me detive quando vi Mimi prestes a pegar mais uma taça de champanhe.

– Jillian, não deixa! Ela já passou da conta!

Mimi era pouco maior do que uma garrafa de champanhe; duas taças bastavam para deixá-la chapada.

– Que sem graça, Caroline – Mimi resmungou enquanto Jillian roubava a última taça.

Jillian, atrás de mim, pareceu encantada ao me ver diante do espelho.

– Ficou ótimo! – murmurou, alisando a saia do vestido. – Obrigada por me convidar para ser sua madrinha – agradeci, olhando-a nos olhos.

Sorrimos uma para a outra e demos risada ao ouvirmos Mimi resmungar:

– Afe! Que rasgação de seda, vou vomitar.

– Ok, chega de sentimentalismo. Tira o vestido e vamos levar Mimi pra comer alguma coisa – disse Jillian.

Mimi comemorou. Nós nos aprontamos, saímos e pegamos uma mesa no nosso bistrô favorito em North Beach.

Depois que nos acomodamos e pedimos uns aperitivos para amenizar os efeitos do champanhe em Mimi, conversamos sobre a lua de mel.

– Espera aí! Quando a França entrou na jogada? Pensei que vocês fossem pra Itália – eu falei, passando manteiga num pedaço de pão.

– Bem, o Benjamin e eu conversamos e chegamos à conclusão de que não tiramos férias de verdade há décadas. Então, queremos estender a viagem um pouquinho.

– Uau! Isso é o que eu chamo de lua de mel! Itália e França… incrível – disse.

– E Suíça. Acrescentamos a Suíça no roteiro também – contou Jillian, com uma expressão de culpa.

Mimi aproximou o pão do peito como que embalando um bebê e soltou um suspiro romântico.

– Nossa, que delícia! Uma lua de mel na Europa! Não vejo a hora de começar a planejar a minha. Ryan disse que podemos ir pra onde eu quiser, desde que eu use biquínis bem pequenininhos pra ele. E depois tire. – Ela soltou uma risadinha, seguida de um soluço. O champanhe ainda estava fazendo efeito.

– Espera, espera! Suíça também? – indaguei, sem acreditar. – Estão planejando ir pra algum outro lugar que eu deva saber?

– Bem, eu pretendia conversar sobre isso no escritório, mas…

– Epa! O que está pegando? – questionei.

– Pra falar a verdade, é uma viagem sem rumo – ela respondeu com a maior naturalidade. – Só queremos viajar por aí, e este parece ser o momento ideal pra isso.

Recostei na cadeira, sentindo a cabeça rodar.

– E quanto tempo vai durar essa viagem?

– Tempo suficiente pra você precisar de um estagiário.

– Ei, ei, ei! Calma aí! Um estagiário? É sério, Jillian. Quanto tempo vocês vão passar fora? – Pensei em todos os projetos previstos no calendário, sem falar no Hotel Claremont (se eu tivesse a sorte de ganhar a licitação).

– Vamos conversar sobre isso no escritório, pode ser? A comida chegou – disse Jillian, gesticulando para o garçom que vinha com o nosso pedido.

Enquanto ele servia os pratos à mesa, olhei fundo nos olhos de Jillian, que estava no lado oposto da mesa.

– Vamos conversar no escritório – ela repetiu. – Vai ficar tudo bem. Prometo.

A refeição foi silenciosa. Exceto pelos soluços de Mimi.

Mensagem de Simon para Caroline:

S: Ei, amor, pode almoçar comigo hj?

C: Quem dera. Estou atolada.

S: Posso te encontrar aí; até levo meu martelo.

C: Por mais que eu ame seu martelo, no momento estou literalmente debaixo de uma pilha de lápis de cor.

S: Hum… que tal jantar?

C: Negativo, gostosão. Vou pra Sausalito assim que sair do trabalho.

S: Pro hotel?

C: Sim, é a primeira oportunidade que vou ter de conhecer o lugar. Quer me encontrar lá? A gnt pode comer alguma coisa depois.

S: A gente pode comer alguma coisa depois…

C: Amor…

S: Desculpa. Tá bom. Me manda o endereço e eu te encontro lá. 7?

C: Perfeito. Droga, Simon. Agora vou ficar pensando em comer alguma coisa depois.

S: Assim que eu gosto! Te vejo às 7.

*

Caminhei ao redor da propriedade, observando a arquitetura, as perspectivas e o modo como a luz do entardecer batia no edifício. Visualizei janelas onde não havia nenhuma, paredes que poderiam ser removidas para explorar a paisagem natural do lugar e pequenos jardins que, com uma reforma, trariam um toque verde à casca moderna.

Estava começando a me animar com a ideia de conquistar o projeto.

A buzina de um Range Rover me tirou do estado de transe. Me virei e avistei Simon emparelhando no meio-fio. Sem ter terminado o que eu estava fazendo, gesticulei para dizer a ele que precisava de mais um minuto. Ele estacionou e caminhou até mim.

– Então, é este o lugar? – perguntou, envolvendo a minha cintura enquanto eu observava a estrutura.

– Sim. E aí, o que acha?

– Acho que minha namorada vai passar o rodo na concorrência. – Ele apoiou o queixo no topo da minha cabeça.

– O lugar é lindo, não é?

– O quê? Sausalito? Acho que sim.

– Está brincando? Olha essa vista! – Apontei para trás, na direção da baía da cidade. San Francisco reluzia no entardecer, os carros indo e vindo, atravessando a ponte. Coit Tower. Edifício Transamérica. Encantador.

Então, dei meia-volta e apreciei mais uma vez a vista de Sausalito. Não se tratava de uma simples paisagem linda de San Francisco. As casas reluziam em meio às montanhas, luzes dos postes começavam a se acender, barcos pontilhavam a marina, os pedestres caminhavam ao longo da orla em direção a restaurantes, lojas ou de volta para casa.

– O restaurante não é muito longe daqui. Vamos andando – disse, puxando Simon em direção à rua principal.

Simon entrelaçou os dedos nos meus, e conversamos enquanto caminhávamos. Falamos sobre as minhas ideias para a reforma, sobre o casamento iminente, sobre a próxima viagem dele. Simon partiria em dois dias, desta vez rumo à África do Sul para um trabalho dos grandes – e com um cachê proporcional. Não conseguia nem pensar no assunto sem me arrepiar.

Arrepio.

– A Jillian me contou que eles acrescentaram França e Suíça no roteiro da lua de mel. Parece que vão ficar fora por um tempo – contei enquanto caminhávamos pelo píer.

– Ah, é? Que legal. Sei que o Benjamin sempre quis viajar mais.

– A Jillian também, mas ela estava construindo o negócio dela. É difícil renunciar a algo assim… A não ser que você tenha a Super Caroline pra comandar o show – falei dando risada, fazendo graça ao contrair os bíceps, que Simon apertou, gostando do que via. – Mas admito que estou surpresa com o fato de os dois não estarem planejando nada.

– Pelo que você está falando, parece que eles só querem dar umas voltas por aí.

– Sim, sim. O estranho é que fazer isso sem planejar não é muito do feitio de Jillian.

Simon deu de ombros.

– É a lua de mel deles, amor. E, convenhamos, eles podem bancar.

– Sim, conheço muito bem o tamanho do patrimônio do Benjamin – afirmei e ganhei uma palmada na bunda por essa. Simon compreende a minha admiração por Benjamin, mas faz questão de me lembrar com o patrimônio de quem eu devo me preocupar. – Só estou um pouco… nervosa, acho. É muita responsabilidade.

– Conversou com a Jillian sobre isso?

– Desde que a proposta do projeto do hotel apareceu, não. Ela anda tão ocupada com o casamento e com todo o resto que mal a vejo.

– Tenho certeza de que ela sabe o que está fazendo. Ela não viajaria assim se não confiasse que você vai dar conta, não acha?

– Foi o que ela disse – confirmei, pensando no tamanho real da encrenca. – Ela também disse que vai contratar um estagiário pra mim. Já é uma ajuda.

– Ótimo! Moving on up! – ele exclamou, cantarolando a melodia do tema de The Jeffersons.

– É, a presidente de uma empresa de design vai dar uma voltinha pela Europa por sabe-se lá quanto tempo e eu vou ter um estagiário de vinte anos pra me ajudar a tirar cópias. Tá tranquilo – disparei, alcançando a porta do restaurante.

Uma mão forte se sobrepôs à minha e me impediu de abrir a porta.

– Ei! Vai dar tudo certo. Pare de se preocupar tanto – Simon ponderou, erguendo o meu queixo com delicadeza enquanto me olhava nos olhos.

A frustração que me arrebatara de repente se esvaiu quando os olhos de safira começaram a executar o seu vodu.

– Talvez você tenha razão. – Soltei um suspiro e deixei que ele abrisse a porta e me conduzisse

para dentro do restaurante, uma das mãos apoiada na minha lombar.

– É claro que tenho razão – Simon provocou.

Depois que nos acomodamos, peguei minha agenda.

– Então, você volta dois dias antes do casamento, certo? Quero ter certeza de que vai ter tempo de se ajeitar antes da cerimônia.

– Sim, vou voltar a tempo de me preparar pra todas as obrigações de padrinho.

– Meio em cima da hora, não?

– Não sei o que passou pela minha cabeça quando aceitei isso, mas vai dar tudo certo. Posso dormir durante os votos, né? Eles não precisam de mim pra isso.

Virei a palma da mão dele para cima, apoiada na mesa, e percorri as linhas com a ponta dos dedos. Ao erguer a cabeça, percebi o seu olhar pernicioso.

– Você não pode dormir durante a cerimônia, amor. Além disso, vai ter uma madrinha bem de frente pra você com a cabeça cheia dos pensamentos mais pervertidos que se pode imaginar.

– Pervertidos, hein?

– É… Não sei se vou conseguir me controlar. Você? De smoking? Chega a ser maldade – ronronei, erguendo a mão dele para beijar os dedos.

Enquanto o garçom se aproximava para perguntar o que íamos beber, pisquei, soltei a mão dele e sussurrei:

– Mais tarde.

Simon olhou a carta de vinhos, e eu apreciei através da janela a vista panorâmica de San Francisco. O sol finalmente tinha se posto; a água da baía refletia as luzes da cidade. Sorri; além de tudo isso que tinha bem na minha frente, era muito sortuda por poder chamar a minha cidade favorita de casa.

CAPÍTULO QUATRO

Eu me sentei de frente para Max Camden, os projetos pregados em quadros ao redor da sala e a apresentação formal nas minhas mãos. E num DVD. E numa pasta. E num pen-drive, dentro da bolsa. E em outro pen-drive na bolsa de Jillian. E, depois de uma escapada no meio da noite até o apartamento de Sophia, mais um na caixa de jóias dela.

Eu tinha espalhado pela cidade todos os dispositivos de segurança que consegui. Mas será que eles iam assegurar o positivo que eu esperava receber de Camden?

Eu andara de um lado para o outro na sala por uma hora, rascunhando as minhas ideias, reforçando as imagens, planilhas e gráficos mais do que teria feito numa aula de geometria. Jillian tinha feito uma ou outra intervenção, mas me deixou no comando das coisas. O conceito que eu visualizava para o Claremont era clean e simples, com um toque dos hotéis-butique que havia aos montes na costa da Califórnia.

Embora os hotéis de Camden fossem conhecidos pelo design modernista, havia um motivo para que ele não quisesse trabalhar com os seus designers de sempre. Camden estava à procura de algo novo, tivesse consciência disso ou não. Será que a minha ideia seria capaz de seduzi-lo?

Os olhos cinzentos de Camden me encararam com agudeza e precisão. Esse cara era intimidador e sabia disso.

Durante a minha apresentação, ele me interrompeu poucas vezes, sempre com perguntas claras, concisas. E certeiras. Mas eu estava preparada. Tão preparada quanto possível considerando o tempo limitado que me fora dado, e acho que segurei a bronca. Agora, falávamos sobre quem mais Camden tinha consultado e se as propostas apresentadas estavam de acordo com o que ele queria.

Era a hora de vender o meu peixe.

Deslizei uma foto sobre a mesa em direção a ele, a cópia de um artigo do San Francisco Chronicle sobre a cidade de Sausalito. Tratava-se de um artigo antigo, de quase oitenta anos atrás, e a foto mostrava que a cidade continuava praticamente a mesma desde então. Pitoresca mas movimentada; antiquada mas altiva. Vizinha à grande San Francisco, Sausalito poderia ter vivido anos à sombra desta, porém tinha vida própria, um DNA. Era uma cidade familiar, qualquer que fosse a definição dos tempos modernos para isso.

– Como pode ver, senhor Camden, enquanto as outras cidades ao redor da baía cresceram e se expandiram, Sausalito se contenta em permanecer dentro da própria concha, cercada pela baía que faz dela uma comunidade única. Para que um novo hotel tenha sucesso aqui, precisa ser único também. O que existe hoje não é único. Este hotel precisa ser atraente para clientes novos e antigos; precisa ser ambientalmente consciente, mas sem ser afetado; precisa de um design que remonte aos primórdios da cidade, mas que ao mesmo tempo aponte para o futuro – expliquei, depois respirei.

Jesus! Odeio falar em "motivaciones". Continuei:

– Um hotel moderno ficaria deslocado aqui, senhor Camden. O seu hotel precisa de mais: se homogeneizar com a paisagem e ainda assim proporcionar uma lembrança tão marcante que nenhum cliente jamais pense em fazer reserva em outro lugar.

Recostei na cadeira e coloquei a tampa de volta na caneta.

– E é exatamente isso que o senhor terá com a Jillian Designs – concluí, torcendo para que ninguém tivesse percebido o meu desespero sob a mesa para encontrar o sapato do pé esquerdo, que escapara em algum momento entre "remontar aos primórdios" e "apontar para o futuro". Sempre que fico nervosa, os meus pés tendem a se retorcer.

A sala ficou em silêncio.

Camden me observou por um tempo com um olhar indecifrável.

Todos permanecemos sentados, esperando que ele dissesse algo. Por fim, ele suspirou. O meu coração afundou.

E lá se foi o pé direito do meu sapato.

– Bem, Max – Jillian quebrou o silêncio. – Tenho de certeza que você tem muito pra pensar. No que depender de nós, você e sua equipe terão tudo de que precisarem para…

– Consegue executar esse projeto a tempo, senhorita? – ele me perguntou de um modo direto, enquanto todos ao seu lado começavam a se levantar.

– Sim, senhor.

– E acha que consegue fazer tudo com o orçamento que definiu?

– Sim, senhor – respondi, os dedos congelados na sua busca pelos sapatos.

Todos os demais estavam metade em pé, metade sentados. Camden sorriu para mim e então se levantou…

– … e em seguida disse: "Fechado. O trabalho é seu" e saiu da sala! Simples assim! – exclamei. – Consegui o trabalho! – contei para Simon, que tinha me ligado assim que o seu avião pousara na Cidade do Cabo. Essa era a maior notícia da minha carreira e eu tive de contar para ele por telefone. Fazer o quê.

– Que ótimo! Ah, meu amor, fantástico! Que droga. Queria estar aí pra gente comemorar!

– Eu sei. Também queria que você estivesse aqui. Mas pode me dar um beijo de parabéns quando voltar. Daí a gente comemora.

– Vou te dar um beijo, claro, entre outras coisas mais.

– Por ora, eu me contento com o beijo. Me deixa fantasiar com as outras coisas. – Suspirei ao telefone e o ouvi suspirar também. É o que ele faz antes de as coisas saírem de controle…

– Bem, antes que as coisas saiam de controle…

– Antes que eu perca o controle, você quer dizer? – ele perguntou com a voz rouca.

– Simon, então controle-se. Estou bastante certa de que você ainda está no aeroporto, não está? – perguntei, sentindo as bochechas corarem ao pensar nele atravessando a alfândega duro.

– Vou deixar passar desta vez apenas por esse pequeno detalhe técnico. Então, me acalma. Você conseguiu o trabalho, qual é o próximo passo? – perguntou num tom profissional agora.

Percebi que ele estava se esforçando para manter o controle, então peguei leve:

– O próximo passo é não conseguir respirar até o casamento e, depois, não conseguir respirar de novo. Falando sério, não sei nem dizer o quanto vou estar desesperadamente ocupada. Ainda bem que você está com a agenda cheia, porque eu estou com a corda no pescoço por tempo indeterminado. Vou entrevistar os últimos candidatos para vaga de estágio amanhã e também estou

dando uns toques finais em vários projetos… Normalmente eu faria um por vez, mas agora, bem, o negócio está insano.

– Insano porém bom, certo? – Simon perguntou, e abri um sorriso de orelha a orelha.

– Insano mas bom, sim. Fico feliz que você me entenda. Você é o melhor, Trepador de Paredes.

– Servimos bem para servir sempre.

– E como serve. Muito, muito bem – sussurrei com a voz rouca.

– Estou passando pela alfândega, Caroline.

– Faz ideia de quanto você me satisfaz, Simon? Só de pensar em você, sinto vontade de me satisfazer – murmurei e o ouvi gemer.

– Negócios ou diversão, senhor Parker? – escutei a voz de um oficial.

– Diversão, por favor – respondi lascivamente, e Simon sibilou.

– Vou desligar na sua cara. – E foi o que ele fez.

Caí para trás, em cima dos travesseiros, as bochechas coradas, toda alegrinha.

– Trepador de Paredes, olha o que você me obriga a fazer…

M*ensagem de Simon para Caroline quinze minutos depois:*

S: Alguém vai ter problemas quando eu chegar em casa.

C: Promete?

S: Mulher, vc me fez imaginar coisas.

C: Ah, é?

S: Falando sério, deixando a sacanagem virtual de lado, parabéns. Estou mto orgulhoso de vc.

C: Eu tbm. Obrigada.

S: Agora voltemos. O que vc tá vestindo?

C: Vai tomar uma ducha, Trepador de Paredes.

S: É assim que a gente vai chamar a partir de agora?

C: (Suspiro) Lembra da primeira vez que me mandou msg? Da Irlanda?

S: Lembro.

C: E lembra qndo chutei sua porta?

Depois de uma pequena pausa, a resposta:

S: Você acabou de chutar, ñ foi?

C: Talvez.

S: Te amo.

C: Eu amo mais. Cuidado com os tubarões.

– Tem um minuto? – perguntei, parada na porta de Jillian. Eu tinha passado a semana inteira tentando falar com ela para tomar uma decisão sobre o estagiário, mas ela estava correndo com os clientes e os últimos preparativos do casamento.

– Vou fazer a última prova do vestido daqui a vinte minutos. O que está pegando? – ela

perguntou, parecendo exausta.

– Bem, entrevistei todos os candidatos, cheguei a três que eu acho que você vai querer conhecer, e um deles, uma menina, até…

– Você escolhe, Caroline. O estagiário vai trabalhar principalmente para você, a escolha é sua. – Ela sorriu, desligou o computador e pegou o casaco no cabide.

– Hum, tudo bem, eu posso escolher, mas… espera! Está saindo? Pensei que tivesse vinte minutos!

– Eu tenho que estar lá em vinte minutos; contando com o trânsito, já estou atrasada. Me acompanha? – Ela gesticulou para que eu a seguisse.

– Jillian, tenho que conversar com você sobre algumas coisas. Tem algumas coisas que precisamos resolver antes de você…

– Caroline. A decisão é sua. Confio em você. Contrata o candidato que achar melhor, e eu assino embaixo, ok? – ela falou ao passar por mim e entrar no corredor.

Ela vai se casar, ela vai se casar, fica feliz por ela, repetia comigo mesma.

– Tudo bem, mas precisamos alinhar algumas coisas urgentes antes de você sair. Não sei se…

– Faz uma lista de tudo que precisamos ver e me manda por e-mail, tudo bem? Vou ler hoje à noite e conversamos amanhã de manhã, prometo – ela disse, descendo a escada em disparada. Depois de atravessar a porta de saída, olhou para trás e acrescentou: – E parabéns pelo seu primeiro estagiário! Apesar da minha desgraça, sorri e a observei entrar no carro que a aguardava. Cabelo impecável, saltos matadores, rumo à última prova do vestido que usaria para se casar com o Príncipe Encantado.

Eu me virei sobre os meus saltos bem menos caros, mas ainda assim letais, e dei de cara com a recepcionista.

– Ei, Ashley! Pode ligar pra última candidata, Monica, da Berkeley? Diga que ela é a nossa nova estagiária.

Depois de cumprir a minha primeira tarefa, voltei ao escritório para enfrentar as próximas mil.

CAPÍTULO CINCO

Na manhã seguinte, eu já estava à espera de Jillian quando ela chegou ao escritório. Como a minha chefe havia pedido, eu enviara uma lista de perguntas e tarefas que precisavam da sua aprovação ou opinião antes do casamento. Tínhamos muito a discutir, mas ter uma ideia melhor de quando ela voltaria parecia a pendência mais urgente.

– Uau! Você chegou cedo – Jillian exclamou, tirando o casaco e desenrolando o cachecol.

Arqueei uma sobrancelha.

– É. Minha chefe está muito ocupada… Ela vai casar neste fim de semana, sabe? Achei melhor agarrá-la enquanto posso.

Ela suspirou e desmoronou na cadeira.

– Tenho bancado a noiva paranoica?

– Está mais pra chefe fantasma.

– Cuidado, Reynolds. Eu detestaria ter de castigar a minha madrinha por indisciplina – ela advertiu com um brilho no olhar, porém com dureza suficiente para me fazer entender que eu estava indo longe demais. – Eu li sua lista. É longa.

– É. E eu dou conta de praticamente tudo que está lá. Só preciso saber quais são seus planos e quais são suas expectativas em relação a mim para que eu possa administrar as coisas.

– Eu sei, gata, me desculpa por andar meio ausente nos últimos dias. Quem diria que um casamento dá tanto trabalho? – Ela sorri. – Não vejo a hora de ver você passando por tudo isso. É mais do que uma pessoa consegue lidar. – Ela pegou a lista e uma caneta.

– Não vê a hora de me ver passando por tudo isso? – perguntei, a respiração ligeiramente ofegante.

– Claro. Não acha que você e Simon estão caminhando pra isso? – ela indagou, colocando os óculos e ajeitando-os no rosto para poder me observar. Descarada.

– Hum, não acho, bem, quer dizer, como é que eu vou saber, Jillian? – gaguejei, sentindo o sangue ferver nas bochechas ao pensar no assunto. Aquela história de brincar de casinha, de novo.

– Nossa, toquei num ponto fraco? – ela perguntou, o olhar cada vez mais brilhante. – Não acha que Simon é do tipo pra casar?

– Eu não… quer dizer… ele nunca teve uma relação que durou mais do que a nossa; acho que não precisamos forçar a barra, e, além disso, as coisas estão bem do jeito que estão… e eu não sei se eu… quer dizer… e se eu não quiser…

– Relaxa, gata. – Ela sorriu, satisfeita por ter me desconcertado.

– Ok, não foi por isso que vim falar com você. Precisamos repassar a lista e apagar alguns incêndios, e eu preciso saber quando você volta da lua de mel, mulher!

Simon e eu casando… Pfff!

– Não sei direito – Jillian respondeu com a maior calma do mundo.

– Espera. Como assim?

– Não sabemos ao certo quando vamos voltar. Quer cuidar da minha casa também?

– Cuidar da sua casa? – questionei, perplexa.

Ela suspirou e recostou na cadeira.

– A verdade, Caroline, é que preciso de um tempo. Amo meu trabalho, você sabe o quanto esse negócio é importante pra mim, e tenho muito orgulho de ter conquistado o meu lugar no ramo. Mas preciso de um tempo, e Benjamin e eu só queremos viajar por aí. Faz algum sentido?

Fazia todo o sentido. Um homem lindo com a sua recém-esposa diva e com todo aquele dinheiro brotando de títulos, de fundos de investimento ou de sei lá onde as pessoas abastadas guardam a grana delas. Os dois queriam conhecer o mundo enquanto possuíam beleza e juventude suficientes para fazer a coisa do jeito certo.

Eu faria exatamente o mesmo se tivesse oportunidade. Férias com Simon por tempo indeterminado? Passeio de gôndola em Veneza? Cantarolar em Saint Moritz? Trepar em Frankfurt?

Mas eu não podia me dar ao luxo de pensar assim. Eu tinha de pensar na pessoa que ficaria para trás, na pessoa que seguraria o rojão. Como a Jillian Designs poderia funcionar sem Jillian?

– Já conversei com o meu contador, e ele vai te ajudar em qualquer questão financeira que surgir. E eu não vou me esconder numa caverna. Vamos nos falar toda semana. Vou te ajudar com o que você precisar. Você vai ver, tudo vai correr bem – Jillian assegurou; na sua expressão, havia uma confiança em mim que eu simplesmente não compartilhava.

Será que eu ia conseguir? Jillian parecia acreditar que sim. Além disso, eu teria uma estagiária. Eu não queria dizer não; eu sabia que Jillian contava comigo.

Tudo isso era demais para mim.

Mas também era uma oportunidade. Daquelas que provavelmente jamais voltariam a acontecer.

Merda. Sim. Eu conseguia segurar o rojão.

– Me diz mais sobre essa história de cuidar da sua casa. Isso inclui a Mercedes na garagem?

– Claro que sim.

– Estou dentro!

– Que ótimo! Agora, voltando a você e Simon. Então, nada de casamento por enquanto, mas vocês já conversaram sobre morar juntos?

Mastiguei o meu lápis de cor.

– Como vai a designer de interiores mais sexy da Costa Oeste?

– Assim vou ficar me sentindo. Está se protegendo direitinho dos tubarões?

– Estou fazendo o melhor possível. Como estão as coisas no trabalho? Colocou a Jillian contra a parede pra saber quanto tempo vai durar a lua de mel? – Simon indagou durante nosso bate-papo da noite. Ou do café da manhã, para ele. É incrível como você aprende os fusos horários do mundo quando tem um namorado que experimenta todos eles em praticamente todo ano.

Eu despenquei sobre os travesseiros.

– Tenho um palpite bem vago. Algo entre indefinidamente e férias por tempo indeterminado.

– Uau! Sério? E o que isso significa pra você?

– Numa palavra? Estou fodida.

– Você disse duas palavras em vez de uma, sonequinha.

– Estou tão cheia de coisas que uma palavra só não dá conta. A boa notícia é que, de brinde, tenho uma casa com vista pra baía todinha pra mim.

– Hein?

– Jillian perguntou se eu quero tomar conta da casa dela enquanto eles estiverem fora.

– E você respondeu que sim?

– Respondi. Como eu poderia recusar? Por quê? Não quer ficar lá? Vai ser divertido.

– Vai ser chato.

Revirei os olhos. Simon amava a sua vida na cidade.

– Ah, fala sério, vai ser ótimo. Além disso, não acho que a gente precisa ficar lá toda noite. Acho que eles só não querem deixar a casa vazia o tempo todo.

– Hum.

– Podemos tomar banho na hidro.

– Hum? – Foi a sua resposta mais interessada.

– Não sei se você lembra, mas eu costumo perder o controle quando há espuma envolvida… – acrescentei, me lembrando da primeira vez em que estivemos numa hidro, em Tahoe.

– Verdade. E vai ser totalmente sem roupa?

– Pode apostar seu popô delícia que sim.

– Assim você me mata – ele murmurou, desta vez de um jeito bem diferente.

– Enfim, por mais que eu vá estar ocupada, vai ser bom mudar de ares. Vai ser meio como tirar férias do outro lado da ponte. Eu mal vou conseguir ver a cara da rua nos próximos meses.

– Por falar em férias, acabo de fechar um trabalho em Bora Bora. Quer ir?

– O quê?

– É, depois do casamento. O que me diz? Cabana de palha sobre a água? Biquíni de casca de coco? Sexo na praia?

Cerrei os punhos, frustrada.

– Você não escutou nada do que falei? Estou atolada e logo vou ficar ainda mais atolada. Não posso ir pra Bora Bora. Não poderia ir nem pra Napa se quisesse… – Respirei fundo para não cuspir uma dissertação. – Simon, é muito fofo da sua parte, e você sabe que tudo que eu mais queria era ir pra praia com você. Mas eu simplesmente não posso. Não posso sequer pensar nisso agora, entende?

Por um instante, ele permaneceu em silêncio. A ligação estava um pouco ruim, e eu me dei conta do quanto ele estava longe de mim. Pensei de quão distante vinha aquele telefonema, que atravessara o mundo para chegar a mim. Suspirei.

– Você está certa, linda, eu não pensei. Sei o quanto isso é importante pra você. Você sabe disso.

– Não tenho dúvidas.

– Talvez não seja um bom ano pra ir pro Rio? – ele perguntou em um tom tranquilo e meio dissimulado.

– Não se atreva… Faz ideia do quanto estou ansiosa por essa viagem? Até lá, as coisas terão se ajeitado. Mas, enquanto isso, não posso simplesmente largar tudo e viajar para uma ilha.

Ele ficou em silêncio de novo.

– Eu te amo – sussurrei, desejando que ele estivesse aqui para abraçá-lo com toda a força.

– Eu também te amo. Estou feliz por voltar pra casa logo – Simon comentou com a voz mais branda.

– Vamos nos divertir no casamento – disse, mudando de assunto. – Você vai dançar comigo?

– Pode apostar seu popô delícia que sim. Vou até pedir pra tocarem Glenn Miller pra gente.

– Isso sempre funciona.

– Caroline?

– Sim, Simon?

– Eu sei que funciona. – Ele riu.

Desejamos boa-noite um ao outro e, em seguida, atravessei o corredor e entrei no apartamento dele. Depois de posicionar o vinil na vitrola, voltei correndo ao meu apartamento e me joguei na cama. Dormi ao som de Glenn Miller ressoando através das paredes e sonhei que estava dançando com o meu fotógrafo numa praia brasileira.

Três noites antes do casamento, às oito e meia, eu ainda estava no trabalho e tinha acabado de cancelar um jantar com Sophia e Mimi.

Às vezes, ser adulto é um saco.

Eu tinha passado o dia inteiro em reunião com o pessoal do Camden para acertar alguns detalhes da reforma, que começaria na semana seguinte. Não faríamos uma reforma completa, mexeríamos apenas internamente, aproveitando a estrutura existente, mas reformando o layout de quase tudo.

Mônica, a nova estagiária, estava curtindo a sua primeira semana de prova de fogo. Ela tinha sido atirada de cabeça, mas estava nadando de braçada. Resolveu algumas burocracias, entregou papeladas, entrou com pedidos de autorização para execução das obras; realmente tirou a corda do meu pescoço… Tanto que voltei a sentir fome. Fui à cozinha, certa de que havia escondido um burrito em algum lugar no freezer, quando o meu telefone tocou. Sophia.

– Ainda não consigo acreditar que deu o cano na gente, Reynolds – ela disparou no meu ouvido.

Falando sério, ninguém compreendia o quanto estava ocupada? – Você vai superar, prometo. Aonde vocês acabaram indo? – perguntei.

– Ao seu restaurante favorito em Chinatown. Você perdeu, menina. Pedimos aquele prato de macarrão com camarão, como chama mesmo? Aquele que você adora mais do que tudo?

O meu estômago começou a roncar ainda mais alto, e eu cerrei os dentes.

– Mei Fun.

– Esse mesmo! Agora, abre a porta, que está um frio do cacete aqui fora.

– Ainda estou no trabalho… Eu falei que ia trabalhar até tarde. Por que vocês estão no meu

apartamento?

– Não estamos no seu apartamento, palhaça, estamos na frente do escritório. Abre essa porta! – Ouvi Mimi resmungando ao fundo.

– Vocês estão na frente do meu… Ai, meu Deus. – Desci a escada até a entrada do prédio, e lá estavam elas do outro lado do vidro. Com embalagens do restaurante chinês nas mãos.

– Vou dar um beijo na boca das duas! – brinquei, ainda ao telefone, destrancando e escancarando a porta. – O que as duas quengas estão tramando?

– É hora da janta, bobinha. Prometemos que vamos ficar só um pouquinho – respondeu Mimi, atravessando a porta e indo direto para o meu escritório. Carregando a comida com o cheiro mais delicioso do mundo. Sophia fez uma pose na porta, arrasadora. Os dias de desleixo eram passado. Ela estava vestida para matar. Cabelo ruivo preso no alto da cabeça, maquiagem impecável e apenas uma fresta de perna aparecendo por baixo do sobretudo.

– Não vai fazer um strip para mim, vai? – questionei.

– É claro que não. A mocinha aqui tem um encontro depois de alimentar você. – Ela sorriu e me entregou uma sacola.

– Mei Fun?

– Alguém vai se dar bem hoje, isso é certo. – Ela piscou e passou por mim. – Não coma todos os empanados, sua merdinha.

Mimi gritou alguma coisa, mas o som foi abafado pela sua boca cheia. Empanados, aposto. Tranquei a porta de entrada e balancei a cabeça de um lado para o outro enquanto seguia as minhas amigas até o escritório.

Dez minutos depois, estávamos as três esparramadas no chão, de pernas cruzadas e com pratos cheios de comida saborosa. Noodles, camarão frito, guioza, legumes com molho picante; um banquete. Hashis foram entregues, e nós caímos de boca.

– Muito melhor do que o burrito que eu ia comer – comentei com um suspiro e a boca cheia de macarrão suavemente temperado.

– Quando soubemos que você ia trabalhar até tarde, pensamos que o mínimo que podíamos fazer era te trazer a janta – disse Mimi, me oferecendo um enroladinho.

Sophia interceptou o enroladinho e o segurou como um microfone.

– Até parece. Só fizemos isso pra eu te contar sobre o meu brinquedinho novo. Está impossível combinar alguma coisa com a senhorita, e eu precisava contar!

Peguei meu enroladinho e falei na boca do megafone de comida:

– Então, conta!

Sophia falou sobre o cara que tinha conhecido na academia.

Uma vez que decidira oficialmente deixar a fila andar e procurar um amor (leia-se uma companhia para o casamento de Jillian), não sobrou pedra sobre pedra. E, por acaso, a pedra agora era um corretor de seguros. De carro, de vida, do que você precisasse. Hum.

– Deixa eu contar. Ele é Ó-TI-MO. Alto, negro, lindo e muito gostoso – ela se regozijou. – Eu estarei com o acompanhante mais cobiçado.

– Ela acabou de citar uma frase de Grease? – perguntou Mimi.

– Isso mesmo. Só espero que o nome desse cara não seja Cha Cha – respondi.

– Ele se chama Barry e é demais – insistiu Sophia.

– Barry Gibb? – perguntei.

– Barry White? – provocou Mimi.

– Derry – respondeu Sophia, os dentes cerrados.

– Ei, espera, espera, espera. Para tudo! O nome dele é Barry… – eu disse.

– … Derry? – Mimi completou.

Desabamos no chão, gargalhando em meio a pauzinhos e sachês de shoyu.

– Quietas, vadias, quietas! Reynolds, você já namorou um cara chamado James Brown! – Sophia provocou.

– Namorei mesmo. James Brown é incrível comparado a Barry Derry! – berrei, limpando as lágrimas nos meus olhos. O que foi uma péssima ideia, já que os meus dedos ainda estavam sujos de mostarda picante. – Merda!

– Bem feito! – exclamou Sophia, me entregando um monte de guardanapos.

Mimi continuava gargalhando, e eu dei uma cotovelada nas costelas dela.

Em meio à névoa de mostarda, vi que Sophia estava ficando com cara de brava. Esse casamento não seria fácil para ela. Eu também não tinha a menor vontade de encontrar Neil – com frequência, fantasiava que o atraía para perto do bolo e o matava afogado no glacê. Sorri para Sophia.

– Tenho certeza de que ele é ótimo, querida. Não vemos a hora de conhecê-lo.

Todas ficamos em silêncio por um momento.

Mimi pigarreou, se preparando para mudar de assunto:

– Quando o Simon volta?

– Quinta-feira à noite – respondi e me lembrei da minha novidade.

– Ei! Esqueci de contar! Adivinha quem vai cuidar da casa em Sausalito?

As duas soltaram um gritinho; nós três amávamos a casa de Jillian. De modo especial, o elevadorzinho que subia e descia a ladeira.

– Vai ser muito divertido. O que o Simon disse? – perguntou Mimi.

– Simon disse "Vai ser chato", mas Caroline disse "Sinto muito, querido". Aquela casa é muito foda! Quem não gostaria de ficar lá? Além disso, é pertinho do Claremont, vai ser perfeito ter um QG por aquelas bandas. E não acho que vamos passar todas as noites lá, só algumas.

– Olha só vocês dois brincando de casinha. Que romântico!

– provocou Sophia, que ganhou uma olhadinha de Mimi por causa do comentário. – Só estou dizendo que o que vocês dois têm é ótimo. Juntos, mas separados. Separados, mas juntos. Tudo começa a estragar quando os dois começam a comprar móveis juntos.

– Falou a garota que foi morar com o Neil antes dos seis meses de namoro – pontuou Mimi.

– Falou a garota que não está mais com o Neil – retrucou Sophia, brandindo os palitinhos

japoneses no ar.

– Mas não foi por isso que vocês terminaram. Morar junto não teve nada a ver com isso. Vocês dois se davam muito bem… E não ouse dizer o contrário!

– Sim, foi bom enquanto durou. Mas foi cedo demais. Juntos, mas separados… Só digo isso – acrescentou Sophia, tirando um broto de bambu do meio do decote. A coisa estava começando a ficar perigosa. E não me refiro apenas ao bambu.

– Ok, obrigada pelos conselhos, crianças, mas Simon e eu não vamos morar juntos. Vamos apenas cuidar da casa. E aproveitar que estaremos numa mansão espetacular pra curtir a dois. Só isso.

A pilha de papéis na minha escrivaninha me chamava. Suspirei, pesquei mais um camarão e comecei a fechar os potes de comida. As meninas me fizeram guardar as sobras para ter o que comer no almoço de amanhã.

– Vocês não precisavam fazer isso, mas estou muito feliz por terem feito.

– Sabemos o quanto você tem trabalhado duro… Pensamos que precisava espairecer um pouco – disse Mimi enquanto caminhávamos até a saída.

– Assim parece que a ideia foi sua! Fui eu que falei em trazer comida pra ela! – Sophia interveio. – Você queria comer taco quando ela cancelou!

– Nada a ver! Fui eu quem disse que a gente podia… – começou Mimi, mas logo me meti no meio, pois sabia onde a conversa ia parar.

Eu as empurrei de leve até o lado de fora, rindo:

– Senhoritas, amo as duas. Agora, deem o fora daqui.

Elas acenaram conforme se afastavam. Voltei ao escritório, fazendo movimentos circulares com os ombros, relutando contra o sono que começou a querer me derrubar. Então, acendi todas as luzes e coloquei Pearl Jam para tocar. Bem alto.

Simon e eu não estávamos indo morar juntos. Pffft!

Vinte minutos depois, recebi uma mensagem de Mimi:

M: Simon te contou que o Neil vai levar uma pessoa?

C: Sim. O que o Ryan disse?

M: Nada, só que ele vai levar uma pessoa.

C: É só isso que o Simon diz tb. Tomara que ela não seja bonita.

M: É claro que é bonita.

C: Eu sei. Isso pode dar merda, vc sabe…

M: Vai dar. Além do mais, a coisa já está ruim… o nome do cara é Barry Derry. PQP!

C: Medo…

M: Nem me fala.

Simon deveria ter voltado na quinta à noite, mas um atraso no voo para Nova York acabou fazendo ele perder a conexão para San Francisco. Ele tinha sido realocado no voo da sexta de manhã, mas chegaria ao ensaio do casamento em cima da hora. O meu namorado tinha me

mandado uma mensagem para avisar que estava a caminho do aeroporto e depois outra pedindo o endereço da igreja. Depois, me mandou uma terceira mensagem pedindo o endereço do restaurante onde ocorreria o ensaio para o jantar de recepção.

Jillian passaria no escritório pela manhã para terminar algumas coisas. Eu tinha tentado convencê-la a não trabalhar na véspera do casamento, mas ela insistira que só precisava de alguns minutos para acertar pequenas coisas. Em seguida, ela iria para o almoço nupcial, ao qual eu não poderia comparecer por conta de uma reunião de última hora com o sr. Camden.

Eu estava imprimindo uma série de relatórios para a reunião, quando Jillian passou na sala.

– Estou indo, Caroline. Te vejo à noite?

– Estarei lá.

– Acha que o Simon vai conseguir voltar a tempo? O Benjamin pode conseguir outra pessoa para hoje à noite, se precisar.

– Ele vai chegar a tempo. Na última vez que nos falamos, ele estava no avião, esperando para decolar.

Assim que contei isso a ela, o meu celular apitou. Era Simon querendo saber se precisava fazer algum tipo de discurso no jantar. Homens… Respondi que não, me despedi de Jillian e peguei o último relatório na impressora. Neste exato momento, a recepcionista interfonou para informar que a equipe do Camden havia chegado e estava se acomodando na sala de reuniões.

Quando Mônica apareceu para me ajudar com as coisas, o meu celular apitou de novo.

Eu o entreguei a ela.

– Pode ficar com ele enquanto estou na reunião? Se o Simon precisar amarrar os sapatos, ou abotoar a camisa, ou qualquer outra coisa do tipo, por favor, diz pra ele… ah, deixa pra lá. Só diz que eu estou ocupada e que o vejo quando ele chegar. – Tentei sorrir, alisando a minha camisa para não parecer acabada. Às vezes, contrariando o ditado, as aparências não enganam.

Estou calma. Estou calma. Estou calma.

– Sem problemas. Eu cuido disso. Tudo o que você precisa já está na sala de reuniões… Me avisa se precisar de algo mais.

Quando estávamos prestes a entrar na sala, o meu telefone apitou de novo. Sufocando um grunhido, olhei para Monica. Ela leu a mensagem e fez uma careta.

– Amarrar os sapatos? Abotoar a camisa? – perguntei, assentindo para cumprimentar a equipe de Camden, sentada do outro lado da porta de vidro.

– Hum, não exatamente. Ele quer saber se você pode buscar o smoking dele na hora do almoço.

Estou calma. Estou calma. Estou calma.

CAPÍTULO SEIS

No banco de trás do táxi, tamborilei sobre o joelho e tentei não olhar para o relógio de novo. Eu chegaria a tempo ao ensaio, mas detestava estar tão em cima da hora. Quando eu enfim terminara tudo no trabalho para garantir que o fim de semana fosse realmente de folga, faltava apenas uma hora para o ensaio, e eu nem tinha me trocado. Por sorte, havia levado o vestido para o escritório.

Se eu podia pegar o smoking no horário do almoço? Há! Nem sei o que é almoço. Bem, sem problema. Monica, a super estagiária, fizera a gentileza de buscar para mim. Ela era a melhor. Quanto a Simon, eu lidaria com ele depois.

Cheguei ao ensaio com alguns minutinhos de folga e, ao entrar, recebi uma mensagem de Simon. Ele estava a caminho. Estremeci ao pensar em quão exausto Simon estaria após cruzar o mundo de avião, porém o atraso no voo não tinha sido culpa dele, então fiz questão de lembrar a mim mesma para pegar leve em relação ao smoking. Cumprimentando algumas das outras madrinhas e me misturando à família de Jillian, entrei na igreja e alcancei os noivos, que estavam conversando com o padre. Ca-ra-ca, que noivo lindo.

Terno preto, pele bronzeada, uma pitada de charme com pimenta e aqueles olhos divinos, agora reluzindo de alegria. Esse é o tipo de cara que você quer que o seu cara seja um dia. Ele me cumprimentou com uma piscadinha, sabendo muito bem que, quando jogava o seu charme, todas nós derretíamos.

– Oi, Benjamin – falei.

– Caroline, você está linda. – Com um sorriso no rosto, ele me puxou para o seu lado, e eu senti o sangue ferver nas bochechas. Derretida e corada. – E aí, onde está aquele imbecil do meu padrinho?

– Aqui! O imbecil está aqui! – ouvi a voz de Simon, que caminhava depressa. Com o cabelo ainda úmido por causa do banho e vestido no seu próprio terno preto e gravata, ele ficou ao meu lado. – Ei, velhote, solta minha namorada.

Ele cumprimentou Benjamin com um aperto de mão, beijou a bochecha de Jillian, se virou para mim e me absorveu com os olhos. Simon envolveu a minha cintura e me puxou para perto. O seu olhar encontrou o meu, as minhas mãos no seu peito. O rosto, bronzeado por conta dos dias na praia, tinha sardas aqui e ali. Ca-ce-te, que homem lindo! E a melhor parte? O jeito como olhou para mim. Como se eu fosse a mulher mais linda ali.

– Oi, gata.

O homem é um poeta.

– Oi.

Eu também.

Ele se inclinou, os olhos nos meus até um segundo depois que os nossos lábios se tocaram. O seu beijo foi suave, leve como uma pena. A sua boca roçou a minha uma vez, depois duas e, na terceira, havia mais do que apenas lábios. A língua de Simon cutucou de leve a costura dos meus lábios e, quando estes se abriram para recebê-lo, se lançou para sentir o meu gosto.

Estávamos numa igreja? Não me dei conta porque, naquele momento, tudo o que eu sentia, tudo o que eu sabia, era Simon. As suas mãos inquietas na minha cintura, as saliências do seu corpo musculoso pressionadas contra mim, o aroma do seu xampu e o perfume sempre delicioso de Downy preenchendo as minhas narinas, a boca sobre a minha. Ouvi tossidas e, quando Simon interrompeu o beijo e apoiou a testa na minha, vi Jillian arqueando a sobrancelha para nós dois.

– Simon – sussurrei dentro da nossa bolha.

– Sim?

– Eu também estava com saudades – falei, beijando-o rapidamente agora.

Ele sorriu, me girou para que eu ficasse ao seu lado, e nós nos viramos para Jillian e Benjamin. E para a pequena multidão que nos observava.

– O que foi? Eu estava com saudade da minha namorada. – Ele me puxou para mais perto, e eu sorri. – E aí, o que vamos ensaiar?

O ensaio foi ótimo; o jantar, ainda melhor. Jillian e Benjamin escolheram um restaurante lindo e reservaram um espaço privativo no terraço. Vinho e champanhe abundaram, famílias se misturaram e confraternizaram; o clima foi de festa. O coquetel – em vez de um jantar formal – encorajou os convidados a interagir conforme circulavam de mesa em mesa.

Simon e eu permanecemos grudados um no outro na maior parte da noite – quando eu não estava ajudando Jillian com detalhes de última hora. Embora houvesse muitas madrinhas e uma dama de honra, Jillian implicitamente confiava em mim para ser os seus olhos e ouvidos em relação ao casamento. Motivo pelo qual era eu quem carregava na bolsa o kit de costura e o creme para hemorroida.

Para olheiras, cara!

Entre um papo e outro com primos de segundo grau e parceiros de negócio tanto de Jillian quanto de Benjamin, Simon conseguiu me sequestrar em cada recôndito do restaurante para uns beijos secretos e umas sacanagens ao pé do ouvido.

– O que deu em você? – perguntei, sem fôlego depois de um beijo fervoroso no terraço.

Eu tinha saído para tomar um pouco de ar e fora encurralada contra o parapeito de vidro por um inquieto Trepador de Paredes.

– Hum… Essa ideia de dar me parece ótima – Simon murmurou, me virando de frente para a vista da cidade, e de costas para ele.

Prendendo-me nos seus braços, ele pressionou o corpo contra o meu. Apoiei a cabeça no seu ombro enquanto Simon me provocava com beijos molhados ao longo do meu pescoço.

Suspirei, levando as mãos para trás e enroscando-as no seu cabelo.

– Comporte-se, mocinho.

– Sem chance. – Ele pressionou o corpo devagar mas insistentemente contra a minha bunda. Arregalei os olhos quando senti o meu corpo corresponder. – Estou com saudades. Quanto tempo precisamos ficar?

– Hum, acho que a gente não deve ir embora muito antes da Jillian e do Benjamin. Acho que seria… Uau! – Joguei a cabeça ainda mais para trás quando uma mão dele subiu para quase tocar os meus seios.

– A gente não deve ou não pode?

Me esforcei para raciocinar, para me manter concentrada.

– Hum, bem, talvez a gente possa, hummmm… – Eu estava impotente. As mãos dele, ainda mais assertivas, começaram a esfregar as minhas coxas. – Ok, acho que a gente deve ir embora. Isso é loucura.

– É assim que se fala, garota!

Ele fez eu me despedir de todos em menos de um minuto, entrar no elevador em três e me enfiar num táxi cinco minutos depois.

Falando em enfiar no táxi… Menina, ele bem que tentou.

Depois de me defender das tentativas de Simon de enfiar a mão debaixo da minha saia dentro do táxi – e ao subir a escada até o apartamento –, perdi tudo o que existia da barriga para baixo no momento em que ele me apoiou nas costas do sofá e tirou a minha calcinha. Com os dentes.

Com aqueles dentes deliciosos! O que foi aquilo?!

Eu já tinha lido essa cena em muitos romances, porém nunca tivera a experiência na vida real. Sempre me perguntei como isso se dava exatamente. Ele lasca uma mordida no cós da calcinha? Usa um canino para tirar pela frente? Os romances eróticos mencionavam apenas dentes; usar os lábios seria trapaça? Por falar em trapaça, se ele usasse as mãos somente para auxiliar, sendo os dentes o principal método de remoção de calcinha, valia?

Romances, literatura erótica… Aqui vai o modo como o Trepador de Paredes faz!

As mãos entraram na minha saia, uma em cada perna, assim que atravessamos a porta. Enquanto me guiava pelo apartamento escuro, ele manteve a boca no meu pescoço e enfiou as mãos no meu sutiã no instante em que a parte de trás das minhas coxas encostou no sofá. O qual, em seguida, eu tenho a honra de sentir com o globo ocular ao dar com a cara na almofada depois que Simon girou o meu corpo e me apoiou de bruços no braço do sofá, com a bunda para cima. Acha que eu reparei que meti a testa no sofá? Claro que não. Com um Trepador de Paredes se ajoelhando entre as minhas pernas, é claro que não.

A parte de trás das minhas pernas foi preenchida com beijos molhados, ao mesmo tempo que a saia era erguida e removida do caminho. Senti as suas mãos separando os meus joelhos, a respiração quente no interior das minhas coxas, enquanto os dedos mergulhavam dentro da renda da calcinha. Eu tinha me vestido para o meu homem? Sim ou sim?

Branca. Rendada. Delicada. Escolhida a dedo para fazê-lo arquejar. E ele estava arquejando, intensamente. Ele me beijou através da renda da calcinha, a língua afiada e forte mesmo sobre o tecido. Gemi alto, pronta para receber aquela boca desde que ele me amassou contra o parapeito do restaurante. Com as mãos ao redor da minha cintura, ele pressionou a parte inferior das minhas costas e ajeitou o meu corpo na direção do seu rosto. Rosnando – juro, essa é a única palavra capaz de descrever o ruído gutural que saía da boca dele –, Simon agarrou com os dentes o cós da calcinha e a puxou, descendo pelas minhas coxas até os joelhos, e parou por aí, porque… Ele. Estava. Impaciente.

Eu, com a bunda virada para cima e a calcinha na altura dos joelhos, ouvi-o gemer.

– Hummmm… aqui está a minha boceta deliciosa.

Nem todos os homens sabem manejar essa palavra. Você tem que encher a boca para falar. A-hã. Alguns a usam o tempo todo, alguns a usam nas conversas do dia a dia. Na verdade, tudo se trata de adequação: quando dizê-la, onde dizê-la, como dizê-la. Falar sacanagem é uma arte. Fale o tempo todo, e vira rotina. Não fale nunca, e você não sabe o que está perdendo. Simon conhece a dose certa, usa os ingredientes na medida de uma receita perfeita. Agora, voltemos àquela história de encher a boca…

Eu já estava quase lá antes mesmo de os seus lábios encontrarem os meus. Sim, lábios – exatamente o que você está imaginando…

Há noites em que eu preciso que seja devagar. Há noites em que eu preciso que seja meigo. E há noites em que eu preciso que seja rápido e selvagem.

Adivinha como eu queria esta noite?

Gozei duas vezes na boca dele. E mais duas quando ele levantou, abriu o zíper da calça e me penetrou com uma estocada repentina. Com uma mão apoiada nas minhas costas e a outra puxando o meu cabelo no ângulo exato em que ele precisava.

Foi profundo e firme e intenso. E muito rápido e selvagem. Eu ainda estava de salto quando ele finalmente gozou e gritou meu nome? Pois é, estava.

Mais tarde, aninhada no sofá com Simon, que usava o meu quadril como travesseiro, ouvi o meu celular tocando dentro da bolsa, jogada perto da porta. Ergui a cabeça, olhei para trás e estiquei o braço. Sabendo que a bolsa estava a mais de três metros de distância.

– Não alcanço meu celular.

– Você não precisa dele.

– Mas está tocando…

– Estou bastante certo que não está – Simon insistiu, virando para trás também. O celular parou de tocar, e eu voltei a me afundar no sofá. E ele começou a tocar de novo.

– Não alcanço meu celular – repeti, meio entorpecida. Depois de um sexo selvagem daqueles, quem não fica meio tonto?

– Ei, você me mordeu?!

– Você não precisa do celular. E, sim, mordi. Tem dois peitões deliciosos me encarando sem parar.

Ele tinha mesmo mordido um dos peitões. Revirei os olhos, tentando pegar o celular.

– Não tira meus peitões daqui, Caroline. Estou avisando.

– Quero ver você me impedir – provoquei, conseguindo escapar dele e cambalear até a bolsa, puxando a saia para baixo no meio do caminho. Enquanto procurava o celular, olhei para Simon, de bruços no sofá e com a calça na altura dos tornozelos.

– Que elegante, amor.

– Vem pegar na minha elegância, vem – falou, apontando para uma parte bem específica do corpo.

Com uma risada, conferi o celular e vi que a chamada perdida era de Sophia. Já passava da meia-noite. Franzindo as sobrancelhas, retornei a ligação.

– Oi, o que aconteceu?

– E tem que ter acontecido algo, por acaso? – ela perguntou em tom grave.

– Há quanto tempo te conheço? O que aconteceu?

Sophia não disse nada, mas consegui ouvi-la. Choramingando.

– É o casamento?

Snif.

– Você não quer ir?

Snif, snif.

– Porque vai ver o Neil?

Ronc. Não foi um carro passando ao fundo, só ela assoando o nariz mesmo.

– Miga, você sabe que precisa ir, não sabe?

Snif.

– Não só porque a Jillian espera que você vá, mas porque uma hora você vai ter que encontrá-lo e…

Roooooonc!

– Vem pra cá. Fiz biscoito com gotas de chocolate ontem. Tic-tic, fez o cinto da calça de Simon quando ele o fechou a caminho da cozinha.

– Não, eu vou ficar bem. Deus, mas que saco! – Sophia desabafou por fim, assoando o nariz estrondosamente mais uma vez.

– É um saco mesmo, miga, mas você vai ficar bem. Você é durona… na verdade, eu tenho até medo de você.

– Porque sabe que eu posso quebrar a sua cara. Ele vai levar alguém?

– Sim.

– Merda. Eu tenho que ir mesmo, né?

– Tem, gata – respondi, mordendo o lábio e pensando se eu iria caso estivesse no lugar dela. – Além disso, pensa no quanto o Barry Derry ficaria decepcionado se você não fosse.

Silêncio.

Então, as duas caímos na gargalhada. Em meio aos risos, Sophia disse que me amava e que iria se encontrar comigo amanhã. Depois desligou, ainda rindo.

Fui para a cozinha e vi Simon com as mãos no pote de biscoitos. Balancei a cabeça e então preparei um copo de leite para ele.

– Nossa! Te amo tanto que chega a ser crime! – ele disse com a boca cheia de biscoito e sorriso.

Fiquei ao seu lado enquanto ele terminava o seu lanche da madrugada; assim que Simon bebeu o leite e comeu os biscoitos, eu abri os seus braços e os envolvi ao meu redor. Me aninhei no seu peito, o apertei tanto quanto era capaz, e ele beijou o topo da minha cabeça.

O dia seguinte prometia todo tipo de emoção, mas hoje eu teria o meu Trepador de Paredes na minha cama. Eu não precisava de mais nada.

M*ensagem de Caroline para Mimi:*

C: Você precisa ficar de olho na nossa amiga hj… ela vai te dizer que tá bem, mas não tá.

M: Sério? Q aconteceu?

C: Só fica de olho nela.

M: Tá bom. E a Jillian?

C: Radiante.

M: Óbvio.

C: Vamos pra igreja daqui umas horas.

M: Vou ficar de olho na nossa amiga. Detona, madrinha.

Mensagem de Mimi para Sophia:

M: Ei, gatinha, vai com a gnt pro casamento?

S: Sim, passa aqui pra pegar a gnt.

M: O Barry vai, né?

S: Sim, passa aqui pra pegar a gnt.

M: Como vc está?

S: Mimi.

M: Sim?

S: Apenas passa aqui pra pegar a gnt.

M: Ooooooooooooook.

Mensagem de Simon para Neil:

S: E aí? Windsurfing amanhã?

N: Cara! Vai fazer um frio do caralho! Sem chance.

S: Amarelão.

N: Cara. É sério. Vai estar gelado.

S: Amarelão. Te vejo no casamento.

N: Ow, por falar nisso, preciso levar meu presente?

S: A gnt tem que dar presente pra eles? Pera aí…

Mensagem de Simon para Caroline:

S: A gnt comprou presente pra eles?

C: Claro que sim. Coloquei seu nome tb.

S: E vamos levar o presente pro casamento?

C: Não, já mandei entregar. Sempre mando antes. A última coisa com que a noiva precisa se preocupar no casamento são os presentes.

S: Então, se a pessoa não manda o presente antes, ela não deve levar no dia do casamento?

C: Ah, do ponto de vista da etiqueta, não tem problema. As pessoas sempre fazem isso; eu

prefiro enviar antes… Pera. Pq a pergunta?

Mensagem de Simon para Neil:

S: Cara, sem problema, pode levar o presente.

N: Firmeza. Te vejo lá.

Mensagem de Caroline para Simon:

C: Ei, mocinho. Pq me perguntou sobre o presente?

S: Por nada.

C: Sério, o q tá pegando?

S: Neil queria saber se devia levar o presente ou ñ. Só isso.

C: Fala pra ele me ligar. Vou dizer o que ele faz com o presente dele.

S: Já falei o quanto vc está linda vestida de madrinha?

C: Vc nem me viu ainda…

S: Nem preciso. Eu sei.

C: Boa saída, Trepador de Paredes.

Mensagem de Neil para Sophia:

N: Ei. Só queria dizer oi. Vc vai hoje, né?

N: Ah, continua me ignorando.

N: Eu só queria dizer q vai ser bom te ver.

N: Acho q já passou da hora da gnt conversar. Não acredito q você não me atende, mas não quero falar nisso hj.

N: Quero te ver, só isso. Eu queria uma chance de me explicar…

N: Sophia? N: Soph?

S: Vai se foder.

CAPÍTULO SETE

A antessala da igreja Swedenborgian, em Pacific Heights, explodia em tons de bordo, cobre, champanhe e… Cheetos. Vestidos de crinolina farfalhavam, risos nervosos escapavam de lábios delicadamente pintados, e um pai orgulhoso e eminente aguardava.

A noiva deu um passo à frente para tomar o braço dele, e as madrinhas se reuniram à frente dela com as mãos recheadas de dálias cor de pêssego e creme. Jillian estava imponente e majestosa; corada, mas de modo algum acanhada. Envolta em seda marfim e renda italiana antiga, a única cor provinha do diamante amarelo de quatro quilates no dedo anelar da mão esquerda.

As portas de carvalho se abriram. Os olhos dela dançaram.

Enquanto o quarteto de cordas tocava, as madrinhas douraram o corredor, uma após a outra. A igreja estava cheia, porém não abarrotada. A pequena capela, rústica e charmosa, possuía um teto artesoado feito de madeira antiga, adornado por milhares de velas na cor creme as quais brilhavam suavemente. Na lareira, incomum à maior parte das igrejas, mas perfeitamente adequada à decoração rústica, o fogo crepitava alegremente, lançando a sua luz de conto de fadas.

Os convidados sorriram, o rosto iluminado por uma expectativa serena, e se viraram para o corredor central. Ao caminhar por esse mesmo corredor antes da noiva, avistei Benjamin à frente, fulgurante. Ao lado dele? O meu próprio pedaço de céu. Sorri ao vê-lo, resplandecente num terno cujo corte acentuava o seu porte alto e forte. Os olhos de Simon resplandeciam em azul à luz do fogo, o rosto extraordinário. Ele abriu um sorriso de orelha a orelha quando me aproximei. Simon piscou, eu desfaleci. Tal qual a maioria das mulheres na capela.

Assumindo o meu lugar, observei a dama de honra de Jillian se unir a nós, e a música mudou, pois a noiva estava prestes a entrar. Eu me virei, não para olhar para Jillian, mas para Benjamin. Você já parou para observar o noivo no momento em que a noiva entra na igreja? Todos os olhos se voltam para ela, claro, mas a verdadeira mágica acontece no rosto dele. Testemunhar os olhos do noivo se acendendo, a emoção tomando a sua expressão. Presenciar enquanto ele luta consigo mesmo para controlar os sentimentos, como se espera que os homens façam nessa situação. Nesses segundos iniciais, você enxerga a verdade. Você compreende tudo o que o noivo sente no instante em que ele a vê. Eu não precisei me virar para ver Jillian entrando na capela; eu vi tudo pelos olhos de Benjamin, no segundo em que ele pôs os olhos nela.

Surpresa.

Anseio.

Alívio.

Necessidade.

Alegria. Alegria crua e pura.

Lágrimas saltaram dos meus olhos, como eu sabia que iria acontecer. Um sorriso invadiu o meu rosto e ameaçou dividi - lo em dois. Ao me virar para Jillian, o meu olhar cruzou com o de Simon.

Posso jurar que vi uma lágrima nos olhos dele também.

A cerimônia foi breve e fofa. Votos foram trocados, lágrimas foram derramadas por quase todos,

e, sob uma chuva de pétalas, os recém-casados saíram da igreja para uma tarde perfeita de outono.

E quem eu vi jogando as pétalas? Mimi e Ryan, claro, Sophia e Barry Derry (que era notoriamente gostoso), Neil e… ninguém.

No final das contas, ele não veio acompanhado.

O que não passou despercebido por Sophia, ainda que ela tenha fingido nem notar a presença dele.

Embora eu tivesse sido eleita como dama de companhia oficial de Jillian no casamento, acompanhando-a aonde quer que ela fosse (sim, isso incluía o banheiro; já posso dizer que ajudei a minha chefe a mijar), dei um jeitinho de ficar um pouco com os meus amigos antes de entrar no ônibus muito deselegante, porém necessário, que nos levaria à festa.

Simon e eu fomos separados por "obrigações matrimoniais", já que o padrinho é sempre fotografado oficialmente ao lado da dama de honra, mas, no intervalo entre as fotos, consegui roubar um beijinho ou dois.

– Eu sabia que você ia ficar linda de madrinha. – Ele me girou para apreciar o vestido, arregalando os olhos quando um pedaço extra de perna se revelou.

– Você também caprichou – falei, admirando o pecado que era o Trepador de Paredes de terno.

– E agora, o que acontece?

– Agora a gente entra no ônibus, bebe champanhe com o resto dos convidados, tira foto na Baker Beach com a noiva, depois vai pra recepção. Onde você pode me embebedar, se quiser.

– Quero! Gostei da cerimônia. Eles pareciam felizes de verdade, não é?

– Pareciam mesmo. – Sorri ao fitar aqueles olhos de safira, que então olharam por cima do meu ombro e se perturbaram.

– O que foi?

– Nada. Nada, não. – Ele fez uma careta, e eu me virei.

Sophia e Barry Derry conversavam com Mimi e Ryan, e Neil caminhava em direção a eles.

– Ai, ai – murmurei enquanto caminhávamos.

– Então eu falei: "Sem chance, Barry… aqui não! Alguém pode ver a gente!" – berrou Sophia, agarrando o cara, que não fazia a menor ideia de onde tinha se metido.

Olhei para Mimi, que se esforçava para manter a elegância; Ryan simplesmente franziu a sobrancelha.

– E aí, gente, que cerimônia linda, hein? – perguntei, puxando Simon para perto no exato momento em que Neil se unia ao grupo.

Mimi sacou a deixa e respondeu alto:

– Foi mesmo! Sophia, você viu aquelas rosas no altar? A gente podia tirar umas fotos antes que eles…

– Oi, Sophia – disse Neil atrás de Sophia, e os olhos dela arderam em chamas.

Olhei para Simon, Simon olhou para Ryan, Ryan olhou para Neil. Neil olhou para a nuca de Sophia, enquanto Barry Derry olhava para as próprias unhas. Finalmente, Simon se aproximou de

Neil e deu um tapa nas costas dele daquele jeito que os homens fazem.

– E aí, cara, já falou com o Benjamin? Acho que ele ainda está cumprimentando os convidados. Vou te levar lá. – Simon assentiu para Ryan, que passou para o lado deles, o que deixou Mimi, Sophia e eu num lado do círculo e os homens no outro.

Derry permaneceu no meio, alheio a tudo. Mas continuava bem gostoso.

– Sophia, por favor, amor, vai me ignorar a noite toda? – Neil perguntou, e a espinha de Sophia endureceu.

– Amor? Você me chamou de amor? – ela esbravejou, girando sobre os saltos. Saltos modelo Por-Favor-Me-Coma, devo acrescentar; a mulher estava espetacular. O cabelo ondulava em mechas perfeitas; a maquiagem estava impecável; o corpo – com os quilinhos a mais por conta do término da relação –, acomodado em um vestido justo e preto. E os peitos? Puta que pariu. Até eu fiquei instigada.

Mas Neil? Ele estava perplexo. Chocado. Sem chão. O ex-atleta olhou para a violoncelista com olhos do tamanho de pires. Pires famintos – esse cara ainda estava estupidamente apaixonado. Já Sophia estava basicamente furiosa. E eu não posso culpá-la. Ninguém pode te machucar tanto quanto aquele que diz que te ama.

– Você não tem o direito de me chamar de amor – ela retrucou, as mãos apoiadas na cintura e o peito estufado; Sophia sabia tirar proveito do que tinha. Agarrando Barry pela gravata, ela o conduziu em direção ao estacionamento.

O nosso círculo se fechou; eu segurei a mão de Simon, e o braço de Mimi envolveu a cintura de Ryan.

– Ela não vai falar comigo, né? – Neil perguntou, com uma expressão de tristeza. Revirei os olhos.

– Duvido muito. – O ônibus estacionou, e eu puxei Simon.

– Vamos, temos que ir. Encontramos vocês na recepção. – Acenei para Mimi e, olhando para trás, lancei mais um olhar fulminante para Neil enquanto nos retirávamos.

– Pega leve, tá? – Simon pediu conforme atravessávamos o estacionamento.

– Você só pode estar brincando.

– Não. Não estou. Ela é sua amiga, ok, eu entendo, mas ele é meu amigo – ele afirmou, o olhar terno e ao mesmo tempo repreendedor.

Vi Sophia caminhando com Barry Gostosão e rindo escandalosamente.

– Vamos curtir a noite? – sussurrei para Simon ao entrar no ônibus.

Nós nos acomodamos nos assentos junto aos demais padrinhos, madrinhas e familiares, celebrando com o casal radiante. Conforme percorríamos as ruas de San Francisco a caminho da baía, observando Jillian e Benjamin se beijando de um em um minuto, me senti extremamente feliz por ter o meu Simon ao meu lado. E muito triste por Sophia não ter o seu Neil.

Mas era um dia feliz e, depois de algumas taças de champanhe, eu estava pronta para uma noite incrível na cidade.

E com uma recepção no Hotel Fairmont? A diversão estava garantida.

Se a cerimônia foi simples, não se podia dizer o mesmo da recepção. Elegante era a palavra que melhor descrevia o Salão Veneziano do Fairmont e a recepção de modo geral.

Se nem todas as velas de San Francisco estavam naquela capela, então todas as outras estavam dentro deste salão. Sem contar os candelabros dourados, as contas de cristal penduradas em cada uma das arandelas, os espelhos refletindo cada centelha dançante, proporcionando um efeito que não era deste mundo.

Era do mundo do Dinheiro. Pertencente à galáxia dos Sem-Noção, de tão pomposo. Mas com o toque de Jillian e Benjamin.

Os vasos de flores eram mais altos do que eu? Sim, mas também havia fotos da formatura dos dois espalhadas pelo salão. Havia uma orquestra completa? É… mas que tocava versões instrumentais de Def Leppard, Journey e U2. Ah! E de uma banda chamada Rush, que aparentemente deixava os caras retardados.

Quando chegamos com os noivos a tiracolo, fizemos a nossa entrada triunfal sob os aplausos da multidão. Depois que sentamos à mesa, notei que Jillian dispusera os lugares de modo que, embora fosse padrinho, Simon ficaria ao meu lado. Ao olhar ao redor daquela decoração cheia de pompa e circunstância, percebi que Jillian tinha deixado Sophia e Neil em mesas separadas (um ajuste de última hora), porém vizinhas. Ao lado de Neil, um lugar vazio.

– Não estou entendendo… Você não disse que ele ia trazer alguém? – sussurrei para Simon.

– Ia, mas mudou de ideia. Ele queria conversar com ela e achou que seria melhor se estivesse sozinho – Simon explicou, com uma cara de "eu avisei".

– Hum.

Enquanto eu assistia de camarote ao desenrolar da história, a comunicação entre Sophia e Neil se tornou bastante evidente.

Primeiro, Sophia notou, pelo cartão com o seu nome, que, embora ela e Neil estivessem tecnicamente em mesas diferentes, se sentaria exatamente de costas para ele. Ao dar a volta na mesa redonda e puxar a própria cadeira (mandou bem, Barry Derry; só que não), ela fez questão de acidentalmente batê-la na de Neil.

E então, quando Neil se levantou para cumprimentar alguém e, por acidente (ou de propósito), bateu a cadeira na dela, vi Sophia pegar o garfo de salada e começar a se virar, até que Mimi a desarmou.

Quando as entradas foram servidas, os dois se esbarraram tanto que parecia haver formiga na cueca de um e na calcinha da outra. Se bem que o vestido de Sophia era tão colado ao corpo que eu tinha certeza de que ela não estava usando calcinha alguma.

– Você está vendo isso? – eu perguntei a Simon, gesticulando com a cabeça em direção aos duelistas de cadeiras.

– Tem como não ver?

Nesse exato instante, Neil se virou e cutucou o ombro de Sophia. A reação dela foi empurrar a cadeira para trás o máximo que conseguiu, se levantar e convenientemente pisar no pé dele com o salto agulha enquanto arrastava uma relutante Mimi até o banheiro feminino, deixando Neil praguejando contra o guardanapo. Ao chegar ao canto do salão, Sophia se virou, olhou para mim e me chamou com o dedo.

Merda. Reunião no banheiro.

– Já volto. Não deixa cortarem o bolo sem mim.

– Ah, claro, eu vou explicar pros noivos e seus gentis convidados que eles precisam esperar pra cortar o bolo por motivo de fofoca no galinheiro – Simon provocou.

Dei um beijo na testa dele e segui até o banheiro.

Quando me aproximei, percebi no rosto das mulheres que estavam saindo do toalete uma expressão de choque absoluto, de horror mesmo. Apressei o passo.

Assim que entrei, entendi tudo. A sequência extremamente criativa de palavrões que vazava da boca de Sophia fez os meus pelos se arrepiarem. Mimi estava sentada no sofá, sem saber o que fazer.

Entrei bem no final de uma frase que dizia:

– … aquele morfético-craquelento-filho-de-uma-puta-desgraçado-cuzão que se foda!

– De quem estamos falando? – perguntei espirituosamente.

Mimi conteve um sorriso.

– Qual seria a pena se eu roubasse a faca do bolo e cortasse o pinto dele fora? – Sophia indagou, e outras duas mulheres se apressaram para sair do banheiro.

– Pesada. Podemos conversar sobre isso sem mencionar castração?

– Duvido. Neste exato momento, quero o pinto dele dentro de um pão de cachorro-quente.

Ra-paz…

– Posso ser a voz da razão aqui? Você precisa se acalmar, mocinha – intervi, erguendo o dedo quando ela começou a me interromper –, porque ama a Jillian. E ela certamente não quer que seu casamento fique conhecido como o casamento-do-cachorro-quente-de-pinto, ok?

– Daria uma bela manchete.

Suspirei.

– Nada de duelo de cadeiras nem de tentativa de homicídio de pênis com garfo, tudo bem? Volta pra lá e se comporta como uma convidada civilizada.

– Te odeio! – Sophia retrucou, alisando o vestido e verificando no espelho o gloss labial.

– Não, não odeia, não – rebati, depois me virei para Mimi:

– Quanto a você, achei que fosse ficar de olho nela – murmurei enquanto Sophia ajustava os peitos no vestido.

– Eu estava, mas aí o Ryan enfiou a mão na minha perna por baixo da mesa e…

– Nos poupe… Anda, senão vamos perder a valsa – disse, me olhando no espelho. Caraca, eu fico bem mesmo de Cheetos! – Senhoritas, peitões a postos: vamos voltar pra festa. Chega de drama – instruí, e nós três retornamos ao salão.

E nos demos conta de que a cadeira ao lado de Neil não estava mais desocupada.

Uma loira gostosona a ocupava agora, e, entre risos e gritinhos dela, Neil fez questão de chamar a atenção de Sophia. E de dar uma piscadinha.

Mensagem dada: este jogo pode ser jogado por dois. Merda.

*

O restante do casamento passou num turbilhão de imagens. Jillian e Benjamin dançando sob os olhares de todos. Um bolo de cinco andares sendo cortado e enfiado sem a menor cerimônia na cara linda do noivo. Simon brindando Benjamin com champanhe e risadas – não sem limpar a garganta (leia-se engolir o choro) algumas vezes.

Neil desfilando com a Loira Gostosona na frente de Sophia e de Barry Gostosão. Sophia cutucando Barry Gostosão quando ele cometeu a cachorrada de olhar para a Loira Gostosona. A cara de pôquer de Neil ao observar Sophia e Barry Gostosão dançando bem, bem colados. Um Benjamin completamente confuso quando Barry Gostosão tentou lhe vender um seguro de vida adicional.

A minha dança com Simon, requebrando sob o globo espelhado – que, embora sempre pareça uma péssima ideia, banhava o ambiente com a luz mais incrível de todas. Simon me conduziu com firmeza, uma mão na minha lombar e a outra segurando a minha mão. Casamentos são românticos por natureza, e eu não era a única com um brilho no olhar nesta noite. As safiras estavam estonteantes.

– No que você está pensando? – perguntei a ele com uma voz sonhadora. Simon também parecia sonhar. O que estava passando pela cabeça dele? Euzinha com este vestido? Ou euzinha sem este vestido?

– Varas de pescar.

– O quê?! – Definitivamente, não era a resposta que eu esperava.

– Varas de pescar. Você perguntou. – Ele riu e me rodopiou.

– Sei. O que têm as varas de pescar? – questionei, torcendo o nariz.

– Onde eu cresci, tinha um parque a menos de dez minutos da minha casa. Rios, pedras, um vertedouro antigo e trilhas por todos os lugares. – A expressão de Simon se tornou serena. Ele quase nunca falava sobre o seu passado, e eu me perguntei o que o fez pensar nisso hoje. – Enfim, a última vez que eu, meu pai e Benjamin estivemos juntos foi numa tarde de domingo, pescando, o Benjamin sentou na vara favorita do meu pai e quase quebrou a coisa! – Ele riu e segurou a minha mão com um pouquinho mais de força. – É engraçado como a gente lembra de algumas coisas. Alguém tinha posto fogo numas folhas, então tudo cheirava a fumaça… Sabe aquele cheiro de fumaça que a gente só sente no outono? Eu lembro disso e do quanto a água estava fria. Ninguém pegou nada naquele dia, nem isca – Simon concluiu, o olhar distante.

Deixei a minha mão se enroscar nos seus cabelos e então a deslizei para acariciar a sua testa com a pontinha dos dedos.

– Parece que foi um dia legal.

– Foi um dia legal. – Ele sorriu para mim e me puxou para mais perto. A banda começou a tocar Duke Ellington, e o Trepador de Paredes me rodopiou pelo salão.

Este também foi um dia muito legal.

Ainda mais legal porque não acabou em cachorro-quente de pinto.

CAPÍTULO OITO

– Ok, tem mais lençol e toalha no armário do corredor, tem cobertor extra no baú, hum… O que mais? Ah, a janela do lado da cama emperra um pouco quando chove, mas nada de mais. Deixei anotações nos controles remotos sobre como usar tudo… Eu levei uma eternidade só pra aprender a ligar as coisas e… Vejamos. Ah! Vamos voltar pra cozinha… Tem um truque pra aumentar o fogo de uma das bocas do fogão…

Era tarde de domingo, e eu seguia Jillian para cima e para baixo pela casa de Sausalito, enquanto Simon fazia o mesmo com Benjamin na garagem. Cuidar da casa alheia enquanto os donos viajam não é mais como antigamente: já não se trata simplesmente de guardar a correspondência e dar uma festa de arromba.

Enquanto fazíamos o tour, tomando nota de tudo o que precisaríamos saber durante a nossa estada, pensei no quanto aquilo era perfeito. Localizada nas colinas, logo acima da rua principal da cidade, a casa de dois andares tinha um formato quase triangular, de modo que praticamente todos os cômodos possuíam vista para a baía e, mais ao longe, para a cidade de San Francisco. Acoplada ao living externo, equipado com bancos e fogos de chão, ficava a banheira de hidromassagem embutida. Perfeitamente isolada, perfeitamente privada e com uma vista maravilhosa.

Foi perto da hidro que encontramos Simon e Benjamin, debruçados sobre o painel de controle. Simon se divertia mexendo no interruptor das luzes interiores, trocando do rosa para o verde, depois para o roxo.

– Caroline! Olha isso! Praticamente uma balada! – ele exclamou entusiasmado.

– Bem, acho que é isso – Jillian concluiu.

– As chaves do carro estão no pote na entrada, os códigos do alarme você já anotou, e você sabe mexer no elevador. O que eu estou esquecendo? – Jillian pegou o caderno e verificou freneticamente as suas anotações.

– Relaxa, a gente se vira. Curtam a viagem – falei.

– E a senhora está proibida de ligar por pelo menos uma semana. Faça muito sexo com seu marido.

– Sim, faça muito sexo com seu marido – repetiu Benjamin, fechando o caderno da esposa e a abraçando por trás.

– Obrigado, Caroline e Simon. De verdade.

– Tem certeza de que não vai atrapalhar vocês? Não precisam passar todas as noites aqui… algumas noites por semana são suficientes… – pediu Jillian.

– Meu Deus, cala essa matraca. Vai ser muito difícil mesmo ficar aqui… que sacrifício! – provoquei, gesticulando para a casa.

– Ok, vamos liberar os dois. Simon, obrigado por tudo. E não se esqueça de dar uma olhada naquela trilha de bike… Deixei os mapas e tudo o mais. – Enquanto Jillian abria o caderno mais uma vez, Benjamin acrescentou: – Eu daria uma volta por lá se fosse você.

– Sai da frente, grandalhão, preciso dar um abraço nela – disse Jillian, me engolindo nos seus

braços.

– Obrigada. Você não tem ideia do quanto eu preciso disso – sussurrou. Quando me soltou, notei que ela tinha lágrimas nos olhos.

– E lembre-se: estou a apenas uma ligação de distância.

Abracei os dois, e Simon me conduziu até o Range Rover para a nossa viagem através da ponte. Nós dois permanecemos em silêncio conforme entrávamos na cidade, serpenteando as ruas a caminho de casa. Ele estacionou, deu a volta até a porta do passageiro e a abriu para mim. Ao tomar a minha mão, admitiu: – Sabe, pode ser que não seja tão chato assim, no fim das contas. Talvez seja divertido ter uma casa.

Mais tarde, naquela mesma noite, Clive e eu estávamos brincando de Massacre do Rabo de Cavalo – uma brincadeira que tínhamos inventado uns anos antes, quando eu cometera o erro de me deitar perto de Clive enquanto ele estava dormindo e balançar o meu rabo de cavalo. Na época, Clive acordou completamente aloprado com o chumaço de cabelo. Aparentemente, o objetivo da brincadeira é mastigar, bater e se pendurar no meu cabelo. Tenho que lavar o cabelo depois da brincadeira? Tenho, mas o brilho naqueles olhinhos quando Clive começa a se esfregar no chão porque sabe que é hora de brincar compensa o trabalho. Estávamos debaixo da mesa de café quando Simon entrou.

– Massacre do Rabo de Cavalo? – ele perguntou quando minha cabeça despontou para fora da mesa.

– Sim – respondi, me retraindo porque Clive tinha se aproveitado do momento de distração para agarrar o meu cabelo com força e puxá-lo.

– E quem está ganhando?

– Quem você acha? Ai!

Eu me virei sob a mesa para ir atrás de Clive, mas caí na gargalhada quando ele deitou de barriga para cima, se contorcendo e ronronando tão alto que as janelas sacolejaram.

– Trégua? – Cocei a barriga dele e baguncei o seu pelo.

Os olhos semicerrados e o sorriso invertido de gato responderam à minha pergunta. Eu me arrastei para sair de debaixo da mesa de café e alisei a roupa para me juntar a Simon na cozinha.

Depois da nossa viagem através da baía, eu tinha trabalhado por algumas horas, e Simon, dormido para espantar o jet lag. Enquanto eu fazia um intervalo e brincava com Clive, Simon saiu para comprar a janta. Agora, o cheiro de comida vietnamita invadia as minhas narinas, e eu corri até a cozinha. Uma tigela de pho com pimenta numa noite fria é a melhor coisa do mundo. Peguei as tigelas, enquanto Simon desembrulhava as embalagens. Separei os hashis, ele serviu o vinho. Nos sentamos à mesa, e, entre um gole e outro, Simon verificou a correspondência – que se acumulava toda vez que ele viajava e, por isso, era um verdadeiro pé no saco quando retornava. Simon e eu conversamos sobre o dia, falamos um pouco sobre como seria morar parcialmente em Sausalito, e então percebi que ele parou de comer.

– O que foi? – perguntei.

Ele observava fixamente uma das cartas abertas.

– Oi? Ah, é uma carta da Associação de Alunos.

– Stanford?

– Não, do meu colégio. Um convite pro reencontro de dez anos de formatura. Permaneci quieta, observando-o enquanto ele lia o resto da carta. Quando Simon pegou os hashis de novo e voltou a comer, perguntei: – E aí? Você vai?

– Não sei. Nunca achei que ia querer ir… Mas agora que o convite está aqui… Talvez?

Simon mudou de assunto, porém notei que ele voltou a olhar para a carta mais de uma vez. E, enquanto eu lavava a louça depois do jantar, começou a lê-la de novo.

– Você devia ir – sugeri algumas horas depois. Estávamos na cama, assistindo ao noticiário, com Clive entre nós. Simon imediatamente soube do que eu estava falando.

– Não sei se consigo. É entre o Dia de Ação de Graças e o Natal… Provavelmente vou estar viajando. Devo ter perdido algum comunicado anterior – disse, os olhos grudados na TV. Ele estava tenso.

– Você teria visto se tivesse Facebook. Aposto que seus colegas te procuraram por lá.

– Duvido que a maioria deles lembre de mim.

Eu me segurei para não comentar. Embora não o tenha conhecido naquela época, sei bem que todo colégio tem um Simon Parker. Somando-se a isso o fato de que os seus pais faleceram de modo tão inesperado, com certeza todos se lembravam dele.

Com um suspiro, Simon se virou para mim, os braços esticados sobre os travesseiros. Eu também me ajeitei na cama e enrosquei os dedos nos dele. Simon flexionou o braço e apoiou a cabeça. No reflexo da televisão, ele parecia jovem. E um pouco triste.

– Nunca planejei voltar. Quer dizer, nunca tive um motivo de verdade pra voltar.

Apertei a mão dele.

– Não sei… Será que devo ir? Talvez seja legal rever o pessoal, né?

Eu sorri e não disse nada.

– Vou olhar minha agenda amanhã. Talvez eu consiga uma brecha.

– Quer que eu veja a minha?

– Acha que consegue ir? Quer dizer, sei o quanto você está atolada.

– Acho que consigo um fim de semana. Além disso, nunca fui pra Filadélfia! A gente vai comer cheesesteak?

Ele soltou um gemido.

– Meu Deus! Sabe quanto tempo faz que eu não como um cheesesteak? Ok, me convenceu.

Escorreguei pela cama e montei em Simon, colocando as suas mãos nos meus quadris. Inclinei o corpo à frente, escovei seu cabelo para trás com os dedos e beijei a sua boca.

– Qual é o seu restaurante favorito de cheesesteak?

Simon me envolveu com os braços e me deitou sobre ele. Pelos vinte e sete minutos seguintes, permaneci deitada em cima de Simon, que me contou sobre um restaurante pequeno e familiar. E da importância da pimenta doce e da picante. Em meio ao papo, ele me contou – depois de quase um ano de namoro – sobre a sua família, sobre o lugar onde crescera. Foi então que me dei conta de que

eu nunca tinha visto uma foto dos pais dele, de que não fazia a menor ideia de como eram. Eu perguntaria isso a Simon outro dia. Não hoje, mas em breve. Hoje, eu só queria falar de cheesesteak e tudo o que isso envolvia – e não estou falando apenas de pimentas doces e picantes.

***

– Caroline, alguém do Centro de Design ligou. Eles querem saber se a Jillian ministraria o curso dela no mês que vem. Você assume?

– Caroline, a senhora Crabtree, aquela cliente da Jillian, ligou de novo. Quer saber o tom exato que a Jillian usou na sala de estar dela há dez anos e se fornecemos algum tipo de garantia, porque a tinta está amarelando. Ela também mencionou que fuma dois maços de cigarro por dia e que nunca abre a janela… Você cuida disso?

– Caroline, tem um cara da empresa de climatização no saguão, disse que o pagamento da manutenção está atrasado. A Jillian comentou algo sobre isso com você?

– Caroline, acho que deletei sem querer as últimas faturas dos Peterson, mas sei que a Jillian sempre guarda cópias… Você faz ideia de onde ela guarda?

– Caroline, você pode…

– Caroline, eu preciso…

– Caroline, coloquei cola demais na maçaneta…

Observei a vista da janela da minha nova sala, me dando conta de que com a sala maior vinham não apenas responsabilidades maiores, mas também dores de cabeça maiores. E a que eu sentia nesse momento era do capeta. Fazia uma semana que eu oficialmente administrava o escritório – e já estava prestes a me atirar na cova dos leões. Como diabos Jillian dava conta de tudo? Ela tinha os próprios clientes, ela precisava cuidar da equipe, ela era a pessoa que respondia por tudo, que apagava os incêndios – e fazia isso com a sua calma característica.

Eu estava exausta, surtada e fodida.

Eu poderia ter ligado para Jillian, claro. Mas ela estava em lua de mel. Eu não queria interromper os dois no meio do… bem, eu não queria atrapalhá-los. Além disso, não queria admitir que havia muitas coisas na administração da empresa das quais eu não tinha conhecimento. Estava determinada a cuidar de tudo sozinha, a dar a cara a tapa; assim, quando Jillian chegasse, eu juraria de pés juntos que tudo tinha corrido muito bem.

Depois do escritório, cuidar da casa de Jillian era café-pequeno.

Naquela semana, passamos duas noites na casa de Sausalito e duas nos nossos apartamentos. Eu trabalhando sem parar, e Simon aproveitando a folga antes da próxima viagem. Ele tinha passado os dias seguintes às nossas noites em Sausalito fazendo trilhas pela cidade, pedalando e, na véspera do fim de semana, já estava me perguntando quando voltaríamos para lá.

Trabalhei até tarde na sexta-feira, enquanto Simon saiu com os amigos. No sábado de manhã, fizemos as malas e fomos. Euan e Antonio, nossos vizinhos, concordaram em cuidar de Clive; não nos pareceu justo tirá-lo de casa por alguns poucos dias. Se decidíssemos realmente ficar em Sausalito, eu pensaria em levá-lo. Por enquanto, eu só queria desfrutar das vantagens de ser Jillian, ou seja, andar de Mercedes conversível pelas ruas sinuosas e subir as colinas com Simon no banco do passageiro.

– Tenho certeza de que a Jillian pretendia que eu dirigisse o carro dela – Simon insistiu, fazendo caretas conforme eu acelerava numa curva.

– Nada disso, ela queria que eu me divertisse. Pode esquecer! – brinquei, metendo o pé no acelerador.

Resolvemos algumas coisinhas, fomos ao supermercado e voltamos para casa para acender a churrasqueira antes que Mimi e Ryan chegassem. Tínhamos decidido comemorar o nosso primeiro fim de semana com um jantar modesto e, como eu e Simon não conseguimos chegar a um consenso sobre convidar Sophia ou Neil, ou os dois, optamos unicamente pelo casal que não passaria o jantar num duelo de cadeiras.

No terraço, Mimi e eu ruminávamos umas cenouras enquanto os meninos comandavam a grelha. Uma névoa se aproximava da baía, encobrindo toda a cidade com nuvens cinzentas. Bateu um friozinho, e eu sentei mais perto de uma das luminárias de cerâmica.

– Nossos meninos são lindos, não são? – Mimi sussurrou, mastigando uma cenoura.

Olhei para os dois e também suspirei.

– São mesmo.

– Por falar em menino lindo, Sophia encontrou o Barry Derry depois do casamento?

– Não, o cara sacou tudo. Melhor assim… Aquele cara era um tédio – retrucou Mimi, recostando na cadeira e tombando a cabeça como se tivesse caído no sono.

– Estamos te deixando entediada, querida? – perguntou Ryan, passando manteiga no pão.

– Não, só estamos pensando no Barry Derry e nos seguros dele.

Simon olhou para mim e balbuciou:

– Barry Derry?

– O cara que a Sophia levou no casamento – expliquei, tirando Mimi da cadeira e arrastando-a para dentro da casa. Os meninos nos seguiram com a carne.

– Ah, aquele cara? Ele tentou me vender um seguro de viagem. Ficou me falando sobre várias estatísticas de viagem de avião e que eu definitivamente precisava de um seguro – contou Simon, dando risada e ajeitando os hambúrgueres grelhados. Servi mais vinho para todos, e cada um pegou um banco e um pão.

– Ela nunca quis conversar com o Neil? – Ryan perguntou. Mimi e eu olhamos uma para a outra. Dar risada de Barry Derry era uma coisa, falar sobre Neil e Sophia era outra completamente diferente. Uma conversa que, aparentemente, jamais terminava bem.

– Não, acho que não – respondi, passando os picles.

– Caramba, que frieza! – disse Ryan, colocando um hambúrguer em cada prato.

– E, não me levem a mal, mas meio ridículo também.

– Claro que eu levo a mal. Com quem está o ketchup? – perguntei.

– Por que ela deveria conversar com ele? Ela não fez nada de errado.

Simon me passou o ketchup e me olhou de soslaio.

– Concordo com a Caroline – disse Mimi.

– É o Neil que tem que correr atrás nessa história, não ela. Por que ela deveria dar o braço a torcer? Quem quer cebola?

– Eu quero. Acho que vocês duas estão sendo tão ridículas quanto a amiga de vocês. Como ele vai correr atrás se ela nem retorna as ligações dele? – Simon questionou, derrubando cebola no chão.

– Merda. Amor, me passa o guardanapo, por favor?

– Toma. E, antes que me peça, aqui estão a mostarda, a alface e o tomate. – Coloquei os pratos na mesa com um pouco mais de violência do que o necessário.

– E, para o seu conhecimento, foi o seu amigo que traiu, não a nossa amiga. Por conseguinte, ela não tem que retornar nada.

– Por conseguinte? Quando foi que você virou advogada? E obrigado, é tudo o que eu sempre quis no meu hambúrguer – disse Simon, montando o hambúrguer com gestos afetados.

– Ela devia pelo menos ouvir o que ele tem pra dizer… É pedir muito?

– Você pelo menos sabe por que ela está tão magoada? Por que não consegue superar a traição? – Mimi indagou, apertando o frasco de ketchup com tanta força que o molho se esparramou pelo prato todo.

– Ok, podemos parar de falar em traição? Ele não traiu, ele deu um beijo numa ex-namorada, só isso – Ryan interveio, dando uma mordida no seu hambúrguer. – Ifo não é traifão.

– Claro que é traição! – Mimi e eu gritamos em uníssono.

– Já chega! Silêncio por um minuto. Todo mundo mordendo o sanduíche! – ordenou Simon, com uma expressão bem séria e um sanduíche de quase vinte centímetros de altura.

Todos mordemos nossos sanduíches. Depois mastigamos. Como não poderia deixar de ser, Simon foi o que demorou mais.

– Agora podemos conversar como adultos? – ele sugeriu.

– Tem mostarda na sua boca, Simon – eu disse, contendo uma risada. Ele enrubesceu, depois lambeu os lábios.

– Posso conversar como adulta se vocês dois admitirem que o que ele fez foi errado – acrescentei, apontando uma fatia de picles para os rapazes.

– Se Simon me permite, posso dizer que nem ele nem eu nunca dissemos que o que o Neil fez não foi errado. Só não achamos que ele precisa ser apedrejado, crucificado e defenestrado da cidade. – Ryan apontou.

– Ele beijou uma pessoa… Vocês prefeririam que ele tivesse transado com ela?

– Mas é esse o ponto: ele não beijou uma pessoa simplesmente, ele beijou uma ex-namorada. A ex-namorada, pelo que você me contou – Mimi comentou.

– O que você quer dizer com a ex-namorada? Você não me contou que era a ex-namorada! – exclamei, me virando para Simon.

– Contei, sim.

– Não contou, não.

– Contei!

– Adultos. A-hã. – Ryan deu mais uma mordida no sanduíche.

– Você disse que era uma ex-namorada. Não disse que era a ex-namorada – retruquei.

– Qual é a diferença? – Simon questionou, e Mimi se prontificou a responder: – Uma ex-namorada significa, tipo, qualquer ex-namorada. Nenhuma em especial. A ex-namorada significa muuuuito mais.

Percebi que Simon continuava sem entender.

– Você está falando com uma pessoa que não tem nenhuma ex-namorada, muito menos a ex-namorada – falei para Mimi, gesticulando como quem diz "deixa essa comigo". – Simon, uma ex-namorada é uma pessoa que você fica feliz de ver vez ou outra, para quem você deseja o melhor, nada além disso. Com a ex-namorada, é diferente: existe um laço com essa pessoa, uma história partilhada. Pode ser até que tenha sido ela quem terminou o relacionamento. Se fosse uma ex-namorada, nós não teríamos ficado tão putas. Mas foi a ex-namorada.

– Espera aí. Você está dizendo que se eu beijasse uma ex-namorada você não ficaria chateada? – Simon perguntou, a boca suja de mostarda de novo.

Fechei os olhos.

– Não, não! É óbvio que um homem não entenderia isso… Escuta, qualquer mulher ficaria chateada se o namorado beijasse uma ex, mas uma ex não significa tanto quanto a ex. Uma ex, a ex… tem uma diferença enorme!

– Então, vocês estão chateadas porque ele beijou uma garota com quem tinha um vínculo, ou com quem vocês acham que ele tinha um vínculo? – Simon inquiriu. Ainda com a boca suja de mostarda. Desta vez, eu não iria avisar. A boca era dele, ele que se virasse.

– Ryan, você me contou que foi com essa mulher que ele quase casou, certo? – perguntou Mimi.

– Sim.

– Pronto. Caso encerrado! – ela exclamou, esfregando as mãos para limpar os farelos.

– Deus do céu! Não vamos chegar a lugar nenhum desse jeito. Ok. Então, me digam o seguinte. O que seria pior? Beijar essa ex em particular ou transar com uma mulher qualquer por aí, que ele não veria nunca mais? – Ryan indagou.

– Depende – respondi.

– A desconhecida. Não, a ex… Não, a desconhecida! Não, depende – disse Mimi, balançando a cabeça.

– Desisto – comentou Simon.

– Tem sal de fruta aí? – Ryan perguntou a Mimi.

– Vou pegar mais vinho – eu disse.

– Sua boca está suja de mostarda, Simon – Mimi avisou.

Os dois foram embora. Simon e eu lavamos a louça em silêncio. Ele voltou para o terraço. Eu fiquei dentro de casa.

Mimi me escreveu:

M: Acha q a Sophia devia falar com o Neil?

C: Sim, provavelmente.

M: Vai falar com ela?

C: Acho q devo.

M: Vamos juntas?

C: No jantar, amanhã?

M: Combinado. Agradece ao Simon pelo jantar. Foi mt legal.

C: Vou falar p ele. Agradece ao Ryan por ter vindo.

M: Eles ñ entenderam nada, né?

C: Ñ. Homens.

M: Eles são legais.

C: Vdd. Vou lá dar um beijo no meu. Até amanhã.

M: Bjs

Fui até o terraço com uma caneca de café para mim, outra para ele.

– Tem alguém sentado aqui?

Simon fez que não com a cabeça e levantou um pedaço do cobertor sob o qual estava aninhado. Eu me sentei e entreguei a caneca a ele, que bebericou o café e fez cara de surpresa.

– Achei que a gente precisava de um café irlandês hoje – falei.

– Boa!

Ficamos em silêncio por um momento.

– Não podemos continuar discutindo isso. Não é um problema nosso.

– Sei que não é. Só que é difícil ficar assistindo de fora. – Suspirei e observei a baía. A noite estava tranquila; a névoa abrandava os demais ruídos.

– Eu entendo, mas você tem que deixar os dois resolverem.

– Eu sei.

– E eles não podem resolver se não conversarem.

– Eu sei.

Nós dois voltamos a ficar em silêncio debaixo do cobertor.

– Você falou uma coisa hoje que eu não gostei. Surpresa, eu me virei para ele.

– Falei?

– O fato de não ter as tais ex-namoradas de que vocês tanto ficaram falando não significa que eu não tenha criado vínculos com as pessoas com quem fiquei. Não tenho ex-namoradas porque não me relacionei com elas do jeito tradicional… mas isso não quer dizer que eu não entenda a diferença.

Concordei com a cabeça.

– Você está certo.

– Você não pode simplesmente negar o meu passado só porque ele não é igual ao seu.

– Você tem toda a razão. – Eu me virei para encará-lo.

– Tudo bem?

– Tudo bem – afirmei. Simon estava diferente em relação a mim, de um jeito que eu nunca tinha visto.

– Está tudo bem com a gente?

– Claro que está. Não é assim que as pessoas resolvem os conflitos? Você me falou uma coisa que eu não gostei, então eu te disse que não gostei.

– Caramba, doutor Phil, estou impressionada! – Tilintei a minha caneca na dele.

– E aí, o que a gente faz agora? Você sabe, como um casal que acabou de resolver um conflito…

– Sexo oral. Estou bastante certo disso – ele disse, a expressão séria.

– Hummm… Me parece justo. – Percorri a perna dele com os dedos e o agarrei com precisão. – E você quer aqui ou…

– Deus do céu, não. Está um frio desgraçado. Vamos entrar pra desconflitizar! – Ele se levantou de repente e me arrastou para dentro.

– Essa palavra definitivamente não existe.

– Mas sexo oral existe! – Ele trancou a porta do terraço e sorriu para mim, um sorriso que conheço bem.

– Estou quase certa de que são duas palavras…

– Ei, foi justamente o fato de ser linguaruda que te colocou nessa situação – Simon retrucou, apontando em direção ao quarto.

– Pra lá, já.

Eu desconflitizei Simon duas vezes naquela noite.

CAPÍTULO NOVE

T*recho do e-mail enviado por Jillian para Caroline: Parece que está tudo correndo muito bem no escritório; todos estão comentando que você tem feito um ótimo trabalho. Até recebi um e-mail do Max Camden dizendo que o cronograma está adiantado graças ao pessoal que você recomendou que ele contratasse em vez da equipe com que estava acostumado. Estou gostando de ver, garota! Ei, e a Monica? Como ela está indo? Não sobrecarregue a pobre coitada. Sei que você não o faria, mas o meu lado chefe me obriga a dizer isso. Aposto que ela é uma dádiva divina! Eu diria para você também pegar leve, não trabalhar tanto. Mas eu te conheço, né?*

Por aqui, está tudo sensacional. Estou APAIXONADA pela França. Sério, eu moraria aqui. Só a comida bastaria para jogar meu passaporte fora e ficar. Cara, na Bretanha, a gente pesca as próprias ostras e come na praia, acredita? Loucura, né?

Agora estamos partindo para a Itália. A primeira parada vai ser no Lago di Como; vamos ficar na vila de um dos parceiros do Benjamin. Não, não é o Clooney, mas pode deixar que mando um oi se o encontrar por lá;).

Ah, estava para te dizer: não se esqueça de marcar uma reunião com o contador esta semana; ele disse que vai te ligar para acertar alguma coisa. Preciso que você me mande alguns arquivos.

*

Mensagem de Sophia para Caroline:

S: Conversei com ele. Foi aquilo de sempre.

C: Aquilo? Tipo, vocês fizeram aquilo?

S: Naum! A gnt conversou e aí ele tentou aquilo de sempre…

C: Ele tentou AQUILO com você?

S: Que droga, Caroline, ñ! Ele tentou conversar, vcs me convenceram a conversar com ele, então ele falou. Eu ouvi.

C: Vc gritou?

S: Um pouco.

C: Ele contou o q aconteceu?

S: Sim, ele beijou ela.

C: E o que mais?

S: Precisa de mais?

C: Ñ, só tô perguntando.

S: Então para de perguntar.

C: E como terminou?

S: Com gritos. Mas ele tb gritou. C: Então acabou mesmo?

S: O que vc esperava? Que a gente conversasse e eu magicamente esquecesse td q aconteceu?

C: Claro que ñ. Então acabou mesmo.

S: Ñ posso desligar o telefone na sua cara pq estamos falando por msg, mas saiba que vou desligar agora.

Mensagem de Caroline para Mimi: C: Eles conversaram.

M: Tô sabendo! E a conversa não foi nada boa… C: Tô sabendo!

M: E agora?

C: Como assim? Acha que ela ia magicamente esquecer o 1q aconteceu?

13: Vc deve ter acabado de conversar com ela. Tá exaltada.

3: Eu sei. Desculpa…

M: Relaxa. Só q eu acho q as coisas ainda ñ acabaram pra esses dois…

C: O quê? Sophia ñ tem a menor dúvida de que acabou. M: Intuição. Vou pensar nisso…

C: Mimi… ñ se mete.

M: Até parece que não me conhece.

Mensagem de Simon para Caroline:

S: Acabei de te mandar uma foto. Recebeu?

C: Hummm… Devo fechar a porta do escritório?

S: Não, não precisa. Mas gostei do que está passando nessa cabecinha. E aí, a foto chegou?

C: Recebi. Queria estar aí com vc. A praia é linda. Como estão as coisas em Bora Bora?

S: Ótimas. Mas estariam melhores se vc estivesse aqui. Ainda ñ acredito que vc recusou uma viagem dessas…

C: Vc acreditaria se visse minha mesa agora. Estou nadando em papel. Literalmente.

S: Estou nadando no mar. Literalmente. Ou estava, há uns minutos.

C: Sinceramente, Simon, às vezes…

S: Desculpa, amor. Eu só queria que vc estivesse aqui.

C: Eu tb. Preciso ir agora. Minha caixa de e-mail está quase explodindo.

Mensagem de Simon para Neil:

S: Então vc falou com ela?

N: Cara…

S: Putz, foi ruim assim?

N: CARA!…

S: Putz…

Mensagem de Mimi para Caroline:

M: Então, tava pensando q a gnt podia marcar uma noite de jogos… Pictionary e coisas do tipo…

C: Eu adoraria, mas estou atolada até o pescoço. Qdo seria?

M: Talvez no sábado antes do Dia de Ação de Graças. Consegue umas horinhas no fim de semana?

C: Sim, consigo umas horinhas. Vcs querem vir pra Sausalito? Vai ser bom ñ precisar voltar pra cidade.

M: Sim, pode ser. Estava pensando q a gnt devia convidar 1a Sophia.

3: Claro que sim.

13: E o Neil.

3: Meu Deus…

13: Confia em mim.

C: Tem uma parede toda de vidro na casa da Jillian, Mimi! A última coisa q eu preciso é alguém atirando tudo q vê pela frente.

M: Confia em mim.

C: Acha q o Barry Derry vende seguro pra festa?

Mensagem de Mimi para Sophia: M: E aí, gata! Topa um joguinho no próximo sábado à noite?

S: Não.

M: Oi?

S: Ñ. Já saquei qual é a sua. Convidaram o Neil, não foi?

M: Sim.

S: Não.

M: Vamos ver.

S: Se ele for, eu ñ vou.

M: Vamos ver.

Mensagem de Ryan para Neil:

R: O q acha de um joguinho? Próximo sábado à noite?

N: Boa! Da última vez acabei com vc no Pictionary.

R: Convidaram a Sophia.

N: Ah, fala sério, cara. Se ela for, eu ñ vou.

R: Amarelão. Ela disse exatamente o mesmo.

N: Ela disse que ñ vai se eu for?

R: Ñ foi isso que vc acabou de dizer?

N: Ah, então eu vou! Pode contar cmg. Posso levar uma pessoa?

R: Você acha que é prudente?

N: Cara, quem usa a palavra prudente? Vou levar uma pessoa.

Mensagem de Mimi para Sophia:

M: E aí…

S: Não.

M: Ah, fala sério! Neil disse que ñ vai…

S: Ótimo. Então eu vou.

M: … se vc for.

S: O q? Que criação. Ele não aguenta lidar com a minha presença?

M: Bom, parece que ele aguenta… ele disse q vai. E vai levar uma pessoa.

S: Bom, então vou levar uma pessoa tb.

M: Achei q vc não ia.

S: CALA A BOCA. Que hras?

Já era quase meia-noite, e eu ainda estava no escritório. Mais uma vez. Sozinha. Para piorar, Simon tinha chegado de Bora Bora de manhã. Numa vida anterior, quando não era responsável por cuidar da empresa de design de outra pessoa, eu teria estendido o horário de almoço, voltado para casa, dado uma rapidinha com Simon e só depois retornado ao trabalho. Mas as coisas mudaram.

Agora eram exatamente onze e cinquenta, e eu estava dando os toques finais na minha primeira folha de pagamento, já que o contador não tinha conseguido trabalhar todas as horas necessárias no computador da sua casa. Que era onde ele estava. Onde a maioria das pessoas estava.

Eu sentia que finalmente estava dando conta do trabalho. Não é que você consegue terminar tudo quando trabalha doze horas por dia, menina? E aos fins de semana. Claro! Quem diria… Com Simon viajando, eu conseguia fazer isso. Eu respirava, comia, dormia e mijava Jillian Designs. Mas estava valendo a pena; era um gostinho do que seria ter a minha própria empresa um dia. Jillian sempre fora uma mentora incrível para mim – ainda era –, e eu queria fazer um trabalho de ponta para ela. Eu poderia ter pedido ajuda a Jillian? Talvez, mas queria que ela curtisse o momento. Então quase morri de tanto trabalhar.

O meu celular tocou no exato momento em que enviei a folha de pagamento. Bocejando, atendi:
– Estou saindo, prometo.

– Você disse isso uma hora atrás.

– Mas agora é sério. Está ouvindo isso? São os meus sapatos caminhando pelo corredor. Ouviu agora? Isso sou eu pegando as chaves para trancar a porta.

– Não gosto da ideia de você ir embora sozinha a esta hora.

– Amor, eu sei me cuidar. Como você acha que eu volto pra casa toda noite?

– Por que você não me deixa te buscar? E se algum estranho gostar do seu salto vermelho?

– Bem, o estranho vai ganhar um monte de salto vermelho na bunda se tentar alguma coisa… Ei, calma aí! Como você sabe que eu estou de sapato vermelho? – perguntei, me virando.

O carro de Simon estava a poucos metros da entrada do prédio.

– O que você está fazendo aqui?

– Você achou mesmo que eu não vinha te buscar? – ele respondeu e em seguida desligou o celular e saiu do carro.

Se o sol da viagem à África o deixara ligeiramente queimado, o de Bora Bora o deixou tostado. O que fez os seus olhos ficarem ainda mais azuis, o rosto ainda mais belo e o cabelo desgrenhado e preto feito azeviche ainda mais atraente. Simon me deu um abraço tão apertado que chegou a me erguer um pouco do chão.

– Você é tão lindo – sussurrei, beijando as bochechas, a testa, o nariz e, por fim, os lábios doces. Que agora sorriam.

– Faz tempo que você está aqui? Passou a noite toda aqui? – perguntei enquanto ele abria a porta do carro, e avistei dois copos de café.

– Não a noite toda. – Simon deu a volta no carro, assumiu o volante e deu a partida.

– Só desde as nove e meia.

– Ai, meu Deus! E você não me avisou? Eu teria descido. Teria parado de trabalhar.

– Eu sabia que você precisava terminar o que estava fazendo… Relaxa. – Simon bocejou.

– Não, senhor, sem essa de "relaxa". – Beijei a bochecha dele de novo.

– Está feliz de voltar pra casa?

– Você não tem ideia… Vou dormir por dias. Depois de fazer uma coisinha – respondeu, erguendo uma sobrancelha pervertida.

– Sem coisinha hoje. Só dormir.

– Estou cansado, mas não tanto assim – ele insistiu, bocejando de novo.

– Vamos ver. Você devia dormir para estar inteiro pra nossa noite de jogos amanhã.

– Bem lembrado. Preciso estar preparado pra acabar com todo mundo no Pictionary. Todo mundo confirmou?

– Sim, vai ser interessante.

– Se as meninas se comportarem… – ele provocou. Seguimos viagem. Simon bocejando.

– Dia nove você pode? – ele perguntou de repente.

– Dia nove?

– De dezembro. O encontro, lembra? Ainda quer ir comigo?

– Quero. Vou me empanturrar de cheesesteak! – brinquei, apoiando uma mão na perna dele e fazendo pequenos movimentos circulares.

– Coisinha!

– Dormir.

Ele me lançou outro olhar de homem safado em busca de uma gostosura.

Como sou uma mulher vacinada, fiz questão de enrolar um pouco mais do que o habitual no chuveiro. Não era a minha intenção fazer esfoliação hoje, mas fiz. Eu não precisava passar o condicionador duas vezes, mas passei. Quando finalmente saí do banho, o meu Trepador de Paredes estava capotado, roncando a toda altura. Perto dele? Clive. Roncando do jeito fofo dos gatos.

Eu deslizei para baixo dos cobertores e me aninhei ao lado de Simon. Às vezes, essa é a gostosura de que eles precisam.

Acordei e logo fui para a casa de Sausalito. Deixei Simon dormindo, pois assim eu teria algum tempo para dar uma olhada no hotel. Às vezes, é mais fácil avaliar um projeto quando não há ninguém por perto. Eu poderia explorar o lugar com o meu notebook e a minha câmera, tirando fotos, sentindo o andamento geral da reforma.

O hotel ficaria lindo. Não passava de uma casca nesse momento, mas eu conseguia visualizar o que se tornaria. Às vezes, à medida que a casca ganha forma, algumas mudanças se fazem necessárias em relação ao projeto original. Uma paleta nova pode sugerir uma alteração, ou algum detalhe pode

não se mostrar tão consistente na realidade quanto no papel. Não se trata de um trabalho de adivinhação, e sim de adaptação. E a minha Mestra Adaptadora estava fazendo falta.

Jillian tinha o olhar mais detalhista entre todos os designers que eu conhecia. E era ótima em me ajudar a consolidar a minha visão, em aumentar a minha confiança. Era a minha pincelada final. O meu termômetro. Assim, conforme caminhava pelo assoalho, desejei que ela estivesse ao meu lado. Eu cuidava de muitos projetos sozinha, mas Jillian sempre estava na retaguarda, me apoiando quando eu precisava. Desta vez, eu teria de apoiar a mim mesma.

Nunca pensei em ter a minha própria empresa de design, ou pelo menos nunca levei a ideia a sério. É claro que todo jovem designer pensa nisso, alguns até sonham com isso, mas não era o meu caso. É trabalho demais, risco demais para enfrentar sozinho. E seu nome em jogo.

Eu me senti vivendo um sonho quando Jillian me contratou após o término do meu estágio. Eu a segui feito um cachorrinho nas primeiras semanas de trabalho, absorvendo tudo, observando tudo. Sentava no escritório dela, encantada com o modo como ela administrava as coisas. Jillian sempre se mantinha calma sob pressão, sempre permanecia leve e inabalável quando o mundo fazia aloka. Eu queria ser Jillian quando crescesse. Só nunca pensei que esse dia chegaria.

Jillian não herdou nada; ela batalhou por cada centavo que tinha. Deixou um baita cargo em uma das empresas de design mais renomadas da cidade e investiu tudo numa loja minúscula, em Castro. Ouvi histórias lendárias da boca de alguns dos seus clientes antigos: ela recebia entregas de azulejos de madrugada, levava o cachorro dos clientes mais importantes para passear, instalava equipamentos de iluminação com as próprias mãos – a mais de seis metros de altura – quando o eletricista dava o cano… O que você pensar, Jillian fez.

Com as suas histórias, ela me ensinou a barganhar, a conseguir os melhores descontos, a dobrar um contratante desacostumado com uma mulher liderando um projeto, a lidar com clientes que eram verdadeiros babacas – e havia muitos deles, acredite.

Jillian fez o seu nome, ergueu do zero uma empresa altamente bem-sucedida – tudo isso sem nunca perder a pose de modelo que acabou de sair de uma passarela em Milão.

Ela fez tudo.

E eu, estava fazendo tudo? Eu sabia que era uma boa designer, mas jamais seria uma Jillian. No entanto, eu era capaz de substituí-la por um tempo.

Tirei fotos, fiz anotações e decidi voltar pra casa. Ficava tão perto da rua principal que eu ia a pé sempre que me dava na telha, o que acontecia na maioria das noites. Às vezes, eu queria observar o hotel; às vezes, só queria explorar a vizinhança. Trilhas escondidas, portas de jardim arqueadas, sebes altas e malvas-rosas do último verão… Tinha algo de mágico naquele lugar.

Ao dobrar a esquina da rua de casa, fiquei surpresa e entusiasmada ao ver um Range Rover preto do lado de fora. Simon tinha acordado e atravessado a baía. Com um sorriso tímido, corri para dentro.

*

Penteando o cabelo naquela noite, percebi que era a primeira vez em quase duas semanas que ele não estava preso num coque com lápis colorido. Simon estava trabalhando na mesa de jantar, examinando algumas fotos no laptop. Ao passar por ele rumo à cozinha, fui detida por uma mão na minha bunda.

– Oi?

– Oi – ele respondeu, ainda olhando para o computador.

– Está precisando de alguma coisa?

– Sempre – disse, manobrando a minha bunda até ela estar no seu colo.

– Nem sempre. Você estava dormindo antes. – Fiz um beicinho.

– Mas não estou dormindo agora.

– Minha esfirra, Simon.

– Já estou gostando do rumo dessa conversa… – ele murmurou, me apertando ainda mais.

– Não, comprei umas esfirras e preciso colocar no forno.

– Achei que fosse outra esfirra…

– Não. Mas, se você for um bom menino, talvez eu tenha outro tipo de esfirra para você…

Ele arregalou os olhos, e uma certa parte do seu corpo se enrijeceu.

– Acho que eu quero agora.

Ele me beijou com vontade; eu me esforcei para lembrá-lo das esfirras de carne, e Simon se esforçou para me fazer esquecê-las. E ele conseguiu, até que a campainha tocou.

– Droga – Simon murmurou e me liberou.

– Salva pelo gongo – cantarolei enquanto me levantava do colo dele.

– Relembrando: se você se comportar direitinho, poderá comer a minha esfirra especial. Agora, se vira com isso aí – instruí, apontando para o entusiasmo dele.

Fui atender a porta. Pelo olho mágico, vejo Ryan, mas sem Mimi.

– Ei, cadê sua namorada? – perguntei, mas logo em seguida ouço um "iupiiii" vindo de cima.

– Ela já deu duas voltas nele – comentou Ryan, revirando os olhos, mas sorrindo ao vê-la descer no elevador.

– Isso nunca perde a graça! Amo esse troço! – Mimi disse ao chegar ao fim do passeio. Ela abriu a porta do elevador e saiu carregando uma cesta cheia de guloseimas e vários jogos de tabuleiro. Ryan logo se apressou em ajudá-la.

– Viu, essa coisa é útil mesmo.

– É, ele não serve só pra passear, não! – Dou risada e pego uma das sacolas.

– Deus do céu! Quantos jogos você trouxe?

– Achei melhor estar prevenida contra qualquer contratempo. Também trouxe bastante bebida – disse Mimi, acenando com a cabeça para uma caixa.

– Claro, porque não tem nada que combina mais com tensão do que álcool, né? – brinquei, olhando para Ryan.

– Eu tentei avisar… – ele comentou baixinho.

– Eu ouvi, tá?! – Mimi gritou, já entrando na casa.

– Era pra ouvir mesmo. E aí? – Ele cumprimentou Simon, que tinha se escondido (da cintura para baixo) atrás de uma poltrona.

Ri da sua técnica para esconder o entusiasmo. Lancei uma piscadinha para Simon e senti um furor percorrer o meu corpo quando ele me olhou com aqueles olhos grandes. Esse cara mexe comigo.

Levei Mimi até a cozinha, onde ela ajeitou as bebidas e eu cuidei das esfirras no forno.

Conversamos um pouco enquanto ajeitávamos as guloseimas para a noite. Como eu não tivera o tempo necessário, me deu um baita trabalho assar as esfirras a tempo. Mas, dando uma de Condessa Descalça, eu estava preparando uns petiscos de respeito. Tinha comprado diversos queijos numa loja local, inclusive queijo brie e queijo azul Stilton, alguns pães franceses, uns potinhos de amêndoas cristalizadas e azeitonas temperadas. Fatias de salame, copa, pepperoni e mortadela cobriam outra tábua de madeira, junto com tigelas de coração de alcachofra marinado e pimentão vermelho assado. Alguns potinhos de homus e umas fatias de pita completavam o banquete. Terminei quando Mimi dava os toques finais nas bebidas.

– Uísque sour, martíni e, vejam, Wallbanger! – ela anunciou, posicionando uma garrafa de Galliano quando Simon e Ryan se juntaram a nós.

– Perfeito! Wallbanger significa Trepador de Paredes, não é? Antes de vocês chegarem, a Caroline estava mesmo dizendo que queria beber um pouquinho de mim – disse Simon, me fazendo enrubescer.

O timer do forno apitou.

– Me serve um pouco de Simon, Simon – falei enquanto retirava as esfirras do forno. O jeito como ele me olhou deixou bem claro quem serviria quem naquela noite.

Eu não estava reclamando, veja bem.

Simon me entregou a bebida. Bem nessa hora a campainha tocou.

– É hora do show – murmurou Mimi, se dirigindo à porta. Era Sophia, acompanhada do homem mais alto que eu já vi na vida. E o cara não era só alto: era incrivelmente lindo também. Uma mistura de jogador da NBA com surfista.

– Oi! – cumprimentei, erguendo a cabeça ao máximo.

– Sou a Caroline.

– Olá – ele disse com uma voz intensa, olhando para baixo.

– Zach.

Ele entrou e foi até os rapazes para cumprimentá-los enquanto eu retirava o casaco de Sophia.

– Ele é um pedaço de céu. Em todos os sentidos – sussurrei para ela, olhando para Zach, que pairava sobre Ryan e Simon, dois anões perto dele.

– Obrigada. Ele joga basquete na França. Veio passar férias em casa. Conheci na academia.

– Preciso frequentar essa academia. O coeficiente de caras bonitos é muito maior do que na minha! – Eu pendurei o casaco dela.

Sophia olhou ao redor e respirou com mais facilidade ao notar que Neil não estava presente.

– Precisa de ajuda com alguma coisa? – A campainha tocou de novo.

– Precisa de uma ajuda, tipo, imediatamente? Vou ajudar com as bebidas – Sophia informou, agarrando a mão de Zach Linguiça e guiando-o em direção ao álcool, o salto ecoando.

Simon passou por mim para receber o único amigo que faltava.

– E aí, cara, beleza? – Neil cumprimentou, entregando a Simon uma garrafa de uísque.

– Caroline, obrigado por me convidar – acrescentou, lascando um beijo na minha bochecha antes que eu tivesse tempo de reagir.

– Oi, Neil – consegui dizer, fazendo um esforço para ter em mente que ele era amigo de Simon. E precisei fazer outro baita esforço depois de botar os olhos na companhia dele.

Não sei se ela já posou para a Playboy, mas, se não, deveria.

– Oi! Eu sou a Missy – ela se apresentou, e eu lancei um sorriso amarelo para Neil. Percebi que Simon estava se contorcendo para não rir.

– Prazer, Missy. Deixa que eu guardo seu casaco.

– Uau! Olha essas janelas! – ela comentou enquanto eu os conduzia para dentro.

Eu sabia quanto custava instalar janelas como aquelas; agora, estava me perguntando quanto custaria consertá-las…

CAPÍTULO DEZ

– Avião. Pessoas de avião. Avião segurando uma esponja!

– Avião com mãos… Mãos? Ok, mãos. Mãos de avião. Mãos de esponja.

– Mãos de esponja! Esponja de avião. Pássaro de esponja. Pássaro! Ok, pássaro. Mãos imitando um pássaro…

– Bob Esponja Voador. Para de apontar pro avião, a gente sabe que não é um avião!

– Acabou o tempo.

– Droga!

Sophia se sentou com raiva e jogou a caneta longe. Neil esticou o braço e pegou a caneta no ar enquanto Sophia continuava reclamando:

– Não acredito que vocês não acertaram! Estava na cara que era…

– Ah-ah-ah, pode parar! Nós ainda podemos acertar – interveio Simon, no sofá. Era homens contra mulheres, e os rapazes estavam ganhando de lavada, mais de quarenta pontos. Ridículos.

– Vão em frente, vocês nunca vão acertar. Não se preocupem, eles nunca vão acertar – Sophia assegurou, bebericando o seu coquetel e piscando para Zach.

– Temos trinta segundos pra tentar adivinhar o que vocês desenharam – disse Ryan se dirigindo à lousa.

– Nós sabemos como o jogo funciona! – berrou Mimi, empoleirada no encosto do sofá. A essa altura, ela já havia se tornado Mimi Bêbada; a sua estação de drinques a servira muitíssimo bem. Bem até demais. Ela estava no nível Mimi Bêbada Louca.

– Não precisa repetir isso toda vez!

Enquanto Simon e Ryan examinavam intrigados o desenho e Mimi contava os trinta segundos, Zach flertava com Sophia. E, quando digo flertar, eu quero dizer que ele lambia a borda da sua taça. A borda inteira! Parecia uma girafa.

Senti um calafrio e olhei para Sophia, que nem tinha percebido. Ela estava prestando atenção em Neil, que estava prestando atenção em Missy, que, por sua vez, estava arrumando o sutiã. Sei disso porque ele estava metade para fora da camiseta.

Ryan e Simon continuavam discutindo sobre o desenho, Zach continuava girafando, e eu levei as mãos à cabeça. Que desastre.

– Dez! Nove! Oito! Sete! – gritava Mimi, olhando para o relógio.

– Não é véspera de Ano-Novo… Só mais uns segundos, a gente vai adivinhar – disse Ryan, encarando o desenho, depois Simon, o desenho, Simon…

– Merda! Não sei… é um… é… Droga! – exclamou Simon, pulando de um pé para o outro.

– Seis! Cinco! Quatro! Três! – continuou Mimi.

Missy cruzou as pernas. Neil olhou para as pernas dela. Zach arrotou – mas continuou lambendo a borda do copo. Sophia bufou.

– Dois!

– Melhor um pássaro na mão do que dois voando! – disse Neil, olhando para Sophia.

– Um! Ha! Perderam! Espera… o quê? – perguntou Mimi, olhando para Neil, depois para Sophia. Simon e Ryan pareciam esperançosos.

Silêncio.

– Acertaram – Sophia resmungou, fazendo careta quando Simon e Ryan comemoraram.

– Sem chance, sem chance! Não é justo, eu já estava quase no um! Não vale! – gritou Mimi, que pulou até o outro lado da sala e aterrissou nas costas de Ryan, esmurrando-o com os punhos.

Zach arrotou de novo. Missy desfez o rabo de cavalo, e todos os presentes que possuíam pênis pararam para observar.

– Já chega – soltou Sophia e saiu em direção à cozinha na velocidade de um raio.

– Intervalo! – gritei, indo atrás dela.

– Intervalo do quê? – Zach perguntou, e eu apenas balancei a cabeça de um lado para o outro.

Sophia estava tirando as coisas da geladeira para pôr tudo de volta em seguida.

– Não acredito que ele adivinhou! – Não acredito que a gente não acertou. Que vergonha! – disse, segurando a porta da geladeira aberta enquanto ela retirava um frango pré-assado.

– Né! Como que a gente está perdendo pra esses caras?! – Ela vasculhou o compartimento da porta da geladeira até encontrar uma embalagem de Sriracha.

– Estamos perdendo porque não estamos concentradas. Precisamos nos concentrar no jogo – afirmei.

Sophia agora pegava um pote de picles e uma jarra de leite.

– Pffft! Talvez você não esteja concentrada porque está babando no meu jogador de basquete. – Ela deu uma risadinha e retirou da geladeira um pote com sobras de ervilha.

– Claro – disse, tentando relevar o absurdo da observação. Sem dúvida, Zach Girafão era lindo, mas que cara bizarro.

– O que eu estou procurando? – Sophia perguntou, um pote de iogurte numa mão e um pepino na outra.

– Eu também gostaria de saber. – Vi que Neil se aproximava.

– Mas muito obrigada por limpar a geladeira.

Quando Sophia enfiou a cabeça dentro da geladeira mais uma vez, Neil entrou na cozinha.

– Engraçado, né, Soph? Eu sabia exatamente o que você estava tentando desenhar – ele comentou, e Sophia congelou.

Sei que ela congelou porque o sour cream começou a pingar no chão. Eu recuei quando ela fechou a porta da geladeira e apontou o pepino para ele.

– Não vem com essa de eu sabia exatamente o que você estava tentando desenhar. Você viu a carta, só pode.

– Como eu teria visto? Você estava com ela o tempo todo!

– Talvez você tenha desviado o olhar da peituda por um segundo pra olhar minha carta.

– Ah, fala sério, você acha que…

Eu me afastei e dei de cara com Simon, prestes a entrar na cozinha. Fiz ele dar meia-volta.

– Eu não entraria aí agora. Sophia está com um pepino na mão e sabe muito bem como usá-lo.

Simon arregalou os olhos.

– Não! Não esse pepino! Eles estão conversando. – Simon e eu fizemos uma careta quando os dois começaram a gritar.

– Bem, estão conversando alto, é verdade, mas ainda assim conversando.

No final das contas, a noite de jogo foi um porre. Mimi quase desmaiou, ainda resmungando que os meninos tinham trapaceado em relação ao Bob Esponja Voador. Ryan passou o resto da noite decorando o manual do Pictionary, enquanto Simon e eu limpávamos o chão da cozinha, sujo de iogurte, e o rejunte do azulejo, cheio de sementes de pepino.

– Ela apertou tanto o pepino que as sementes voaram! Sem descascar, cara! – Neil não parava de contar, surpreso e bem assustado.

E a dona Traída e o senhor Traidor? Ficaram se amassando com o Girafão e a Peituda, respectivamente. Na verdade, ficaram se amassando com os seus peguetes na frente um do outro. Nunca vi nada igual. Eu queria não olhar, eu sentia que não devia olhar, mas não consegui. Simon e eu, cobertos de sementes, ficamos assistindo ao concurso de pegação. Sophia foi encoxada contra a parede, a Peituda foi encoxada contra a parede. Neil ganhou uma dança provocante no colo; o Girafão ganhou uma dança provocante no colo.

– Isto está parecendo uma casa de swing – Simon sussurrou quando um sapato voou do pé da coelhinha da Playboy.

– Ou MMA – sussurrei enquanto mais um sapato voava. Não pense você que Sophia não percebeu o strip-tease de tênis da Peituda.

Quando os gemidos finalmente se tornaram mais altos do que os resmungos de Mimi, chegou a hora de pôr um ponto-final no circo. E nunca mais falar nele. Encarando um ao outro, Neil e Sophia saíram juntos, com os peguetes a tira-colo. Ryan conduziu Mimi até o elevador e avisou que voltaria no dia seguinte para pegar as coisas deles.

– Precisamos ir antes que ela vomite – ele comentou, balançando a cabeça.

– Chega de beber.

Enquanto os dois subiam a colina, ainda ouvi Neil e Sophia discutindo ao longe. Simon e eu entramos em casa e demos com um desenho fálico na lousa, cortesia de Zach Girafão.

Simon começou:

– Adoro nossos amigos, mas…

– Onde a gente arrumou esses amigos? – perguntei, e Simon concordou com a cabeça.

Com um sorriso pesaroso, ele observou o último desenho do jogo.

– Um pássaro na mão. Como a gente não adivinhou?

– Porque ela desenhou um avião com esponjas, por isso. – Suspirei.

– Vamos deitar?

– Vamos. – No caminho até o quarto, ele me ajudou com o zíper do vestido.

– Ela ainda o ama, não é?

– Claro que ama. – Deixei o vestido cair no chão e subi na cama de calcinha e sutiã. Com a vista cansada, observei Simon se despir.

– Você ligou o despertador?

– É domingo. Pra que despertador?

– Preciso trabalhar um pouco de manhã. A Monica vai me encontrar numa cafeteria aqui perto.

– Amor… – Ele meneou a cabeça antes de desligar a luz. E de ligar o despertador.

– Você anda trabalhando muito.

– Muita coisa pra fazer. Se eu trabalhar amanhã, não vou precisar trabalhar todos os dias até de madrugada. Fica tranquilo. Quando você acordar, eu já estarei voltando. A gente pode dar uma volta depois.

– Não é isso. Só acho que você está trabalhando demais… Precisa pegar mais leve. – Simon me puxou para perto.

– As coisas vão se acalmar depois das festas, você vai ver. Além disso, estou no comando agora, então… meio que não tenho escolha.

– Eu sei… eu só… Eu sei. – Ele beijou o topo da minha cabeça.

Beijei o tórax dele.

– As coisas vão ficar mais calmas, juro pelo Bob Esponja Voador.

Um segundo depois, a cama começou a chacoalhar com a nossa gargalhada. Alguns minutos depois, ela começou a chacoalhar com outra coisa. Dormir nem é tão importante assim. Afinal, eu estava devendo uma esfirra para o meu Trepador de Paredes, não estava?

A semana de Ação de Graças começou bem. Na manhã seguinte à sessão de Pictionary, deixei Simon dormindo e trabalhei por algumas horas. Depois, em casa, teve esfirra sem recheio nem nada na cama com Simon. Ou seria esfirra na cama com Simon sem nada? Bem, chega de trocadilhos infames, o que importa é que esse foi o ponto alto da semana.

Sem família, Simon sempre fez questão de se manter ocupado no feriado de Ação de Graças, bem como no Natal. Neste ano, eu tinha a esperança de que ele aceitasse o convite para passar o Dia de Ação de Graças com a minha família, mas ele não se sentia pronto para isso. Simon havia estado com os meus pais em várias ocasiões, e, puta merda, eu nunca o tinha visto tão nervoso quanto no dia em que os conhecera. Conhecer os pais do(a) namorado(a) é sempre tenso, em qualquer relação, mas, no caso de Simon, existia o agravante de que ele nunca se envolvera com alguém por tempo suficiente para dar esse passo. Mas ele conquistou os meus pais logo de cara. Bajulou descaradamente a minha mãe e ganhou o meu pai falando das corridas de Fórmula 1 a que tinha assistido ao vivo. Hoje em dia, Simon adorava ficar com os meus pais quando eles vinham para San Francisco. Mas peru assado em uma casa abarrotada de familiares… era diferente.

– Não posso mesmo. Quem sabe ano que vem – Simon explicou enquanto eu lhe passava as meias dobradas. Ele as colocou na mala, depois pegou umas blusas no closet.

– Eles não vão ficar chateados, vão? É que eu sempre trabalho nessa época do ano… é o que eu faço.

– Não, eles entendem. Eu também entendo. É que eu finalmente consegui uma folguinha e queria passar um tempo juntos – disse, observando a pilha de blusas aumentar na mala. Eu trabalharia feito louca até quinta-feira para passar o resto da semana com os meus pais.

– Eu sei, amor. Você anda tão ocupada até quando eu estou aqui, mal tenho te visto – ele disse, beijando a minha testa e então desaparecendo no closet.

– O que isso quer dizer? – indaguei, contorcendo o nariz ligeiramente.

– Não quer dizer nada. – Ele enrolou umas calças jeans.

– Você mal me vê porque eu estou ocupada, Simon. Você sabe bem os malabarismos que estou tendo que fazer – retruquei, com uma careta. Me arrastei pela cama e fiquei de pé de frente para ele.

– Não precisa ficar na defensiva. Não estava criticando. Eu entendo. Você está ocupada. Relaxa.

Os meus olhos saltaram para fora. Ele me pediu para… relaxar?

– Jesus. Desculpa. Não está mais aqui quem falou. – Simon suspirou.

Eu me contraí, então respirei fundo. Deixa pra lá.

Estendi a mão e o puxei pelas alças do cós da calça, depois apoiei a cabeça no seu peito. Alguns segundos depois, ele suspirou e me envolveu com os braços. Eu retribuí o abraço e ergui a cabeça para encará-lo.

– Vamos ter bastante tempo pra ficar juntos na Filadélfia. Ele ficou sério, beijou a minha testa, se virou e fechou a mala.

– Diga pros seus pais que mandei um beijo – Simon disse, com um sorriso discreto.

Assunto encerrado, ao que parece.

Simon viajou no dia seguinte. Ele seguiria para uma sessão de fotos em Plymouth, no Dia de Ação de Graças, com peregrinos e tudo o mais. As fotos seriam publicadas em revistas de turismo e jornais regionais no ano seguinte, para impulsionar a economia local. Enfim, ele se foi, e eu fiquei – e assim começou a minha semana de bosta.

Cheguei em casa na segunda-feira à noite, depois de passar a semana inteira em Sausalito, e descobri que Clive já não aceitava a minha ausência. Diante da criatividade dele para demonstrar a sua insatisfação, pensei que talvez fosse melhor levá-lo da próxima vez. Clive tinha me deixado presentes. Muitos. Em muitos sapatos. Eu também senti falta de Clive; só não demonstrei isso cagando nos sapatos dele.

Sem conseguir parar de pensar no tamanho dos sapatos de Clive se ele de fato os usasse, passei o tempo todo durante uma conferência por telefone com a equipe do Camden rabiscando sapatinhos de gato em uns documentos, completamente aérea. Vai tentar explicar para a sua estagiária por que tem umas patinhas com salto no contrato que ela agora precisa reimprimir…

Mas o pior foi na quarta à tarde, depois que eu dispensei toda a equipe mais cedo e então me dei conta de que não conseguiria passar o Dia de Ação de Graças com a minha família. Pensei que tinha tudo sob controle, que minha caixa de e-mail estava finalmente zerada, que eu escaparia por dois dias, quando descobri um e-mail na caixa de spam referente a um trabalho que eu aceitara uns meses antes. Uma cliente que receberia trinta pessoas em casa, em Nob Hill, e queria decorar a sala de jantar. E de estar. E queria um cenário estilo outono-na-Nova Inglaterra no solário, onde talvez ela servisse as bebidas. Então, por via das dúvidas, será que eu poderia fazer parecer que o lugar havia

sido habitado por peregrinos?

Perdi o controle.

Nem fechei a porta, já que não havia ninguém no escritório além de mim.

Ainda estava limpando o ranho do rosto quando ouvi o sinal do Skype no computador. Droga.

Rastejando até a mesa – sim, eu estava no chão, não existe lugar melhor para um colapso –, me levantei e vi que era Jillian.

Será que atendia? Será que não? Ela ia notar que eu estava chateada. Ah, que se dane.

Eu me ajeitei na cadeira e atendi com uma última assoada de nariz. O vídeo surgiu instantaneamente na tela, e Jillian perguntou:

– Está resfriada?

Eu me vi na janela menor, os olhos e a cara vermelhos, e menti:

– Sim, estou. E aí, como você está?

– Ótima! Daqui a pouco, vamos pegar o trem para Veneza. Nunca pensei que passaria o Dia de Ação de Graças em Veneza… Dá pra acreditar? O jantar não vai ser muito típico, mas estávamos pensando em comer alguma coisa com frango… É quase igual a peru, não é? – Ela deu risada.

– Acho que sim. Precisa de alguma coisa, Jillian? Você me pegou de saída.

– Não sabia se você ainda estava aí. Que horas vai sair pra ver seus pais?

– Hã, daqui a pouco… Só estou terminando umas coisinhas. – Me esforcei para não deixar o choro embargar a minha voz. Mentalmente, eu estava no estoque, pensando em quantos metros de seda marrom precisaria para decorar a mesa.

– Ah, que bom. Só liguei pra saber como estão as coisas e pra te desejar Feliz Dia de Ação de Graças.

Mordi a língua para não dizer o que queria dizer.

– Feliz Dia de Ação de Graças, Jillian. Como está o Benjamin? – consegui perguntar, não sei como.

– Está ótimo, te mandou beijos. Onde o Simon vai passar este ano?

– Leste, está fotografando em Plymouth. Malditos peregrinos. Quer dizer… você entendeu o que eu…

– Você está bem mesmo, gata?

Eu não queria que ela se preocupasse com nada, então forcei um sorriso.

– Está tudo ótimo por aqui, só estou terminando umas coisas pra poder ir pros meus pais.

– Está bem, se você diz…

– Está tudo bem, Jillian. Falo com você depois, pode ser?

– Eu sabia que não conseguiria conter as lágrimas por muito mais tempo. Nos despedimos e desligamos quando um novo nó se formava na minha garganta.

Eu não iria suportar outra ligação como essa, então apenas mandei uma mensagem para a minha mãe avisando sobre a mudança de planos. Prometi que ligaria mais tarde. Não conseguiria falar com ela até me acalmar um pouco; não queria deixá-la preocupada. Ela sabia que eu estava trabalhando

bastante e estava orgulhosa do quão bem eu vinha administrando tudo. Há!

Mandei uma mensagem para Simon avisando que eu não iria mais passar o Dia de Ação de Graças com os meus pais por conta de um projeto de última hora e que ligaria mais tarde, assim que surgisse uma brecha.

Uma brecha! Pft.

Ele tentou me ligar no segundo seguinte, mas eu deixei tocar até cair na caixa postal. Eu precisava trabalhar, não me chafurdar em lágrimas.

Passei as nove horas seguintes trabalhando, pensando nos ornamentos para a mesa e na louça, e mais seis horas da manhã do Dia de Ação de Graças decorando um solário para dar a impressão de que peregrinos abastados haviam passado por ali e decidido que aquele seria o lugar onde iriam tomar sopa apimentada de abóbora com um toque de tomilho e mandioquinha-salsa.

Noite de Ação de Graças, e cá estava eu com Clive, no sofá, comendo miojo, de pijama, assistindo a reprises no Food Network de Ina's Best Thanksgiving. Era como pornô trash: eu não conseguia tirar o olho da TV. Agora que eu já tinha salvado o feriado de outra família, podia curtir a fossa. Foi o que fiz.

Até que Clive começou a caminhar em direção à porta, segundos antes de Simon entrar.

Olhei para ele, encharcado da chuva típica de novembro, o olhar terno.

– Achei que você não ia querer passar o Dia de Ação de Graças sozinha. – Ele se sacudiu para tirar o excesso de água.

– E talvez eu também não queira.

Explodi em lágrimas pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas.

Ele me levantou do sofá e me pôs no colo, a jaqueta North Face encharcando o meu pijama. Simon me abraçou, me acalmou, afagou as minhas costas e fez pequenos movimentos circulares nos meus ombros.

– Você… é… o melhor… namorado… do mundo! – falei em meio às lágrimas, limpando o nariz com o braço.

Clive passava entre as pernas de Simon, roçando apenas o bastante para não parecer carente. Quanto a mim, não posso dizer o mesmo. Eu parecia uma bebê chorona, praticamente clamando por compaixão em meio às lágrimas.

Quando finalmente parei de soluçar, estava tremendo, o frio da noite chuvosa percorrendo os meus ossos.

– Vem, linda, vamos colocar uma roupa mais quente – Simon disse. Sem querer me separar dele, me pendurei no seu pescoço. Simon então se levantou comigo agarrada nele e me levou ao quarto.

– Não sei nem dizer o quanto estou feliz em te ver. Juro, não sei – sussurrei, os braços firmes ao seu redor.

– Eu também estava com saudade. – Simon tentou me pôr na cama, mas eu continuei grudada nele.

– Vamos pegar umas roupas secas pra você.

– Me beija, por favor. – Puxei o seu rosto para perto. Simon me beijou. E eu o beijei,

necessitando senti-lo. Os meus braços se enroscaram no seu pescoço, nas suas costas, por baixo da jaqueta, sedentos por sua pele. Simon me apertou, também sedento.

– Caroline – ele gemeu, olhando nos meus olhos. O que me fez cair em lágrimas de novo, vendo o rosto dele tão perto do meu.

Quando você tem um relacionamento a distância, é claro que aproveita ao máximo o tempo com o outro. Mas, às vezes, é o inesperado que faz a diferença. As emoções imprevisíveis que te tomam quando você vê aquele rosto, olha naqueles olhos, sente aqueles lábios. Esse lembrete inesperado do motivo por que você se apaixonou por aquela pessoa pode ser arrebatador. E eu fui arrebatada.

Memorizei o rosto dele, senti cada traço, cada pedacinho, contornei as têmporas, o nariz, as covinhas, os lábios, tudo com os dedos, e memorizei mais uma vez.

– Eu te amo, Simon. Te amo, te amo, te amo muito – entoei enquanto ele me deitava na cama, tirava as minhas roupas, depois as dele, e entrava em mim.

Ele murmurou o meu nome, respondendo aos meus gemidos com os seus, me amando de um jeito doce. Quando o meu gozo desabou através de mim, foi maravilhoso e ao mesmo tempo desimportante diante do que aquilo realmente significava.

Simon estava comigo. Não fotografando peregrinos.

CAPÍTULO ONZE

O período entre o Dia de Ação de Graças e a nossa viagem à Filadélfia voou. Eu chegava ao escritório antes de todo mundo e quase sempre era a última a sair. Apaguei incêndios, treinei a Monica e até fiz a folha de pagamento outras vezes. Correria, loucura, adrenalina pura. Havia dias em que eu mal via a luz do sol, comia qualquer coisa preparada no micro-ondas, só me sentava quando ia ao banheiro – e mesmo lá lia e-mails. Ah, faça-me o favor. Como se você não levasse o celular pro banheiro, né?

E essa vida despirocada e freneticamente impossível estava me fazendo dar conta de tudo. Mais do que isso: eu estava adiantada. Era como se eu estivesse no controle do relógio, e não o contrário. Em vez de me arrastar, eu agora saltitava; corria de uma reunião para outra, de cliente para cliente, com uma motivação renovada. Eu estava cansada, mas estranhamente feliz. Tinha pegado o ritmo das coisas. Continuava estressada, mas de um jeito bom.

O projeto do hotel também estava adiantado, e até comecei uns projetos para o Natal – sim, porque, meu bem, quando você é muito rico, não faz a própria decoração de Natal, não mesmo! Você contrata alguém para isso. A princípio, eu tinha pensado que, com a ausência de Jillian, precisaria repassar trabalho para algumas empresas de decoração que eram nossas parceiras, porém não fui capaz de fazer isso. Eu tinha de garantir que tudo na Jillian Designs funcionasse exatamente como funcionaria se Jillian estivesse presente. Então, dormi menos. E decorei árvores movida a boas doses de Red Bull.

Simon estava em casa. A viagem a Plymouth deveria tê-lo mantido ocupado até o encontro com os colegas do ensino médio, mas agora ele tinha um tempo livre. Algo que não costumava ter. E agora tinha. Certa noite, depois de chegar em casa e encontrar um presente de Clive dentro de um dos seus tênis, Simon concordou que, em vez de passar uma noite ou outra em Sausalito, seria melhor ficar por lá de vez e levar o cagador de sapatos. Clive era agora um gato suburbano. E tinha um pai dono de casa.

Os dois se divertiam explorando a casa nova e observando a vista pela parede de vidro por horas e horas. Clive, que nunca tivera muito espaço, aproveitava para se esconder dentro de todos os closets e debaixo de todas as camas possíveis. Simon passava as noites brincando com ele de Massacre do Rabo de Cavalo (Falso), coisa que, infelizmente, eu não tinha mais tempo de fazer.

Uma noite fria, depois de chegar tarde em casa, encontrei Simon segurando Clive de frente para a janela, fazendo marquinhas de pata sobre o vapor e falando o quanto San Francisco ficava distante. Simon sorriu ao me ver, mas não parou de conversar com Clive, dizendo o quanto a água estava fria e que, por isso, Clive não deveria se atrever a voltar para a cidade nadando.

Agora que tinha tanto tempo livre, Simon andava de bicicleta quase todos os dias e me mandava mensagens e fotos de todo o condado de Marin. Ele tinha um restaurante favorito, uma cafeteria favorita onde tomava café todas as manhãs e uma delicatéssen favorita; o meu namorado tinha um novo lugar preferido para tudo.

Só para constar: a posição favorita dele continuava sendo qualquer uma, desde que dentro de mim. Mesmo exausta na maior parte das noites, eu arranjava tempo para uma sacanagenzinha com o meu Trepador de Paredes. Ai. Que dureza!

E, com todo esse tempo livre de Simon, eu recebia visitas inesperadas. Ele aparecia de surpresa no escritório. Ligava várias vezes durante o dia. Simon estava por perto o tempo todo e parecia não entender por que eu não estava. Claro, ele sabia que eu estava trabalhando mais do que nunca – e que eu estava feliz. O que não era um empecilho para tentar me impedir de levantar da cama todas as manhãs.

E, puta que pariu, como era difícil. Porque é praticamente impossível sair da cama quando se tem um Trepador de Paredes todo despenteado puxando o seu pijama. Porque, e eu repito isso com orgulho, a posição favorita dele continuava sendo qualquer uma, desde que dentro de mim.

Agora, falando sério, Simon estava por perto o tempo todo. E constantemente me lembrava de que eu não estava. Hum.

Jillian e Benjamin estavam partindo da Itália rumo a Praga, com planos de passar alguns dias na cidade e depois explorar o interior tcheco. Fiquei encantada com as fotos que Jillian me mandou e com o seu relato da viagem maravilhosa. Ela estava relaxada como não se sentia havia anos – e fazia questão de me dizer o quanto era grata por ter uma super substituta dando conta de tudo para que ela pudesse aproveitar esse tempo com o marido. Era estranho ouvi-la se referir a Benjamin como marido; desde que eu a conhecera, ele sempre fora o noivo dela.

Certa vez, eu perguntei a Jillian o que os tinha feito finalmente tomar a decisão de casar. Estávamos na sala de reunião, degustando os bolos que o bufê tinha trazido, tentando escolher um para o casamento. Em certo momento, notei que ela estava observando a aliança, sorrindo consigo, e foi nesse instante que fiz a pergunta.

– Não sei. Um dia, eu simplesmente olhei pra ele e soube que estava preparada para me tornar sua esposa. Eu tinha construído meu negócio, atingido todas as metas dos meus vinte e poucos anos e outras tantas dos meus trinta, então simplesmente parecia o momento certo – ela contou com um sorriso, experimentando o bolo de chocolate com recheio de framboesa de novo. Pressenti que esse seria o escolhido. E foi.

– Além disso, já viu aquela bunda? Ah, fala sério! Olha pra quem estou perguntando! A presidente do fã-clube do Benjamin!

– Permita-me informar que venci a eleição de forma justa e limpa. Não tenho culpa se Mimi e Sophia não sabiam que a votação seria naquele dia. Foi justo e foi limpo.

Por falar nas minhas amigas, as coisas entre Sophia e Neil se aquietaram; os dois não se viam desde a noite do Pictionary. Mimi estava cogitando uma nova tentativa antes do Natal – e eu estava tentando convencê-la a desistir da ideia. No entanto, quando ela os convidou para comemorar o Natal na sua casa, Sophia e Neil aceitaram. Os dois até pareciam ansiosos. Sabe-se lá quem eles levariam dessa vez… Os dois continuavam saindo com outras pessoas, e bastante, mas raramente a coisa passava do primeiro encontro.

Nossa, que surpresa.

Para passar um fim de semana inteiro na Filadélfia em meio a um dos períodos mais agitados da minha vida, trabalhei praticamente de sol a sol, inclusive aos sábados, a fim de resolver todas as pendências e poder ficar com Simon sem preocupações. Não havia a menor possibilidade de eu não ir; eu não o deixaria fazer essa viagem sozinho em nenhuma hipótese.

Ele estava tão ansioso…

Na noite anterior à viagem, ele teve um pesadelo. No avião, mal abriu a boca; quando falou, foi curto e grosso. Quando o avião aterrissou, Simon se virou para mim e disse:

– Desculpa antecipadamente se por acaso eu agir como um babaca esta semana. Não é a minha intenção, mas, se acontecer, desculpa.

Dei um tapinha na mão dele e um beijo no nariz.

– Desculpas aceitas. Agora me mostra a sua cidade natal! Mal posso esperar para ver o Sino da Liberdade.

Simon abriu um sorriso discreto e segurou minha mão enquanto de sem-barcávamos.

*

Filadélfia era uma cidade nova para mim, e eu desejei que tivesse mais tempo para explorá-la. Mas este fim de semana não era sobre reconstituir a famosa cena em que Rocky Balboa sobe correndo os degraus do Museu de Arte, e sim sobre estar ao lado de Simon, onde e para o que ele precisasse. Além do mais, ao que parecia, moveram a estátua do Rocky do topo da escadaria. Afe.

Alugamos um carro, jogamos a bagagem no porta-malas e seguimos para o hotel. Como tínhamos atravessado o país de ponta a ponta, já estava escuro quando chegamos à parte da cidade onde Simon nasceu. Ele começou a me mostrar animado os lugares que reconhecia. E os que não reconhecia.

– Quando será que aquela bicicletaria fechou? Ah, cara, foi aqui que comprei minha primeira bicicleta sem rodinhas. Por que abriram uma galeria aqui? Quando será que isso aconteceu?

– Quando foi a última vez que você esteve aqui, Simon?

– Hum, algumas semanas depois da formatura, acho – ele respondeu de um jeito meio distraído, os olhos se movendo de um lado para o outro, observando a rua.

– Você não vem para cá desde os dezoito anos?

– Por que eu viria? – Ele fez uma curva e nos conduziu para o meio da praça principal.

Simon dizia que tinha crescido na Filadélfia, porém isso não era tecnicamente verdade. Ele cresceu em uma das muitas comunidades próximas ou distritos que compunham o entorno da cidade. Eu sabia que ele vinha de uma família rica, mas não imaginava que vinha da verdadeira nata americana.

A cidadezinha natal de Simon era uma gracinha. E encantadora, tal qual todas as cidades do nordeste americano aos olhos de alguém que cresceu na Califórnia. O fato de que a cidade tinha quase trezentos anos a mais do que aquela onde eu nasci era digno de nota. A maior parte das casas pelas quais passávamos eram verdadeiras chácaras.

A praça da cidade era pitoresca, com algumas lojinhas e a prefeitura no centro. Construções de dois andares, em sua maioria, a não ser por uma ou outra torre de três, nos cantos. As pessoas faziam compras sob as gotículas de neve que reluziam nos gradis de ferro e – ai, meu Deus! – nos postes em formato de cabeça de cavalo! Tipo, postes nos quais as pessoas amarravam cavalos de verdade! Tipo, muito antigamente!

– Simon, precisamos dar uma volta por este lugar! Que gracinha de cidade! Olha as lojinhas e a árvore de Natal ali! – exclamei, apontando para tudo.

Na frente da prefeitura, tinha uma árvore enorme, enfeitada com laços vermelhos, apetrechos

dourados e luzes brancas.

– Amor, todo ano tem uma árvore de Natal na frente da prefeitura de San Francisco.

– Mas essa é diferente! É tão fofa! Tudo é tão antigo! O que é aquilo? – Apontei para uma casa em estilo gótico com uma placa pendurada na frente. Havia uma guirlanda em cada janela; nas janelas de cima, havia até velas. A casa era tão linda que devia ter algum significado histórico.

– Ali costumava ser… Bem, ainda é um Subway.

– Subway? Tipo metrô?

– Não, a lanchonete mesmo… – Simon explicou, rindo ao ver a minha expressão murchar.

– Não acredito que ainda funciona. Ninguém come aí. Não quando se tem o Little Luigi's. Ainda quer um cheesesteak?

– Macaco quer banana?

– Um cheesesteak saindo! – Simon fez a curva na última esquina da praça.

– Tudo por aqui é muito velho… Todas as construções costumavam ser outra coisa; todas foram reutilizadas – ele contou, estacionando em uma das vagas diagonais ao longo da praça.

– Aliás, foi o que aconteceu com a minha bicicletaria.

Simon desligou o carro, saiu e deu a volta até o lado do passageiro. Ao sair, inspirei o aroma da neve, que pinicou os meus pulmões. Depois de uma longa viagem de avião, foi bom respirar o ar frio, assim como esticar as pernas caminhando pelo quarteirão.

Durante a caminhada, Simon apontou para diferentes lojas: a padaria que fazia os melhores biscoitos, o lugar onde ele costumava comprar tênis novos todo ano para a escola, *etc.* À medida que andávamos e conversávamos, ele parecia ficar mais e mais tranquilo.

– Ah, graças a Deus. Continua aqui. Little Luigi's – Simon disse quando avistamos uma fila em frente a uma porta, na noite fria.

A fila andou rápido, e logo entramos no restaurante. Era um buraco na parede com apenas três mesas e um balcão. Havia uma chapa onde a carne, os pimentões e as cebolas eram preparados. Os clientes gritavam pedidos, os funcionários se desdobravam para embrulhar os sanduíches, e o aroma era divino.

Quando chegou a nossa vez, Simon pediu por nós dois. Dois steaks, queijo, cebola, cogumelo e pimentão, com pimenta doce e pimenta picante para acompanhar. E a coisa mais engraçada aconteceu. De onde ele tirou aquele sotaque ao fazer o pedido? Eu nunca tinha ouvido antes! Não era de Nova York nem de Nova Jersey; era um sotaque muito específico. Ouvindo as pessoas ao redor, notei que todas falavam assim. Algumas tinham o sotaque mais pronunciado, outras menos, como Simon, mas claramente perceptível. Hum.

Simon pegou um punhado de guardanapos e, vendo que uma família estava de saída, correu para ocupar a mesa recém-desocupada. Esperei na mesa enquanto ele voltava ao balcão para pegar os sanduíches. Eu já tinha visto Simon comprar rolinho-primavera de um homem com uma cesta apoiada na cabeça, em Saigon. Já o tinha visto comprar linguiças de uma mulher gigante que vestia avental, em Salzburgo. Mas em nenhum outro lugar eu o vi tão à vontade quanto nesta lanchonete no subúrbio da Filadélfia.

Com um sorriso de orelha a orelha, ele voltou para a mesa e me mostrou como ajeitar o

guardanapo para o molho não respingar, acrescentou sal e pimenta e me ensinou a segurar o sanduíche de um jeito que ele não esparramasse para os lados. Em seguida, Simon mordeu o sanduíche, e o seu rosto foi tomado por pura felicidade. Ele emitiu um som que só o ouvi emitir uma vez. E, quando o fez, ele estava muito, muito feliz.

– Simon Parker? – chamou uma voz atrás da gente.

Simon, com a boca cheia de cheesesteak, girou o corpo. Ele engoliu rápido e se levantou. Uma senhora de cabelo grisalho preso num coque sem frizz e com um colar de pérolas de tirar o fôlego olhou surpresa para ele.

– Senhora White? – Simon perguntou, passando a mão pelo cabelo.

– Meu Deus do céu! É você mesmo! Jamais pensei que voltaria a te ver por aqui! – Ela o puxou e o abraçou.

– Por onde você andou, menino? Da última vez que tive notícias, você tinha ido pra Stanford.

– Sim, senhora, e continuo na Costa Oeste… Em San Francisco. Como a senhora está? E a família?

– Ah, bem, estamos todos bem! O Todd assumiu o escritório. Ele casou, e o primeiro filho está a caminho! A Kitty se casou no verão passado e… Você deve ter vindo por causa do reencontro! Não acredito que é você! – ela repetiu, abraçando-o apertado; o corpo de Simon até se inclinou para a frente, quase perdendo o equilíbrio.

Eu os observei com um sorriso no rosto. Ela me espiou por cima do ombro dele, me olhou dos pés à cabeça, um tanto curiosa.

– E quem é ela, Simon?

Mais uma vez, Simon passa as mãos nervosamente pelo cabelo.

– Caroline Reynolds. Caroline, esta é minha antiga vizinha, a senhora White. Ela morava na casa ao lado.

Ele me deu um tapinha no ombro com tanta força, que quase meto o nariz dentro do que restava do meu cheesesteak (isto é, praticamente só o guardanapo sujo de gordura).

Estiquei o braço para cumprimentá-la.

– Senhora White, prazer em conhecê-la. A senhora deve ter um monte de histórias sobre as encrencas em que o Simon se metia, estou errada?

– Eu me lembro de tudo, Caroline, tenho memória de elefante! – disse ela, batendo a ponta do dedo na têmpora. – Mas hoje eu me esqueci de pedir pro Arthur tirar o frango do freezer, por isso a janta vai ser sanduíche na frente da TV mesmo. – A sra. White acenou para um homem detrás do balcão que segurava dois pacotes gigantes.

Observando Simon detalhadamente, ela deu um tapinha carinhoso na bochecha dele.

– Simon, não tenho palavras para dizer o quanto foi bom reencontrá-lo. Vai me fazer uma visita enquanto estiver por aqui? Não aceito não como resposta.

– Bem, senhora White, não sei se vamos ter tempo; o reencontro com o pessoal já é amanhã à noite e ainda quero mostrar algumas coisas pra Caroline. Vamos embora no domingo, então…

– Almoço.

– Almoço?

– Almoço amanhã. Você precisa comer, não é?

Ele fez que sim com a cabeça. Sorri. Gostei dela.

– Então está combinado. Te vejo ao meio-dia. – Ela disse e assentiu com a cabeça, resolvendo a questão. – Ah, não vejo a hora de contar pro Arthur que você vai almoçar com a gente! Ele vai ficar tão feliz!

– Obrigado, senhora White – Simon concordou.

– Agora preciso ir! – ela falou por cima do ombro, já a caminho da rua.

– Gostei dela! – falei enquanto Simon juntava os guardanapos sujos e os jogava no lixo.

– Hum hum…

– Estava uma delícia! – disse, dando um tapinha na minha barriga.

– Hum hum…

– E aí, o que vamos fazer agora? – perguntei, surpresa com a mudança repentina; Simon estava apreensivo de novo.

– O quê? Ah, sim… Vamos fazer check-in no hotel? Sim, vamos – Simon perguntou e respondeu, me conduzindo para fora do restaurante.

Caminhamos até o carro em silêncio, sob a neve fraca. Esta viagem era muito importante para ele, e eu tinha acabado de me dar conta do que o convite para o almoço significava: Simon entraria na casa ao lado daquela em que cresceu. Pela primeira vez em dez anos.

Ele agarrou a minha mão, e eu a dele.

Levei alguns minutos para zerar a caixa de e-mails quando chegamos ao hotel. Eu estava tentando com todas as forças deixar o escritório para trás, porém reservei uns minutinhos para responder apenas as questões que não podiam esperar até segunda-feira. Depois, tomei um banho para me livrar do cheiro de avião e cheesesteak. Saí do banheiro com uma toalha enrolada no corpo e outra na cabeça e encontrei Simon deitado na cama, as mãos apoiadas atrás da cabeça, encarando o teto.

– Ei – chamei baixinho.

– E aí, como foi o banho?

– Fantástico. Eles têm aqueles chuveiros com efeito de chuva. Você devia experimentar antes de dormir.

– Acho que vou.

Ficamos em silêncio mais uma vez. Caminhei até o outro lado da cama e me sentei ao lado de Simon.

– Obrigada por me trazer. Estou feliz de conhecer o lugar onde você cresceu.

– Claro. – Ele me encarou pela primeira vez.

Com delicadeza, repousei uma mão no seu peito.

– Oi.

– Oi.

Eu me inclinei devagar, observando os seus olhos. Rocei levemente os lábios nos dele. Ele não se

afastou, eu o beijei de novo. Ele aceitou, eu o beijei pela terceira vez. Pressionei com mais força, e Simon se abriu. Acariciei a língua dele com a minha, ele retribuiu, e nós nos enrolamos e emaranhamos. A sua respiração se tornou mais intensa, a sua pulsação se acelerou sob mim, e eu subi nele. Sem desgrudar a boca, os meus dedos desabotoaram a camisa, revelando a sua pele. Beijei o queixo, a linha da mandíbula, provoquei-o beijando atrás do lóbulo da orelha, sentindo os pelos ásperos da barba raspando a minha pele feito lixa. Sei bem o que é sentir essa lixa no interior das minhas coxas…

Senti ele se contrair quando passei a língua no lóbulo da orelha, provocando um gemido. As suas mãos tomaram a minha cintura conforme arrastei a língua pelo seu pescoço e depois beijei a sua clavícula. Puxando a camisa de dentro do cós da calça, abri-a inteira e pressionei o meu corpo contra o seu tórax. A pele de Simon estava quente; a sensação do contato era divina. Precisava sentir mais.

Sem tirar as mãos de Simon, eu me ergui e, devagar, removi a camisa, depois o cinto, as meias e a calça, deixando-o completamente nu e ávido. Sob a luz do luar, deixei a minha toalha cair.

– Caroline – ele sussurrou, e eu voltei a montá-lo. Me arrastei para mais perto dos seus pés e o tomei nas mãos. As suas mãos encontraram os meus seios, ávidas e agitadas. Eu o acariciei desde a base até o topo, friccionando levemente a cabeça, deixando que os seus quadris me mostrassem do que ele precisava.

Simon ofegou, o peitoral subindo e descendo enquanto eu o manuseava. Para cima e para baixo, friccionando e roçando, ele estava duro entre as minhas mãos, sob o meu comando, o homem mais sexy que eu já tinha visto em toda a minha vida. Deslizei um dedo ao longo da lateral, e o quadril de Simon se espasmou com força.

– Não vou aguentar muito mais se você continuar fazendo assim – ele gemeu, os dedos brincando com os meus mamilos.

– Não é isso que importa – disse, endireitando o corpo sobre ele. Eu o posicionei e o deslizei para dentro. Molhada apenas pelo jeito como ele me olhava, afundei centímetro por centímetro, vagarosamente, caprichosamente, enquanto ele se esforçava para permanecer parado.

Quando ele entrou por completo, eu remexi os quadris lentamente, ofegante ao senti-lo ficar mais duro e mais grosso. Impossível.

– O que é… impossível? – Simon grunhiu, cada músculo atiçado e teso.

Eu não percebi que tinha falado em voz alta. Não tem problema. Ele devia saber.

– Impossível que algum dia eu me canse disso, da sensação de ter você dentro de mim – respondi, estremecendo conforme os quadris dele me impeliam para cima. Me inclinei um pouco para trás, apoiando as mãos nas coxas de Simon, que me preencheu mais uma vez. Apoiado nos cotovelos, ele observou extasiado conforme deslizava para dentro e para fora do meu corpo. Uma das suas mãos afastou o meu cabelo, desceu para o meu pescoço, para a região entre os meus seios, pela minha barriga e mergulhou entre as minhas pernas.

Aquela mão, fazendo movimentos circulares e perfeitos, bem no centro do meu mundo, fez os meus quadris ganharem vida. Eu o cavalguei com força, para cima e para baixo, me contorcendo diante do seu olhar.

– Simon. Isso… é… perfeito! – gritei, sentindo que estava prestes a gozar.

Ele se sentou e passou as minhas pernas em volta da sua cintura, me embalando num ritmo

implacável, me esmagando contra ele. Eu me contorci quando gozei e percebi que o seu alívio também o percorria furiosamente.

Eu o abracei com força, não o soltei, não o deixei escapar, o meu corpo se encaixou no dele numa mistura de pele e suor, deslizando e pressionando juntos, de um jeito frenético e impetuoso.

Simon gozou em silêncio, os olhos, fixos nos meus, queimando enquanto eu o abraçava contra o meu peito e ele se despedaçava. Simon jogou a cabeça para trás, e o seu peso me arrebatou feito uma onda e então caiu sobre mim. Eu o abracei e o embalei, ainda sentindo-o dentro de mim. Ele amoleceu, aconchegando-se contra a minha pele.

– É impossível te amar mais do que eu te amo – sussurrei, beijando a sua testa.

Simon me abraçou ainda mais apertado.

No dia seguinte, quando viramos na rua em que Simon morou, ele empalideceu e comprimiu os lábios. Por falar em comprimir, Simon estava prestes a esmagar o volante, tamanha a força com que o segurava. Quando não estava de olho nele, eu admirava as casas pelas quais passávamos. Elas cheiravam a dinheiro. Não eram essas mansões pretensiosas de novos-ricos; eram genuínas chácaras, propriedades de sangue azul. Quadras de tênis, piscinas, quilômetros de cercas. Ainda assim, era uma vizinhança; as propriedades não ficavam tão distantes umas das outras a ponto de serem isoladas. Enfim, uma vizinhança alamedada com carvalhos imponentes e lâmpadas a gás.

E com três carros de segurança. Até o momento.

Mas era linda. Paramos o carro em frente a uma casa de tijolos e pedras em estilo Tudor, com venezianas pretas. A pouquíssima neve que caíra tinha sido meticulosamente removida, de modo que as entradas para carros e para pedestres estavam limpas. Luzes natalinas que brilhavam dentro da casa sugeriam uma árvore descomunal. Na porta da frente, havia uma guirlanda do tamanho da minha cama. A casa à esquerda devia ser a de Simon, já que era a única para a qual ele evitava olhar. Pinheiros ao longo da entrada bloqueavam parte da minha visão, mas parecia ser uma construção de tijolos em estilo colonial, tão grandiosa quanto as vizinhas. Havia bicicletas na entrada da garagem. Bicicletas de criança.

Enquanto caminhávamos pela senda, Simon soltou uma risada.

– Não acredito que continua aqui.

– O quê?

– Quando eu estava no primário, reformaram os ladrilhos, e eu e o filho dela escrevemos nossos nomes no cimento. Como a gente ouviu por causa disso! – Ele apontou para o primeiro degrau, e, bem no canto, enxerguei o seu nome. Simon Parker.

– Vocês não dariam vândalos muito bons. Assinar o nome completo, fala sério…

Simon tocou a campainha. Eu apertei a bunda dele. Simon me olhou surpreso, e a porta se abriu.

– Chegaram na hora! – a sra. White cumprimentou, abrindo a porta e conduzindo Simon (com as bochechas coradas) para dentro. Ele insistiu para que eu entrasse primeiro, então foi a minha vez de levar um apertão na bunda.

– Está muito frio aí fora, olha suas bochechas! Vermelhas feito pimentão! Ainda bem que pedi pro Arthur acender a lareira. Arthur! Vem aqui!

Depois de trocar abraços e beijos, fomos levados a uma sala de estar formal, mas muito

confortável, onde de fato havia uma lareira acesa. Fiquei batendo papo com a sra. White enquanto Simon sorrateiramente observava tudo: a janela panorâmica, a escrivaninha antiga, o navio dentro de uma garrafa sobre a lareira. Ele respirou fundo e se virou quando o sr. White entrou.

– Simon, que alegria te rever! – disse o sr. White, aproximando-se de Simon para cumprimentá-lo com um aperto de mão e um abraço.

– Senhor White! Que bom reencontrar o senhor!

– Penny não parou de falar de você desde ontem à noite. Como estão as coisas, garoto?

– Bem, muito bem. Fiquei sabendo que Todd se casou.

– Ah, sim, a esposa dele é ótima… Mas me conte sobre você. O que anda fazendo? Ouvimos falar do trabalho como fotógrafo… Me conte. – O sr. White, com um braço sobre o ombro de Simon, o levou até a biblioteca, toda feita de madeira e recheada de livros (a ponto de precisar de uma daquelas escadas deslizantes).

Quando os dois desapareceram no outro cômodo da casa, olhei para a sra. White. Ela sorria, porém os olhos estavam um pouco marejados.

– Senhora White, sua casa é linda – falei, e ela olhou para mim.

– Pode me chamar de Penny.

– Só se o Simon também te chamar assim – disse com um sorriso.

– Justo! Aquele menino nunca vai me chamar de outro jeito. Aceita uma bebida? – Ela gesticulou para que eu a acompanhasse até o lugar onde estavam a limonada, o café e…

– Aqueles ingredientes no balcão são pra fazer Bloody Mary?

– Ah, sim! – Ela confirmou com a cabeça, passando a mão, perfeitamente feita, sob os olhos. – Azeitona ou aipo?

– Os dois?

– Sempre soube que o Simon arranjaria uma mulher inteligente. – Ela piscou e serviu a bebida (com muito mais Mary do que Bloody).

Nós nos sentamos no sofá e conversamos sobre amenidades. Falamos sobre o projeto de design da casa dela; Penny era fascinada por design de interiores e tinha participado da decoração de cada um dos cômodos. Falamos um pouco sobre a cidade, e ela me contou que a família morava ali havia muitos anos. E, como os homens aparentemente passariam um tempinho na biblioteca, falamos de Simon.

– Você não faz ideia do quanto estou feliz em revê-lo. Todos aqui já tinham se conformado com a ideia de nunca mais vê-lo depois que se formou.

– Eu não sabia que ele não tinha voltado mais para cá desde… bem, desde…

– Não, ele foi embora em junho daquele ano, e foi a última vez que o vimos. Ele até manteve contato com alguns amigos por um tempo, mas acho que precisava de espaço… Todos nós entendemos… Perder a família assim, tão de repente…

– Estou feliz que ele tenha voltado… aqui parece um lugar encantador para se morar.

– Sempre foi e ainda é. Gail e Thomas, os pais dele, eram pessoas maravilhosas. Foi tão trágico… – Ela se perdeu brevemente nos seus pensamentos, então se virou para a mesa. – Acho que tenho

algumas fotos deles. Passávamos quase todos os verões com eles. Você sabia que os Parker tinham uma fazenda?

Fiz que não com a cabeça. Eu não sabia de nada. Simon não dividia nada comigo. Não sobre isso. Após vasculhar algumas gavetas, Penny me trouxe um álbum.

– Acho que é este aqui… sim! É este mesmo. Foi nesse verão que Todd e Simon foram pegos nadando pelados com as filhas dos Wilson. Esses dois…

Ela ri com as recordações que as fotos trazem.

– Olha esta! – Ela me entregou uma foto.

Hesitei. Simon nunca tinha me mostrado nada da família. Não deveria ser ele o primeiro a me mostrar essas fotos? Tá. Fui vencida pela curiosidade.

Primeiro, vamos deixar uma coisa clara: a palavra fazenda pode significar coisas diferentes para cada um. Naquela foto, não havia nada de canteiro de verdura. Fazenda ali significava colinas, uma casa de três andares e um celeiro vermelho no meio das árvores. Era uma fazenda tipo Pottery Barn. Entretanto, foi o que havia no centro da foto que encheu os meus olhos de lágrimas e me fez sentir vontade de abraçar Simon pelo resto dos meus dias.

O pai dele era alto, bronzeado e muito lindo. A mãe? Belíssima. Saudáveis e vibrantes, na foto eles posavam ao lado do filho tímido, um adolescente. Simon estava naquela idade em que os meninos são só joelhos e cotovelos, porém dava para ver que seria um homem e tanto. Observando o rosto deles, notei que Simon herdou os lindos olhos azuis do pai e o sorriso estonteante da mãe.

Embora eu nunca os tivesse conhecido, nunca tivesse conversado com as pessoas que tornaram Simon esse homem maravilhosamente perfeito e imperfeito que ele é, eu sabia que estava olhando para uma família extraordinária.

– Uau… – foi tudo o que consegui dizer.

– Foi tão trágico – a sra. White repetiu, balançando a cabeça de um lado para o outro de uma maneira reconfortante.

Devolvi a fotografia a ela, respirei fundo e me certifiquei de que as lágrimas que tinham começado a brotar estavam sob controle.

Penny pegou a foto, o álbum e os guardou. Depois de também respirar fundo, ela jogou os ombros para trás e tomou num só gole o que restava da sua bebida.

– O que será que aqueles dois estão aprontando? Arthur? Para onde você levou o Simon? – ela gritou.

Perguntei a Penny se ela se importaria de me enviar uma cópia daquela foto. Ela sorriu e respondeu que me enviaria a original.

Fomos para a biblioteca, onde encontramos outra lareira, também acesa. O sr. White e Simon estavam sentados em poltronas de couro, com uma taça perto de cada um. A de Simon estava vazia, mas a do sr. White ainda tinha o resquício de um licor escuro.

Simon não tinha mais o rosto pálido, porém os olhos estavam um pouco vermelhos. Assim como os do sr. White. Os dois se levantaram quando chegamos, e Simon se aproximou de mim.

– Está tudo bem? – murmurei.

Ele fez que sim com a cabeça e pegou a minha mão.

– Acho que o almoço está pronto – a sra. White anunciou, abrindo caminho até a sala de jantar.

Ela sumiu por um momento enquanto nos acomodávamos ao redor de uma mesa enorme, na companhia acolhedora de mais uma lareira. Quando Penny voltou e tomou o seu lugar de frente para o marido, perguntei se podia ajudar com algo.

– Obrigada, Caroline, mas chamei a nossa governanta para nos ajudar hoje.

Não foi de modo algum chocante que o almoço tenha sido robalo assado ao molho de erva-doce e alho-poró, servido em porcelana original por uma governanta chamada Fran.

O bom e velho vintém.

E pessoas adoráveis, preciso dizer.

No final das contas, foi uma tarde muito gostosa. Os White mimaram Simon e me mostraram fotografias dele junto com os seus filhos. Eles contaram histórias, Simon contou histórias, e nós rimos muito.

Simon perguntou quem estava morando na sua antiga casa.

– São pessoas muito bacanas, vieram de Boston, se mudaram depois que casaram. Os dois são médicos e tiveram filhos já mais velhos. Duas meninas, uma de oito, outra de seis. Há muitas famílias novas por aqui… É muito bom ter crianças por perto de novo – a sra. White contou.

– Que ótimo. É uma boa casa para crianças. – Simon pigarreou e foi até a janela, os ombros tensionados. A vista dava para a antiga casa.

A fogueira da lareira crepitava e estalava.

– Acho que precisamos ir. Quero mostrar alguns lugares pra Caroline antes do reencontro – Simon disse com a voz rouca. Me aproximei dele quando ele se virou. – Muito obrigado pelo almoço, senhor e senhora White. Não sei dizer o quanto me sinto… agradecido.

Era hora de ir.

A sra. White se aproximou de Simon e o beijou na bochecha.

– Promete que vai voltar sempre que quiser?

Ele assentiu.

Nós nos despedimos com beijos, abraços e trocas de números de telefone. Prometi aos dois que mandaria fotos de San Francisco e, enquanto Arthur e Simon se despediam, Penny me puxou de lado.

– Cuide dele. Há uma dor dentro do coração de Simon que ele nunca extravasa e, quando isso acontecer, não vai ser fácil.

Fiz que sim com a cabeça.

– Pode confiar em mim.

A sra. White me observou por um momento.

– Eu sei que posso, Caroline. – Ela me surpreendeu com um abraço repentino.

Enquanto eu e Simon nos acomodávamos no carro, o casal acenou dos degraus da escada, antes de entrar na casa.

– Eles parecem muito legais – comentei.

– Eles são maravilhosos.

Conforme deixávamos a garagem, vi a casa vizinha por uma brecha entre as árvores. Magnífica. Toda de tijolos, garagem circular, decorada para as festas. Sebes aparadas, guirlandas em todas as janelas, até mesmo no beiral das janelas do sótão. Do lado externo, um gramado adjacente ao que parecia ser a cocheira original.

– Simon – disse baixinho quando ele diminuiu a velocidade. – Que casa bonita.

– Ela era mesmo.

Ele virou na rua.

A razão dizia para insistir, o coração aconselhava a deixar para lá. Decidi ouvir o coração.

Eu não sabia se Simon ainda queria ir ao reencontro. Ele parecia melancólico após a nossa agradável visita aos White. Acho que o fato de rever a casa tinha mexido com Simon mais do que ele próprio esperava. Contudo, assim que voltamos ao centro, Simon se animou. Ele me levou para conhecer o antigo colégio, o campo onde jogava a liga infantil de beisebol e o local perto do riacho ao qual todos iam para dar uns amassos.

Eu bem que me ofereci para conhecer o riacho. E não dá para me culpar…

Mas, assim que voltamos ao hotel, tomamos um banho juntos. Para economizar água, claro. E, para dar um ânimo extra a Simon, eu me ajoelhei e o chupei ali mesmo, debaixo do chuveiro. Porque eu sou uma namorada preocupada.

Quando Simon e eu atravessamos o saguão do Hotel Wainwright, ele estava tranquilo, sereno, senhor de si. E um tantinho… satisfeito, com a vida, lógico! Vestindo calça preta, camisa branca e jaqueta de couro, estava sofisticado, mas não formal. Um cara cosmopolita, com uma vida social agitada, um eterno viajante, um encantador de felinos que venderia a alma por uma torta de maçã. E era to-di-nho meu.

Seguimos as placas que indicavam "Reencontro de dez anos de formatura da Newbury High School". Parando na chapelaria, enquanto me ajudava a tirar o casaco, Simon assobiou.

– Amor – falou baixinho –, sei que já te disse, mas você está gostosa demais.

Com um sorriso, dei uma voltinha para ele poder admirar o vestido. Eu tinha me vestido para matar, como se deve fazer no reencontro do seu namorado com os antigos colegas de ensino médio. Vestido vermelho, botas pretas de couro. (Será que Simon ficaria surpreso quando descobrisse que isso era tudo que eu estava usando?) Eu pensei: vá com tudo (ou nada…) ou fique em casa, garota! Além disso, caso Simon precisasse de algum incentivo mais tarde, eu não tinha nada contra enfiar a mão dele debaixo do meu vestido e deixá-lo me sentir um pouquinho.

Agora estávamos a poucos metros da recepção. Quando nos aproximamos do grupo ali reunido, Simon hesitou. Segurei a sua mão com mais força, e ele olhou para mim. O par de safiras reluziu intensamente.

– Vamos lá, Trepador de Paredes, exibe a sua mulher pra todo mundo – provoquei, e Simon sorriu.

Chegamos à recepção, e, quando ele anunciou o nome à senhora no balcão, ouvi um arquejo na fila atrás de nós.

– Não pode ser. Simon Parker aqui? Ele veio?

A notícia correu, e, no momento em que Simon colou a etiqueta com o seu nome na jaqueta, todos já estavam cochichando. Ao entrar no salão, eu experimentei o que as estrelas de Hollywood sentem quando entram no tapete vermelho.

Todos os olhares se voltaram para nós.

CAPÍTULO DOZE

Entramos no salão em meio a burburinhos e olhares. O lugar estava lotado: jovens profissionais com os seus melhores trajes de magnata das leis/dos investimentos/da vida. Ah, os rapazes também estavam impressionantes, viu?

Colégio é igual em qualquer canto do país. Este se localizava em uma das cidades mais ricas dos Estados Unidos, verdade, mas ainda compartilhava algumas verdades universais do ensino médio. Todos aqueles estereótipos de filme de colegial americano podiam ser encontrados ali, assim como alguns tipos em evolução. E todos não tiravam os olhos de Simon. Que parecia estranhamente relaxado.

Assim que adentramos o salão, ele estufou o peito e alargou o passo, caminhando como quem desliza pelo chão. Nas paredes, viam-se grandes fotografias de anuário: líderes de torcida, jogadores de futebol americano, alguém usando uma peruca do figurino de uma peça e outro alguém de peruca correndo pelo campo de futebol. E lá estava Simon, com uma coroa na cabeça e uma gostosona ao lado. O rei do baile.

– Agora entendi – falei, olhando para ele como uma garotinha apaixonada.

– Entendeu o quê?

– Você era o boy magia da escola!

Simon enrubesceu.

– Não acredito nisso. Achei que você não vinha – ouvi uma voz atrás de nós, e, quando nos viramos, Simon fez uma cara estranha.

Na nossa frente, estavam o Lobo de Wall Street e a sua comitiva do Clube dos Meninos Bilionários. Todos impecáveis. Todos agindo como a última bolacha do pacote.

Simon passou o olhar por todos antes de se deter no cara no centro.

– Henderson.

– Parker.

Senti a testosterona faiscando. Se fosse um filme de faroeste, tufos de feno teriam rolado. Mas, como estamos falando de Wall Street…

Troquemos o feno por papelotes de cocaína.

O momento de tensão durou tanto quanto o refrão de "Yeah", do Usher, até que…

– Caralho, man! Não acredito que você veio! Que top, cara! O Parker voltou!

O Wall Street deu um tapinha nas costas de Simon, que agora tinha um sorriso no rosto, seguido de um abraço de urso, tudo isso em meio a comentários do tipo: "Caraca, que foda!", "Que da hora te ver por aqui" e "Cara, a Tammy Watkins colocou silicone, você tem que ver os peitões novos dela!".

Fiquei na minha enquanto Simon era engolido pelo grupo. Eu nunca tinha visto aqueles caras, nunca tinha ouvido falar de nenhum deles, mas eles pareciam conhecer Simon de um jeito que eu jamais conheceria.

Esses caras acompanharam a infância e a adolescência de Simon, época em que o mundo dele se resumia a provas, Jackass e apostas de quem sabia pegar num peitinho. Apostava as minhas fichas em Tammy Watkins.

E então esse enclave privilegiado de mauricinhos pó de arroz fora abalado pela morte da família de Simon. Com isso, ele tinha se isolado, aproveitando a primeira oportunidade para se afastar completamente, para estudar na universidade mais distante possível, perto do Havaí. Escolheu uma profissão que o fazia rodar o mundo e escolheu ter casa em San Francisco. O único vínculo que mantinha com este mundo era Benjamin – a quem eu era mais grata do que nunca.

Entretanto, Simon tinha voltado para casa, e esta família queria lhe mostrar o quanto ele fizera falta.

Simon, sorrindo de orelha a orelha, cumprimentou todos no grupo. Depois, olhou para mim e disse:

– Caroline, vem aqui. Você precisa conhecer esses caras!

O mar de pênis se abriu, e eu caminhei até o centro do grupo, onde estava Simon.

– Esta é a Caroline – ele disse, e eu ouvi pelo menos um assobio. Talvez as botas fossem mais úteis do que eu imaginava. – Este é o Trevor Henderson.

Wall Street esticou o braço, e eu o cumprimentei, notando o seu rosto lindo. Os olhos castanhos e brilhantes cravaram em mim e assim permaneceram enquanto eu era apresentada a Matthew, Mark, Luke, e John; a gangue estava formada, ou melhor, completa.

Seja como for, o fato é que Trevor continuava segurando a minha mão.

– Cara, sério, que gata – ele comentou.

Simon afastou a mão dele, rindo.

– Sai fora, cuzão.

O cara era inofensivo. E tinha bom gosto.

– Chega aí, já vão servir o jantar. Vocês vão sentar com a gente. Lembra da Megan Littlefield? – Trevor perguntou conforme o grupo se deslocava à sala onde seria servido o jantar.

– Hum, esse nome não soa estranho – Simon disse, tentando se lembrar.

– É Megan Henderson agora. A gente casou.

– Vocês casaram? Uau!

– Sim, no verão do ano passado – Trevor balançou orgulhosamente o dedo anelar.

– Uau! – Simon repetiu e olhou para mim.

Eu ri e enrosquei o braço no dele.

– Vamos, rei do baile.

Nós pegamos uma bebida no bar, cumprimentamos mais algumas pessoas e sentamos com os amigos de Simon. E digo "amigos" de modo genérico, porque aparentemente todo mundo ali tinha sido amigo de Simon em algum momento. Enquanto bebericava o meu coquetel, observei que algumas mulheres começaram a circular. Era óbvio que Simon fora um pegador na adolescência, e eu imaginei quantas delas tinham sido pegas…

Conheci a esposa de Trevor antes de o jantar ser servido e, quando Simon se levantou para cumprimentar um antigo professor, bati um papo com ela. Megan tinha frequentado o mesmo colégio, porém era dois anos mais nova.

– Mas todo mundo conhecia o Simon. Era o sonho de todas as meninas. – Ela suspirou, o olhar perdido. Em seguida, se recompôs e me olhou com uma expressão de culpa. – Isso foi bizarro demais? Desculpa!

– Não, relaxa. Eu entendo – disse com um sorriso, enquanto Simon apertava a mão de um senhor aparentemente muito gentil; o professor, presumo. – Você acabou de se casar, né? Parabéns!

– Obrigada. Foi ótimo. A cerimônia foi aqui, mas a gente mora em Nova York agora. Mas, como nossas famílias moram por aqui…

– Nova York? No estado ou na cidade?

– Na cidade. Então, nos dois, né? – ela disse, sorrindo.

– O que você faz?

– Não trabalho mais desde que ficamos noivos. Eu trabalhava na Food Network, sabe? Eu era estilista de alimentos. Quando começamos os preparativos, ficou muito difícil conciliar, vir pra cá, organizar tudo… Então resolvi deixar o trabalho. Nós nos casamos em…

De repente, eu estou nas nuvens.

– Desculpe, não ouvi mais nada depois de Food Network.

Você trabalhou lá! E pediu demissão!? Por quê, mulher? Por que você faria uma coisa dessas?! – indaguei. Ainda bem que estávamos sentadas, ou eu teria tropeçado no meu queixo caído.

Ela riu e fez cara de surpresa.

– Barefoot Contessa, aposto.

– Siiiiim! – gritei.

Todos se viraram para nós duas, e as minhas bochechas coraram; Simon, no bar, nos fitou com uma expressão confusa, e eu fiz sinal de que estava tudo bem. Me recompus.

– Sim, sou fã dela – falei bancando a blasé.

– Eu também! Ela é demais.

– Você a conhece pessoalmente?

Simon pediu licença para a pessoa com quem estava conversando e caminhou na minha direção, acompanhado de Trevor e da máfia toda.

Sei que não é lógico, sei que é fisicamente impossível, mas juro por tudo que é mais sagrado que eles andaram em câmera lenta. Exatamente como nos filmes de ação. Simon na frente, Trevor à esquerda dele, o resto atrás, formando um V, como um bando de gansos. Todos os presentes pararam para observar aquilo. Era como o acidente de trem mais sexy de todos os tempos; ninguém conseguia desviar o olhar.

Eu ainda diria que até o som sumiu enquanto eles caminhavam, mas a verdade é que as músicas dos anos 2000 estavam tocando a toda, e "In Da Club", do 50 Cent, deu uma ótima trilha sonora para a cena. Eu só enxergava aquelas duas safiras, determinadas e eloquentes. Este Simon eu conhecia bem.

O Simon imponente. O Simon autoritário. O Simon pegador.

O Simon Trepador de Paredes!

Ele se aproximou da nossa mesa, sentou ao meu lado com um sorriso e me abraçou.

Ah. Meu. Deus. Simon Parker pôs a mão no meu ombro! Na frente de todo mundo!

Opa, pera. Não estávamos no colégio. Muito menos no meu colégio. O que não impediu que todas as mulheres ali me fulminassem com o olhar. Eu sorri discretamente, me gabando do meu ombro abençoado.

– Posso saber por que as senhoritas estavam gritando? – Simon sussurrou no meu ouvido, o que me fez derreter. Mas, antes de derreter totalmente, eu me controlei.

– A Megan conheceu a Ina Garten pessoalmente! – Me virei para Megan: – Você é a minha mais nova BFF!

– Acho que consigo um livro autografado pra você – ela disse.

– Trevor, sua esposa é a pessoa mais legal do mundo! Vou te pagar um drinque. O que você quer?

– Só uma água com gás – Megan respondeu, lançando um sorriso tímido para Trevor, que sorriu de volta.

Olhei para os dois com cara de surpresa, e Megan assentiu.

– Parabéns! Nossa, que demais! Deve ser recente… Você está tão pequenininha! – disse.

– Oi? O que eu perdi? – Simon indagou.

– Umas oito semanas, acabamos de descobrir – respondeu Trevor, segurando a mão da esposa.

– Sério, o que foi que eu perdi?

– Que bacana! E logo depois do casamento! Que ano, hein? O quê, Simon? – perguntei a ele, que estava cutucando o meu ombro.

– Não entendi. Oito semanas?

– Ela está grávida – respondi, revirando os olhos para Megan.

Chocado, Simon olhou para Trevor.

– Cara?

Trevor fez que sim com a cabeça.

– Cara.

Simon digeriu a notícia, depois sorriu de orelha a orelha.

– Cara!

Aprendam a lição, meninas: é assim que você se comunica com alguém que não vê há dez anos.

O jantar foi fantástico, os amigos de Simon eram fantásticos, a noite toda foi fantástica. Depois que o jantar foi servido, as pessoas se misturaram de novo, e todo mundo parecia verdadeiramente contente em rever Simon. Pelo que eu depreendi de conversas aqui e ali, a maioria dos ex-colegas sabia que Simon tinha seguido a carreira de fotógrafo; alguns sabiam até o quanto ele era bem-sucedido na área. No entanto, ouvir da boca de Simon o que tinha acontecido com ele nos últimos dez anos, isso sim foi fantástico.

Você tinha que ver a cara dele quando os parceiros começaram a sacar da carteira fotos dos filhos! Todos casados; todos com filhos; todos vivendo uma vida boa. A vida boa que se espera de um moço nascido em Dinheirolândia, EUA. Me contive para não rir quando Luke comentou que era pai de trigêmeos: Simon quase desmaiou. Precisei fazer movimentos circulares nas suas costas para trazê-lo de volta à realidade quando mais um grupo de amigos se aproximou da mesa.

Ninguém mencionou nada a respeito da família de Simon; eu me mantive alerta, pronta para lançar a cartada da calcinha (ou ausência dela). Todos ficaram muito felizes com o reaparecimento de Simon e com o fato de que ele estava se dando bem, feliz.

Caminhamos pelo salão, e eu descobri mais fotos do anuário penduradas nas paredes, incluindo Os Destaques da Turma: O Palhaço, O Casal Mais Fofo, esse tipo de coisa. Depois do que tinha visto nesta noite, eu sabia que Simon estaria em algum lugar por ali, era apenas uma questão de achar. Melhor Cabelo? Melhor Sorriso? O Mais Gato? Passei por essas três categorias no mural, mas ele estava na última: O Que Será Mais Bem-Sucedido.

– Veja só! Todo mundo sabia que você ia ser grande! – brinquei, posicionando-o ao lado da fotografia e avaliando os efeitos daqueles dez anos.

Na foto, Simon estava sorrindo, alto e lindo; os olhos brilhantes, confiantes. Um pouco mais magro do que agora, claro. Havia um princípio de ruga de sorriso aqui e ali, quase imperceptível.

Ele olhou para as fotos e riu pesarosamente.

– Não acredito que colocaram essas fotos. Que vergonha.

– Não! Eu gostei. É legar ver como você era naquela época.

– É curioso ver essa foto hoje. Sabe por que me elegeram nessa categoria?

– No lugar de Mais Delícia? Eu teria votado em Mais Delícia.

– Não. Porque eu ia começar a trabalhar com meu pai – ele disse, o olhar se endurecendo um pouco.

– Sinto muito, Simon – falei baixinho, e ele me puxou para perto com a mão que não tinha saído das minhas costas até então.

Em silêncio, Simon observou a foto por um momento. Então respirou fundo. Me perguntei se deveria contar o que não estava usando por baixo do vestido; tinha um cantinho escuro não muito longe e…

– Não, tudo bem. Na verdade, é bom pensar nessas coisas de novo. Parece que não faz tanto tempo assim.

– Não faz tanto tempo, o meu cu! Istambul, faz tempo! – estardalhaçou uma voz feminina atrás da gente. Nos viramos e demos de cara com uma mulher baixinha, o cabelo preto bem curto, quase raspado, anel no nariz, vários piercings na sobrancelha e os olhos verdes mais penetrantes que eu já vi. O vestido preto curtinho, a meia arrastão e o coturno Dr. Martens tornavam impossível não medir a garota dos pés à cabeça, e aquele conjunto a deixava arrasadora. O braço era tatuado, ainda por cima. – Istambul, onde você me abandonou!

– Viv Franklin – Simon murmurou, com um brilho no olhar.

Oh-oh.

– Te abandonei? Nem ferrando! Meu trabalho tinha acabado, você sabia que eu ia embora! Mas

você estava ocupada demais com aquele guia de turismo para perceber qualquer coisa!

– Você nunca foi muito bom de copo.

– Ah, vai cagar!

– Ha! Vai você, Parker. – Ela sorriu e se jogou nele no maior abraço de urso que eu já presenciei.

Simon ergueu a moça, a rodopiou e então deu um tapinha na bunda dela. Eu não estava de calcinha, mas isso não me impedia de chutar uns traseiros (embora ela parecesse bem forte).

Depois de colocá-la no chão, ainda com os braços ao redor da cintura da garota, Simon se virou para mim:

– Caroline, esta é Viv Franklin. Viv, esta é minha namorada…

– Namorada? Você?

– Caroline Reynolds – ele completou, soltando a cintura dela e me puxando para perto.

– Caralho, Parker namorando? Que noite! – Ela soltou uma gargalhada, socou o ombro dele e estendeu a mão para me cumprimentar. Sem saber direito o que fazer, eu a cumprimentei.

– Muito prazer – eu falei, mas os dois já estavam engajados num papo.

– O que você está fazendo? Trabalhando com seu velho? – Simon perguntou.

– Não, criei asas. Mineração de dados.

Ah, ela é mineradora?

– Que bacana! Continua escrevendo? Ah, ela é escritora?

– Sim, acabei de vender um aplicativo novo para um cliente grande. Cachê dos bons, saca?

Ah, ela escreve códigos para aplicativos para… Espera. O que essa garota faz, cacete?

– Não duvido – disse Simon. – Eu encontrei seu irmão no Cairo, ano passado. Ele estava trabalhando em algum sistema, parecia coisa grande.

– Ah, você conhece minha família. Tem sempre alguém aprontando alguma coisa.

– Eu vi bem o que ele aprontou quando escondeu um DVD pornô na minha mochila. Você não faz ideia da encrenca que ele me arrumou quando eu…

– O que diabos está acontecendo aqui? Com o que você trabalha? De onde vocês se conhecem? Quem colocou um filme pornô na sua mochila? – eu gritei, a terceira vez na noite. Precisava sair com mais frequência; as minhas habilidades de socialização andavam meio enferrujadas.

– Desculpa, gata. Viv e eu estudamos juntos no ensino médio…

– Isso está na cara – falei em um tom mais aceitável.

Viv olhou para Simon como se ele tivesse laçado a Lua e enfiado no sutiã dela – o qual já estava bem abarrotado. Embora fosse pequena, ela tinha uma comissão de frente de respeito.

Ele continuou:

– Eu não a via fazia anos, até que um dia trombei com ela num bar em Istambul.

– E passou a semana seguinte tentando se meter na minha turma. Eu estava fazendo um mochilão pela Europa até que trombei nesse pilantra aqui – Viv entrou na conversa e meteu a mão na bunda delícia de Simon. Ok, isso tinha que acabar!

– Sim, e na noite em que eu supostamente a "abandonei", ela estava se atracando com um guia de turismo como se o mundo fosse acabar. – Simon sorriu, bagunçando o cabelo dela como se fosse a sua irmã caçula.

Irmã caçula – hum, isso eu podia aceitar.

– E agora você está aqui… Não estou acreditando! Aposto que todo mundo ficou surpreso pra cacete! Ninguém imaginou que você voltaria depois da morte dos seus pais e tal. Estremeci e esperei que Simon ficasse tenso e se fechasse.

– Agora vejo que foi uma época boa como outra qualquer. É bom estar de volta, sabe? – Depois de dizer isso, Simon emendou uma pergunta sobre o aplicativo que ela tinha acabado de vender.

I-na-cre-di-tá-vel.

Dez minutos depois, estávamos os três no bar. Com tequilas. Simon e Viv continuaram conversando veloz e furiosamente, e eu comecei a juntar as peças. Os dois eram amigos nos tempos de escola, os pais dela eram amigos dos pais de Simon, blá-blá-blá. O pai dela era dono de uma empresa de software, e todos os cinco filhos – sim, ela tinha cinco irmãos mais velhos – seguiram esse mesmo caminho. Na tentativa de romper esse ciclo, Viv tinha escolhido um caminho diferente e tentou estudar Artes, além de viajar pelo mundo. No entanto, os números acabaram por pegá-la, e ela enfim se rendeu aos negócios da família.

– Eu detestava matemática no colégio. Odiava! Mas sou boa com números, a coisa simplesmente faz sentido pra mim – ela explicou entre um shot e outro. – Acabei criando meu próprio negócio, coisa pequena no começo, mas dei sorte de pegar os programas certos no momento certo, entende?

Não, mas concordei com a cabeça mesmo assim.

Quando Viv e Simon se encontraram em Istambul, não tinha rolado nada entre eles. Ela deixou isso bem claro. Os dois sempre foram amigos – amigos que se reencontraram em circunstâncias inimagináveis e voltaram a se dar bem de cara.

– Simon simplesmente é aquele cara, sabe? O cara que eu encontro uma vez a cada cinco anos, mas com quem eu sei que posso contar pra qualquer coisa – ela disse, e eu lhe paguei mais um shot. – Ele é foda pra caralho.

Simon tinha se afastado para se despedir de alguém.

– Parece que o negócio entre vocês é sério. Você não vai quebrar o coração dele, né? – Viv perguntou.

– O quê? – gaguejei, pega desprevenida.

– Né? – ela perguntou de novo, os olhos verdes me fulminando.

– É essa a parte em que você me diz que, se eu quebrar o coração dele, você quebra a minha cara?

– Não, porra! Eu te mato mesmo – Viv sorriu.

Sei que eu não deveria, mas gostei dessa garota.

– Bem, eu não pretendo morrer tão cedo. Serve?

– Serve. Falando sério, ele ficou mal por muito tempo. Essa pose de playboy pegador, essa coisa meio bon-vivant… ainda bem que isso acabou. Ele parece estar feliz com você, então eu também fico feliz.

– Ok…

– Simon e eu temos a mesma origem, tivemos a mesma educação. Se os pais dele não tivessem morrido, ele provavelmente nunca teria abandonado essa vida. Que é uma puta vida, não me entenda mal. Mas o Simon sempre me pareceu o tipo de cara que precisava de algo mais. O que aconteceu foi uma merda, mas, depois que os pais dele morreram, Simon saiu da zona de conforto, foi explorar o mundo, evoluiu – Viv refletiu, mexendo o copo em movimentos circulares.

– O Simon é um aventureiro, sem dúvida. Você também deve ser.

– Eu? Pode ser que eu tenha sido um dia, mas agora eu estou de boa. Tenho meu negócio, as coisas estão indo bem… Pra que me aventurar agora?

Observei aquela mulher, tão diferente de todo mundo ali. Ela praticamente emanava energia; parecia ser capaz de encarar qualquer coisa. Os seus olhos brilharam quando tocamos no assunto aventura. E ela trabalhava na frente de um computador o dia inteiro? – Você parece muito de boa mesmo, aham… – comentei, uma das sobrancelhas erguida.

Viv me encarou desafiadoramente.

– Você acabou de me conhecer. Quem te deu o direito de

fazer uma observação dessas?

– Você meteu a mão na bunda do meu namorado; isso me dá direito ao que eu quiser.

– Casa com essa mulher, Simon! – ela disse, sem tirar os olhos de mim. Ele tinha acabado de se aproximar, o que Viv percebera sem precisar se virar. – Casa com ela e faça filhos mochileiros. Casa com ela, tipo, amanhã.

Ela bateu o copo no meu em um brinde, entornou a sua tequila, tascou um beijo barulhento na boca de Simon e saiu caminhando pelo salão, a meia arrastão descombinando, deliciosamente, dos cardigãs e suéteres.

– Adorei essa garota! – falei e caí na gargalhada diante da cara que Simon fez. – Relaxa, Trepador de Paredes. Ninguém vai casar amanhã.

Ele me olhou por um tempo, depois sorriu.

– Vamos?

– Sério? Já? Não quer ficar mais um pouco?

– Já vi todo mundo que eu queria ver, e foi ótimo. Mas tem uma coisa que não saiu da minha cabeça a noite toda… – Ele colocou a mão na minha lombar e me puxou para bem perto.

– O quê?

– Você não está usando nada por baixo do vestido, está? – Simon murmurou, mergulhando o nariz perto do meu queixo, o que me fez ficar arrepiada.

– Ops, fui descoberta…

Simon escorregou a mão mais para baixo. Um pouco mais, e seria considerado indecência.

– Que menina má.

– Vamos dar tchau pra gangue – eu disse, e ele franziu a testa, confuso. – Estou a fim de dar pro rei do baile.

Nós nos despedimos de todos e parabenizamos Trevor e Megan mais uma vez. Simon parecia verdadeiramente feliz por eles e também um pouco triste por estar se despedindo. Em meio a promessas de manter contato e de uma ou outra recordação de última hora, Simon riu tanto que quase chorou. Os parceiros de crime se aproximaram, desejaram tudo de melhor para ele e o fizeram jurar que não demoraria tanto para voltar. Simon prometeu retornar.

Finalmente vimos Tammy Watkins. Sim, eles eram enormes.

Simon e Viv atualizaram os números de telefone um do outro, depois ela o abraçou apertado.

Durante o breve percurso de volta ao hotel, a mão de Simon se manteve enroscada na minha sobre o painel, o seu polegar fazendo movimentos circulares na minha palma. No momento em que os seus olhos cruzaram os meus, eles pegaram fogo. Não falamos quase nada, e, conforme percorremos o corredor que dava no nosso quarto, ele manteve a mão fixa na minha lombar.

No entanto, uma vez dentro do quarto, essa mesma mão me percorreu.

Fui imprensada contra a porta, a boca dele feroz e exigente. As minhas mãos imediatamente alcançaram o ombro dele, digladiando para tirar o seu paletó.

– Tem ideia do quanto esta noite foi torturante pra mim? – eu falei, resfolegando. As duas mãos dele seguraram a minha garganta quando ele virou o meu rosto para beijar o meu pescoço. Hummm, possessivo. Queria ser possuída por aquele homem naquele momento e sempre. – Vendo todas aquelas mulheres, todas aquelas garotas que provavelmente gozaram pela primeira vez pensando em você. – Ele se afastou para olhar bem nos meus olhos, louco de desejo. – Metade das mulheres que estavam naquele salão queria transar com você, Simon… mas elas não podem. – Desabotoei a camisa dele, arrancando-a quando a pressa dos meus dedos não correspondeu à do meu desejo. – Eu posso!

Ele tinha arrancado o meu vestido em segundos, o sutiã em seguida.

– Tira a bota – ele instruiu, abrindo o cinto da calça. – E deita na cama.

Eu deitei e senti o frescor do edredom contra a minha pele quente. Simon surgiu sobre mim, sem camisa, a calça desabotoada, o cabelo despenteado pelas minhas mãos frenéticas. Ele estudou o meu corpo de cima a baixo, e eu me arrepiei apenas com o seu olhar.

– Você é muito gostosa – Simon murmurou, arrancando a calça de vez, a mão se movendo para cima e para baixo ao longo do seu comprimento. – Você não faz ideia do quanto.

– Hummm, Simon – eu sussurrei, observando ele acariciar o pau, bombeando-o com firmeza.

– Abre as pernas pra mim! – ele ordenou, e as minhas pernas se abriram como que por feitiço. – Quero ver você se tocando, Caroline.

O meu coração queria saltar do peito, o desejo pulsando em mim diante do pensamento de que ele queria assistir. Levei as mãos aos seios, fazendo movimentos circulares, roçando – não mais do que isso – os mamilos. Eles se entumeceram instantaneamente, e eu fechei os olhos. Percebi o jeito como Simon me olhou enquanto me farejava e me torturava com a língua e me mordiscava com aqueles malditos dentes deliciosos. Belisquei os meus mamilos, imaginando a boca dele em mim, me chupando e me provocando com um prazer que beirava a dor.

– Mais pra baixo – ele orientou, e as minhas costas se arquearam mais uma vez.

A minha mão direita foi para baixo só para descobrir que eu estava molhada para ele, que

surpresa. Assim que deslizei os dedos, ele soltou um gemido. Então esfreguei o meu clitóris, e dessa vez fui eu quem gemeu enquanto fechava ligeiramente as pernas, tomada pelas sensações.

– Na-na-ni-na-não. Quero essas pernas abertas. – Senti as mãos dele nos meus joelhos, mal tocando o interior das minhas coxas. – Senão, como vou ver você gozando?

Soltei um gemido alto, a minha mão explorando a minha vagina sem o menor pudor agora. De olhos fechados, senti os dedos de Simon se movendo e se encaixando no ponto exato onde eu precisava deles, pressionando, escorregando, deslizando.

Eu ia gozar, e eu ia gozar forte! E falei isso para Simon. Abri os olhos e o peguei me olhando, os olhos semicerrados, embevecidos de desejo, o punho trabalhando o próprio prazer. Eu gozei de uma vez, uma mão nos seios, os dedos da outra enfiados bem fundo, o nome dele vazando dos meus lábios. Mal tive tempo de me recuperar, e Simon posicionou as mãos sob mim.

– Vira. Fica de quatro pra mim – ele pediu com a voz rouca, o que me arrepiou mais uma vez.

Eu fiz o que ele mandou e olhei para trás para vê-lo. Uma mão forte agarrava o meu ombro enquanto a outra acariciava a minha bunda. Naquele ângulo perfeito, ele meteu de uma só vez, cravando a sua sobejidão em mim. Gemi quando ele me empurrou na direção da cama antes de posicionar as mãos nos meus quadris.

Simon se chocou contra mim, duro e grosso, me empalando a cada movimento dos seus quadris. Imparável. Implacável. Inacreditável.

Ele me possuiu de um jeito sensual, selvagem. Eu gritei quando gozei em torno dele, a minha pele inchada reagindo a cada movimento, a cada investida. Faíscas explodiram atrás das minhas pálpebras, o meu corpo completamente entregue enquanto ele metia.

– Você não faz ideia do quanto é bom – ele disse bem perto do meu ouvido, inclinando o corpo à frente – fazer você gozar no meu pau.

Eu irrompi novamente quando ele enfiou pela última vez, as suas mãos cravadas na minha pele ao gozar dentro de mim, bem lá no fundo.

Caímos na cama, encharcados de suor, ofegantes. Quando recobrei o controle sobre os meus quadris, lutei para me virar e para virá-lo, afastei a massa de cabelo do meu rosto e apoiei o queixo no peito de Simon.

– Se eu arranjar um uniforme de líder de torcida, podemos brincar de transar com o rei do baile de novo?

– Desde que você use as botas – ele respondeu, me beijando.

Não brincamos de transar com o rei do baile de novo naquela noite, mas brincamos de amazona que laça o presidente do conselho estudantil.

CAPÍTULO TREZE

Retornamos à Costa Oeste, e os preparativos para o fim do ano estavam a todo vapor. Eu estava mais ocupada do que nunca, tentando adiantar as coisas ao máximo antes que os funcionários do escritório e os colaboradores começassem a sair de férias. Decoramos algumas casas de clientes importantes no Natal e alguns hotéis na cidade, e o projeto de Sausalito caminhava bem – inclusive, continuava adiantado. O sr. Camden parecia muito satisfeito não apenas com a reforma, como também com o interesse que ela gerava na cidade.

Mimi e Ryan planejaram uma confraternização uma semana antes do Natal, no que prometia ser uma noite fabulosa. A festa aconteceria no apartamento novo deles, e tanto Mimi quanto Ryan convidaram os amigos e os colegas de trabalho. Sophia e Neil compareceriam. Com os respectivos acompanhantes, óbvio. A minha única esperança de que os dois se controlariam residia no fato de que não rolaria uma rodada de Pictionary. Que ingenuidade a minha – Parte I.

E Simon? Bem, eu não sei descrever ao certo. Ele estava… por perto. Não há forma melhor de explicar. Ele parecia estar sempre por perto. Tinha cancelado uma viagem para Vancouver. E outra para Honduras. Ele deveria ter passado o mês de dezembro praticamente todo fora, porém agora a sua única viagem marcada era para o Rio, comigo. Ele não tirava uma folga como essa desde… eu nem sei. Desde que nos conhecemos, pelo menos.

Simon pedalava quase todas as manhãs, depois passava as tardes debruçado sobre os seus CDs antigos de fotografias, catalogando-os e datando-os.

Ele estava… por perto.

Mas eu não. Talvez eu devesse estar me sentindo mal por trabalhar tanto, mas não estava. Afinal, era alta temporada no meu trabalho, e não faria diferença para Simon se ele estivesse viajando, como normalmente estaria. Eu deveria me sentir mal por isso?

Ele dizia que entendia. E quase todos os dias me levava almoço e todas as manhãs tentava me convencer a voltar para a cama com promessas de sacanagens…

E… meu Deus, eu amo Simon, mas quase me sentia aliviada quando…

Ok, vou dizer aquilo que não devo dizer.

Eu ficava aliviada quando tinha a cama toda para mim! Detesto admitir, mas às vezes eu dormia melhor quando Simon não estava, quando ele estava viajando. Não é coisa que se diga, não é mesmo? O certo é dormir todas as noites enroscada em alguém, de conchinha… Mas, na real? Vez ou outra, eu precisava da minha própria cama. Eu curtia passar um tempo sozinha. Isso é ruim?

Simon sabia que eu tinha muita coisa para fazer. Não haveria Natal juntos se eu não deixasse tudo pronto no trabalho. E eu não perderia essa viagem por nada: esta moça aqui iria para Ipanema, ponto-final.

Para a manhã do dia da festa de Natal de Mimi, eu planejei passar um tempo a sós com a minha KitchenAid. Mimi tinha me pedido para preparar uns biscoitos, e eu não pensei duas vezes, mesmo atolada de trabalho.

Afinal, toda mulher precisa se dar um pouco de prazer. É ou não é? E a minha máquina de prazer era de aço inoxidável, potente e vinha com um acessório para linguiça. Sim.

Eu tinha quase terminado o trabalho do dia quando Jillian me ligou. Quase não consegui ouvi-la com tantos espirros e assoadelas de nariz.

– Cacete, Jillian, a peste bubônica retornou?

– Afe, nunca fique doente na Europa; você vai perder horas apenas tentando explicar os sintomas. Mas deixa isso pra lá. O que tem pra mim?

– Como assim? – perguntei, folheando a minha agenda. Eu precisava que Monica entregasse uma guirlanda na casa de um cliente em Pacific Heights e havia mais duas entregas depois dessa e…

– Caroline, ei! Caroline, você escutou o que eu disse?

– Desculpa. O dia hoje está agitado. O que foi?

– Perguntei o que você tem pra mim… sua lista? Nenhuma pergunta? Nenhum incêndio para apagar? Sou toda ouvidos, pode mandar.

– Ah, foi mal. Hum, vamos ver… Na verdade, está tudo sob controle. Estou indo embora logo mais. Mimi e Ryan vão dar uma festa hoje – eu respondi, olhando para o meu relógio. Eu realmente precisava falar com a Mônica sobre as entregas, para que ela conseguisse sair a tempo de cumprir tudo. – As coisas estão caminhando muito bem.

– Ah. Er, que bom. Só liguei pra ver se você precisava de alguma coisa, mas parece que…

– Rapidinho, Jillian – disse no momento em que Monica atravessava a porta. – Monica, pode deixar isto na casa dos Nelson quando sair pra levar os talheres? Obrigada! – pedi, dando um tchauzinho. – Agora, sim. Onde estávamos?

– Você mandou a estagiária entregar a decoração de Natal de um dos nossos clientes mais importantes?

– Não, pedi pra Monica entregar uma guirlanda. Ela me ajudou a desenhar toda a sala de estar e de jantar deles este ano, e eles a amam. A senhora Nelson praticamente adotou a Monica na última vez que estivemos lá. Por quê? Algum problema? – indaguei, confusa. Afinal, Jillian tinha me colocado no comando, certo?

– Não, sem problema. Só estou surpresa por você pedir isso pra uma estagiária. Bem, acho que cada um tem o seu jeito de fazer as coisas…

Cerrei os punhos debaixo da mesa. Jillian e eu ficamos em silêncio. Inspirei, detestando a tensão.

– Enfim. Como está a viagem ao redor do mundo? Onde vocês vão passar o Natal?

– O Benjamin tem uns amigos em Munique que convidaram a gente pra passar as festas com eles. Vamos pra lá amanhã.

– Que legal.

– Sim, vai ser bacana. Sinto muito pela viagem pro Rio… talvez você e o Simon consigam ir no ano que vem.

– Sim, eu também… Espera. O quê?

– Rio de Janeiro. O Benjamin disse que miou, que vocês vão passar o Natal em San Francisco…? Grande passo, não? Mandou ver, Simon! Eu não esperava isso dele.

– Hein?!

Monica apareceu na porta de novo, e eu gesticulei para que ela aguardasse um minuto. Jillian

percebeu.

– Bem, acho que você está muito ocupada, então vou te deixar em paz. Divirta-se na festa hoje!

Ela desligou. Eu desliguei. Foi como se o mar de Ipanema tivesse me engolido.

Voltei para casa assim que terminei tudo no escritório, porém a conversa não saía da minha cabeça. Eu realmente precisava de um tempo sozinha. Mandei uma mensagem para Simon pedindo para me encontrar no meu apartamento antes da festa. Não comentei nada sobre o Rio; queria ver a sua cara quando eu tocasse no assunto. Eu realmente não entendia o que estava acontecendo.

Entrei no apartamento com um suspiro de alívio, que escapou de mim antes que eu percebesse. O ar estava um pouco abafado; fazia um tempo que eu não voltava lá. Abri algumas janelas, correndo a mão pelo peitoril avantajado. Clive adorava um peitoril avantajado. Apreciei os enfeites, cada um deles escolhido a dedo para a decoração do meu primeiro apartamento. Através da porta da cozinha, avistei o objeto de metal reluzente, com todas as suas curvas. A minha batedeira KitchenAid.

Estalei as costas e o pescoço e pensei em todos os biscoitos que estava prestes a assar. Tirei os saltos; eles tinham me incomodado o dia inteiro. Também tirei a saia lápis preta.

Cozinho melhor quando estou à vontade.

Eu tinha trabalhado durante todos os horários de almoço e ficado até tarde quase todos os dias para poder sair um pouco mais cedo hoje e assar os biscoitos que havia prometido a Mimi. Eu tinha tentado preparar algumas fornadas na casa de Jillian na noite anterior, mas não era a mesma coisa. Batedeira vagabunda. Espátula de quinta. Argh.

Sintonizando o rádio numa estação que só tocava músicas natalinas, vesti o avental, amarrei o cabelo num coque e botei a mão na massa. Acariciei a superfície da KitchenAid, cujo metal frio aquietou os meus nervos.

Com Bing Crosby cantarolando ao fundo, fiz bolinhas de chocolate com uma concha e as despejei numa assadeira forrada com papel-manteiga. Frank Sinatra me disse que eu deveria tomar cuidado, que não deveria chorar, e eu misturei uma fornada de biscoitos passados em açúcar de canela. Enquanto Judy Garland me desejava feliz Natal, polvilhei com açúcar os biscoitos de nozes, deixando-os esfriar num refratário em cima da mesa de jantar. Quando Elvis foi tomado pela tristeza, eu decorei os biscoitos açucarados com glacê vermelho e verde e os cortei em formato de bonecos de neve, anjos e pinheiros.

Eu polvilhei, glaciei, passei no açúcar, e a conversa com Jillian não saía da minha cabeça. Por que raios Simon cancelaria a viagem sem me perguntar? Talvez Jillian tivesse entendido errado. Talvez ela não tivesse escutado direito o que Benjamin dissera. Mas de onde Benjamin teria tirado a ideia de que Simon e eu passaríamos o Natal aqui?

Eu estava irritada. Mais do que irritada. Se fosse mesmo verdade, eu ficaria absolutamente enfurecida. Embora não houvesse lugar melhor do que a própria casa para passar as festas (valeu, Perry Como) e eu quisesse levar o meu namorado para passar o Natal e o Ano Novo com a minha família, desta vez era o Rio de Janeiro que eu queria!

Enquanto cozinhava, eu ficava mais e mais irritada. A Caroline adulta dizia coisas como: "Conversa com o Simon pra saber o que realmente aconteceu"; já a Caroline emputecida falava: "Eu já comprei a porra do biquíni novo e quero usar!".

Adivinha qual das duas estava vencendo? Quando Simon valsou porta adentro, eu esmaguei um pobre bonequinho de biscoito, quando na verdade era o biscoito dele que eu deveria esmagar (se é que você me entende).

– Parece que estou no céu – ele comentou, todo contente. Simon, não o pobre bonequinho de biscoito.

– No céu dos biscoitos?

– Não, no meu céu mesmo: biscoitos e você de calcinha. – Simon pegou um biscoito de canela e o cheirou.

Enrubesci. Tinha esquecido que estava de calcinha. Eu me virei para tirar a última porção de biscoitos em forma de bonequinhos do forno.

– Conversei com a Jillian hoje. Ela me contou uma coisa muito bizarra. Disse que…

– Você está acabando comigo. Abaixada assim e com biscoitos! Sonhando. Só posso estar sonhando. – Ele se aproximou por trás de mim e agarrou os meus quadris.

Assustada, derrubei a assadeira, e os bonequinhos se esparramaram pelo chão. Parecia o cenário de uma hecatombe: pernas quebradas, braços decepados, até algumas decapitações.

– Droga! – Coloquei a assadeira no balcão com estardalhaço e me virei para Simon, ainda com as mãos nos meus quadris e as sobrancelhas arqueadas agora.

– Ah, desculpa, Caroline. Eu não quis… Nossa! Ficaram meio assustadores, né? – ele disse, olhando ao redor dos meus pés.

Respirei fundo, segurei a respiração, contei até treze e depois desabafei:

– Você cancelou nossa viagem pro Brasil?

– Brasil? – Simon perguntou, com cara de culpa.

– Sim, Brasil. Conversei com a Jillian hoje, e ela me contou sobre a sua conversa com o Benjamin… Disse que você cancelou nossa viagem. Você fez isso?

Simon se manteve em silêncio por um minuto, o olhar indecifrável. – Sim.

Ele fez isso. Ele. Fez. Isso.

– E eu posso saber por quê?

– Eu ia fazer uma surpresa – Simon começou, se aproximando de mim, esquivando-se dos membros de biscoito.

– Normalmente, a surpresa é a viagem, Simon, não o cancelamento da viagem. – Eu joguei as assadeiras na pia e as cobri com detergente. Depois as esfreguei furiosamente, espirrando espuma para todos os lados. – Por que raios você faria isso?

– Eu queria…

– Você faz ideia do quanto eu tenho trabalhado? Do quanto eu estava ansiosa por essa viagem?

– Eu sei. Só achei que…

– Você não pode simplesmente decidir cancelar uma coisa dessas sem falar comigo! Sério, eu não posso acreditar que você…

– Dá pra me escutar por um segundo? Jesus! – ele explodiu, batendo a mão contra o balcão,

quebrando mais alguns biscoitos. – Eu queria passar o Natal com seus pais, Caroline. Convidei os dois pra virem pra cá.

A esponja caiu da minha mão.

– Você… o quê?

– Eu queria que a gente tivesse um Natal de verdade este ano, então liguei pra sua mãe e pro seu pai e convidei os dois pra passarem com a gente. Eu queria fazer uma surpresa. Eles vão chegar um dia antes do dia em que a gente viajaria. Eu sei o quanto você ficou chateada por não ter passado o Dia de Ação de Graças com eles, então pensei que eles poderiam passar o Natal aqui. Não achei que você ficaria tão brava. Se soubesse, tinha falado com você antes.

A minha cabeça começou a girar; fui tomada por um misto de emoções. Comovida? Arrebatada? Surpresa? Os meus olhos se encheram de lágrimas conforme desviava da carnificina de biscoitos para me aproximar de Simon.

– Você quer mesmo passar o Natal com a minha família? – Eu tomei o rosto dele nas minhas mãos.

– Quero – Simon murmurou, o olhar repleto de algo que eu não consigo identificar. – É tão estranho assim?

– Não, amor. É muito fofo – sussurrei, abraçando-o com firmeza.

Os braços de Simon deslizaram em volta da minha cintura, e ele beijou o topo da minha cabeça.

– Ainda está brava?

– Eu estava, mas não estou mais. – Eu me inclinei para ficar bem perto da sua orelha. – Mas, da próxima vez, fala comigo antes, ok?

– Prometo – Simon sussurrou no meu ouvido, depois me beijou com vontade. – Vou arranjar a maior árvore de Natal que você já viu. – Ele sorriu entusiasmado. Crise superada. Ele tirou a jaqueta e inspecionou o estrago fareláceo. – O que posso fazer pra ajudar?

– Pode começar limpando essa bagunça. Depois, precisamos embalar os biscoitos e chegar à festa antes do terceiro round entre Sophia e Neil – disse, entregando a vassoura a Simon.

Ele começou a varrer e assobiou a melodia de "Frosty the Snowman". Voltei para a pia cheia de sabão e enxuguei as lágrimas. Uma delas era pelo Rio de Janeiro.

O palco do terceiro round entre Sophia e Neil (conhecido nos círculos convencionais como a Festa de Mimi e Ryan) estava posto no segundo em que Neil apareceu com uma nerd gostosona. "Nerd gostosona?", você deve estar se perguntando. Voltemos um pouco no tempo…

Sophia tinha conhecido um cara em um evento beneficente de música. Bernard Fitzsimmons, professor associado de física aplicada na Berkeley e vice-presidente da Sociedade dos Apreciadores de Música da Área da Baía, tivera o prazer de conhecer Sophia em um concerto de arrecadação de fundos para a educação musical nas escolas. Dona de um talento incrível e de uma beleza estonteante, Sophia era frequentemente convidada a tocar em concertos beneficentes, especialmente naqueles voltados à música.

Os dois partilharam um táxi e um beijo após o evento, e Sophia o convidou para a festa. Ele era lindo e fofo, atributos que se complementavam de um jeito atraente.

Neil soube do convidado-surpresa por meio de um passarinho bastante maquiavélico chamado

Mimi

– "Ah, ela curte nerds gostosões agora?" – e decidiu sair à caça de uma mulher nerd e gostosona. Acabou conhecendo Polly Pinkerton, diretora de um laboratório de pesquisa do Centro Médico da Universidade da Califórnia, estudiosa dos efeitos de pesticidas e inseticidas no desenvolvimento infantil. Polly tinha participado do jornal matutino da afiliada local da NBC, e Neil passou o tempo inteiro no camarim flertando com ela entre xícaras e mais xícaras de café. Dopado de cafeína, ele viu nela a nerd gostosona perfeita para levar à festa. Sejamos justos: Neil curtia a companhia da moça, e os dois se viram mais algumas vezes antes da festa.

Neil e Sophia trouxeram seus respectivos nerds para uma guerra de ex, porém nenhum dos dois estava preparado para o que viria.

Bernard? Fofo? Sim. Inteligente? Sim. Chato? Com certeza. Fiquei presa na cozinha com ele e Sophia por quase meia hora discutindo paredes bege e o seu uso no design de interiores, porque, não sei se você sabe, Bernard amava Discovery Home and Health. Meu tipo preferido de pessoa (só que não). Sophia não parava de me lançar aquele olhar "desculpa, miga", mas eu entendia.

Bernard era o que Carrie Bradshaw chamaria de "ótimo no papel". Infelizmente, ele também era tão enfadonho quanto um papel. Eu estava no meio de uma discussão sobre areia versus pedra e tentando controlar meu entusiasmo para espancar Bernard, quando escutei a voz de Neil na entrada.

Sophia congelou. Eu congelei. Bernard versava sobre a beleza de uma tabela periódica pintada em tons de betume e osso.

– Betume e osso. Que excelente nome para uma…

– Nem vem com seus nomes excelentes pra bandas… Aí vem o Neil – Sophia sussurrou, abraçando Bernard, já distraído do seu discurso sobre bege por um par de peitos muito macios que agora o pressionavam. Ele arregalou os olhos e alternou nervosamente o peso do corpo de um pé ao outro. Quase sinto pena dele; o pobre coitado não fazia a menor ideia de onde tinha se metido.

– Betume e osso, é sim, um excelente nome para uma banda – murmurei comigo mesma deixando a cozinha, não sem antes pegar uns bolinhos de camarão na mesa de petiscos.

A festa estava rolando solta: lindos casais dançando ao som de rockabilly natalino, grogue quente e sangria de sidra sendo servidos por Ryan, enquanto Mimi passava bandejas e mais bandejas de guloseimas.

Comendo o bolinho de camarão, vasculhei a multidão à procura de Simon. Ele estava conversando com um dos colegas de trabalho de Ryan. Os nossos olhares se cruzaram, e eu apontei para o corredor, por onde Neil se dirigia à cozinha. A mulher que o acompanhava era uma graça; ela observava a multidão com um olhar aguçado e uma expressão de curiosidade. Os dois estavam prestes a trombar com Sophia e Bernard, o Bege. Enfiei mais um bolinho na boca e me movi sorrateiramente até a cozinha. No meio do caminho, encontrei Simon, que já tinha alertado Mimi e Ryan, no canto.

– Isso já está ficando ridículo – disse, e nós quatro nos colocamos a postos, flanqueando todas as entradas da cozinha.

– Só estamos zelando pelos nossos amigos – ponderou Simon, escorando-se na parede como um soldado sob ataque. Quando foi que isso virou Missão: Impossível?

Assim que Sophia e Neil puseram os olhos um no outro pela primeira vez desde a noite do

Pictionary, souberam que, embora Bernard, o Bege, e Polly Gracinha fossem pessoas bacanas e requintadas, jamais cairiam de joelhos por eles. Nem Bernard nem Polly eram "o amor da vida" de qualquer um dos dois. Mas isso não deteve Sophia ou Neil.

– Sophia.

– Neil.

Que dramáticos, esses dois.

– Bernard?

– Polly!?

Oi? O quê? Como?

Simon, eu, Mimi e Ryan emergimos do canto da parede feito quatro totens enquanto Gracinha e Bege colidiam no centro da cozinha num emaranhado de abraços e risadas.

– Polly! Não te vejo desde o simpósio sobre epistemologia genética no Hilton, em Anaheim! – disse Bernard, muito entusiasmado.

– Faz tanto tempo assim? Te procurei no Quantum Summit em San Diego, tinha certeza de que você iria – comentou Polly, o olhar tímido.

– Eu estava na Suíça, no LHC – ele afirmou, estufando ligeiramente o peito.

Eu não entendi nada, mas ela com certeza parecia impressionada.

– Grande Colisor de Hádrons. Fica na CERN, na Suíça – Ryan sussurrou.

Mimi também parecia impressionada. Com Ryan.

– É… Bernard, por que você não me apresenta pra sua amiga? – Sophia interveio, dando um puxão no braço dele. Bernard não percebeu. Ela estufou os peitos. Ele percebeu.

– Ah, desculpa, Polly. Estes são… quer dizer, esta é a Sophia – ele apresentou, as bochechas coradas. – Sophia, esta é a Polly. Ela comanda um laboratório na Universidade da Califórnia…

– Eu toco violoncelo na Sinfônica de San Francisco – disparou Sophia, aparentemente surpresa com a própria verborragia.

Eu mordi o punho para não gargalhar.

– Prazer, Sophia. Este é o Neil. Nós nos conhecemos há pouco tempo, ele…

– Oi. NBC. Canal 11 – disse Neil, sacudindo a mão de Bernard para cima e para baixo furiosamente. – Esporte? – ele insistiu quando Bernard fez cara de confuso. – O comentarista esportivo? Sabe o Neil que entra no ar todo dia às seis e onze? – acrescentou na sua melhor voz de locutor.

– Ah, sim, claro. Prazer em conhecê-lo… Neil?

E então foi a vez de Simon conter a risada.

Polly e Bernard continuaram conversando no centro da cozinha enquanto Neil e Sophia ficaram cada um no seu canto, confusos. Eu voltei para os bolinhos de camarão junto com Simon, satisfeita porque a noite se encarregaria de resolver o perrengue.

Uma hora depois, eu, Sophia e Mimi estávamos amontoadas no banheiro, discutindo os benefícios de se pagar um peitinho. Bernard e Polly haviam conversado sobre os congressos de que

tinham participado, sobre quem tinha publicado tal artigo em tal revista e agora falavam sobre um cara chamado Quark que era meio B? Ryan tentou explicar, mas, quando entrou em partículas fundamentais da matéria, eu não aguentei mais ouvir – principalmente porque Mimi estava suspirando tão alto; ela adorava quando Ryan bancava o cientista.

Então, cá estávamos nós falando sobre propositalmente pagar um peitinho e se isso seria suficiente para colocar a noite de Sophia de volta nos trilhos. Um pouco tonta por conta dos grogues a mais e ainda abalada pela história do Rio, eu estava perdendo o interesse rapidamente.

– Ah, pelo amor de Deus, mostra logo tudo pro professor Tédio! – disparei, retornando à festa.

Polly Gracinha e Bernard Bege estavam no sofá, narizes praticamente se tocando, e logo outras partes fariam o mesmo, eu tinha certeza. A química entre os dois era do tipo que se cultivava numa placa de Petri e então se aquecia sobre um bico de Bunsen até… pegar fogo. Alguns hádrons se chocariam ainda hoje, não havia a menor dúvida.

Avistei Neil caminhando para onde Sophia tinha ido após sair do banheiro e revirei os olhos.

– Você está bem, amor? – Simon perguntou, segurando o meu braço.

– Melhor impossível! E você?

– Tem certeza de que está bem?

– Por que não estaria? – Entornei o meu grogue e olhei ao redor à procura de outro.

– Porque metade do seu peito está pra fora – Simon respondeu, me virando para a parede, me escondendo de alguns convidados bastante deleitados.

– Merda! – Boto o peito para dentro. – Eu estava mostrando como… Deixa pra lá.

– Acho que está na hora de voltar pra casa.

Eu ia dizer o que achava da ideia, quando ouvimos um barulho vindo da cozinha. Todos chegamos lá ao mesmo tempo e encontramos Neil com uma tigela de salada de batata na cabeça e Sophia segurando um prato de bolinhos de camarão prestes a também ser arremessado. E pagando um peitinho. O olhar de Neil estava cravado no peitinho, a raiva fervendo a salada de batata.

– Se cobre! – ele grunhiu.

– Vai se foder! – ela gritou.

– Meus bolinhos de camarão… – Mimi lamentou.

– Seu carro está muito longe? – Polly perguntou, e ela e Bernard dispararam para a porta.

Eu balancei a cabeça, peguei os meus biscoitos e o meu Trepador de Paredes e segui para Sausalito.

Simon e eu estávamos juntos fazia um ano, e claro que havia noites quando ele estava em casa em que não fazíamos sexo. Dor de cabeça? Às vezes, eu tinha. Naqueles dias? Sem chance. Mas esta foi a primeira vez em que eu disse não porque estava irritada.

E agora ele estava irritado porque eu estava irritada. É justo dizer que eu culpei o Rio.

CAPÍTULO CATORZE

A montagem a seguir é uma reprodução do especial de Natal da Caroline. Se puder ouvir "It's Beginning To Look a Lot Like Christmas", preferencialmente a versão cantada por Johnny Mathis, por favor, faça isso agora.

Abre na entrada de uma garagem. Um Range Rover surrado se acha estacionado ali, quase todo coberto por um abeto-azul de Natal. Um homem arrasadoramente lindo com cabelos negros e sorriso provocador desamarra a árvore, pegando-a pouco antes que ela caia no concreto. Ele gargalha, olhando por cima do ombro para uma bela – não, uma maravilhosa – loira que o observa da calçada. Os seios fartos e empertigados dela esticam o suéter com estampa de rena. A rena mais sortuda que já enfeitou um pedaço de lã! A-hã. Enquanto o lindo homem trava a sua batalha com a árvore, ela o chama, e ele sorri mais uma vez. Ele percebe a rena… Como não perceberia?

Corta para o mesmo casal, agora acompanhado de outro casal jovem e feliz. Um homem com cabelo loiro e ondulado, óculos de armação grossa e pinta de erudito está ao lado de uma oriental bem baixinha com o cabelo preto impecavelmente arrumado e uma minissaia impossivelmente curta. Os quatro estão sentados em um sofá de couro vermelho, em Chinatown, e, enquanto eles quebram os seus biscoitos da sorte, a oriental desliza uma caixa de presente espalhafatosamente embrulhada na direção da amiga, a loira. Os quatro sorriem lendo as mensagens dos biscoitos. O homem loiro avista um ramo de visco, o que o faz roubar um beijo da morena baixinha.

Corta para uma ruiva peituda que traja um longo preto. Ela está em um palco cercada por uma orquestra completa e toca um solo no violoncelo. À medida que a música cresce, cobrindo a plateia de acordes natalinos, a ruiva inclina a cabeça para retribuir os aplausos. Quando a música é novamente absorvida pelo restante dos músicos, o olhar da violoncelista parece perdido… triste, talvez? Por que uma garota tão encantadora se sentiria triste em pleno Natal?

Corta para um estúdio de televisão, onde um homem atlético com cabelo preto e encaracolado e um sorriso contagiante transmite aos telespectadores as notícias mais recentes do mundo dos esportes. Não é difícil imaginar quantas pessoas estão assistindo aos destaques do futebol e aos erros de gravação. Seria a ruiva peituda uma delas? Será que ele gostaria que fosse?

Corta para a loira, sentada de frente para uma parede de vidro. Através do vidro, vemos o fundo azul-acinzentado de uma grande massa de água e, ao longe, o contorno de uma imensa cidade. A silhueta dos prédios sugere San Francisco. No reflexo da janela, é possível ver uma árvore de Natal enorme, decorada com luzes e enfeites brilhantes. O homem lindo entra acompanhado de um gato majestoso. Quando o homem senta ao lado da loira, descobrimos que ela está lendo uma revista. Ela fecha a revista apressadamente, mas conseguimos ver que estava aberta em um artigo sobre o Brasil.

Corta para uma cama, onde vemos… Desliga a câmera! Programa familiar.

Voltemos ao nosso casal original, agora diante de uma mesa coberta de gostosuras de Natal. Purê de batata com manteiga, vagem e batata-doce e um peru perfeitamente assado. A loira bonita coloca uma torta de maçã no aparador, e o homem lindo lhe lança um sorriso misterioso que a faz enrubescer. Será que ele sabe de algo que não sabemos?

Um casal mais velho se une a eles na mesa. A mulher é a loira bonita cuspida e escarrada. Seria a mãe dela? Ah, sim, e o homem deve ser o pai, que cumprimenta o bonitão com um aperto de mão.

Eles se sentam, e a câmera focaliza a loira. Ela parece feliz por estar com a família na véspera de Natal, mas, enquanto o homem lindo aperta a sua mão sob a mesa, percebemos nela um olhar quase melancólico. Com o que essa mulher estaria sonhando numa noite tão mágica?

Corta para o aparador, e somente nós vemos um gato empoleirado lambendo a borda da torta.

Corta para os quatro reunidos ao redor de uma árvore de Natal. Há papéis de presente nas cores verde e vermelha, prata e dourada espalhados por todos os lados. De vez em quando, as pilhas de papel burburinham e um bigode emerge delas. Os pais da loira vão até a cozinha, e ela tira um pacote de trás do sofá. O homem lindo parece surpreso; ele não sabia que haveria mais um presente. A loira bonita lhe entrega o pacote e se senta no braço do sofá. O homem sorri e começa a abri-lo.

A câmera dá um zoom no pacote, e descobrimos que é um porta-retratos. Não vemos a foto, mas ela deixa o homem lindo tenso. A expressão dele é tomada por um misto de emoções. Desconforto. Tristeza genuína. A loira prende a respiração. Então, o homem lindo abre um sorriso. Um sorriso de tirar fôlego.

Quando ele puxa a loira para o seu colo e a abraça forte, a imagem se abre e nós vemos os pais da loira entrando na sala. Contemplando os dois no sofá, eles retornam à cozinha.

CAPÍTULO QUINZE

M*ensagem de Sophia para Mimi:*

S: Ñ acredito q vc ainda tá brava…

M: Ñ acredito q vc ñ acredita q eu tô brava.

S: Desculpa! De novo! Quantas vezes mais vou ter q pedir desculpas?

M: Mais uma tá bom.

S: Ok. Me. Desculpa. Eu. Acabei. Com. Sua. Festa. De. Natal.

M: Desculpada. Pode me contar o q foi aquilo?

S: Eu ñ sei.

M: Ah, mas eu sei, e eu sei q vc sabe. Só quero ouvir de

vc.

S: Vou retirar meu pedido de desculpas…

M: Ñ pode. E o professor, como está?

S: Ñ provoca.

M: Rsrsrsrsrs

Mensagem de Simon para Neil:

S: Quer pedalar amanhã?

N: Ou dar as mãos e pular da ponte?

S: Cara…

N: Não posso. Trabalho. Falando nisso, faz tempo q vc tá em casa, hein? Quando vai voltar a trampar?

S: Tirei umas férias.

N: Sério, quando vai voltar a trabalhar?

S: Sério, estou dando um tempo.

N: Ah.

S: Ah o quê?

N: Nada. Enfim, amanhã ñ dá. Q tal no fim de semana?

S: Fechado. Vc chama o imbecil ou eu chamo?

N: Eu chamo. Flw, cuzão.

S: Flw

Mensagem de Mimi para Caroline:

M: Café sábado de manhã?

C: Só se for cedinho. Preciso trabalhar depois.

M: 7h30?

C: Perfeito.

M: Porra! Eu tava brincando, Caroline. Que horas então? 9?

C: Tenho reunião à tarde. Te contei que peguei um projeto novo em Sausalito? Uma pessoa passou pelo Claremont, gostou do que viu, apareceu no escritório e TARÃ, cá estou eu trabalhando numa decoração.

M: Uau! Miga, assim vc vai ganhar o prêmio designer do ano!

C: Vou mesmo! Ok. Café da manhã. Que tal 8h15?

M: Vixi. Tá. Vou ver se consigo tirar a Soph da cama tão cedo. Ela ainda tá me devendo por causa da festa.

C: Tá mesmo. Desperdiçar comida nunca é legal.

M: Aqueles dois são ridículos! Ryan disse que o Neil tentou ligar pra ela de novo, mas ela ñ dá o braço a torcer.

C: Talvez seja hr de esquecer isso. Qual a chance de três

melhores amigas e três melhores amigos se conhecerem, se comerem e viverem felizes pra sempre?

M: Né? História digna de novela. Dois de três ñ é nada mau. E eu ainda acho que eles vão voltar…

C: Mimi coração mole.

M: Ei, vc e o Simon topam assistir um filme no fds? Ou ele vai estar viajando?

C: Ah, não, ele vai estar aqui. Ele vai estar aqui até demais.

M: ???

C: Esquece. Vamos ver. Preciso voltar pro trabalho.

T*recho de um e-mail de Jillian para Caroline:*

… Então, parece que a gente vai para a Espanha antes do previsto. Uma amiga dos tempos da faculdade está reformando uma propriedade perto de Nerja. Não foi lá que você e o Simon ficaram? E como ele está? Benjamin disse que ele não anda viajando muito, é verdade?

Falei com o contador. Ele vai me mandar os documentos para a declaração do imposto de renda. Parece que você tomou conta de tudo divinamente. Ah, tem uma coisa, gata. Você precisa detalhar as refeições quando estiver nos clientes. Precisamos da nota fiscal, não só do cupom. Posso pedir para o contador te mostrar, é só me falar.

Ouvi dizer que o seu Natal foi interessante. Viena é encantadora! Que cidade maravilhosa para passar as festas de fim de ano.

Li o e-mail uma vez mais e então recordei a conversa que tivéramos pouco antes do Natal. Jillian me dissera que eles passariam as festas em Munique, estou certa disso. Ela inclusive tinha comentado sobre uns amigos de Benjamin. E agora ela estava dizendo que eles foram para Viena?

Alguma coisa em Viena não estava cheirando bem.

Guardei o celular e caminhei até o hotel. Eu teria uma reunião com a assistente de Camden para definir alguns detalhes da iluminação do bar inferior. Para aproveitar a luz natural – e ciente de que

algumas manhãs podiam ser muito nebulosas naquela região –, eu tinha desenhado um espaço que poderia ser usado tanto à tarde como local para tomar um drinque ou realizar um encontro de negócios como para algo infinitamente mais atraente à noite.

Tentei me concentrar na reunião de logo mais, porém não conseguia me livrar da sensação de que alguma coisa estava acontecendo. No início da viagem, Jillian mantivera um contato quase constante – tão constante quanto aceitável para uma recém-casada. No entanto, conforme as semanas se passaram, transformando-se em meses, os e-mails e as ligações foram diminuindo significativamente. No começo, eu estava tão ocupada que não percebi os telefonemas começando a rarear. Com os preparativos para as festas de fim de ano a todo vapor e a viagem com Simon para o reencontro, eu tinha assumido um tal controle das coisas que não precisava das ligações, é verdade, mas a questão não era essa.

Quando ela iria voltar? Parecia não haver previsão. Eu precisava encostá-la contra a parede, porém não sabia muito bem como agir. Eu tinha certeza de que ela tinha dito Munique…

– Caroline? Faz tempo que você está esperando? – uma voz me tirou do meu transe. Era a assistente de Camden, me olhando com cara de expectativa.

– Desculpa. Não, acabei de chegar. Vamos começar? – perguntei e fingi um sorriso.

Naquela noite, quando cheguei em casa, Simon estava lá e tinha preparado espaguete e almôndega. Como de costume. Como de costume, ele estava em casa, eu quero dizer.

– Você não tem ideia do quanto eu preciso de bolas de carne neste exato segundo – brinquei, sentada à mesa ainda de casaco e cachecol, o garfo e a faca em punhos.

– Foi coisa divina. Achei um mercado italiano sensacional quando saí pra pedalar de manhã. É um dos únicos lugares que já achei no país inteiro que moem a carne de porco, a vitela e a carne de boi juntas – ele contou, enchendo a minha taça de vinho tinto antes de colocar a massa na água fervente.

– As almôndegas ficam bem mais macias.

– Ah, então é esse o segredo das suas bolas? – disse, bebericando o vinho.

A noite estava fria, mas dentro de casa o clima era quente e acolhedor. Uma lareira aquecia a sala de estar, a luz ricocheteando na parede de vidro. Clive estava aninhado feito um novelo de lã, dentro da casinha que Simon tinha comprado. Camurça laranja, vários níveis, com um arranhador e uma bolinha no topo, a coisa era bizarra. Eu dissera a Simon que Clive nunca curtiria algo tão extravagante, algo tão manifestamente gato, mas o bicho tinha amado a geringonça.

Os meus meninos se entendiam. Bem, era inegável que eles passavam muito tempo juntos…

E lá estava mais uma vez. Aquela inquietaçãozinha que não sumia da minha cabeça, que eu não parava de ruminar. Ela desapareceu quando Simon serviu a salada e me deu um beijão.

– Como foi a reunião sobre o bar? – ele perguntou.

Simon estava escutando na noite anterior quando eu falei sobre os compromissos de hoje.

– Boa, mas eu estava meio distraída. Recebi um e-mail da Jillian.

– Como eles estão? Faz um tempo que não falo com o Benjamin, mas combinamos de conversar na semana que vem sobre uns investimentos.

– Ele continua cuidando de tudo pra você?

– Tem uma pessoa cuidando das coisas do dia a dia enquanto ele está fora, mas ele sempre está de olho. A Jillian comentou quando eles voltam?

– Não. Esse é o problema. Toda vez que eu tento tocar no assunto, ela se esquiva – respondi, mastigando uma escarola roubada da saladeira. Molho de mostarda e limão. Delícia.

– O Benjamin também. Acho que eles estão ocupados demais com a lua de mel pra pensar em voltar.

– Deve ser legal não ter responsabilidades – murmurei, e a inquietação me tomou novamente.

– Eu não diria isso – Simon retrucou, pinçando a massa com o pegador. – Rala aquele queijo?

– Eu diria. – Peguei o pedaço de queijo e comecei a ralar. – Sei lá, pode ser. Vou conversar com as meninas sobre isso amanhã, ver o que elas acham.

– As meninas?

– Sim. Café da manhã na lanchonete. Faz um tempo que não vejo as duas – falei, ainda ralando o queijo.

Simon balbuciou algo sobre eu nunca estar em casa, porém eu ignorei.

– Tem mais uma coisa: quando conversei com a Jillian antes do Natal, ela disse que eles passariam as festas em Munique. Mas hoje recebi um e-mail dela dizendo que eles estavam em Viena.

– Acho que escutei Viena mesmo. Pelo menos foi o que o Benjamin falou.

– Eu sei que ela disse Munique. Ela falou que o Benjamin tinha amigos lá – acrescentei. Ainda ralando o queijo.

– O Benjamin tem amigos em todos os lugares. – Simon provou e aprovou a massa.

– A questão não é se ele tem ou não amigos lá. A questão é que eu sei o que eu ouvi – retruquei, ralando o queijo furiosamente.

– Não é possível, e eu só estou perguntando – disse Simon, temperando a massa com um pouquinho do molho antes de colocá-la na tigela –, que você tenha entendido errado?

– Não. – Ralando o queijo.

– Não é possível? – Ele colocou a tigela em cima da mesa antes de voltar para as almôndegas. – Não é remotamente possível?

– Claro que é remotamente possível – eu respondi entre dentes. – Mas eu sei o que ouvi.

– Ué, então pergunta pra ela. Isso resolveria o problema, não? É melhor do que ralar as unhas em cima do macarrão – Simon ponderou calmamente, cobrindo a minha mão com a dele antes que eu de fato fizesse isso.

Olhei para baixo. O pedaço de queijo estava completamente ralado.

– Não posso perguntar, ela está contando comigo. – Soltei o ralador e fui até a pia para lavar as mãos.

– Sim, mas ela também é sua amiga. Se tem algum problema, ela merece saber, você não acha? – Simon puxou a minha cadeira para que eu me sentasse.

– Ela é minha amiga, mas é minha chefe em primeiro lugar. E, sim, é melhor falar com ela. – Eu

me sentei e sorri rapidamente quando Simon beijou o meu ombro antes de se sentar à minha frente. – Droga. Odeio quando você tem razão.

– Então você vive com ódio, mulher. E eu nem desconfiava.

– Ele me passou a tigela abarrotada de parmesão ralado. Peguei a tigela e mostrei um dedo bem específico para ele. Só para deixar registrado: as almôndegas estavam divinas.

– Panqueca integral, molho de blueberry e uma porção de linguiça de peru, por favor.

– Omelete de claras com presunto e cebolinha e uma porção de frutas vermelhas, por favor.

– Ovos mexidos, batata hash brown sem manteiga e pão de centeio. Ah, pode trazer meia toranja também, por favor?

Nós estávamos na mesa de sempre, Sophia e Mimi com xícaras extragrandes de café.

– Obrigada por terem vindo tão cedo. Sei que vocês gostam de acordar tarde no sábado – falei, bebericando o meu café, também extragrande. Eu tinha a montagem de uma instalação de arte pela frente, ou seja, o dia requereria cafeína extra.

– E o hotel, está caminhando bem? Acha que as coisas vão ficar menos frenéticas quando terminar? – perguntou Mimi.

– Provavelmente não. A gente diminuiu o ritmo com os designs residenciais pra cuidar do hotel, mas, quando isso acabar, temos vários clientes que adiaram seus projetos só pra não abrir mão de trabalhar com a gente – expliquei com orgulho. – Mas isso depende da Jillian.

– Ainda não faz ideia de quando ela volta?

– Não, mas não vamos falar sobre isso. Vamos falar do seu casamento. Como estão os preparativos? – indaguei, mudando de assunto. Eu ainda não sabia o que dizer a Jillian, não sabia como abordar o assunto, então só queria pensar em outra coisa.

Eu até poderia dizer que Mimi começou a planejar o casamento no dia em que Ryan colocou um diamante solitário de dois quilates no dedo dela, mas estaria mentindo. Mimi vinha planejando o seu casamento desde o dia em que descobriu o que era um casamento. Ela tinha cadernos e pastas repletos de recortes acumulados ao longo dos anos. Decoração de mesa, flores, vestidos, enxovais – o que você imaginar, estava num fichário. Ryan não fazia perguntas nem sugestões; ele simplesmente ficava na dele e deixava Mimi cuidar de tudo.

– Foi ótimo ver o casamento da Jillian, ver como ela planejou tudo. Tive várias ideias, me ajudou a definir o que eu quero e o que eu não quero. Se vocês olharem na página dezessete… – ela colocou o fichário na mesa –, … vão ver como eu vou usar a luz da capela pra destacar não só o rosa-pastel e a cor pêssego das flores como também o dourado natural da minha pele.

– Sim, mas isso depende da hora do dia – Sophia pontuou,

lançando um olhar malicioso para mim. Mimi folheou o fichário.

– Com base na posição em que o sol vai estar na semana do casamento, marquei a cerimônia pro horário em que a luz solar vai incidir com mais intensidade na igreja. – Ela apontou para um gráfico solar.

– Cara, eu estava brincando – disse Sophia, virando o fichário para ver melhor. – Mulher, isto é impressionante!

– Obrigada. Você também vai gostar de saber que eu levei em conta a cor da sua pele e da

Caroline na escolha do vestido de vocês.

– Nossos vestidos? Você escolheu nossos vestidos? – Sophia indagou.

– Você ainda nem convidou a gente oficialmente! Não acha que seria melhor escolher a gente antes de escolher os vestidos? – eu retruquei, passando a manteiga enquanto os pratos eram servidos.

– Por favor, né, como se eu precisasse convidar. Óbvio que vocês vão ser madrinhas – Mimi escarneceu, cortando a linguiça em fatias de meio centímetro e então posicionando-as no centro do prato.

– Óbvio! – eu a imitei, gargalhando da cara de surpresa que ela fez. – É claro que vamos ser suas madrinhas.

– Faz sentido, já que o Simon e o Neil vão ser padrinhos. E eu vi a cara que você fez, Sophia – Mimi retrucou, antevendo a reação de Sophia. – Ele vai estar no casamento, e ponto-final. E não vai ter guerra de comida.

Eu escondi uma risada com o guardanapo.

– Já avisa o Simon da data. Não quero que ele perca a semana do casamento porque vai estar fotografando zebras na Austrália – continuou Mimi, apontando a faca para mim.

– Zebras são da África. Na Austrália, tem cangurus – Sophia interferiu.

– Austrália, África, Akron, não me importa, desde que ele esteja em casa. – Mimi ticou um item na agenda matrimonial.

– Ah, ele vai estar em casa, não se preocupe com isso – murmurei. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, eu apontei a minha faca. – E não pense que eu não percebi você usando expressões como semana do casamento. É dia do casamento, sua coisa.

– Tenho tantos planos pro casamento que vou precisar de uma semana inteira, e o Ryan disse que tudo bem. E não pense que não percebi seu tom quando falou sobre o Simon estar em casa. O que está pegando?

– Não tem nada pegando. Ele tirou umas férias, só isso.

As duas olharam para mim.

– O quê? Vocês sempre falam que ele nunca está em casa. Bem, ele está em casa agora.

As duas continuaram olhando para mim. Olhei para elas também.

– Está ótimo. Ótimo.

Mais um momento de silêncio, então as três voltamos para nossos pratos.

– Então. O Ryan ficou sabendo que tem um grupo interessado em patrocinar parte do evento de caridade em San Diego – contou Mimi, dando início à rodada de novidades do nosso café da manhã.

– Vai abrir uma academia de krav maga na rua, e eu estou pensando em me matricular. Desde que consiga proteger minhas mãos – Sophia comentou.

– O Clive finalmente descobriu que o gato correndo de um lado pro outro do lado de fora da parede de vidro é ele mesmo – contei.

Nós mastigamos.

– Acho que finalmente consegui convencer o Ryan a fazer dança de salão pro casamento. Vamos aprender tango!

– Fiquei sabendo do professor Bernard Fitzsimmons. Ele e a Polly estão morando juntos.

– Acho que a Jillian está escondendo alguma coisa de mim. Garfos tilintaram.

– Mas oi? – Mimi perguntou, e Sophia me olhou com cara de confusa.

– Não sei explicar. Só acho que está acontecendo alguma coisa e ela não quer me contar. – Ao dizer isso em voz alta, fiquei ainda mais convencida. – Não sei o que está acontecendo, mas tem alguma coisa.

Eu contei tudo às duas: as ligações, a ausência de ligações, os e-mails, tudo. Recostei na cadeira e fiquei esperando que elas concordassem comigo.

– Você está baseando tudo isso no simples fato de que ela talvez tenha dito Munique em vez Viena? – Sophia questionou, sacudindo um sachê de açúcar.

– Não! Quer dizer, também, mas… Sei lá, tem alguma coisa errada – eu insisti, sem entender por que ninguém mais enxergava aquilo.

– Ela está na lua de mel. Se eu tivesse um Benjamin pra mim toda noite, com certeza ficaria meio distraída. Hum, vocês acham que ele gosta de sexo selvagem? Tipo, vocês acham que ele gosta de…

– Deus do céu, Mimi!

– Jesus Cristo, mulher!

Eu e Sophia encaramos Mimi. Justiça seja feita a Mimi, todas nós já tínhamos fantasiado aquilo. Mas nunca tínhamos falado sobre aquilo.

Mimi pelo menos teve a decência de corar com a cara enterrada nos pedaços de linguiça.

– Enfim, não é só o fato de ela ter trocado o nome das cidades. Eu sabia que ela ia passar um tempo fora, mas já está beirando o ridículo. Ela já nem se preocupa em…

Mimi deu risada.

– Claro que não se preocupa! Ela está preocupada demais com o Benjamin numa daquelas sungas minúsculas estilo europeu. Aposto que eles transam no…

– Já chega! – eu falei, batendo a mão na mesa, fazendo os talheres pularem. – Eu não tenho tempo pra isso. Estou tentando dizer pra vocês que… Deixa pra lá. Quer saber? Preciso trabalhar. – Joguei uma nota de vinte sobre a mesa e me levantei.

– Sério que você vai embora? – Sophia perguntou enquanto eu vestia o casaco.

– Sim, sério que eu vou embora. Preciso receber uma instalação de arte pro hotel.

Disparei para fora do restaurante, o coração acelerado. Eu tinha ficado tão enfurecida e tão repentinamente. Merda.

Voltei ao restaurante, onde as duas continuavam sentadas, os olhos arregalados.

– Muito obrigada por me convidar pra ser madrinha. Foi muito gentil.

Em seguida, saí de novo.

Entrei na Mercedes de Jillian e cruzei a ponte para esperar pela instalação de arte. Que nunca chegou.

Ei, instalação de arte? Chupa meu pau!

Naquela noite, eu estava enfurecida por ter perdido a manhã inteira e a melhor parte da tarde, ou seja, o meu raríssimo tempo livre, esperando por uma obra de arte. Ligar inúmeras vezes para o serviço de entrega (que só sabia dizer que estava "a caminho") serviu para me deixar ainda mais irritada do que de início. Exausta, decidi me desligar de tudo e curtir um pouco. Não pensaria mais em trabalho.

Encontrei Simon na cozinha, vasculhando os cardápios de comida chinesa. Ele me perguntou se eu queria ficar de bobeira, apenas me empanturrando de guioza. Era exatamente do que eu precisava.

Eu precisava relaxar. Todo mundo tinha um tempo livre, então eu também teria. Depois de comer, batemos em retirada para a hidro. Simon colocou Count Basie para tocar, e atravessamos correndo o gelado jardim. Debaixo de um cobertor de estrelas e com uma taça de vinho na mão, me aconcheguei na água borbulhante e tentei relaxar. Procurei esquecer o desconforto em relação a Jillian, o estresse do trabalho e a briguinha que eu tivera com Mimi e Sophia.

Eu tinha enviado uma mensagem para as duas pedindo desculpas e recebi as seguintes respostas: "Ih, relaxa, está tudo bem" e "Você é uma babaca, mas eu te amo mesmo assim".

– Você está quieta hoje – Simon observou, os braços fortes apoiados na borda da hidro. Um Trepador de Paredes molhado é algo impossível de descrever. Mas eu vou tentar.

É… Ah, é simplesmente demais!

– Só estou relaxando – afirmei, me alongando afetadamente e soltando um suspiro profundo.

– Que bom. Se quer saber, eu acho que você precisa relaxar mais. – Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu, lançando a mandíbula forte e a barba por fazer ao relento da noite fria.

Enquanto o admirava, percebi que a sua mandíbula não parecia apenas forte, mas também tensa.

– Está tudo bem?

– Nunca me senti melhor – respondeu, com um suspiro profundo.

Será que eu andava ignorando Simon? Com certeza, não. Como uma pessoa poderia ignorar alguém tão lindo? Mas, para ter certeza…

Sentindo uma faísca lá embaixo, me arrastei na água e sentei no seu colo. Ele envolveu a minha cintura, os dedos enroscando nas alças da parte de baixo do biquíni.

– Lembra da primeira vez que estivemos numa hidro, Trepador de Paredes?

– Lembro. Você estava bem animadinha – ele lembrou, sorrindo de um jeito malicioso.

– Estava mesmo. Mas você não ficou pra trás, se eu me lembro bem. – Revirei os olhos. E os quadris. O que não passou despercebido. – Até que cortou o meu barato.

– Você não tem ideia do quão duro foi fazer aquilo.

– Ah, eu sei quão duro foi. – Eu ri, e ele pressionou os quadris contra mim. Me virei de costas para ele, me apoiando no seu peito, e contemplei a vista da baía, as luzes da cidade reluzindo na água. Deste ponto privilegiado, vi a cidade lá embaixo, cujas luzes refletiam nas ondas. Eu com certeza sentiria falta dessa paz quando voltássemos de vez para a cidade.

Uma inquietação se formou brevemente, mas eu a afastei. Respirei fundo, inalando o aroma dos

pinheiros e dos loureiros, a salinidade da maresia sempre presente. Simon afastou o meu cabelo dos ombros, deixando um rastro de beijos molhados. Paixão é uma coisa, mas o aconchego manso desse tocar desapressado?

Isso é muito bom.

– Que gostoso. – Suspirei, encostando em Simon.

– Concordo – ele murmurou com a boca contra a minha pele, as mãos começando a percorrer a minha barriga.

– Me refiro a estar aqui, em Sausalito – disse com uma risada, me arrepiando quando a sua boca mergulhou entre o meu ombro e a minha orelha.

– Eu entendi. E concordo. – Simon me mordiscou como se eu fosse uma espiga de milho. – Tenho que admitir, eu gosto desta casa. É gostosa.

Soltei um gemido. O toque dele me eriçou de cima a baixo.

– Quem você está chamando de gostosa? – perguntei com uma risadinha.

– Psiu, estou te seduzindo – Simon ordenou, erguendo o meu braço e o beijando como um vilão de desenho animado antigo. – Logo, logo, você vai estar nas minhas mãos, e eu vou fazer o que quiser com você.

– Bem, sendo assim… pode continuar. – Voltei a recostar no corpo dele, bancando a dominada.

– Nossa, que facilzinha.

– Só agora você descobriu? – Eu gargalhei, rebolando com força no seu colo, esparramando água para todo lado.

Simon deu o troco me afogando. Eu emergi, cuspindo e tomando ar. Enquanto resmungava e enxugava o rosto, senti ele desamarrar a parte de cima do meu biquíni.

Fingi uma expressão de surpresa.

– Olha só o que você fez!

– Estou olhando.

E em seguida ele estava tocando. E depois estava fazendo outras coisas comigo. Deliciosamente pelado lambendo chupando batendo metendo coisas.

Foi muito bom.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O tempo livre se estendeu pelo domingo; eu precisava desesperadamente de uma folga. Poderia ter ido para o Claremont. Deveria estar aprovando a instalação de cortinas e varões; definindo as pedras de mármore dos banheiros; aprovando um pedaço de madeira reutilizada para uma mesa feita sob medida; eu deveria… eu deveria… eu deveria estar cabulando. Então eu cabulei.

Eu dormi, comi ovos sentada à mesa (em vez de uma torrada enquanto andava de um lado para o outro), saí com Simon para um passeio durante a tarde – sem qualquer rumo ou obrigação. Cabulando. Curtindo.

Percorrendo a rua principal, paramos para um café, depois tomamos uma trilha guardada por um velho portão de jardim a qual subia a encosta. Nós batemos papo enquanto caminhávamos de mãos dadas. Simon me contou que Trevor tinha ligado. Os dois mantiveram contato depois do encontro, e a mulher de Trevor de fato tinha me mandado um livro de receitas autografado por Ina Garten.

Ina tinha tocado aquele livro. Aquele livro que agora fazia parte do meu criado-mudo. Imaginei se o marido dela, Jeffrey, também o tinha tocado. Talvez ele tivesse dado uma passadinha no escritório de Ina enquanto ela assinava incontáveis exemplares. Talvez ele tivesse acariciado a mão dela, cansada de tanto assinar o próprio nome, enquanto os dois conversavam sobre mudas de alecrim e sanduíche de lagosta (como todos fazemos). Talvez a mão dela (e agora a de Jeffrey também) tivesse descansado sobre o livro que veio a ser o meu livro de receitas! É possível.

Paramos numa esquina, incertos de onde estávamos. Eu divisava trechos do Pacífico, mas não o suficiente para me orientar.

– Em que direção está a casa? – perguntei, olhando para trás na direção da encosta. Não há nenhum ponto de referência que eu conheça.

– Estamos perto, a alguns quarteirões. Acho que entrei na direção errada. Mas a gente não deve estar longe – Simon disse, olhando para a esquerda, depois para a direita, depois para a esquerda de novo. – Acho que é por aqui.

Seguimos em frente, e o meu celular tocou. Eu o desliguei.

– Faz semanas que não vejo você fazer isso – Simon falou, e deu uma risada pesarosa.

– Vou me sentir culpada na segunda, mas hoje não consigo pensar em nada relacionado ao trabalho. Minha cabeça vai literalmente explodir.

Simon concordou com a cabeça e apertou a minha mão enquanto caminhávamos.

– Vamos falar sobre o que vamos fazer pra janta, estou a fim de cozinhar. Que tal passar naquele mercadinho que você adora e ver se a gente encontra alguma coisa legal?

Continuei caminhando e não percebi que Simon tinha parado. Puxei o braço dele.

– Empacou, homem? Vamos! – Estalei os dedos para chamar a sua atenção. Simon estava olhando fixamente para uma casa no final da rua, parcialmente escondida entre árvores e uma selva de ervas daninhas.

– Amor, olha isso.

– O quê? Aquela cabana? Sim, parece bem abandonada. Vamos. Mercadinho? Jantar? – Puxei a

mão dele de novo.

Simon continuou observando impassivelmente aquela ruína.

– Não, olha aquela casa. Não é interessante?

– Não é bem a palavra que eu usaria…

Ele me puxou em direção à casa. No jardim, havia uma placa de vende-se.

Hum… o quê?

– Está brincando, né? – questionei, arrastando os pés enquanto ele me puxava.

À medida que nos aproximávamos, vi que a casa deveria ter sido muito bonita em outros tempos. Estilo vitoriano, mas sem fru-fru. A tinta descascada lhe conferia uma aparência melancólica, porém as vigas estavam em bom estado e o tamanho parecia não ser nada mau. Observei as outras casas da rua; todas lindamente conservadas. Como essa tinha se deteriorado tanto?

– É linda, não é? – comentou uma voz.

Simon e eu nos viramos e vimos uma senhora na sua varanda nos olhando por sobre o seu jornal.

– Hum, er… – respondi, sorrindo para ela.

– Bem, ela era linda. Querem vê-la por dentro?

– Ah, não, não podemos… – eu comecei, mas Simon me interrompeu:

– Sim, nós adoraríamos.

– Amor, o que você está fazendo? – sussurrei entre dentes, enquanto a mulher sacava um molho de chaves do bolso e o jogava para nós.

Simon pegou as chaves no ar e disse:

– Obrigado.

– Fiquem à vontade. O corretor só aparece de vez em quando, mas eu tenho essa chave extra comigo. A senhora Shrewsbury, a antiga proprietária, foi morar com a filha em Sacramento. Ela não cuidou muito da casa nos últimos anos, mas a ossatura é muito boa – a mulher acrescentou, voltando ao seu jornal.

Ossatura. Pft. Alguém anda assistindo Discovery Home and Health. Mais alguém…

– Ficou louco? – eu perguntei baixinho conforme nos aproximávamos da casa.

Nos esquivando dos tufos de grama e galhos, seguimos até a varanda.

– Só quero ver a casa por dentro. Você não ficou curiosa? – Simon questionou; havia algo no seu olhar que eu não conseguia identificar.

– Claro…?

Enquanto Simon brigava com a fechadura, eu olhei ao redor, notando as laranjeiras, as madressilvas, as roseiras. Sem dúvida, essa senhora Shrewsbury era jardineira. Para além dos arbustos, avistei a madeira branca, as persianas desbotadas cobrindo uma enorme janela panorâmica. Uma tradicional casa de dois andares, cuja varanda começava de frente para a rua e seguia pela lateral até os fundos.

– Aqui vamos nós – anunciou Simon, abrindo a porta. Entramos, e a luz vespertina nos revelou um interior antiquado. Observei o papel de parede malva com fímbria de gatos malhados. No

entanto, à medida que adentramos a casa, a parede dos fundos inteira se abriu numa vista deslumbrante da baía.

– Ah – resfoleguei ao ver as pequenas luzes de Sausalito que começavam a cintilar lá embaixo e, mais a distância, San Francisco.

A varanda contornava completamente a parte de trás da casa, e nela havia duas espreguiçadeiras posicionadas para contemplar a paisagem. A grama precisava ser aparada, assim como as ervas daninhas, mas a varanda era incrível.

Me virei para Simon, que estava inclinado sobre a cornija da lareira, ladeada por estantes com portas envidraçadas. Estavam cobertas por papel de parede, porém o trabalho de artesanato era evidente.

Batendo os pés ao longo do carpete rosa que revestia o chão de um canto ao outro, lancei um palpite:

– Aposto o que você quiser que tem madeira maciça debaixo do carpete. – O meu coração palpitou um pouquinho. Calma aí, Coração! O que diabos Simon e eu estávamos fazendo ali?

Passei por ele a caminho da cozinha, onde encontrei eletrodomésticos verde-abacate, mas também um espaço amplo. A minha mente começou a trabalhar. Você também, Cérebro? Não, não!

– Interessante? – Simon perguntou, segurando a minha mão.

– Interessante – eu confessei, deixando que ele me arrastasse até a escada.

No caminho, passamos por uma sala de jantar formal, com janelas panorâmicas e vista para… a baía. O carpete da escada permaneceu rosa, porém era apenas uma passadeira, deixando à mostra a madeira maciça embaixo. Conforme subíamos, a quietude era rompida pela luz do sol, vinda de uma janela que, embora escondida sob o beiral, iluminava maravilhosamente o ambiente. Prendi a respiração quando cheguei ao andar de cima e espiei os cômodos – um, dois, três quartos, um banheiro no corredor com azulejos de metrô, provavelmente originais, e, um pouco mais à frente… a suíte principal.

Acima das árvores, sobre a varanda e a vista estonteante, havia um quarto largo com janelas em ambos os lados. O assoalho de madeira, envernizado num tom caramelo, podia ser facilmente removido ou escurecido. Comecei a imaginar as possibilidades: uma cômoda Luís XV em uma parede, uma escrivaninha no canto. Já a cama… com dossel ou apenas trenó? Ah, não, eu estava decorando o quarto!

Simon saiu do banheiro com um sorriso.

– Puta merda, você vai pirar quando vir o que tem aqui. Passei correndo por ele.

Banheira vitoriana. Vi-to-ri-a-na.

– Pai amado! – exclamei, me escorando na parede enquanto Simon ria.

Ele me deu um abraço, apoiando a testa na minha.

– Garota do Baby-Doll, a gente precisa comprar esta casa.

– Ele gargalhou quando eu soltei um grito agudo.

As minhas pernas literalmente se transformaram em gelatina. Tudo abaixo do meu umbigo se liquefez – não fosse o meu core fortalecido pelas muitas horas no estúdio de ioga, eu teria derretido no assoalho e pingado no carpete do primeiro andar.

– Simon – eu comecei, uma sobrancelha lá em cima.

– Caroline – ele respondeu, imitando debochadamente a minha sobrancelha.

– Simon. Devagar. Quando você começou a fumar maconha?

Ele gargalhou de novo, depois desapareceu em um dos closets. Eu o segui, tentando conter a histeria que ameaçava me tomar por dentro.

– Me ouve um pouquinho. Sério. Você está chapado? Só pode estar, porque… Puta merda! – Parei, e a minha voz ecoou. Veja bem, ela ecoou porque o closet era do tamanho de um quarteirão. Eu imediatamente imaginei milhares e milhares de armários personalizados: gavetas, prateleiras, sapateiras. Deixei escapar um ganido.

Simon, de frente para a janela (havia uma janela no closet, acredita?), gesticulava para a paisagem.

– Será que tem uma janela no meu closet também?

Engoli em seco.

– Tem outro closet? – Voltei correndo ao quarto. Sim, tinha outro closet. Dois closets. Dessa vez, deixei escapar mais do que um ganido. Olhei para Simon, que, saindo do meu closet (o closet), caminhou até mim. Eu recuei em direção à parede a cada passo dele.

– Não. Simon, não.

– Vamos fazer isso!

– Não, não vamos fazer isso. Não estou brincando.

– Esta casa é incrível.

– Você já viu aquele filme Um dia a casa cai? Então, foi baseado nesta casa.

– Você já viu uma vista como a desta varanda? – Simon apoiou as mãos na parede de modo a me encurralar. – Para de arrumar desculpa – pediu com um certo… aborrecimento?

– Você ainda não viu o porão.

– Então vamos ver.

– Tenho medo de porão, Simon.

– Todo mundo tem medo de porão, Caroline.

– Você também tem? Uma vez, quando era criança, eu… Mas fui impedida de contar sobre a vez em que eu tinha ganhado um olho roxo subindo apavorada os degraus do porão com todas as minhas Barbies nas mãos por causa do lobisomem que estava me perseguindo, já que uma língua muito insistente e habilidosa se meteu entre os meus lábios e dentro da minha boca.

Mal consegui recuperar o fôlego, e fui atacada de novo. Ele pressionava a minha lombar, me puxava para perto. O beijo terminou, e ele apoiou a testa na minha. Havia desejo e fervor nos seus olhos, mas de um jeito diferente do habitual. Levei a mão ao seu rosto e acariciei a sua mandíbula.

– Não estou dizendo que não – sussurrei, e de repente o rosto de Simon foi tomado por felicidade. Eu o afastei e observei o quarto.

Simon envolveu a minha cintura, o que eu permiti. Sinceramente, precisava desse apoio. Aquilo era loucura.

– Desde quando você quer morar em Sausalito?

– É uma vontade que foi crescendo aos poucos. Além disso, vão transformar nosso prédio em conjunto comercial… Vamos ter que mudar mais cedo ou mais tarde.

– É um boato.

– É um fato. A moça do 2A me contou.

– A moça do 2A quer dar pra você. A gente está falando sério aqui. A gente pode bancar esta casa?

– Eu posso, e você pode ajudar. Eu sei que já está pensando em todas as coisas que quer mudar.

– A começar pelo carpete. O carpete sai imediatamente – disse de pronto, depois tapei a boca com uma mão.

– Sabia. – Simon riu e então me conduziu até o banco da janela. Deus do céu, um banco de janela! Eu estava ferrada. Quando Simon me puxou para o seu colo, eu deixei.

– Ok, escuta – disse. – Vamos conversar sobre isso. Há um ano, você estava deixando seu harém pra trás. Agora quer mudar pro subúrbio comigo?

– Eu não chamaria este lugar de subúrbio…

– Você entendeu o que eu quis dizer. Esta situação é… Simon, você tem que admitir que as coisas andam diferentes desde que… – Eu me detive.

– Desde?

– Eu não estava esperando por isso, só isso. Você está perguntando se eu… Espera. O que você está perguntando? – perguntei de súbito, o meu corpo tenso.

– Estou perguntando se você quer morar comigo, bobinha. Comprar esta linda casa inconveniente, que é grande demais pra duas pessoas, e morar nela comigo. Juntos.

E eu achando que a gente tinha saído para uma caminhada. Olhei ao redor do quarto, para a vista panorâmica através da janela. Olhei para Simon, olhei bem nos olhos dele, e tentei adivinhar o que estava pensando.

– Você tem certeza de que quer isso? – eu indaguei, me referindo não só à casa.

– Claro que sim. Eu te amo, e isso não vai mudar. Quero isso, quero você, e acho… Droga, olha a gente num episódio de Dawson's Creek de novo… – Ele fez uma careta, e eu soltei uma risadinha, apesar da seriedade do assunto.

O olhar de Simon se tornou melancólico, e ele parecia tão jovem naquele momento…

– Não quero me precipitar, sei que não faz muito tempo que estamos juntos. Eu não quero esperar… Nunca se sabe o que pode… Olha. Eu amo você e quero um lar. De novo. Com você.

Pronto. Sistema hidráulico acionado.

– Assim meu coração não aguenta, Simon – disse, com direito a lágrimas e nariz começando a escorrer.

– Eu sei. Eu fico muito fofo quando estou vulnerável – ele brincou, me fazendo cafungar de um jeito nada elegante.

– Então, mesmo sem saber quanto esta casa custa, sem saber nada sobre comprar uma casa em Sausalito, sem nenhuma inspeção nem corretor de imóveis e ciente de que tem uma porrada de coisa pra reformar, mesmo assim você quer isso? Tudo isso… Tem certeza?

Determinado e um pouco reticente em relação à minha resposta, Simon assentiu.

Levantei do seu colo e caminhei pelo quarto mais uma vez. Havia pelo menos cem motivos que faziam daquilo uma ideia não muito boa. Espreitei pela janela enorme novamente, admirando as roseiras no jardim. Apostei que ele ficaria deslumbrante na primavera.

Eu me debrucei no parapeito e observei os últimos raios do sol no outro lado da baía. Os parapeitos eram salientes, do tamanho ideal para um certo gato cochilar. Eu me virei para Simon, que agora estava de pé sob o batente da porta, com a expressão mais esperançosa do que nunca.

Será que eu queria aquilo?

Então, ser adulto era aquilo? Tomar grandes decisões e depois encarar uma nova etapa da vida? Não era rápido demais, impulsivo demais…?

Eu queria aquilo. E queria aquilo junto com Simon. Fiz que sim com a cabeça, e ele sorriu, gargalhou, então me beijou estupidamente.

Três horas depois, ele fez uma oferta. Que foi aceita. Adultos, não é mesmo?

– A gente não está indo rápido demais?

– Não. Já estamos nisso faz um tempo. Se chamam preliminares, Caroline – Simon murmurou, abaixo do meu umbigo.

– Conheço bem o termo – eu disse, apertando as pernas ao redor do seu tronco, me apoiando sobre os cotovelos para observá-lo.

– Não estou falando das preliminares, embora estejam bem boas.

– Boas? Só boas? – Ele escalou o meu corpo inteiro aos beijos. Eu me arrepiei.

– Eu estava dando o meu melhor ali…

– Eu disse que estavam boas? Eu quis dizer fantásticas. Fenomenais. – Beijei-o na boca.

– De outro mundo!

– Ah, bom. Que história é essa de ir rápido demais? – Simon usou o meu seio esquerdo de travesseiro enquanto roçava o direito com a ponta dos dedos.

– A casa. A gente não se precipitou? – Passei as mãos pelo seu cabelo, que ficou arrepiado. Modelei-o de um jeito, depois de outro, moicano, sem moicano, tigela, com franja. Enrosquei o seu cabelo em cada um dos meus dedos, sentindo os fios sedosos enquanto ele beijava a fenda entre os meus seios.

– Você ainda está pensando nisso? Se eu achasse que a gente estava se precipitando, não teria feito uma oferta. – Com a pontinha da língua, ele molhou o bico do meu seio.

– Eu não teria falado pro corretor que queria a casa mesmo com tantos problemas.

Os seus quadris se chocaram contra os meus, escorregando por entre as minhas pernas, que o embalaram instantaneamente. Senti-o excitado e sedento e insistente.

– Se eu achasse que era cedo demais, não teria te dado uma verba obscena pra transformar aquela casa em um lar – Simon sussurrou com a voz rouca e grossa. Falando em grosso…

Ele enfiou, apenas um pouco.

– Piso térmico, Caroline…

Eu arqueei as costas.

– Balcões de mármore.

Eu abri as pernas ainda mais.

– Carrara? – perguntei.

– Não sei o que é isso, amor – ele disse, ofegante, pairando sobre o meu corpo. Ele se apoiou em uma das mãos, e a outra mergulhou lá embaixo para fazer aqueles círculos perfeitos, no ponto que me leva às alturas.

– É um tipo de mármore que… hum… – eu gemi, e a minha cabeça desabou no travesseiro enquanto ele introduzia por inteiro.

– O que você quiser. Você pode pedir o que quiser. Você sabe disso, não sabe? – Simon sussurrou, fincando as mãos nas minhas costas e me puxando mais para perto, empinando a minha cintura para que cada investida atingisse exatamente o Carrara. – Eu só preciso de você. – Os seus olhos arderam em contato com os meus, apaixonados e cheios de desejo. – Você… eu preciso de você – ele repetiu, penetrando profundamente, me conduzindo em direção ao limite.

E foram aqueles olhos que me fizeram atingir o limite. Quando ele também atingiu, foi épico. Permanecemos deitados, enroscados e sem fôlego. Abraçando-o com força, eu sussurrei no seu ouvido o quanto o amava e o quanto aquela casa, aquele lar, seria feliz.

Eu só esperava poder dar a ele o que ele precisava.

CAPÍTULO DEZESSETE

Na manhã seguinte, recebi um e-mail de Jillian. Ela e Benjamin voltariam dali a três semanas.

E durante essas semanas o meu mundo virou de cabeça para baixo. Por meses, eu vinha administrando tudo e tinha pegado o ritmo das coisas. Mas não nas duas últimas semanas. Não, senhor. Foi como se os deuses do design tivessem se juntado, esfregado as mãos e dito: "Vamos ver o que podemos fazer para foder com a Caroline Reynolds".

E, caso você esteja se perguntando, sim, os deuses do design existem. E, caso esteja se perguntando, sim, eles são fa-bu-lo-sos.

A princípio, o projeto novo que eu tinha fechado em Sausalito era para ser a reforma de uma cozinha. Que se transformou na reforma de uma sala. Que se transformou em: "Será que podemos trocar as portas que dão pro terraço por portas francesas?" e "Acho que podemos trocar o pátio inteiro, não acha?" e "Eu vi uma coisa chamada pérgula no Discovery Home and Health, será que podemos colocar uma no terraço?". Isso tudo era ótimo para o bolso, mas significava muito mais trabalho do que eu tinha planejado. Nós revisamos o prazo, nós re-re-revisamos o orçamento, e eu comecei a trabalhar na remodelação quase total que esse projeto agora requeria.

Enfrentamos um sprinkler defeituoso no escritório, o que resultou na inundação do terceiro andar inteiro. O aparelho simplesmente despirocou numa tarde e espirrou água durante quinze minutos antes que conseguíssemos desligá-lo. As salas precisaram ser arejadas, uma equipe precisou ser chamada para secar os carpetes, e alguns formulários da declaração de imposto ficaram ilegivelmente borrados. Felizmente eu havia feito cópias, mas e o pânico ao ver aqueles formulários molhados? Acho que ganhei o meu primeiro fio de cabelo branco.

A maldita instalação de arte finalmente foi montada no saguão do Claremont. Max Camden deu uma olhada nela, disse que estava tudo errado e ordenou que encontrássemos outra coisa. O que fizemos. Todas as partes concordaram que a nova arte era melhor para o ambiente, mas agora todo o resto precisava ser reconfigurado para acomodá-la. O que me fez repensar os pontos de iluminação. E a iluminação como um todo. Foi como puxar um fio solto de um suéter e, Pá, cadê o suéter? Do nada, você se vê pelado em um hotel novo com uma iluminação de bosta.

Eu não tinha tempo para ficar pelada.

Porque a próxima bomba era que o nosso prédio realmente se transformaria num condomínio comercial. Jillian me encaminhou um e -mail do proprietário, e eu fiquei sabendo que o prédio seria colocado no mercado em trinta dias. Trinta dias… Isso é permitido? Durante esse período, o proprietário do edifício apareceria para fazer reparos e manutenção em todos os apartamentos.

Simon aceitou tudo numa boa, dizendo que era um sinal de que deveríamos mesmo mudar para Sausalito. Sinal ou não, eu então tinha de encarar uma nova casa que precisaríamos reformar de cima a baixo, e havíamos perdido os apartamentos em que moraríamos durante essa reforma. E, com o retorno de Jillian, a casa dela em Sausalito não era uma opção.

Então, para completar, Simon e eu precisávamos desmontar os nossos apartamentos e mover tudo para um depósito até que a casa nova estivesse pronta para receber os móveis e pertences. Sério! Contratei uma empresa para me ajudar, claro, mas ainda precisava fazer uma triagem, uma limpa, empacotar algumas coisas. Existem determinadas coisas no apartamento de uma mulher que

ela prefere empacotar por conta própria. Você sabe do que eu estou falando.

Ninguém encostaria um dedo sequer na minha KitchenAid! Recapitulando. A minha já frenética vida no trabalho estava ficando cada vez mais alucinante, e não mais calma, como deveria ser. A minha chefe estava retornando de viagem em poucos dias, e havia ventiladores espalhados por todo o terceiro andar do escritório dela, numa mansão histórica em Russian Hill. E eu precisava gastar algumas horas que não tinha para embalar as coisas do meu glorioso apartamento e me mudar para uma casa inglória a qual passaria por uma reforma monstruosa.

Adendo: eu iria morar dentro dela durante a reforma monstruosa.

Podem rir, deuses do design. Eu aguento. Não aguento?

Cérebro riu. Espinha Dorsal se contorceu como se tivesse escoliose. Coração continuou desenhando o próprio reflexo no espelho imaginário do banheiro da nova suíte principal.

E Simon? Simon era um… abacaxi. Encaixotando as coisas no seu apartamento neste exato momento e fazendo um barulho desgraçado. Eu estava no meu quarto, esvaziando a gaveta de meias, quando ouvi um som familiar vindo do outro lado da parede. Batidas. Sorri ao recordar as primeiras vezes em que escutei essas batidas.

Clive subiu na cama e olhou curioso para a parede.

Certeza que ele ainda tinha a esperança de ouvir Purina miando. Sem chance.

Me aproximei da parede compartilhada e coloquei a mão no ponto em que deveria estar a cabeceira da cama de Simon. Ouvi mais uma batida. O que diabos ele estava fazendo?

Peguei o celular e mandei uma mensagem:

C: O q vc tá fazendo?

S: Pondo a cama abaixo.

C: Ah! Ñ é de estranhar q eu esteja tendo uns flashbacks…

Ele respondeu com uma batida na parede. Eu bati de volta.

Tum, pá, pá, tum, tum. Tum, tum.

Dei uma risadinha, então fiquei escutando. Será que ele…? Sim, um minuto depois, Glenn Miller atravessou a parede. Boa, Simon.

Voltei a encaixotar as coisas, Simon voltou a pôr a cama abaixo. Clive atacou um rolo de plástico-bolha e fez dele a sua putinha. Algumas horas depois, Simon voltou para o meu apartamento e observou o ínfimo progresso que eu tinha feito na preparação da mudança.

– Quando o caminhão vai voltar?

– Dois dias. – Verifiquei a data no meu calendário. – Então, você precisa se livrar de tudo que não quer que eles levem, pois eles vão levar o que virem pela frente.

Ainda era estranho pensar na casa nova. Eu quase não era capaz de pensar nela, com tudo o que estava acontecendo. Um passo de cada vez.

– Vamos passar esta noite aqui? – Simon perguntou, olhando o calendário por cima do meu ombro.

– Eu gostaria, se não tiver problema pra você… Mais uma noite onde tudo começou? Além disso, tem alguém bem animadinho aqui – brinquei.

Entendendo a deixa, Clive saiu correndo até a cozinha e voltou como se os cães do inferno estivessem no seu encalço, arrastando um pedaço enorme de plástico que pendia dele como uma capa ruidosa.

– Você sabe que assim eu não resisto – Simon murmurou no meu ouvido, os braços envolvendo a minha cintura. – Aliás, pode riscar essa viagem.

– Que viagem? – indaguei toda melosa. Os braços dele provocam isso em mim.

– Belize. Eu cancelei. – Ele apontou para a data que eu tinha marcado com um círculo no calendário.

– Você cancelou Belize?

Com isso, já eram três viagens seguidas.

– Sim, quero estar aqui pra ajudar nas coisas da casa. – Ele enfiou o nariz no meu pescoço. – Não sei se você lembra, mas eu sou muito bom com o martelo. – Ele chocou os quadris contra os meus.

Eu retribuí. Com maior força do que o necessário? Talvez. Um pouco.

– Vou conferir se peguei tudo no meu quarto – eu falei, afastando-o e indo para o quarto.

Eu sabia que Simon não gostava que eu questionasse os seus planos. E, se ele percebeu que o meu tom deixou de ser meloso, não comentou nada.

Abacaxi.

Todos os meus mundos resolveram colidir no mesmo dia. A sexta-feira amanheceu fria e clara. Ainda bem que não havia qualquer sinal de névoa, porque o nevoeiro que pairava na minha cabeça por volta do meio-dia era suficiente para cobrir toda a região da baía. Jillian e Benjamin chegariam às seis horas. Simon e eu queríamos que os dois aproveitassem a primeira noite em casa sem ninguém por perto, então, antes de sair para trabalhar na sexta de manhã, eu deixei o lugar um brinco, com tudo exatamente como eles tinham nos deixado.

Simon fecharia o negócio da casa às duas e meia. Ele assinaria a papelada e pegaria as chaves, e eu avisei que o encontraria no nosso novo endereço assim que conseguisse escapar do trabalho. Luz, água e telefone estavam sendo instalados, as caixas com as nossas coisas essenciais seriam entregues, e Simon ficou encarregado de comprar e montar o colchão inflável. Sim, colchão inflável. Já que moraríamos na casa durante a reforma, não queríamos nenhum móvel de verdade por enquanto. Não queríamos ter de arrastar a mobília de um cômodo a outro, então viveríamos com o básico.

A porra estava prestes a ficar séria. Bem séria.

O pobrezinho do Clive não estava entendendo nada. Depois de se mudar para a casa de Jillian, voltar para o apartamento, para a casa de Jillian, para o apartamento de novo, ele já nem sabia mais onde ficava o seu banheirinho. Ainda bem que o moletom da Stanford não existia mais.

Tio Euan e tio Antônio tinham decidido se mudar quando souberam que o prédio se transformaria em um condomínio comercial, ou seja, as minhas babás felinas já eram. Eu não queria Clive na casa nova antes de deixá-la à prova de gatos, então ele foi para um hotelzinho para gatos.

O que fez eu me sentir a pior mãe do mundo. E o comportamento de Simon não estava ajudando.

A minha veterinária tinha recomendado um hotel excelente. De fato, não era pouca bosta: Clive tinha um quarto só para ele, com uma TV de tela plana transmitindo pornô animal vinte e quatro

horas por dia.

– É por pouco tempo. Prometo, meu amor.

Ao darmos uma volta para conhecer o lugar, Clive e Simon tinham a mesma expressão no rosto.

Você só pode estar zoando com a minha cara!

– Não podemos deixá-lo aqui. Este lugar é ridículo! – Simon sussurrou conforme percorríamos a fileira de quartos felinos.

– Este lugar é ótimo! Você está sendo ridículo – eu sussurrei de volta, seguindo a dona pelo corredor.

– E esta vai ser a suíte do Clyde! – ela exclamou, abrindo a porta do quartinho mais fofo que eu já tinha visto.

– Clive. Não Clyde. Clive. – Simon bufou, revirando os olhos para mim.

Eu o fulminei com o olhar. Peguei Clive dos braços dele e o coloquei no chão para sentir o território. Clive olhou ao redor, arranhou um dos arranhadores e então olhou para mim.

– Cadê o meu peitoril? – ele disse sem dizer. Ai, esses dois. Fala sério.

Simon e eu discutimos sobre o assunto no caminho de volta para casa. Clive se sentava majestosamente no console do Range Rover, as pernas traseiras enfiadas nos apoios para copos. O hotelzinho para animais de estimação era meio brega, mas era ótimo. E era uma solução temporária. Clive ficaria lá por poucos dias enquanto a gente sentia o novo ambiente. Eu conhecia Clive muito melhor do que Simon e sabia que, se houvesse uma tábua solta sequer, um armário com a porta frouxa, ele iria explorar e seria impossível encontrá-lo depois. Simon retrucou dizendo que eu estava sendo ridícula e controladora.

Eu queria deixar o cafofo à prova de gato, só isso. Mas, para tanto, o gato precisava passar algumas noites num pet-hotel caríssimo. Pela reação de Clive e Simon, parecia que eu queria que ele passasse umas noites em Alcatraz.

Mas, enfim, cá estávamos nós, dia da mudança, e Simon finalmente tinha concordado que, para o bem do gato, e do próprio Simon, era melhor deixar Clive no hotelzinho antes de fechar o negócio da casa. Dei um beijo nos dois naquela manhã e disse a Clive para curtir a aventura. Ele posicionou uma pata de um jeito que um dos seus dedinhos de gato ficou esticado para cima. E não foi sem querer, tenho certeza.

Eu me programei para trabalhar durante o horário de almoço naquele dia, tentando deixar tudo nos trinques para que, quando Jillian voltasse ao trabalho, na segunda-feira, tudo estivesse exatamente como quando ela viajara. Não, melhor do que quando ela viajara. Eu realmente queria mostrar a ela o quanto eu tinha levado a sério a missão de administrar o escritório na sua ausência, tendo inclusive conseguido novos clientes, sem deixar de cuidar dos antigos. Além disso, eu tinha treinado a estagiária com a mesma paciência e orientação que ela tinha dispensado a mim quando atravessei a porta do escritório pela primeira vez.

Enquanto tudo isso acontecia, nós perdemos o carpete do terceiro andar, é verdade, porém eu o substituíra por um ainda melhor.

Fiz uma apresentação para mostrar o andamento da reforma no Claremont; bem impressionante. Também compactei um dos relatórios de pagamento para que ela visse com facilidade não apenas o

total de horas trabalhadas pelos funcionários contratados por hora como também quantas horas tinham sido dedicadas a cada projeto. E tinha categorizado por cores quase todas as faturas dos projetos e contas ativos, agora arquivadas em pastas coloridas, espalhadas por todo o meu escritório.

Eu estava conferindo a conta de uma nota particularmente extensa quando, ao meio -dia e meia, Simon apareceu de repente com uma caixa de pizza. Ele a colocou com um gesto afetado bem no meio da minha mesa.

– Epa, epa, epa! O que é isso? – eu exclamei, tirando os olhos da calculadora, tendo perdido a conta pela terceira vez.

– Chama-se almoço, amor – Simon respondeu com um sorriso orgulhoso, tirando umas latas de refrigerante de uma sacola e procurando um lugar para colocá-las. – Caraca, mulher, eu nunca vi sua mesa tão bagunçada.

– Simon, espera. Não…

Tarde demais. Ele já tinha empilhado três pastas para abrir espaço na minha mesa, misturando todo o meu trabalho.

– Agora, sim. Bem melhor. Tirei os óculos e o encarei.

– Você faz ideia do tempo que eu demorei pra organizar essas coisas de manhã?

Ele olhou culposamente para a pilha de pastas.

– Ops?

– O que você está fazendo aqui? – Eu tirei a pilha da mão dele e comecei a separar tudo de novo.

– Dia da Casa, Garota do Baby-Doll! – Ele me olhou como se eu fosse louca. – Pensei que a gente podia comemorar com um almocinho. Eu já sabia que você ia dizer que estava muito ocupada, por isso trouxe o almoço!

– Caroline, você ainda quer que eu faça o orçamento daquele… Ah, oi, Simon! – disse Monica, detendo-se na porta ao avistar o meu namorado. Ela tinha uma queda monstra por ele. Eu geralmente dava risada vendo-a gaguejar e travar quando estava perto de Simon, mas neste dia não tinha a menor graça.

– Monica, quer um pedaço de pizza? – Simon ofereceu, pegando a caixa na minha mesa.

A papelada embaixo agora estava manchada de gordura. Puxei um lápis colorido do cabelo e comecei a mastigá-lo.

– Ah, não, eu já comi uma pizza, quer dizer, não uma pizza inteira, quer dizer, eu saí pra comer uma pizza inteira, quer dizer, um pedaço! Comi um pedaço pequeno, e uma salada, mais salada…

Eu a interrompi. Já estava ficando constrangedor.

– Sim, Monica, por favor, faça o orçamento do projeto dos Anderson e me procure se tiver dúvida. Obrigada!

– Ah, sim, sem problemas. Qualquer coisa, estou disponível na sala ao lado… quer dizer, trabalhando! Eu quis dizer que… Merda. Tchau!

Afundei a cabeça na mesa. Monica era a jovem mais talentosa e madura que eu conhecia. Eu teria matado para ter a sua atitude naquela idade… exceto quando havia um Trepador de Paredes na parada. Aí ela se transformava numa bocó. Eu sabia bem como era. E olha que ela não sabia que ele

tinha o poder de deslocar uma cama inteira só com a força dos quadris!

Falando em quadris, eles surgem no meu campo de visão, junto com uma caixa de pizza.

– E aí, almoço?

Comecei a gargalhar. Não consegui me segurar. Eu tinha chegado àquele ponto em que ou você ri ou você chora, e a balança simplesmente pendeu para o lado da risada. Olhei para Simon celebrando o Dia da Casa do seu jeito fofo e sem noção e grasnei:

– Claro, Simon. Vamos comer pizza.

Peguei a caixa das mãos dele, e, na tampa, cercado por um exército de calabresas dançantes e vestido com um chapéu de chef, estava o diabo em pessoa.

Cory Weinstein. Dono de uma rede de pizzarias. Concessor de desconto. Auto-proclamado homem cosmopolita.

E o maldito filho da puta que tinha confiscado o meu O.

O meu olho começou a se contrair. O chão, a girar. A minha pele, na qual ele pusera os olhos uma única vez, a coçar, queimar, arder.

A risada que soava dos meus lábios deu lugar a um berro que parou o trânsito na cidade inteira, sacolejou carrinhos de vendedores ambulantes e pode muito bem ter sido a causa do ligeiro tremor noticiado pelos jornais mais tarde naquela noite. E os meus joelhos estavam beijando o meu queixo porque o meu corpo tinha se encolhido que nem tatu-bola num gesto de autoproteção.

– Ei, calma! Não tem anchova na pizza, eu conferi! – disse Simon, revirando os olhos e me entregando um guardanapo.

Passei a tarde inteira tendo flashbacks.

Cory brindando comigo com a sua cerveja barata no nosso primeiro e único encontro.

Cory sorrindo escrotamente ao assumir o volante do seu possante cor amarelo-pinto-pequeno.

Cory grunhindo em cima de mim, os quadris disputando uma corrida que ele jamais venceria.

Para ser justa, eu tivera todas as oportunidades de impedir aquela tragédia. No entanto, escolhi seguir adiante com a pior experiência sexual da minha vida, a qual resultou no Grande Hiato Orgástico, como o episódio passou a ser conhecido por toda a humanidade.

Comecei a piscar desesperadamente na tentativa de bloquear aquelas lembranças. Dobrei a esquina da minha nova rua depressa demais, e todo o conteúdo da bolsa se esparramou pelo chão da van.

Van, você pergunta, que van?

Sim, uma van. Na pressa para concluir o negócio mais rápido da história do mundo imobiliário, Simon e eu nem pensamos no meu deslocamento até a cidade. Claro, eu poderia pegar a balsa, mas não tinha conseguido verificar os horários. E eu já não tinha mais a Mercedes de Jillian. Então surrupiei a van de entrega da Jillian Designs e a estava usando para atravessar a ponte até o meu novo endereço. Quando parei em frente à antiga construção vitoriana que eu agora chamava de lar, batons rolaram pelo assoalho da van. Suspirei profundamente ao girar a chave no contato e, através do para-brisa, espreitei a casa.

Da rua, ela ainda parecia um tanto melancólica, para baixo. Eu sabia que seria por pouco tempo.

Ou era eu quem estava para baixo? O dia tinha acabado comigo, e tudo o que eu queria era explorar a casa nova, tomar um banho quente e cair na cama.

Uma cama no chão.

Dane-se, eu já nem ligava. Só queria uma cama. Quando corri a porta da van, ela rangeu de um jeito que me lembrou a cama de Cory Weinstein enquanto ele usava o pintinho minúsculo como uma britadeira que anestesiou os meus pensamentos (e a minha xoxota). Estremeci mais uma vez.

Bati a porta e subi os degraus. Pela janela da frente, vi Simon movendo caixas.

Senti aquele peso nos ombros diminuir. E outra coisa começou a se contrair. Esta era a minha nova casa, a casa que eu dividiria com Simon.

De repente, o dia de merda acabou. Eu não via a hora de entrar e fazer amor. E sexo selvagem. E tudo que existe entre um e outro.

Abri a porta da frente, desviei o olhar do papel de parede malva, do carpete rosa, do rodapé encardido e das ombreiras cheias de impressões digitais e avistei o meu namorado. Alto e lindo, forte e esguio. Ele se virou quando entrei e me lançou um sorriso do mal.

– Oi, gata.

– Oi – respondi. Deixei a bolsa cair e atravessei o carpete rosa em direção a Simon.

– Eu estava te esperando pra poder pedir comida. Tailandesa, que tal?

– Ótima ideia, dono de casa mais gostoso do mundo – ronronei, e ele tirou o olhar dos cardápios.

Simon sorriu enquanto eu me aproximava, com um rebolado extra.

– O que está pegando?

– Nada. Ainda. – Dei uma piscadinha. – Onde está aquele colchão inflável? Vamos batizar esta pilha de tijolos.

Eu o puxei para perto e o beijei intensamente, enroscando as mãos nos seus cabelos. Simon reagiu imediatamente, me beijando com urgência. Beijei a sua mandíbula, as maçãs do rosto, passei a língua entre o seu pescoço e seu ombro. Essa parte de Simon sempre teve um gosto delicioso.

Ele gemeu no meu ouvido.

– Merda. Esqueci de comprar o colchão inflável.

– Hã? – balbuciei, a boca cheia de pescoço e ombro.

– Foi mal. Estava tão ocupado com as outras coisas que esqueci completamente.

Eu me afastei e guardei a língua dentro da boca.

– E onde a gente vai dorm… Argh! – Me afastei aos pulos; alguma coisa peluda tinha roçado as minhas pernas. – O que diabos foi isso?

A minha mente instantaneamente imaginou uma força-tarefa de ratos determinados a tomar a casa das mãos dos humanos invasores.

Mas não eram ratos. Era Clive! Com os olhos arregalados e o rabo espesso. Agora ele estava passando entre as minhas pernas, falando oi para a mamãe. Olhei para ele, depois para Simon. Que pelo menos teve a decência de fazer cara de culpa.

– Eu não tive coragem de deixá-lo lá! Eles chamaram ele de Clyde!

Eu levei cento e vinte segundos para fazer uma varredura na casa, fechando cada porta de cada cômodo que ainda não estava à prova de gato. E mais sessenta segundos para desenterrar as unhas das palmas das minhas mãos.

Retornei à sala de estar. Simon estava mostrando o closet de casacos para Clive.

– Não acredito, Simon. – Eu passei voando por ele para pegar a bolsa que havia deixado cair perto da porta.

– Fala sério, não tem nada de mais.

Eu me virei para ele.

– Tem tudo de mais! Nós já tínhamos concordado. Eu não tenho tempo pra inspecionar cada canto desta porra de casa atrás de lugares em que ele possa se enfiar.

– Você está exagerando um pouco. Ele provavelmente vai ficar grudado na gente hoje. Vai se aninhar no meio da gente como sempre faz e…

– Se aninhar no meio da gente onde, Simon? No colchão inflável que não temos? Onde diabos a gente vai dormir?

Num gesto astuto, Clive se retirou para a sala de jantar, fingindo explorar o peitoril da janela. Ele estava ouvindo a nossa conversa, certeza.

– Eu esqueci! O mundo não vai acabar por isso! Vou sair pra comprar um! Não é nada de mais. – Simon pegou a jaqueta e se dirigiu à porta.

Tomei a frente dele para detê-lo, mas ouvi o barulho de uma pancada no vidro. Me virei e vi Clive, metade para dentro e metade para fora da grande janela.

– Clive! – eu gritei, e ele congelou. Corri até ele e o agarrei com força, Simon atrás de mim.

As janelas originais, que abriam para fora, estavam enferrujadas, cobertas por betume envelhecido e não possuíam tela de proteção. Simon forçou as janelas, finalmente conseguiu fechá-las, depois olhou para mim.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Clive era como um filho. E, como qualquer mãe que acaba de ver o filho prestes a pular da janela, eu estava meio assustada, meio furiosa e completamente aliviada. Clive era um gato doméstico, nunca tinha pisado no mundo lá fora. Ele só conhecia as ruas através do conforto e da segurança do parapeito de uma janela – uma janela de verdade entre ele e as ruas, não essa armadilha letal dos infernos.

– Desculpa – Simon falou, e eu fiz que sim com a cabeça. Apertei Clive com tanta força que ele guinchou.

– Onde está a caixa de transporte dele? – eu perguntei.

– Vou pegar. – Simon saiu da sala.

Olhei para o meu gato, que se virou nos meus braços para me encarar.

– Nunca mais faça isso, entendeu? – Acariciei os seus pelos sedosos.

Clive pôs uma patinha na minha boca. Eu a beijei e sorri para ele. Quando Simon retornou com a caixa, o meu sorriso desapareceu.

– Vou levá-lo para o hotelzinho, ok? – falei baixo, colocando Clive dentro da caixa.

Simon concordou com a cabeça.

– Vou comprar um colchão inflável.

Comecei a caminhar até a porta.

– Você está com a minha chave? Caso eu volte antes de você…

– Ah, sim. Aqui. – Simon tirou um chaveiro novo do bolso de trás e me entregou a chave.

Não houve a cerimônia que eu imaginei que haveria.

Saí com o meu gato.

Acomodei Clive no hotelzinho, comprei pelo menos uma dúzia de pedidos de desculpa em forma de ratinhos de brinquedo e fui embora depois que ele adormeceu sobre um travesseiro enquanto assistia a O Rei Leão. No caminho de volta para casa, pensamentos circulavam pela minha mente mais rápido do que eu era capaz de processar. Emoções demais para contar. Eu estava pê da vida, quanto a isso não havia dúvida. Por causa da cama? Sim. Por que Clive quase se matou por uma aventura do lado de lá da janela? Sim.

Mas tinha algo além disso; alguma coisa que eu não sabia o que era. Cansada demais para pensar sobre isso, estremeci novamente quando a porta da van rangeu, então criei coragem para caminhar até a entrada da casa. Eu estava exausta, estava morrendo de fome e, mais do que isso, eu estava me sentindo péssima porque este dia, que deveria ser maravilhoso, tinha se transformado num show de horrores.

Abri a porta e me deparei, no meio da sala de estar, com o maior colchão inflável já produzido pelo homem. Coberto por lençóis, cobertores e montes e montes de travesseiros. E ao lado do colchão? Uma caixa transformada em mesa, revestida com uma manta antes usada para proteger algum móvel. E ao lado da mesa? Duas sacolas cheias de comida tailandesa e um engradado de cerveja em um balde cheio de gelo.

E ao lado disso tudo? Simon. Sentado na beirada do colchão. Que era bem baixo. E bem mole. De modo que ele tentou se levantar e… Só tentou.

Mordi o interior das bochechas enquanto o meu namorado gatíssimo e sarado se esforçava para se erguer e, quando finalmente conseguiu, estava vermelho.

– Comprei o colchão – ele disse baixinho.

– Estou vendo.

– É bem baixo.

– Assim parece.

Simon se aproximou e parou na minha frente, o corpo tenso.

– Me desculpa por antes.

– Tudo bem. – Afastei o seu cabelo da testa e o olhei fundo nos olhos. – Desculpa também.

– Você pode me devolver a chave?

– Mas já?

– Me dá – ele murmurou, e um canto da sua boca se ergueu.

Eu o olhei com curiosidade e devolvi a chave. Ele a observou com atenção, depois olhou para mim.

– Eu nunca morei com ninguém, você sabe disso, não sabe?

Fiz que sim com a cabeça.

Simon se manteve em silêncio, a expressão pensativa. Então abriu a minha mão e pôs a chave bem no meio dela. Fechando a minha mão, ele sorriu.

– Bem-vinda ao lar, querida.

Eu também sorri e me entreguei a um beijo lento e hesitante. Assim estava melhor.

Jantamos sentados de pernas cruzadas no colchão inflável, o que se mostrou mais difícil do que eu tinha imaginado. Primeiro item da lista: cadeiras.

Depois, passamos por todos os cômodos e conversamos sobre o que deveria ir aqui, o que deveria ir ali. Tínhamos uma boa ideia de onde queríamos cada coisa, mas não tinha nada como passear pela casa juntos e fazer planos. Simon não era o único que nunca tinha morado com alguém. Eu tinha dividido apartamento com colegas, mas nunca com um namorado.

Até hoje, Simon e eu tínhamos sempre sido muito próximos, mas também muito individuais. As coisas mudaram agora. Eu estava "morando com uma pessoa". Se alguém perguntasse "Ei, a Caroline está com alguém?", a resposta seria "Sim, ela está morando com o namorado", ou "Sim, ela e o namorado compraram uma casa". Simon e eu estávamos dando um grande passo, e o melhor é que isso me deixava feliz.

E, enquanto caminhávamos pela nossa casa nova, cômodo a cômodo, comecei a devanear. Sempre me imaginei morando numa casa grande como esta um dia, mas jamais pensei que esse dia chegaria tão rápido. Desde o começo eu consegui, numa passada de olhos, prever os detalhes da reforma e cada pedaço que precisaria dela, mas naquele momento, morando ali, o espaço sendo realmente nosso, eu conseguia sentir a casa. Sentir o que ela havia sido e o que viria a ser para nós dois.

Um lar. Empolgante, não? E também um pouco assustador. Quando finalmente chegamos ao quarto principal, perguntei por que não passaríamos a noite lá.

– Não tem luz. Todas as lâmpadas estão queimadas. Vou comprar lâmpadas amanhã – Simon respondeu, me puxando na direção da janela. O luar permeava o vidro, iluminando o quarto com um tom suave de azul. Simon se sentou no parapeito da janela e me puxou para o seu colo. – Onde acha que devemos colocar a cama? – Ele deu um cheiro no meu pescoço.

– Nossa cama inflável?

– Não, nossa cama de verdade. Você vai comprar uma cama nova pra gente, certo?

– Casa nova, cama nova! Nada mais justo. Pensei em colocar ali. – Apontei para a parede oposta. – Assim, a primeira coisa que a gente vai ver quando acordar vai ser a baía. A luz pela manhã vai ser fantástica.

– Talvez dê até pra ver a cidade. – Simon apoiou a cabeça no meu ombro.

– Quando não estiver nublado, com certeza. – Eu suspirei, finalmente sentindo o peso do dia aliviar.

– Eu contei que pedi pro pessoal da limpeza caprichar na banheira?

A única coisa certa que Simon tinha feito naquele dia foi contratar uma empresa para faxinar a casa de cima a baixo assim que ele colocou as mãos na chave da casa. Nós iríamos nos livrar de

metade das coisas que havia na casa, mas, por Deus, ela ficaria limpinha.

– Mentira!

– E você não sabe da melhor parte.

– Manda, Trepador de Paredes.

– Sabe quando eu saí pra comprar o colchão? Também comprei um Johnson's Baby Bolhas de Espuma!

– Mentira!

– E você não sabe da mais melhor parte.

– Mais melhor?

– Sim. A mais melhor parte é que eu vou tomar banho de espuma com você. E não porque eu esteja planejando te seduzir, não que eu não vá tentar… Nem porque você vai precisar de alguém pra esfregar suas costas e eu vou me oferecer. Mas por um motivo muito específico – Simon disse, levantando e me arrastando até o banheiro.

– Pra me ver pelada?

– Isso é só um bônus. O verdadeiro motivo é que as lâmpadas daqui também estão queimadas, e eu sei que você ficaria muito assustada se tivesse que ficar no escuro. – Ele abriu um sorriso enquanto entrávamos no banheiro.

– Você me conhece mesmo – eu afirmei.

De dentro de uma sacola no canto, ele tirou um pacote de velas flutuantes e uma caixa de fósforos.

– Um banho prático com um toque de romantismo.

Eu caí na gargalhada. E tomei banho com o senhor Johnson e o senhor Parker na banheira. Paraíso. E eu pensando que a romântica prática dessa relação era eu.

Uma hora depois, eu estava acampada no chão da minha nova sala, num colchão inflável com o meu novo colega de quarto. Eu estava relaxada; o meu corpo, leve e solto. E, quando Simon me penetrou para batizar o primeiro de tantos cômodos, eu me deixei levar completamente.

Só que não fui levada. Simon fez tudo o que podia para me levar até lá, mas nada.

O que não quer dizer que não tenha sido maravilhoso e sexy e delicioso, a maneira perfeita de terminar um dia com tantos altos e baixos.

– Não? – Simon perguntou com a respiração ofegante no meu ouvido, o corpo escorregadio sobre o meu.

Acariciei as costas dele e fiz que não com a cabeça, finalmente sentindo-o relaxar dentro de mim.

– Eu te amo, Simon – sussurrei. – Tanto, tanto.

Ele nos virou para que eu pudesse me aninhar na sua conchinha, e o sobe e desce do seu peito me ninou.

– Eu também te amo, amor – Simon sussurrou e me abraçou com força.

Antes de cair no sono, entre ouvindo todos os ruídos ainda estranhos da nossa nova casa, concluí uma rápida tese. O meu O continuava lá, só meio arisco nesta noite.

Tudo começou bem na nova vizinhança.

CAPÍTULO DEZOITO

No meu escritório, reorganizei as pilhas de papel mais uma vez. Alinhei as pastas, posicionei-as de modo que ficassem em ângulos perfeitos em relação à lateral da mesa. Inspecionei o vaso de flores e retirei três pétalas de rosas, que se mesclavam com varas-de-ouro.

Jillian chegaria a qualquer momento.

Assim como Simon e eu tínhamos passado o nosso primeiro fim de semana na nossa casa nova, ela e Benjamin passaram ajeitando a casa deles depois do longo período fora. Jillian tinha me avisado por mensagem que eles tinham chegado, e nós duas combinamos de nos encontrar no trabalho na segunda-feira. Era chegada a hora de devolver a chave do castelo.

Eu tinha adorado brincar de Jillian por alguns meses. Tinha durado mais tempo do que eu planejara, mas foi uma amostra do que seria a vida dali a uns anos. Eu sempre me vi como parte de um time, e a minha função atual era exatamente o que eu ambicionava. Eu tinha lidado bem com a responsabili-dade adicional, mas será que no fundo eu era uma gerente de verdade? Não. Eu queria administrar um negócio ou simplesmente criar ambientes lindos e encantadores para uma família ou mesmo para uma empresa?

Eu era uma designer de interiores. E queria continuar sendo uma designer de interiores. Assim, eu devolveria as chaves, Jillian me parabenizaria pelo trabalho brilhante, não resistiria a me dar um puxão de orelha pelo carpete do terceiro andar, por mais que soubesse não ter sido minha culpa, e tudo voltaria ao normal.

Sim? Sim.

Escutei a voz dela antes mesmo de vê-la. Aquela voz capaz de fazer qualquer um titubear ou dançar. Esperava que fosse dia de dança.

– Cadê aquela garota? Cadê a Caroline? – eu escutei conforme ela se aproximava da porta do meu escritório.

Sorri, me levantando para ir até a porta.

Jillian flutuou sala adentro, bronzeada, saudável, radiante. Ela literalmente brilhava.

– E aí, chefinha? – perguntei, e ela me deu um abraço apertado.

– Que bom te ver, gata. – Ela me afastou um braço de distância e me examinou. – Você parece cansada. Mas eu tenho a cura pra isso. – Ela me entregou uma bolsa enorme.

– O que é isso? – indaguei, colocando a bolsa na mesa.

– Presentes, claro! Da França, da Suíça… Tem bugiganga de todos os lugares.

– Esta é a parte em que eu falo: "Ah, Jillian, não precisava"? – Espiei uma caixa no topo da bolsa. Nela, se lia… Não. Não pode ser. Hermès? – Jillian, não precisava! – Eu suspirei, abrindo a caixa com cuidado. Um lenço de seda. Salmão e vermelho-sangue, permeado por detalhes cor de ranúnculo. – Não precisava, mas eu estou tão feliz! – guinchei e dei pulinhos.

– Era o mínimo que eu podia fazer. Agora, me mostra o terceiro andar. Depois que resolvermos isso, vamos almoçar e você me atualiza sobre tudo.

Na nossa mesa favorita do nosso restaurante favorito em Chinatown, comemos lámen de bifum.

Eu me senti deleitada só por tê-la de volta. Ela me contou histórias da viagem, as quais absorvi tão rapidamente quanto o chá-verde. Palácios, castelos, iates, grandes restaurantes, pequenos bistrôs. O romance, a aventura – tudo parecia mágico.

– E Nerja… meu Deus, nem te conto! Você sabe o quanto aquele lugar é lindo? Eu não queria ir embora – ela contou.

– Eu sei, parece um pedacinho do paraíso! – Eu suspirei ao lembrar a viagem com Simon.

Eu tinha ido para lá já um pouco apaixonada por ele, e aquela viagem só consolidou as coisas. Vê-lo trabalhando, descobrir um lugar novo com ele, viver tudo o que aquele cantinho do globo tinha para oferecer, totalmente imersos no momento. Eu tinha me apaixonado completamente por Simon ali. Nerja sempre terá um lugar especial no meu coração.

– E a comida! Não sei como consegui passar na porta do escritório de tanto que comi! – Jillian exclamou, e eu a olhei dos pés à cabeça.

– Você está fantástica, como sempre.

– Por falar em fantástico, quando eu vou conhecer a casa nova? Não acredito que somos vizinhas!

– Ah, a casa está uma zona agora. Mas você sabe como é, já passou por isso.

– Nem me fala, a pior coisa que existe é morar dentro da reforma. Mas vale a pena no final.

– Estou tentando me convencer disso.

– Fiquei surpresa quando você me contou. Achei que Simon adorava a cidade – ela comentou, me observando com certa cautela.

– Acredite, ninguém ficou mais surpresa do que eu quando ele veio com essa ideia maluca. Mas Simon se adaptou a Sausalito mais rápido do que eu imaginava. Ele realmente ama aquele lugar. Eu também.

– O Benjamin me contou que ele está de férias…?

– Mais ou menos isso. Ele cancelou alguns trabalhos. Quer estar aqui durante a reforma. Mas, quando vir o quanto a coisa pode ser insuportável, ele vai fugir pra Bali ou Madagascar – eu brinquei, fitando o fundo da minha tigela de sopa. E evitando o olhar de Jillian. – E aí, depois daqui, você quer passar no Claremont pra ver como estão as coisas?

– Meu Deus do céu, a coisa está feia!

– Feia é pouco. Quanto ela pagou nesse fogão verde-vômito?

– Com certeza ela vai se livrar dele. E não foi ela que pagou. Foi o Simon.

– É mesmo. Deve ser bom namorar o senhor Carteira Aberta. Mas por que uma casa tão grande?

– Ah, pensa um pouco! Hoje eles são dois, mas daqui a um tempo…

– Não é porque você planeja engravidar no ano que vem que todo mundo pensa igual!

– Ah, para de ser estraga-prazer, sua cocozenta. Olha essa vista!

– Só vejo ervas daninhas.

– Sério, não acredito que você…

– Pollyanna, amiga, eu só acredito no que eu vejo, e eu acho que…

Parada sob o batente da porta, apenas observei as minhas duas melhores amigas. Pigarreei, e elas congelaram, prendendo a respiração.

– Desculpa, Caroline, a gente só estava comentando que… – começou Mimi, e eu ergui uma mão.

– Eu escutei tudo que vocês disseram. Continuem. Me avisem quando quiserem o tour completo… Ou eu posso sair e deixar vocês à vontade pra se pegarem. Já estou bastante familiarizada com as preliminares das duas.

Sophia bufou e apoiou a bolsa em um dos cavaletes.

– Ok, Reynolds, apresente-nos seu novo barraco.

E eu as conduzi por um tour completo pela casa nova. A minha casa nova. A nossa casa nova. Que neste momento era uma zona de guerra.

Além dos cavaletes, tinha escadas, gesso, máquinas de polir, latas de tinta, lonas e, sim, aparelhos verde-vômito. Para ser sincera, quando fabricados, esses itens foram classificados como abacate. O que era uma ofensa ao abacate.

A experiência tinha me ensinado que, por mais dinheiro que um cliente tenha, por mais mão de obra que ele contrate, por mais criativo que seja o arquiteto ou habilidoso o designer, sempre haveria contratempos. Contratempos que eu simplesmente deixava para trás no final do expediente.

Mas agora eu vivia com eles. Todo santo dia. E com Simon, que estava levando tudo muito mais na boa do que eu. Ele nunca tinha feito algo assim antes, porém estava determinado a ajudar o máximo que podia. Até comprou um cinto de ferramentas que, aliás, lhe caiu maravilhosamente bem. Se eu o fiz posar para mim usando o cinto e nada além do cinto? Talvez. Um pouco.

A inspeção da construção tinha revelado mais problemas do que eu imaginava ser possível. Embaixo da superfície, havia madeira sim, só que podre. E vazamentos. E canos enferrujados. Vigas de piso precisavam ser substituídas, a laje de concreto do porão, provavelmente derrubada. Um golpe atrás do outro. Tudo era perfeitamente executável, mas demandava tempo. E dinheiro.

Eu tinha contratado um arquiteto com quem havia trabalhado antes; nós traçamos os planos, chamamos um empreiteiro, e as paredes começaram a vir abaixo. Estávamos reconfigurando todo o layout do andar de baixo, aumentando a entrada de luz, abrindo corredores e criando um ambiente mais amplo sem comprometer o projeto original da casa. Não existe nada pior no meu manual de designer do que uma casa vitoriana por fora e ultramoderna por dentro.

A coisa estava uma loucura neste momento, porém eu sabia que ficaria linda. E a obra caminhava num ritmo alucinante, contando com mais trabalhadores do que o normal, para ficar pronta mais rápido.

É incrível o que você consegue fazer quando tem dinheiro e pressa – duas coisas que Simon parecia possuir de sobra quando o assunto era a casa. Voltar a fotografar? Hum, não. Mas vamos deixar esse abacaxi para lá e nos concentrar nesta maravilhosa casa antiga.

Embora "nós" a tenhamos comprado, usar o pronome nós é forçar um pouco a barra. Eu jamais teria condições de bancar uma casa como esta, avariada ou não. Estava localizada numa área privilegiada, possuía uma vista incrível, ocupava um terreno gigantesco num bairro estabelecido. Eu não me sentia confortável com o fato de Simon estar pagando tudo, independentemente de quanto ele possuísse guardado. Por isso, tinha insistido para que a casa ficasse apenas no nome dele e eu

contribuísse com as despesas mensais. Simon me ofereceu uma quantia enorme para o design, e, embora eu me sentisse meio culpada ao ver as faturas, tenho de admitir que estava gostando de ter um namorado rico.

Pronto, falei. Pode revogar a minha carteirinha de feminista. Pode retirar o meu… ah, o que quer que se retire quando uma mulher admite gostar de coisas boas. Eu estava prestes a ter a casa dos meus sonhos, com o homem dos meus sonhos. E fazia questão de recordar isso a mim mesma toda vez que tropeçava num balde ou removia serragem do meu sanduíche ou ficava tensa sempre que Simon recusava um trabalho… Olha o abacaxi de novo.

Além da reforma na minha própria casa, eu estava na fase final no Claremont, o que preenchia os meus dias. Jillian tinha visitado todos os projetos nos quais eu trabalhei durante a sua ausência; tinha passado um pente-fino nos registros contábeis; testou Monica a ponto de eu ficar com medo pela minha estagiária… para depois dizer que eu havia feito um trabalho incrível. Eu falei que ela poderia demonstrar isso no meu bônus trimestral, o que ela fingiu não escutar. Mas ela iria demonstrar, eu sabia.

Agora, Jillian estava passando boa parte do tempo em reuniões com os seus advogados e contadores, o que me deixava livre para dar os retoques no hotel. A festa de lançamento estava próxima, e nós estaríamos prontos para exibi-lo a todos de Sausalito.

Eu me concentrei na espada que estava apontada para a minha cabeça naquele momento, e não no abacaxi que dormia ao lado. Porque nem era um abacaxi de fato. E daí que ele não estava trabalhando? Simon tinha bastante dinheiro, ele não precisava trabalhar. (Então, por que esse abacaxi me incomodava tanto?)

Pft. Deixa para lá. Eu tinha um tour para fazer.

Conduzi as minhas duas amigas pela casa, explicando nos mínimos detalhes cada acabamento e textura escolhidos, dando uma ideia de como tudo se harmonizaria quando a reforma estivesse completa. Nenhuma das duas comentou o fato de que havia uma privada na minha sala de jantar, pelo que sou muito grata. Deixei a melhor parte por último e, quando abri as portas francesas do quarto principal, eu vi uma mobília lustrosa e um assoalho de carvalho polido, montes de travesseiros e a baía azul nos espreitando através das cortinas. O que elas de fato viram foram vigas de madeira e fios amarelos pendendo do teto – e aquele maldito colchão inflável. Mas, quando ambas puseram os olhos na banheira vitoriana, até Sophia se rendeu.

– Puta que me pariu, Caroline! – ela exclamou, sentando-se na borda. É a maneira dela de se render.

– Vocês precisam entrar nela, não fazem ideia do quanto é funda! – Eu me sentei na beirada oposta e vi os olhos de Sophia se arregalaram quando ela se deu conta do quanto aquela banheira era luxuosa. E eles se arregalaram ainda mais quando eu deixei as minhas pernas penderem sobre o fundo, mostrando a calcinha no caminho.

– Vai ficar incrível quando estiver pronta. Quanto tempo pra terminar tudo? – perguntou Mimi.

– Se continuar assim, vamos terminar antes do prazo, mas tenho até medo de dizer isso em voz alta. Vai saber o que mais pode surgir? – Como a fiação interna que precisou ser arrancada, o assoalho podre do andar de baixo e o fantasma que habitava o porão. Tecnicamente, o fantasma era uma família de texugos que tinha sido realocada em um local de preservação natural, mas isso não importava.

– Preciso admitir que nunca pensei que vocês dois seriam os primeiros a comprar uma casa no subúrbio. Como o Simon está lidando com toda essa mudança? – perguntou Sophia, agora dentro da banheira comigo.

– Ah, ele está se divertindo. Ontem, passou uma hora testando qual era a melhor medida de lixa pra usar na bancada da cozinha. E nem conto a felicidade dele com as marcações de giz que o pessoal da reforma fez pra demarcar a nova passagem da cozinha! Tinha marca de giz azul por todos os lados. Eu tive que seguir as pegadas de giz pra achar o Simon.

Eu não podia reclamar, podia? Quem não gostaria de ter um namorado determinado a construir a casa mais perfeita do mundo? Além disso, depois que o encontrei, ele me fez esquecer as pegadas rapidinho. Bastou me mostrar o cinto de ferramentas.

Contudo, nem o cinto bastara para tirar O do seu esconderijo temporário. Era temporário, certo? Bem, era difícil entrar no clima quando havia uma camada de poeira de gesso cobrindo tudo o que se encontrava pela frente, mas mesmo assim… Nem o cinto de ferramentas estava adiantando.

Se visse Cory Weinstein na minha frente de novo, eu castraria o maldito.

Agora, falando sério, era temporário. Sim? Fazia alguns dias que eu vinha evitando transar com Simon, algo que eu nunca tinha feito. Ele estava começando a desconfiar. E eu, a me frustrar. Mesmo agora, eu sentia a tensão se formando no meu corpo.

Por que ele estava recusando trabalho?

Ops, tensão errada.

Era por isso que eu precisava parar de encanar com esse abacaxi.

– Ainda bem que a gente decidiu procurar uma casa só depois do casamento. Seria muito estresse fazer isso junto com os preparativos. Além do quê, não quero viver no pecado. Você vai arder no inferno, Caroline! – Mimi falou, com um olhar perverso.

– Onde vocês pretendem morar? – eu indaguei, me aconchegando mais no fundo da banheira enquanto Mimi cruzava as pernas no parapeito da janela (um parapeito na janela do banheiro? Afe!) e observava a vista.

– Acho que vamos ficar na cidade por enquanto, embora eu entenda muito bem a tentação de mudar pra cá. – O terreno era ladeado por árvores, e algumas que ficavam no fundo tinham sido removidas para permitir a vista para a baía. A casa era isolada, embora não estivéssemos longe dos vizinhos. Luzes douradas a iluminavam, e o silêncio reinava. – Mas eu aposto que a Sophia jamais deixaria a cidade. – Mimi se virou para nós duas.

Sophia não respondeu de imediato, e foi aí que percebemos as lágrimas.

– Ei, o que foi?

– Nada – ela sussurrou, revirando os olhos ao ver que Mimi se aproximava da banheira.

– Não vem com essa. O que aconteceu? – eu perguntei, me esforçando para sentar ereta e assim poder olhá-la nos olhos. A banheira era funda mesmo.

Sophia soltou uma risada, e outras duas lágrimas caíram.

– Eu quero uma banheira vitoriana, porra!

Mimi a puxou para a frente e escorregou atrás dela na banheira, jogando os seus bracinhos minúsculos ao redor de Sophia.

– Tem certeza de que é só por causa da banheira?

– Sim. Não! Droga. Preciso falar?

– Você queria que o Neil estivesse na banheira com você? – Eu peguei um lenço na minha bolsa e o entreguei a ela. Ela assoou o nariz ruidosamente.

– Sim. Eu me odeio por dizer isso, mas sim. – Ela olhou ao redor da banheira, depois riu. – O pior é que ele nem caberia aqui, aquele cretino. Ele é muito alto. – Ela assoou o nariz de novo. – Sinto tanta saudade dele. Eu contei que ele não me liga mais? Parou de ligar.

Ela fungou uma fungada de respeito, então ergueu a cabeça com determinação.

– Eu acho… eu acho que preciso ligar pra ele. Vou ligar pra ele – Sophia afirmou e esticou o braço para alcançar a sua bolsa.

Mimi e eu trocamos um olhar.

– Miga, tem certeza? – eu questionei, agarrando a bolsa dela e mantendo-a fora do seu alcance. Impulso + ex = nem sempre dá certo.

– Como assim? Vocês vivem dizendo que eu devo falar com ele.

– Sim, Sophia! Liga! Liga! Liga! – Mimi encorajou, sempre bancando a princesa da Disney.

Entreguei a bolsa a Sophia e cruzei os dedos. Ela nunca tinha dado o braço a torcer como naquela hora. E se não funcionasse, mesmo depois de Sophia colocar o dela na reta? Cruzei não apenas os dedos das mãos, mas os dos pés também.

Sophia pegou o celular, então hesitou. Começou a digitar, então parou.

– Talvez seja melhor pensar melhor antes de… – eu comecei.

– Ah, se liga, Caroline! Deixa ela ligar pra ele! – Mimi gritou. – Liga – ela sussurrou na orelha de Sophia, como o melhor tipo de fada madrinha. Ou seria bruxa?

Sophia respirou fundo, percorreu os seus contatos e selecionou o nome dele. A foto na tela a fez sorrir. Neil, coberto de Gatorade numa partida do San Francisco 49ers, depois de ter se empolgado um pouco demais com uma vitória emocionante. Esse era Neil. As pessoas o amavam. Por isso, ele era o comentarista esportivo mais famoso da região da baía, talvez de toda a Costa Oeste.

Talvez fosse uma boa ideia, afinal de contas. Ele ainda arrastava as asas por Sophia, e, com base nas histórias que ela tinha contado sobre ele entre quatro paredes, não eram só as asas que ele arrastava!

Enquanto o telefone chamava, amplificado pela acústica de porcelana da minha banheira, nós três ficamos grudadas uma na outra.

Tocou três vezes, então alguém atendeu. Uma mulher… ofegante. Em seguida, ouvimos Neil dizendo:

– Ei, me dá esse telefone, vai? – E uma risada. Sophia desligou.

Ninguém disse uma palavra.

– Uau – murmurou Sophia, apoiando o corpo em Mimi. – Eu esperei demais, não foi?

– Talvez? – eu me permiti dizer.

Ela suspirou longamente, depois assoou o nariz mais uma vez. Nenhum palavrão. Nenhum grito.

Nenhum acesso de raiva. Tudo isso seria melhor do que esse silêncio perturbador.

O celular dela tocou, e a cara de Neil apareceu na tela. Ela arremessou o aparelho contra a parede do outro lado do banheiro, e ele se quebrou com o impacto.

Mimi apertou Sophia entre os seus bracinhos minúsculos.

– Caroline? – Sophia disse, a voz abafada pelo lenço.

– Sim?

– Odeio sua banheira.

– Eu sei, miga – disse, me virando e me apoiando nela.

Eu e Mimi a apertamos tal qual um panini. Passei a Sophia a caixa de Kleenex enquanto Mimi começou a fazer uma trança no cabelo dela. Nós três na minha banheira do século passado, o sol se pondo a distância.

Quando Simon chegou em casa e nos encontrou, sabiamente não disse uma palavra sequer. Nem quando, pagando pelo pinto de outro, foi empurrado por Sophia.

Antes de ir para a cama naquela noite, escutei Simon ao telefone com alguém de uma revista para a qual ele tinha trabalhado por anos. Estavam oferecendo um trabalho na Groenlândia, propagandeando as piscinas naturais e as termas primaveris que atraem milhares de turistas todos os anos. Simon adorava a Groenlândia; era um dos seus lugares preferidos.

Ele recusou a oferta.

Um milhão para quem me ajudar a lidar com esse abacaxi.

CAPÍTULO DEZENOVE

Ao que parece, se você não lida com o abacaxi, ele apodrece. Já viu alguém que acabou de morder um abacaxi podre? Então, é a cara que eu estava fazendo. Com mais e mais frequência.

Uma semana tinha se passado, e as coisas estavam caminhando. O Claremont? Quase pronto. A festa de inauguração aconteceria dentro de poucos dias, e Max Camden havia convidado gente de todos os cantos para conhecer a sua mais nova propriedade. Eu tinha trabalhado com a equipe de marketing para garantir que o hotel fosse fotografado por várias revistas de design, e o evento seria coberto por jornais tanto locais quanto regionais.

Nós tínhamos incorporado questões ambientais aos materiais usados na reforma, de modo que este também era um aspecto a ser promovido. Na Califórnia, sustentabilidade é algo levado a sério. Mas o que realmente estava causando furor eram as ações de sustentabilidade fundamentais ao conceito do design, que nos destacavam aos olhos da equipe de Camden. Entre elas, coisas pequenas como os barris de coleta e armazenamento da água pluvial para ser reutilizada na limpeza; as hortas criadas para serem usadas não apenas pelo restaurante do hotel como pela comunidade; o espaço educacional destinado a ensinar alunos do ensino fundamental sobre compostagem.

A minha favorita? O jardim na cobertura que ajudava a reduzir as despesas com aquecimento e resfriamento e, à noite, se transformava num deslumbrante espaço no qual tínhamos planejado exibir filmes sob a luz das estrelas durante o ano todo. Quando o clima permitisse.

A comunidade local vinha reagindo bem ao que já tínhamos criado, e, com a abertura do hotel, a nossa esperança era que o furor continuasse. Com Jillian de volta ao trabalho, eu pude me concentrar novamente na captação de novos projetos e no treinamento de Monica. O negócio estava a todo vapor; eu inclusive andava mais ocupada do que antes. Tinha até me oferecido para palestrar aos alunos do último ano do curso de design na faculdade em que tinha me formado.

Eu estava esperando Jillian na sua sala; ela tinha marcado uma reunião comigo para planejar a temporada de verão. O que era perfeito, porque queria combinar o meu período de férias.

Eu precisava desesperadamente de uma folga. Sentia como se tivesse passado meses debaixo d'água, por isso esperava poder passar pelo menos uma semana fora. Ainda não tinha conversado com Simon a respeito; achei melhor esperar para ver como ficariam as coisas com a casa. Talvez eu pudesse virar a mesa em relação ao Rio?

Simon estava desesperado para virar a mesa, especialmente comigo em cima. Sexualmente, ele estava num estado crítico. Ele necessitava; eu necessitava, porra. Mas O? Filha da putagem do caralho.

Não queria pensar nisso no momento.

Bem, voltemos a Jillian e à reunião. Nós geralmente fechávamos o planejamento de cinco em cinco meses, o que nos conferia espaços no calendário para projetos menores. Nessas reuniões, normalmente trocávamos ideias, concluíamos um plano para destruí-lo logo adiante, tudo isso para nos inspirar e, lógico, para ajustar os orçamentos aos conceitos do design dos quais não abríamos mão. Eu sempre trazia comigo o meu caderno de anotações e um punhado de lápis de cor; eles sempre se provavam úteis.

– Desculpa o atraso, o Benjamin me pegou pra comer – ela disse ao entrar às pressas na sala. Arqueei uma sobrancelha, e Jillian se deu conta do que acabara de dizer.

– Quem me dera! – ela brincou, com um olhar distante. Escrevi MENOS no meu caderno e o levantei.

– Vamos tentar de novo. Fui comer com o Benjamin, e durou mais do que eu pensei… Ah, desisto! – Ela lançou as mãos para cima.

– Enfim, obrigada por ter vindo, Caroline. Temos que conversar sobre algumas coisas. Coisas bem legais.

Eu me aprumei na cadeira.

– É sobre os Vandertootes? Ouvi falar que eles estavam pensando em modernizar aquele palácio horrendo, mas nunca imaginei que eles levariam a ideia adiante. Por favor, me fala que é sobre os Vandertootes! Eu faria qualquer coisa por esse trabalho!

Agora era eu quem tinha o olhar distante, pensando naquela mansão da virada do século passado. Era o Santo Graal do design em San Francisco. Propriedade de um casal trilhardário e excêntrico, a mansão ocupava quase um quarteirão inteiro e não passava pelas mãos de um designer desde 1977. E eu reclamando do meu papel de parede malva…

Os meus pensamentos se perderam nas infinitas possibilidades, e eu mal escutei Jillian me chamando:

– Caroline. Planeta Terra chamando. Caroline!

– Desculpa, estava sonhando com tapetes felpudos. Então, conseguimos os Vandertootes?

– Não, não é sobre os Vandertootes. Vou fazer algumas mudanças por aqui. Mudanças significativas. – Ela se recostou na cadeira. – Eu vou me semi-aposentar.

– Semi… aposentar? – Senti como se o chão tivesse se aberto e fosse me engolir. Comecei a mastigar um lápis colorido.

– Sim. – Ela sorriu. Por que diabos ela estava sorrindo?

– Ok, eu estou totalmente perdida. Preciso começar a distribuir meu currículo por aí?

– Por quê? Está pensando em me abandonar? – ela perguntou, ainda sorrindo.

– Sério, o que está acontecendo, Jillian? – eu praticamente gritei, soando mais do que ligeiramente louca.

Ela virou o notebook para mim e começou a percorrer as fotos. Ela e Benjamin sob a Torre Eiffel. Benjamin e ela nos Alpes. Em frente ao Castelo de Praga. Em uma gôndola veneziana.

Jillian se deteve na foto de uma esguia casa de cinco andares em uma cidade que parecia ser Amsterdã.

– Está vendo essa casa?

– Sim.

– Nós compramos.

– Vocês vão se mudar?

– Semi-mudar! Daí a semi-aposentadoria.

– Estou semi-confusa. Mentira. Toda confusa mesmo. – Eu me recostei na cadeira. Continuei sem fazer a menor ideia do que estava acontecendo.

– Embora eu ame o que faço, quero mais do que só trabalhar. Essa viagem me mostrou um jeito totalmente diferente de viver, um jeito de viver que eu quero para mim. Nós somos jovens, o Benjamin alcançou uma boa situação financeira, e nós não queremos estar amarrados a nada.

– Pra você isto aqui é estar amarrada? – questionei incrédula, abarcando em um gesto o seu escritório maravilhoso dentro da sua empresa maravilhosa.

– Nós preferimos passar o tempo vivendo a vida hoje, em vez de ficar esperando pra viver amanhã.

– Você está parecendo aqueles comerciais de barra de cereal – eu resmunguei, me levantando e andando de um lado para o outro.

– O mundo é grande demais pra gente ficar num único lugar!

– Comercial de remédio para incontinência urinária. O que exatamente significa semi-aposentadoria? – Dei meia-volta e caminhei para o lado oposto da sala.

– Nós vamos ficar metade do ano aqui, metade na Europa. Vamos ter um QG em Amsterdã pra viajar pra onde quisermos, para receber amigos, pra fazer o que der na telha. Talvez eu até abra uma pequena empresa de consultoria por lá.

– E o que vai acontecer aqui? – Passos. Meia-volta. Passos.

– Conversei com meu advogado e meu contador, e bolamos um jeito para que eu continue gerindo as coisas, orientando a distância, e ao mesmo tempo comece a me afastar.

– A distância? Isso nunca vai funcionar! – Passos. Meia-volta. Passos. – Antes de sair pra essa lua de mel, você estava aqui o tempo todo, o dia inteiro! – Passos. Meia-volta. Passos.

– Pelo amor de Deus, você é a Jillian da Jillian Designs! Como você acha que este lugar vai continuar funcionando sem você por metade do ano?

– Você vai ser minha sócia.

– Eu vou ser… o quê? – Passos. Meia-volta. Cara no chão. Ainda bem que eu não estava mais mastigando aquele lápis de cor.

– Você caiu de cara no chão? Bem no meio do escritório dela?

– Isso mesmo. Caí de boca no tapete.

– Ah, eu sabia que você não estava apenas experimentando na faculdade! – Mimi gritou.

Eu estava no celular com ela enquanto dirigia para casa, ainda atônita com o que tinha acontecido.

– Que engraçado – eu murmurei, fazendo a curva para entrar na minha rua.

– Aí a Jillian me ajudou a levantar e continuou fazendo uma oferta que eu senti que não podia recusar. – Ou seja: bye-bye, Rio.

– Por que diabos você cogitaria recusar um convite desses? Fala sério, você não tem nem trinta anos… É uma oferta incrível! Embora a gente esteja bem perto dos três-ponto-zero, já pensou? Graças a Deus, eu vou casar antes, não consigo nem imaginar a hipótese de chegar aos trinta solteira…

– Ei, vamos focar! Nós estamos falando do meu dia. E ninguém falou em recusar. E quem casa antes dos trinta hoje em dia, Mimi? Além do mais, ainda faltam três anos pra eu fazer trinta! E o que é isso parado na minha garagem? – eu gritei, fazendo uma curva aberta antes de enfiar a van bem no meio do…

– Já te ligo.

Desliguei o celular. Porque na minha garagem tinha uma Mercedes conversível branca! Com um laço vermelho em volta. Mas que porra…?

Estacionei a van, percorri rapidamente o passadiço, abri a porta, saltei um cavalete feito uma atleta olímpica e entrei como um raio na cozinha. Onde encontrei Simon, em cima de uma escada. Jeans claro. Sem camiseta. Cinto de ferramentas.

– Hum, o que é aquilo na nossa garagem? – indaguei.

Ele se virou em câmera lenta, e eu me dei conta pela milionésima vez do quanto era maravilhoso. Braços torneados, ombros largos, aquele vale delicioso logo acima do bumbum. E um tanquinho que, quando Simon estava malhado para valer, virava uma lavanderia inteira. E aquele V em ambos os lados se insinuando para dentro da calça.

– Então, olha que curioso – Simon começou, descendo da escada e colocando de lado a lixadeira. Ele dava um belo lixador. – Eu estava vendo você sair com aquela van ridícula hoje de manhã e pensei: "Minha namorada precisa de um carro".

– E aí você decidiu comprar um carro pra mim? – perguntei, confusa. Cérebro não estava gostando muito daquela conversa, mas todas as outras partes do meu corpo estavam se regozijando com a delícia caminhando na minha direção.

Eu não podia permitir que ele me desse um carro, certo? Ooooh, ele estava chegando.

Ele se aproximou devagar, eu recuei. Antes de me dar conta, estava presa contra a parede. Com um Trepador de Paredes descamisado a poucos centímetros de mim.

Que fique registrado: quando eu entrei como um raio em casa, não tinha a menor dúvida do que estava acontecendo. Do que ele obviamente tinha feito. E eu não tinha a menor dúvida de que estava puta da vida.

Lembre-se disso.

Agora, pense no quanto ele devia estar gostoso para me fazer esquecer que eu estava puta da vida.

– Se não gostar da cor, a gente troca – ele disse, agora a um centímetro de mim. Eu sentia o calor do seu corpo começando a penetrar o meu. Penetrar? Sim, por favor!

Não! Ele não podia simplesmente comprar um carro para mim!

– Então, você não pode… é… comprar um… hummm – eu sussurrei, as palavras se tornando confusas conforme ele se inclinava sobre mim. Havia tanta tensão no meu corpo que eu comecei a vibrar feito um diapasão.

– Sim, eu posso comprar um carro pra você. É um presente. Você supera. – Ele franziu o cenho como se não entendesse por que eu estava reclamando daquilo. E, naquele exato momento, eu tampouco saberia dizer.

Eu nunca tinha ficado tanto tempo sem transar com Simon. Não com ele em casa. Aquilo estava

começando a me afetar. E ele era tão cheiroso!

– Mas um carro, Simon? Eu… uh… que perfume é esse?

– Poliuretano.

– Nossa, deviam fazer um frasco disso – eu murmurei, a voz ligeiramente rouca.

– Eles fazem em lata.

– Combinou com a sua pele.

Ele mergulhou a cabeça e passou a língua pelo meu pescoço.

– Vou lembrar disso – ele sussurrou, enfiando uma mão no meu cabelo.

– Você fez isso de propósito? A fantasia de pedreiro? O cinto de ferramentas? O tanquinho? A...Puta que pariu! – Eu gemi quando ele pegou a minha mão e a pressionou contra a sua… broca.

– Você chegou cedo hoje – ele explicou, se impelindo contra a minha mão. – Eu gosto quando você chega antes.

– Que sorte a minha. – Eu suspirei e joguei a cabeça para trás. Simon entendeu o gesto como um sinal verde, porque em poucos segundos a minha camisa tinha sido arrancada; a minha saia, levantada; e as minhas pernas, envoltas no cinto de ferramentas. – Eu gostava daquela camisa.

– Quer de volta? – Ele deslizou os dedos sob a renda da minha calcinha. Já bastante escorregadia, o que o fez gemer ao toque.

– Não muito. – Fiquei maravilhada com a sua força; sempre fiquei. A ideia de literalmente trepar na parede sempre me parecera impossível. Até Simon surgir. Ele era forte sem ser marombado. E conseguia me carregar como se o meu corpo não pesasse nada, o que não era o caso, definitivamente.

– E dessa, você gosta? – ele perguntou, puxando o cós.

– Adivinha.

Foi-se.

E lá fomos nós.

Na escada, onde Simon me fez desfilar à sua frente. No chão, metade no corredor, metade no quarto. No assento da janela, com a baía ao fundo.

Na beirada do colchão inflável, Simon me penetrou com particular força, fazendo o colchão voar em pedaços à nossa volta.

Quando eu subi nele, ajeitando-o dentro de mim, profundo e grosso e pesado e, oh, tão profundo, o meu orgasmo disparou através de mim, rompendo atrás das minhas pálpebras, formigando pela minha pele, fazendo cada pedacinho de mim retumbar, e Simon sorrir.

– Aí está a minha garota.

Explodi de novo e de novo, os nossos corpos encharcados, brilhando de suor conforme eu o cavalgava forte e rápido, a sua voz grunhindo o próprio clímax. Escorreguei sobre ele, ofegando intensamente. Ele aproximou o rosto do meu, me beijou com vontade e, antes de apoiar a minha cabeça no seu peito, me olhou fundo nos olhos e disse:

– Não me evite nunca mais, ouviu? Ele sabia.

Eu retribuí o beijo.

– Prometo.

Ele ainda estava vestindo o cinto de ferramentas.

*

Uma hora mais tarde, estávamos na cozinha preparando mais um jantar de micro-ondas. Os aparelhos abacate tinham ido embora, porém os novos ainda não haviam chegado. Então, todas as refeições estavam sendo preparadas no micro-ondas e comidas sobre a mesma caixa coberta por lona.

– Empada ou bife Salisbury?

– Salisbury? Estamos em 1979, por acaso? – eu perguntei enquanto Simon erguia duas caixas.

– Não fala mal do bife, é o melhor! Minha mãe sempre fazia pra mim antes dos treinos de futebol. Meu pai reclamava, mas no fundo ele adorava comida congelada – Simon contou, ligando o micro-ondas na tomada. O aparelho mudava de lugar diariamente.

– Empada, então. Não quero me meter entre você e o seu bife. – Servi vinho em um copo plástico. Observei Simon se movendo pela cozinha; ultimamente ele falava dos pais e da infância com muito mais naturalidade. Aquele reencontro realmente tinha provocado mudanças. Simon finalmente tinha criado uma conta no Facebook e vinha mantendo contato com a gangue quase diariamente.

Embora eu tivesse acabado de liberar boa parte da minha tensão no andar de cima, ela ameaçou voltar naquele instante.

– Então, aconteceu uma coisa meio épica hoje – eu soltei, olhando para os meus dedos dos pés.

– Meio épica? – Ele riu, removendo a embalagem de plástico e metendo o nosso jantar no micro-ondas.

Vasculhei a nossa gaveta de talheres (leia-se: uma sacola de plástico) à procura de garfos.

– Hum, muito épica. Você sabia que a Jillian e o Benjamin compraram uma casa em Amsterdã? – Eu o observei meticulosamente.

– Sério? Que ótimo! Ele comentou alguma coisa, mas eu não sabia que tinham comprado mesmo.

– O Benjamin comenta com você uma coisa dessa magnitude, e você não me fala nada? – eu perguntei, incrédula.

– Qual é o problema?

– O problema é que a Jillian está se "semi-aposentando" – eu soltei, gesticulando as aspas com tanta raiva que quase tive câimbra nos dedos. – E ela me convidou pra virar sócia.

– Uau! O que isso significa?

– Ainda não sei. Falamos sobre isso pela primeira vez hoje, eu não sei os detalhes. – Contei a Simon os detalhes que eu sabia: Jillian passaria seis meses ausente durante o ano, ou seja, eu provavelmente passaria seis meses ausente durante a ausência dela.

Nós nos sentamos de frente um para o outro, com os nossos jantares.

– Bem, com certeza é uma grande oportunidade pra você. Parabéns.

Não consegui identificar o que ele deixou de dizer.

– Obrigada…? – falei em tom de pergunta.

– É um grande passo. Estou orgulhoso de você – Simon acrescentou, fincando o garfo no seu bife. Ele não olhava para mim.

– O que foi, Simon?

– É que… você tem trabalhado tanto. Eu pensei que as coisas iam ficar um pouco mais calmas pra você a partir de agora.

Simon simplesmente disse tudo o que eu estava pensando, mas me incomodou ouvir aquilo vindo de outra pessoa. Enrolei o guardanapo no punho.

– Eu não podia recusar uma oportunidade tão grande assim. Ninguém ganha uma chance como essa na minha idade! E eu amo o meu trabalho… Como eu poderia dizer não?

– Mastiguei com raiva a empada. – Quanto ao fato de não nos vermos com tanta frequência, sempre foi mais ou menos assim, certo? A gente está acostumado. Quer dizer, a gente costumava estar acostumado… Você passava mais tempo fora do que o contrário – eu apontei enfaticamente.

– Mas agora eu estou em casa – Simon retrucou com a mesma ênfase.

Senti vontade de gritar: "Mas ninguém te pediu!". E no segundo seguinte fiquei horrorizada por sequer ter pensado algo assim. Quem diabos reclama de algo assim quando tem um namorado tão incrível quanto Simon? Para exemplificar: o cinto de ferramentas e os orgasmos múltiplos que eu tinha acabado de ter.

Mas eu não disse nada sobre isso. Não, eu decidi descascar outro abacaxi.

– Além do mais, vai ser incrível do ponto de vista financeiro.

– Nós temos bastante dinhe…

– Você tem bastante dinheiro… não eu! Há uma diferença.

– Eu apontei o garfo para ele. – Falando nisso, precisamos conversar sobre o carro estacionado lá fora. Antes que a sua mão apareça na minha calcinha de novo.

– O que tem o carro? Você não gostou? – Simon realmente não estava entendendo.

– Eu adorei o carro. Como poderia não adorar? Mas você não pode simplesmente comprar um carro pra mim.

– Acho que já comprei.

– Eu sei, e foi muito fofo. E gentil. E caro, e eu não preciso dele. – Me levantei para jogar fora o resto da empada.

– Caroline, você adorou o carro da Jillian! Não diga que não.

– A questão não é essa, Simon. A questão é você ter comprado um carro pra mim.

– Droga, eu queria estar lá fora quando você chegou. Eu tinha planejado tudo, e acho que se você…

– Simon, tem um carro novinho em folha lá fora com um laço vermelho! Eu entendi o que você estava tentando fazer. É incrivelmente fofo, mas é demais! – Me recostei na cadeira, aturdida. Será que exagerei?

– Eu não entendo. – Ele suspirou, levantando-se e jogando o resto de comida na lixeira. Quando se virou para mim, percebi a total confusão nos seus olhos. – Quando eu tinha treze anos, meu pai comprou um carro de presente pra minha mãe. Ela chegou do supermercado, e lá estava. Com laço vermelho e tudo. E ela disse as mesmas coisas que você está dizendo. "É demais", "você não deveria ter feito isso", as mesmas coisas. E meu pai a beijou, colocou a chave na mão dela e disse: "Vamos dar uma volta de carro". E foi isso. Ela se rendeu. – Ele se apoiou em um cavalete e passou as mãos pelo cabelo. – Sabe por quê? Porque ela sabia o quanto aquilo significava pra ele. Tudo o que ele fazia era pra fazê-la feliz. – A sua voz foi se tornando rouca e hesitante.

Os olhos azuis estavam enormes, e a mandíbula estava cerrada. Simon pigarreou. Duas vezes. Depois engoliu em seco. Merda.

– Bem, faça o que você quiser, se quiser devolver… Eu só queria fazer algo bacana por você, porque eu podia e pronto. – A sua voz vacilou um pouco, e eu não podia mais suportar.

Eu o puxei para perto e envolvi aqueles braços musculosos ao meu redor. E o abracei com força. Um minuto depois, senti ele me abraçar de volta. Bom garoto.

Qual era o meu problema, cara? Inventando uma briga com a minha pessoa preferida no mundo todo?

Me afastei um tico e levei as mãos às suas bochechas. Beijei cada uma delas, depois as pálpebras. Os meus lábios retornaram com o mais leve toque de umidade. Eu me contorci por dentro, mas tudo o que Simon via era o meu sorriso.

Eu me afastei dele e comecei a vestir o casaco.

– Vai sair? – ele perguntou.

– Sim, e você também. – Eu lhe entreguei o seu casaco. – Vamos dar uma volta de carro.

Não há nada neste mundo que se compare ao sorriso do Trepador de Paredes. Eu sempre me derreto.

Quando estávamos prestes a sair, ouvi o barulho incriminatório de vidro. Correndo, Simon chegou antes de mim à sala de jantar e agarrou Clive, que já tinha metade do corpo para fora do enferrujado batente da janela. Eu conferi se Clive estava bem e fechei a janela.

– Eu fico com o carro se você arrumar essa maldita janela

– falei, apontando um dedo para Simon, que assentiu. Depois, apontei para Clive. – E você, mocinho, se fizer isso de novo, vai direto pra clínica de reabilitação de viciados em erva-dos-gatos!

Clive revirou os olhos para mim.

Simon e eu então saímos para um passeio no meu novo conversível, que, preciso admitir, era demais. Ah, as coisas que a gente faz por amor…

Era tarde, mais de três da manhã. Deitados no escuro, estávamos conversando havia horas. Depois que desembuchei, eu não conseguia parar de falar tudo para ele.

– E agora essa coisa no trabalho… Eu jamais poderia recusar uma oferta dessas. É uma oportunidade sensacional. Se eu decidisse fazer isso do zero, você tem ideia do tempo que levaria pra tentar erguer o meu próprio negócio? Não basta ser um bom designer de interiores; tem pessoas muito talentosas que tentam e não conseguem por "n" motivos.

Ele assentiu e se virou de lado para ficar mais perto de mim enquanto eu não calava boca.

– Ser convidada pra praticamente comandar as coisas? – eu continuei. – Permanentemente? É fantástico! Você não faz ideia de como eu me sinto por saber que Jillian confia e acredita em mim a esse ponto. O trabalho vai aumentar, claro, mas eu dou conta. Seria loucura recusar, não acha?

Ele apenas mostrou os dentes. Não era bobo de responder a essa pergunta.

– E esta casa… é literalmente um sonho realizado. Quer dizer, vai ser quando a reforma terminar. Mas, porra, é demais! Encarar uma reforma como esta é um pé no saco! E eu sei que não tem sido fácil pra você também, que passa o dia convivendo com isso. Mas vai valer a pena. Este lugar vai ficar lindo. – Eu suspirei, deitando de costas e me aninhando mais nele.

Eu queria falar sobre outras coisas, sobre os abacaxis maiores, mas não conseguia. Dizê-los em voz alta, ainda mais dentro desta casa, seria como admitir que eu tinha um problema. E não me venha com aquela baboseira de "o primeiro passo é admitir que você tem um problema", mas…

Na verdade, talvez fosse exatamente o que eu precisava fazer. Talvez eu precisasse colocar para fora o problema maior – aquele tão cabeludo, que eu estava evitando até em pensamento. Qual era o meu problema?

Nós nos conhecemos em circunstâncias nada convencionais. Nós nos apaixonamos da maneira menos convencional possível. A primeira vez que fizemos amor? Convencional. Não rolou. A primeira vez que fodemos? Totalmente atípica, com farinha e uvas-passas para todo lado. Eu vi estrelas, cara!

E por um ano vivemos de um jeito não convencional. Ele fora, eu aqui. Viajamos juntos quando deu, conhecendo lugares e fazendo coisas que eu jamais imaginei. Eu não precisava de conchinha toda noite; gostava de ter a cama só para mim de vez em sempre. A gente se divertia, a gente se amava, a gente se comia. E funcionava.

Agora, nós estávamos nos aproximando de uma relação mais convencional, que vinha com algo maravilhoso, eu não tinha dúvida. Mas que também era meio… muito… cocô. Eu não sabia o que era. Só sabia que precisava botar para fora.

Uma vez, eu fui arrebanhada – muito delicadamente, mas ainda assim arrebanhada – numa relação convencional. Eu não queria aquilo. Então, em algum momento, eu teria que descascar esse abacaxi.

– Que fique só entre nós, ok? – eu falei, coçando o queixo dele.

Clive soltou um miado baixinho e apontou a cabeça para a escada. Eu o peguei e o levei de volta para a cama, onde Simon dormia ruidosamente no que havia restado do colchão inflável.

CAPÍTULO VINTE

Na manhã seguinte, viajei à cidade no meu carro novo, o que gerou um furor no escritório – ao qual eu tentei pôr fim rapidamente.

Passei a manhã analisando com Jillian a proposta que ela me fizera. Jillian não queria preocupar ninguém e, claro, não queria que os nossos clientes soubessem de nada até que ela estivesse pronta para anunciar a semi-aposentadoria.

Depois que detalhamos tudo e eu vi no papel como seriam as coisas, confesso que fiquei bem mexida. Eu continuaria administrando o escritório como já tinha feito e basicamente assumiria as operações cotidianas. E, como eu deixei claro que pretendia manter os meus clientes bem como captar novos negócios, ficou igualmente claro que precisaríamos contratar outra designer em período integral.

Jillian me disse para pensar sobre o assunto, para conversar com Simon, mas eu me dei conta de que não podia dizer não àquela oportunidade. Quer dizer, até podia, mas por que faria isso?

Então, antes de sairmos para almoçar, aceitei a oferta. Agora eu era sócia da Jillian Designs! Nós nos cumprimentamos com um aperto de mão, estouramos uma champanhe e fizemos tudo a que tínhamos direito, exceto jogar o chapéu para cima à la Mary Tyler Moore.

Um tanto inquieta – por conta de toda a empolgação, claro –, saí do trabalho mais cedo e fui celebrar sozinha na World of Tile – a minha loja favorita no mundo. Estava na hora de escolher o azulejo da minha cozinha! Ah, meu Deus, a minha cozinha. Estava aí um assunto que me deixava empolgada. Deixe-me contar um pouco sobre a minha cozinha.

Armário branco planejado, parte com portas envidraçadas, parte com prateleiras abertas. Bancada em pedra-sabão cinza-escura. Refrigerador Sub-Zero. Forno duplo embutido – você leu certo, duplo. E a melhor parte?

Fogão.

Viking.

Sinos.

Tocam!

E tem mais. Uma ilha planejada com pia embutida e tampo de mármore Carrara branco com veios cinza e azuis. Bancos para seis de um lado. Gavetas refrigeradas do outro – apenas para massa.

Decidir a altura da ilha foi cômico. Simon me carregou pela casa, me apeando em diferentes alturas para descobrir a mais confortável. Tenho certeza de que toda a equipe da reforma sabia exatamente o que ele estava fazendo, mas eu não me importei. Eu ia ganhar a cozinha dos meus sonhos, e, se o meu namorado fazia questão de que a bancada tivesse a altura perfeita para o rala e rola, então a cozinha ia além dos meus sonhos!

Abri um sorriso enquanto caminhava pelos corredores da loja à procura do azulejo certo. Azulejo de metrô, talvez? Ou pastilha de vidro? Eu não sabia o que queria até que virei no último corredor e o vi.

Ele.

James Brown estava fazendo compras na World of Tile. E vindo na minha direção.

– Caroline, que surpresa! – ele chamou. Merda. Ele estava lindo. Ele sempre está lindo.

– James! Oi! – Sorri enquanto caminhava até ele. Eu não o via desde que terminara o design do seu apartamento, no ano passado. O lugar era jovem-advogado-chique, com um toque urbano.

– O que está fazendo aqui? – perguntei enquanto ele se inclinava para beijar a minha bochecha.

– Vim comprar azulejos, o que mais? – ele brincou.

– Vai fazer outra reforma? Prepara o bolso, hein? Eu te cobrei os olhos da cara, se bem me lembro.

– Sim e sim. E você fez um ótimo trabalho. Eu indico a minha decoradora pra todo mundo.

– Não é decorad… Que ótimo, James. Obrigada por divulgar o meu trabalho. – Eu não iria dar a ele esse gostinho. Não valia a pena gastar saliva explicando aquilo de novo. – Então, onde vai ficar o azulejo novo?

– Marin. Comprei uma casa lá. – Ele sorriu.

– Uau, que ótimo!

– Sim, acabei de me casar. Ei, amor! Vem aqui, quero que conheça uma pessoa. – Ele gesticulou para uma mulher que estava no corredor ao lado.

Esposa?

– Aí está ela. Vem, docinho, cumprimente a Caroline.

– Olá, Caroline! – a mulher mais bonita do mundo falou para mim. Esquadrinhei a senhora James Brown. Alta, loira, jovem. Linda é pouco. E parecia muito simpática. – Sou a Krissy.

– Prazer! Quando vocês se casaram? – perguntei a James. Senti como se estivesse cambaleando.

– Faz uns meses. Somos recém-casados. – Ele sorriu e a puxou para perto. Krissy deu uma risadinha. – A gente se conheceu na balada. O pai dela é meu cliente, o resto você já sabe.

– Foi tudo tão rápido. Foi como se tivéssemos nascido um pro outro, sabe? James me pediu em casamento três semanas depois, dá pra acreditar? – Ela soltou outra risadinha e mostrou a aliança. Que mais parecia uma pista de patinação.

– Não dá! – Sorri e tentei impedir que as minhas sobrancelhas invadissem o couro cabeludo. Tarde demais.

– Quando é pra ser, é pra ser, né? – disse James, e a risada que Krissy soltou soou como pequenos sinos de prata.

Ele sorriu para a esposa e acariciou a barriga dela. Que, só então eu percebi, estava notavelmente redonda. Krissy entrelaçou os dedos nos do marido, e os dois envolveram a barriga perfeitamente redonda dela. Ela estava radiante. James sorriu orgulhosamente para mim.

– De onde você conhece o Jimmy? – Krissy perguntou.

– Jimmy? – As sobrancelhas já eram causa perdida; estavam na minha nuca a esta altura.

– Caroline e eu namoramos quando eu estava na faculdade; depois, nos reencontramos quando ela decorou o meu apartamento, ano passado. Por falar nisso, como vai o trabalho?

– Tudo bem, Jimmy. Tudo ótimo, na verdade – respondi entre dentes.

– Você é decoradora! Eu amo decoração. Ano passado, fiz um curso de decoração! Amei esse azulejo aí. Está escolhendo algo para um cliente? – perguntou Krissy, se referindo ao azulejo com estampa preta e verde-neon que eu inadvertidamente pegara na prateleira e que agora apertava com tanta força que as juntas dos meus dedos estavam brancas.

– Isto aqui? Não, só estou olhando. Na verdade, estou procurando algo pra mim. Acabei de comprar uma casa em Sausalito, né. Daí o azulejo. Pra minha casa nova!

– Ah! Eu amo Sausalito! Jimmy e eu vamos pra lá sempre que podemos. Às vezes, ele me leva pra comer panqueca no café de domingo. – Krissy soltou uma risadinha.

James me encarou.

– Você comprou uma casa? Em Sausalito? Com quem? Super curti que ele simplesmente presumiu que eu tinha comprado a casa com alguém, que eu não tinha condições de comprar sozinha. O fato de que eu estava a anos-luz de bancar uma casa em Sausalito era um problema meu, porra!

– Sim, comprei uma casa. Com o Simon. Você lembra dele, não lembra, Jimmy?

– O vizinho?

– Sim, o vizinho.

– Uau. Que ótimo, Caroline. Ótimo mesmo.

– Sim. – Balancei a cabeça enfaticamente. – É mesmo.

– Mas estou surpreso. Não esperava.

– O quê? Por quê?

Krissy tinha se afastado. Ela tinha encontrado um azulejo brilhante.

– Você sempre disse que nunca viveria no subúrbio. E que nunca se prenderia a uma vidinha careta…

– Ah, fala sério, eu não estou me prendendo a nada! E Sausalito não fica no subúrbio – rebati, e ele revirou os olhos. James sempre gostou de me provocar. – Aliás, de prisão a casa não tem nada, ela é incrível. Amo aquele lugar, é exatamente o que eu sempre quis.

– Eu não falei prisão; você que falou. Eu falei se prender a um tipo de vida…

– James, cala a boca! – ordenei, o meu rosto pegando fogo a esta altura. Krissy desfilava na nossa direção, e eu precisava sair dali. – Parabéns pelo casamento e tudo o mais e boa sorte com o azulejo. – Dei meia-volta e corri até um vendedor.

Estufando o peito, eu pedi desculpa ao rapaz e então disse com toda a clareza:

– Meu namorado gosta de me comer na ilha da cozinha. Qual o melhor tipo de azulejo pra isso?

Deus o abençoe: o cara realmente me mostrou algumas opções.

No fim das contas, fiquei feliz com o conversível, pois atravessar a ponte em direção à nada suburbana Sausalito era infinitamente melhor em um veículo de alta performance. Rolar pela Golden Gate em uma van desengonçada não era assim tão espetacular. Acelerando nas ruas estreitas, entrei zunindo na nossa rua e estacionei na garagem. Saí do carro e bati a porta.

– Caroline? – Simon chamou, e eu me virei. Ele estava no limite do jardim e conversava com Ruth, a vizinha do lado. Aquela que nos tinha entregado a chave na primeira vez em que vimos a

casa.

– Oi, Simon. Boa noite, Ruth! – disse na minha voz mais sociável. Atravessei a garagem na ponta dos pés, desviando dos cavaletes e das lonas de plástico.

– Ruth, você não vai acreditar quando vir como está o quarto do andar de cima. Aquele que era um quarto de costura.

– Simon me puxou para perto. – Oi, amor, como foi seu dia?

– Ah, ótimo. – Pela cara de dúvida com que Simon me olhou, eu não devo ter soado muito convincente. – Quarto de costura?

– Ah, sim, sim! Semana passada, o Simon me mostrou como está ficando a casa. Não dá pra acreditar no quanto já está diferente! – exclamou Ruth.

– É incrível o que você consegue fazer com uma equipe grande trabalhando. Então, quarto de costura…?

– Ah, o Simon estava me mostrando o andar de cima, e eu fiquei encantada com aquele quartinho, o que fica embaixo do beiral? Eu falei pra ele que, embora a Evelyn o usasse como quarto de costura, sempre achei que seria perfeito para um quarto de bebê. Você não acha?

O meu sorriso congelou. O meu olhar passou de Simon para Ruth, de Ruth para Simon. Simon fitou o chão com vergonha. E corado. E sorrindo. De orelha a orelha.

– Quarto de bebê? – perguntei através do sorriso congelado.

– Claro! Um casal jovem e lindo como vocês, tenho certeza de que estão pensando no assunto. Sei que as mulheres de hoje em dia preferem esperar por conta da carreira, mas você não pode esperar muito mais, sabe disso. Sei que não é da minha conta, e Deus bem sabe que às vezes eu me meto onde não devo, mas eu…

Eu devo ter feito a cara de quem comeu abacaxi podre, porque, entre "não é da minha conta" e "eu me meto onde não devo", Ruth começou a me olhar de um jeito estranho.

Eu me virei sem dizer uma palavra e caminhei até a casa, ouvindo Simon se desculpando com Ruth em meio ao barulho que invadia as minhas orelhas. Motos-serra? Cortador de azulejo? Azulejos! Ha!

Entrando, olhei ao redor do caos. Para os três pintores pendurados em escadas no primeiro andar. Para os dois carpinteiros carpintejando na cozinha. Para o cara xis sentado no banco da janela com os pés apoiados na minha mesa de jantar (coberta por uma lona), lendo um jornal.

– Com licença. Posso ajudá-lo? – perguntei por sobre o barulho.

– Você é a Caroline?

– Sou.

Nesse exato momento, ouvi a porta da frente bater. Um irritado Simon estava parado na entrada.

– Como você pôde ter sido tão grossa com a Ruth?

– Você só pode estar brincando.

– Que merda, Caroline! Ficou completamente louca?

– Sério que você quer falar sobre isso agora? – perguntei, apontando para os trabalhadores e para o cara com as pernas para cima, que obviamente estavam atentos à nossa conversa.

– Aliás, quem é você? – perguntei ao homem.

– Fred. Vim pra fazer os armários…

– Ok, Fred. Vamos começar pela sala de estar. – Com uma mão, gesticulei para que ele me seguisse e, com a outra, para que Simon fizesse exatamente o oposto. Quando comecei a abrir a porta, Simon gritou:

– A sala, não! O Clive está aí!

Tarde demais. Feito um torpedo felino, Clive disparou até a cozinha. Eu tentei agarrá-lo no caminho, mas ele escapou entre os meus dedos.

Simon e eu vínhamos tentando mantê-lo longe de agitação durante o dia, soltando-o apenas à noite. Normalmente, Clive ficava no "quarto de costura", já que aquele aposento não passaria por muita reforma.

– O que diabos ele estava fazendo na sala de estar? – eu gritei, tentando seguir Clive, assustado com os vários homens estranhos na casa.

– Eles estavam mexendo no piso de cima, então eu o trouxe pra cá. Por isso a porta estava fechada! – Simon gritou de volta, mergulhando para deter Clive e batendo em um pintor.

– Peguem o gato! – ele disse, e, no mesmo instante, Clive estava sendo caçado por seis homens.

– Parem! Parem! Vocês estão assustando o gato! – eu berrei por sobre os berros de Clive.

Fred tentou agarrar Clive, que se desvencilhou ao estilo

Velozes e furiosos: desafio em Tóquio, subiu uma escada, desceu uma escada e correu na direção da sala de jantar.

Na direção do banco da janela.

Na direção da janela enferrujada que nunca fecha direito.

E.

Ele.

Pulou.

Ele estava ali, de repente não estava mais.

Eu alcancei a janela a tempo de ver o seu rabo desaparecendo através da parede do jardim e adentrando o crepúsculo.

CAPÍTULO VINTE E UM

Percorri as ruas de Sausalito até às duas da manhã. Jillian e Benjamin apareceram para ajudar, bem como Mimi e Ryan. Sophia estava lá. E Neil, se não estivesse cobrindo um jogo importante fora da cidade, também estaria.

Munidos com lanternas, erva-dos-gatos e petiscos, vasculhamos a vizinhança. Perscrutei todos os jardins possíveis, abri caminho por arbustos, subi as escadas secretas, percorri cada trilha nas colinas da cidade à beira-mar. Escutava os meus amigos chamando-o de todos os cantos, chacoalhando as latas de petiscos.

Já fazia tempo que Clive tinha sumido.

Sei que todos teriam passado a noite inteira ao relento, mas, quando o nevoeiro se intensificou, quando os dentes passaram a bater por causa do frio, decidimos parar a busca. Mimi tinha ficado na casa para o caso de Clive voltar e, enquanto esperava, criou um folheto de PROCURA-SE com a foto dele e o meu número de telefone. Imprimiríamos várias cópias pela manhã e às penduraríamos pela cidade.

Me despedi de todos, agradeci mais uma vez pela ajuda e fechei a porta. Me virei para Simon.

– Estou exausta, vou deitar. Vou levantar cedo. Quero começar a distribuir os folhetos o quanto antes.

– Eu vou com você – ele disse, começando a apagar as luzes.

– Deixa essa acesa – pedi antes que ele apagasse a lâmpada da sala de jantar. Escutei o plástico balançando sobre o buraco na janela. Eu a tinha fechado com tanta força que uma das vidraças se quebrara.

Simon assentiu, e eu comecei a subir a escada.

A minha cabeça doía, os meus olhos estavam vermelhos e ardiam por conta das lágrimas que eu tinha me recusado a derramar. Me arrastei pela escada, parei no final do corredor e olhei em direção ao minúsculo quarto que ficava abaixo do beiral.

Simon chegou ao topo da escada e parou atrás de mim.

– Caroline?

Senti ele quente e sólido, e tão perto de mim.

– Um quarto de bebê? – perguntei.

– Hum?

– Você e a Ruth estavam falando sobre transformar esse quarto em um quarto de bebê?

– Amor, está tarde. Vamos dormir – Simon respondeu, o tom de voz um tanto frio. Ele passou por mim e entrou no nosso quarto. Eu o segui, os meus passos agora mais pesados sobre o piso recém-reformado.

– Está tarde, mas responde a minha pergunta – eu falei quando ele desmoronou no colchão inflável e começou a tirar os sapatos.

– Olha, ela comentou comigo que seria um ótimo espaço para um quarto de bebê, e eu

concordei. Foi só isso. Fim da história.

– Errado! Começo da história. Você quer um quarto de bebê?

– Caroline, para com isso. Já está tarde. – Ele caminhou até o banheiro, tirando a camiseta.

– Volta aqui. – Fui atrás dele. – A conversa não acabou.

– Acho que acabou. Você está exausta, eu estou exausto, e você está fazendo tempestade em copo d'água – Simon retrucou, chutando os sapatos.

– Tempestade, sim, mas não em copo d'água! Está de brincadeira? Você quer um quarto de bebê e não me fala nada? E prefere conversar com a Ruth sobre isso? Que, aliás, parece ter uma opinião muito bem formada sobre o assunto!

– Eu não disse que quero um quarto de bebê. Que droga, Caroline, não foi nada disso!

– Afinal, você quer um quarto de bebê?

– Claro! Sim. Claro que eu quero.

O mundo explodiu.

– Você não quer? – ele questionou. O mundo explodiu pela segunda vez.

– Não sei! Não faço ideia! Por que eu teria que saber agora? Hoje? – perguntei, a minha voz começando a vacilar. Era demais para mim: a casa, o trabalho, o carro, o caos… e Clive.

Cérebro e Espinha Dorsal respiraram fundo e se revigoraram. Coração não poderia se envolver nisso de maneira alguma.

– Por que você não consertou a porra da janela, Simon? Silêncio. Do tipo que dá para ouvir as palavras que você acabou de dizer retumbando.

Nós nos encaramos, cada um de um lado do nosso quarto de casal. Como diabos eu tinha parado naquele quarto? Um quarto de casal é algo que se aspira, que se conquista. É coisa de adulto, e eu já não tinha certeza se queria ser adulta. Eu só queria o meu gato de volta.

– Meu Deus, Caroline, desculpa!

Não consegui mais encará-lo. Simplesmente não consegui, sabia que iria desabar. E eu estava furiosa demais para desabar, confusa demais para desabar.

Me afastei, desci a escada, peguei a chave e saí.

Fui a uma lanchonete. Era o único lugar que estava aberto, e eu não queria ficar dirigindo a noite toda. Além disso, eu precisava de torta.

Era justo culpar Simon pelo que havia acontecido com Clive? Dois pontos de vista sobre a questão.

Tecnicamente, sim, eu podia culpá-lo. Ele não tinha consertado a janela, por mais que eu tivesse pedido. Se tivesse consertado, Clive não escaparia. E, neste momento, botar a culpa nele me fazia sentir bem.

Segundo o outro ponto de vista, o adulto e maduro, não havia a menor razão para sequer cogitar culpar Simon. Ele amava Clive quase tanto quanto eu e já estava se sentindo mal o bastante pelo que tinha acontecido. Assim, o certo seria ligar para ele, chamá-lo para comer torta, pedir desculpas por tê-lo culpado e sair para procurar o nosso garoto.

Eu estava puta. E morrendo de medo de nunca mais ver Clive.

Quando já estava quase amanhecendo e não tinha mais torta, decidi voltar para casa. Saindo da lanchonete, vi Simon deixando o Range Rover e caminhando na minha direção. Eu não era a única pessoa puta por ali.

– Caramba, Caroline! Faz uma hora que estou te procurando!

– Entra no carro, Simon. Não consigo conversar agora.

– Pode apostar que consegue – ele advertiu, bloqueando a porta do meu carro.

– Eu não quero fazer isso agora!

– Não estou nem aí! – Ele inclinou o corpo quando tentei afastá-lo.

– Me deixa entrar. – Senti as lágrimas querendo escorrer e, se eu começasse, não conseguiria parar. – Está começando a chover.

Merda, Clive ia tomar chuva.

– Então a gente vai tomar chuva até você me dizer o que diabos está acontecendo. – Simon cruzou os braços e se plantou no lugar.

E então o tempo fechou para valer, e gotas grandes começaram a respingar para todos os lados. Sim, aquilo nas minhas bochechas eram gotas de chuva.

– Simon, é sério, me deixa entrar – eu insisti, tentando afastá-lo de novo.

– Engraçado, eu ia dizer a mesma coisa. – Ele me olhou de cima a baixo.

Foi a gota d'água. A barragem se rompeu.

– É demais, ok? É demais pra mim! – Tudo estava vindo à tona; todos os abacaxis.

– O que é demais? – ele perguntou, confuso.

Eu estava oficialmente perdendo a cabeça.

– Ahhhhhhhh! – gritei, batendo os pés no chão e uma mão contra a outra. – Simon, eu não consigo fazer tudo! Literalmente não consigo fazer tudo.

– Quem disse que você precisa? E o que é tudo exatamente?

– Eu não estou preparada para ser totalmente adulta! Você quer um quarto de bebê? Meu Jesus, eu só quero transar numa praia no Brasil! Você quer deixar de ser fotógrafo? Pois eu acabei de receber um convite pra ser sócia e não posso recusar! Porque seria absurdo! – Comecei a descascar (ou seria disparar?) todos os abacaxis do meu armamento. – Você foi a um reencontro, se divertiu com a "galera do passado", e Pá! Largou o trabalho. E a gente comprou essa casa incrível. E agora você e a Ruth estão fazendo planos. E o desgraçado do James Brown me chamou de decoradora! De novo! E ele e a esposa já estão com um pãozinho no forno, e eu aposto que a porra do quarto de bebê deles é maravilhoso, então eu falei pra ele que você me fode no balcão da cozinha e…

– Calma. Calma, por favor. – Simon agarrou as minhas mãos e as segurou nas laterais do meu corpo.

– Eu nunca vou conseguir fazer tudo. Eu nunca vou ser a esposa e a mãe que a sua mãe foi! Eu nunca vou construir um lar tão maravilhoso quanto aquele em que você cresceu! Eu nunca vou ser a designer do século e arrumar tempo pra assar minhas tortas! – eu chorei, botando para fora toda a angústia que estava entalada havia meses. – E o meu gato fugiu, e eu preciso dele de volta!

– Eu sei, amor – disse Simon, me apertando contra o seu peito enquanto eu chorava sob a chuva. – Eu sei.

Cinco minutos mais tarde, estávamos numa mesa da lanchonete, sentados de frente um para o outro. Tínhamos pedido café. Diante de mim, além da xícara, havia um maço de guardanapos vagabundos. A expressão de Simon era de pura dúvida, mas ele ainda estava ali. Bom sinal.

– Então… uau. – Ele passou as mãos pelo cabelo. – Parece que tem bastante coisa passando pela sua cabeça.

– A-hã. – Mexi o meu café.

– Tem algumas passando pela minha agora, posso falar?

– Sim – respondi baixinho, me preparando para o pior.

– Eu não tive muitos relacionamentos tradicionais, eu sei, mas… o que acabou de acontecer lá fora é normal?

Surpresa, tirei o olhar das minhas unhas e avistei o mais discreto sorriso no rosto de Simon.

– Caroline, eu te amo pra caralho. Então se acalma e me fala o que você precisa falar. Para de segurar. Depois eu falo o que eu preciso, e a gente descobre um jeito de resolver as coisas. – Ele olhou para baixo, e um ar de dúvida suplantou o sorriso discreto. – Quer dizer, eu espero que a gente possa resolver as coisas. Se você quiser.

– Eu quero – falei ainda baixinho.

– Então vamos conversar.

E assim fizemos.

Descasquei cada um dos abacaxis, mas sem gritaria nem artilharia. É tão mais fácil conversar quando não há gritaria…

E é mais fácil ainda quando somos totalmente sinceros. E Simon também estava sendo sincero, o que me deixou feliz.

– Não acredito que você achou que eu tinha abandonado o meu trabalho. Eu jamais pararia de fazer o que faço.

– Mas você cancelou todas as viagens…

– Sim. Mas eu vou acabar voltando à estrada.

– Mas, depois do reencontro, você…

– Você precisa entender uma coisa. Essa viagem esclareceu algumas coisas pra mim, num sentido positivo. Quero ter um lar de novo, quero ter uma família um dia. Isso não vai mudar. E que fique claro: eu jamais conversaria com a Ruth sobre um assunto desses sem falar com você primeiro. – Ele segurou a minha mão. – Acho que tem um monte de coisas que a gente deveria ter discutido antes de ter pulado de cabeça nesse lance da casa. Eu me empolguei. Era algo de que eu sentia falta fazia muito tempo.

– Eu também me empolguei. E eu amo a casa, não me entenda mal. Mas são tantas expectativas que vêm junto com um passo como esse que eu não aguentei. Sei o que isso significa pra você, o quanto é importante pra você. Eu só não sei se estou à altura.

– Eu fugi do meu passado por anos porque era muito duro lidar com ele. Agora estou permitindo

que algumas das coisas boas retornem. Mas as coisas verdadeiramente boas são com você, amor. O resto é resto. Quer se livrar da casa? A gente se livra. Quer morar numa cabana em Bali? A gente mora.

– Acho que falei em transar numa praia no Brasil…

– A gente transa – ele disse, os olhos dançando.

Olhei para ele, o namorado dos meus sonhos.

– Amo a casa. Nós não vamos nos livrar da casa. – Inclinei o corpo à frente. – E eu quero um quarto de bebê… mas não agora. Tudo bem? – questionei, de repente muito, muito séria. O assunto era muito, muito sério.

– Tudo ótimo! Quem falou que eu quero agora?

Antes que eu pudesse falar alguma coisa, ele apertou a minha mão e sussurrou:

– Por favor, não ponha a coitada da Ruth no meio disso.

– Devo um pedido de desculpas pra ela.

– Provavelmente.

– E pra você.

– Pelo quê?

– Por não ter confiado em você o bastante pra contar o que estava acontecendo. Eu devia ter contado. Mas eu não queria estragar as coisas. Quem tem coragem de reclamar quando tudo parece tão perfeito?

– Melhor reclamar do que brigar no meio do estacionamento, debaixo da chuva, não acha?

Xeque-mate.

– Eu te devo um pedido de desculpas – Simon disse, a testa enrugada. – Você estava certa, eu devia ter consertado a janela.

– Simon, não. Eu estava furiosa e jamais devia ter falado…

– Não, foi culpa minha. Mas eu vou encontrar o Clive, prometo.

Fiz que sim com a cabeça, os olhos cheios de lágrimas de novo.

– Vem cá – ele disse.

Passei para o outro lado da mesa, e Simon me puxou para o seu colo. Ele me abraçou com força, e eu o beijei. Então nós saímos para procurar o nosso gato.

Na manhã seguinte, nós ligamos para a Sociedade Protetora dos Animais, para a nossa veterinária da cidade e até para o pet-hotel. Espalhamos a notícia. O meu gato estava oficialmente desaparecido.

A Equipe Clive passou o dia vasculhando a cidade. Falamos com os vizinhos para garantir que eles soubessem a quem ligar caso o vissem.

De mãos dadas e munidos de lanternas, Simon e eu continuamos a nossa busca até anoitecer, chamando por Clive até ficarmos roucos. Esse não era o único motivo da minha rouquidão; eu não conseguia parar de chorar. Tentei evitar chorar na frente de Simon, porque nunca um homem se sentiu tão mal por se esquecer de consertar uma janela. E perceber a minha tristeza só o deixava pior. Assim, procurei guardar as lágrimas para os banheiros dos postos de gasolina e para as muitas

vezes em que fingi amarrar o cadarço dos tênis. Breves momentos de pânico necessários para manter uma postura firme. Nós o encontraríamos. Claro que o encontraríamos. Mas então veio o segundo dia. O terceiro. E uma semana inteira. Eu passava as noites acordada, torcendo para ouvir o tic-tic -tic daquelas malditas patinhas revelando que tudo não tinha passado de um pesadelo besta e que Clive ainda dormia aninhado em mim. Ou então um miado irritado vindo da porta dos fundos como que dizendo: "Ei, moça, não era sonho. Eu fugi, mas agora estou de volta. Então me deixa entrar, está congelando aqui fora!".

Vi os folhetos ficarem molhados e puídos. Colamos novos. E esses também ficaram velhos.

A pior parte era não parar de imaginar as piores possibilidades, como se a minha mente, ao me mostrar lampejos fantasmagóricos do que poderia ter acontecido, tentasse saber o que ela era capaz de suportar. Para saber o que eu era capaz de suportar, imagino.

Clive molhado, com frio e tentando entrar numa lata de lixo à procura de algo para comer.

Clive se aproximando de um estranho e sendo enxotado por uma vassoura.

Clive encurralado contra uma árvore por dois ou três gatos. Ele não tinha garras para se defender; Clive era um gato mimado que dormia em cima de um travesseiro e ganhava erva-dos-gatos à vontade. Voltei ao trabalho; eu precisava. Porque me manter ocupada ajudava; porque eu amava o meu trabalho; e porque o Claremont finalmente estava pronto para o lançamento.

A casa estava começando a tomar forma, assim como as coisas entre mim e Simon. Nós conversávamos mais agora do que antes, não apenas sobre as bobeiras do dia a dia que nos faziam rir, mas também sobre os assuntos sérios. Esvaziávamos cada vez mais as nossas prateleiras mentais, falando sobre o que realmente importava e sobre o tipo de vida que queríamos para nós. Veja bem, rolavam muitas risadas e sexo, porque assim éramos eu e Simon. Mas nós estávamos evoluindo.

Eu disse a ele que queria ser o tipo de casal que passa algumas férias de final de ano em um conto de fadas longínquo. Ele disse que queria que fôssemos o tipo de casal que recebe todos os familiares e amigos no Natal – em alguns Natais. Eu falei que queria ser o tipo de mulher que compra o próprio carro. Ele disse que queria ser o tipo de homem que dá um carro de presente para a namorada.

Que fique registrado: quem venceu essa última fui eu. Devolvemos o carro, e eu comprei uma Mercedes conversível usada. Prateada, desta vez. Era usada o bastante para que eu tivesse condições de bancar as prestações mensais e nova o bastante para que Simon ainda quisesse dar umas voltas com ela.

Assim, nós estávamos molhando os pés no Mar da Vida Adulta, em vez de mergulhar de cabeça. Eu não tinha desistido de Clive, mas, após duas semanas, um sentimento de resignação me atingiu, um sentimento que eu não podia negar. Eu precisava ser racional. As pessoas passam por tragédias muito piores. Chorar porque o bichinho de estimação sumiu parecia coisa de menininha.

Claro…

CAPÍTULO VINTE E DOIS

No saguão do Claremont, os meus olhos absorveram cada detalhe: o balcão de check-in feito inteiramente de madeira reaproveitada. O piso de mármore original restaurado, encerado e reluzente. A instalação de arte substituta. E a vista para a baía com o sol lançando os últimos feixes de luz sobre a água, fazendo tudo cintilar.

Havia aquela agitação de atividades de última hora: garçons corriam de um lado para o outro; torres de champanhe começavam a manar; os primeiros convidados, a chegar. Conferi tudo uma última vez, dei o meu aval e tentei virar a chave do modo Trabalho para o modo Curtição. Era hora de dançar até gastar o salto no chão de mármore.

Esse projeto tinha sido descomunal, estressante, indutor de fios brancos até, mas também o mais gratificante, o mais frutífero e o melhor exemplo da minha capacidade. E eu tinha feito tudo sozinha. Isso significava muita coisa.

E, naquele exato momento, significava que eu devia pegar uma taça de champanhe, brindar a mim mesma e… Puta merda, Max Camden chegou!

Ajeitei o vestido, respirei fundo e desci os degraus para saudá-lo.

– Senhor Camden, boa noite.

– Boa noite, Caroline. Pronta para exibir o nosso pequeno hotel? – ele perguntou, me cumprimentando com um aperto de mão. – Achei melhor chegar mais cedo e dar uma última volta pelo espaço antes que comece a agitação.

– Ótima ideia. Gostaria de uma companhia?

– Não, obrigado. Sempre faço isso sozinho antes de inaugurar uma proprie-dade. Assim eu absorvo um pouco do lugar.

– Claro – disse, e ele atravessou a área da recepção e percorreu um dos corredores. É sempre um tanto difícil entregar um projeto que se completou. Mas esse trabalho tinha terminado. Qual seria o próximo?

– Caroline – escutei alguém me chamar.

Olhei para trás e vi Jillian, acompanhada de Benjamin. Eu a cumprimentei com um beijo em cada bochecha.

– Vou vomitar. Acho que é normal, né? – eu falei.

– Perfeitamente! Eu estaria preocupada se você não quisesse vomitar. Depois me lembra de contar sobre a primeira vez que dei uma festa como esta. Adianto apenas que eu nunca mais usei um réchaud.

Contive uma risada e então me virei para Benjamin.

– Oi, Benjamin! – Fiquei corada quando ele se inclinou para que eu desse um beijo em cada uma das suas bochechas. Ai, ele é lindo demais.

– Caroline, você está linda como sempre.

– Ei, amor, por que você está vermelha?

Eu me virei e admirei Simon. Terno cinza-carvão, gravata-borboleta, barba feita, mandíbula e maçã do rosto maravilhosas. E um sorriso provocador, claro: ele sabia que eu me comporto como uma adolescente quando estou perto de Benjamin.

– Nem começa – eu falei, e os seus braços fortes me envolveram. Dei um beijo no seu nariz, e os olhos de Simon dançaram pelo lugar.

– Eu tenho direito a um tour particular?

– Semi Particular. Quero esperar as meninas e o Ryan. E então vou levar todos vocês para uma volta, apresentar o lugar.

– Pelo que vejo, está fantástico. Estou ansioso pra ver o resto. – Ele pegou a minha mão e a apertou.

– Estou orgulhoso de você.

Fiquei radiante.

Depois, fiquei de anfitriã. Os convidados começaram a chegar em maior número, os fotógrafos, a perambular, e eu precisava garantir que tudo corresse perfeitamente. Acenei para Mimi e Ryan quando eles chegaram e, quando Sophia surgiu alguns minutos depois, aproveitei para dar um gole no champanhe e um tapa na bunda dela. Não aguentei; Sophia estava incrível!

Todos os meus amigos estavam presentes, e, quando Max Camden propôs um brinde à Jillian Designs e, mais especificamente, à moçoila aqui, fiquei contente por ter todos eles comemorando comigo. Era uma grande ocasião e, em grandes ocasiões, nós queremos as pessoas que amamos ao nosso lado.

A noite foi perfeita e agradável, e, entre conversas com os diferentes jornais e poses para os fotógrafos, falei com muitos empresários locais, os quais ficaram encantados ao descobrir que eu também era uma local agora. A sensação de começar a pertencer a uma comunidade tão familiar quanto Sausalito era muito boa. Eu adorava essa cidade praiana e me via morando ali por muitos anos.

Ri com os meus amigos, tomei mais do que uma taça de champanhe e já estava prestes a considerar a noite um sucesso. Até que, enquanto eu conversava com o prefeito sobre o quanto o hotel tinha ficado bonito e sobre as altas expectativas que o novo negócio geraria, avistei um certo comentarista esportivo entrar no saguão, vasculhá-lo em busca de ruivas de pernas longas e cravar os olhos na mais gostosa violoncelista da Costa Oeste. Continuando o papo ao mesmo tempo que tentava me comunicar com Mimi telepaticamente (podia funcionar, ué), vi que Sophia e Neil se encontraram no meio do saguão. E começaram a discutir. Alto.

Pedi licença ao prefeito e me dirigi rapidamente ao saguão lotado, onde um barraco estava acontecendo.

– Não estou acreditando. Parece que estou falando com uma parede!

– Eu não estou acreditando que você ainda não entendeu que nunca mais vai encostar nesta parede!

– Parece que estou discutindo com uma criança.

– A mesma criança que te ligou e foi obrigada a ouvir uma sirigaita atender a ligação?

– Minha mãe não é sirigaita!

– Ah, fala sério, você está querendo que eu acredite que era a sua mãe no telefone?

– Por que você acha que eu tentei te ligar de volta?

– Não me interessa. Eu te odeio!

– Chega! – eu chiei e agarrei os dois pelo cotovelo. Levei Traída e Traidor para trás da mesa de petit fours, coloquei um de frente para o outro e desembuchei: – Já chega. Estou cansada de vocês dois brigando. É simplesmente ridículo. Não quero saber de briga aqui, não quero saber de briga agora, não quero saber de briga nunca mais! Nós somos amigos e vamos continuar sendo amigos, e já deu dos dois idiotas aqui pentelhando a vida de todo mundo! Já deu, entenderam? Os dois!

Quando me virei para me afastar, escutei Neil dizendo:

– Afe, ela não precisava gritar com a gente…

O que foi acompanhado da seguinte observação por parte de Sophia:

– Né?!

Vi Mimi abrindo caminho até a mesa de petit fours e falei para ela não se meter – chega de intromissão! Ela resmungou um pouco, mas esqueceu o assunto assim que Ryan a convidou para dançar.

Todos estavam dançando. Tínhamos contratado uma big band para tocar no evento – músicas antigas e atuais. E, enquanto bebericava o meu champanhe no meio do hotel maravilhoso cujo design eu concebera, senti uma mão no meu ombro. Era ele. A minha pele não mente.

– Glenn Miller? – perguntei, me virando para trás.

– Pode ser que tenha sido um pedido meu. – Ele sorriu. "Moonlight Serenade" preencheu a pista de dança, e eu me deixei ser arrebatada pelo meu Trepador de Paredes. Ele me puxou para perto, e, quando a luz da lua adentrou o salão através das janelas abertas, eu suspirei nos braços dele. Feliz.

Até que Mônica cutucou o meu ombro e disse que tínhamos um problema.

Pedindo licença a Simon, acompanhei a minha estagiária até os fundos da recepção. O rosto de Mônica era um pimentão cheio de constrangimento conforme ela balbuciava e gaguejava e tentava me contar o que estava acontecendo. A única coisa que eu entendi foi "closet onde estão os casacos dos convidados".

– O quê? Está cheio? A gente pode usar um dos quartos de hóspedes do térreo. Pede pro pessoal do serviço de limpeza trazer… Oh!

Eu tinha aberto a porta do closet e visto algo que nunca mais seria capaz de esquecer. Gravada na minha retina, estava a imagem de Neil e Sophia sobre uma pilha de casacos de pele. Fazendo… bem, você sabe.

– Isso! Isso! Isso! – Sophia gritava.

Também pudera: Neil estava… Hum, como eu posso explicar?

Você já viu um cavalo Clydesdale? Como eu disse, impossível esquecer.

Quis o destino que eles "terminassem" enquanto eu estava imóvel ali, o meu queixo no chão, ao lado do paletó dele e das roupas íntimas dela. Dei um passo para trás, bati a porta e, enquanto eles curtiam os benefícios do sexo para a pele, instruí Monica a manter os convidados longe por pelo menos cinco minutos. E a enviar qualquer eventual despesa com limpeza diretamente aos cuidados

de Neil, na NBC.

Duas semanas depois, Simon estava de volta à estrada. Camboja. Para uma série sobre cidades secretas e templos escondidos, enterrados por séculos de reivindicação selvagem da floresta pela terra. As fotos que ele me enviava eram assustadoras, instigantes e lindas.

Eu continuava atolada. Depois da abertura do Claremont, terminei os últimos projetos em andamento, trabalhei com Jillian em algumas das novas rotinas do escritório e depois decidi tirar uns dias para descansar e relaxar. Na realidade, para dar uns retoques na casa. Eu queria fazer uma surpresa para Simon e deixar tudo pronto para quando ele voltasse. Jillian passou em casa para me ajudar.

A princípio, eu estava relutante em comprar tanta mobília nova, mas Simon tinha insistido:

– Deixa tudo do jeito que você quer, que eu vou amar. É só dinheiro, Caroline.

Alguém que diz uma coisa dessas só pode ter uma bolada. Eu tinha visto alguns números nos extratos bancários quando Simon comprou a casa e, mãe de Deus, era uma bolada grande.

Bolada Grande: que excelente nome para uma banda. Assim, segui a orientação de Simon. Me preocupei em casar o meu estilo com o dele, sem deixar de valorizar a beleza original da casa. Inspirada pela paisagem natural dos arredores, escolhi uma paleta de cores baseada na montanha, especialmente para a sala de estar. Manteiga, bronze brunido, tons de verde esmaecido e detalhes de solidago tornavam a casa aconchegante. Mais aconchegante ainda graças à alta lareira de pedra, onde o fogo crepitava alegremente, que era emoldurada por estantes embutidas e com portas de vidro chumbado, recheadas com as nossas coleções de livros. Perto da janela que dava para a baía, ficava o telescópio pelo qual eu conseguia ver San Francisco.

Garota descabelada no penhasco com uma tangerina enfeitava a cornija de madeira original, que reluzia em dourado após ter sido bastante esfregada com óleo. Simon adorava essa fotografia, em que eu estava visivelmente envergonhada por ser clicada, os lábios e o queixo babados de suco de tangerina, descabelada pelo vento espanhol. Essa era a sua foto preferida, e ele tinha insistido para que ficasse em algum lugar no andar de baixo.

Em uma parede, tinha uma prateleira longa e fina, recheada com as garrafas de areia que Simon colecionava e, abaixo dela, uma prateleira menor com garrafas das nossas viagens juntos. Tahoe, Nerja, Baía de Halong, elas se agrupavam para contar o início da nossa história, com muito espaço para os próximos capítulos.

Na cozinha, onde o mármore brilhava e os balcões foram posicionados numa altura muito específica, vasos de alecrim, salsa e tomilho se assentavam alegremente no peitoril da janela, recebendo a luz do amanhecer. O meu forno duplo se destacava majestosamente, pronto para assar biscoitos e tortas e pães de abobrinha até que Simon pedisse penico. Ou seja… para sempre.

Em um lugar de honra, sobre uma pedra de mármore feita exclusivamente para ela, estava a minha KitchenAid. Aço inoxidável. Fria ao toque e construída à perfeição. Se havia uma luminária instalada exatamente acima dela para transformá-la em um farol de esperança e bondade a se espalhar pela nação? Pode apostar o seu popô delícia que sim!

E, numa prateleira solitária instalada bem no centro da parede, alinhava-se uma coleção dos livros de receitas da Condessa Descalça – em ordem cronológica, claro. E, por um golpe de sorte, na folha de rosto de cada um estava escrito: "Para Caroline. Com carinho, Ina".

Paul, chefe de Ashley, amiga de Megan, esposa de Trevor, amigo de Simon, conseguiu o autógrafo para mim no Food Network. E ninguém tinha permissão para tocar naqueles livros senão eu.

Jillian e eu caminhamos pela casa, ajustando coisinhas aqui e ali. Afofando uma almofada. Ajeitando um vaso. Na sala de estar, eu me detive para exibir a peça final. Joguei a manta afegã de Simon (sob a qual eu e ele tínhamos passado uma noite monumental tentando nos proteger do horror de O exorcista) por cima do luxuoso sofá cor de chocolate. Jillian fitou a peça com curiosidade, com certeza se perguntando por que uma manta retrô laranja e verde-ervilha seria o ponto focal em um cômodo como este. Olhei para a paleta de cores ao redor, criada por mim, a manta harmonizando-a, e disse:

– Era da mãe dele.

Jillian assentiu, e, por um instante, nós apenas ficamos ali, absorvendo o cenário. Estava pronto e estava meio que perfeito.

– Está ótimo, gata! Muito lindo.

– Obrigada. – Eu suspirei, me permitindo realmente sentir a casa e tudo o que ela passara a significar.

– Quando o Simon volta? – ela perguntou conforme voltávamos para a cozinha.

– Na sexta à noite. Estou feliz por ter conseguido terminar antes. Café?

Ela fez que sim com a cabeça e pegou o creme na geladeira enquanto eu servia a bebida.

– Vocês dois querem jantar lá em casa no domingo?

– Que engraçado, eu ia perguntar se vocês não queriam jantar aqui! Ser nossos primeiros convidados?

– Combinado. – Ela abriu um sorriso.

Nós nos sentamos de frente uma para a outra na ilha, e, quando Jillian adoçou a sua xícara, eu a observei cuidadosamente. Precisava conversar com ela – e estava torcendo para que o jantar continuasse de pé depois que eu dissesse o que tinha para dizer.

– Jillian, preciso conversar com você sobre uma coisa.

– Hum?

– Sobre a nossa sociedade. Ela sorriu um sorriso triste.

– Você não vai topar, né?

– Como você sabia? – perguntei, atônita.

– Palpite. Me fala por quê.

– Não estou recusando, mas tenho uma proposta.

– Estou ouvindo.

E ela ouviu. Botei para fora tudo o que eu vinha sentindo em relação ao meu cargo, ao meu desempenho e ao meu papel dentro da empresa. Na essência, eu era puramente uma designer. Tinha curtido cuidar das tarefas administrativas na ausência de Jillian, mas, para mim, bastava saber que eu era capaz de fazer essas coisas e fazê-las bem.

Eu não queria ter de fazê-las de fato. E, embora soubesse estar recusando a oportunidade da minha vida, eu precisava ser forte o bastante para dizer não. E aqui vem a parte importante. Recusar o trabalho era, honestamente, a única coisa que eu podia fazer. Eu gostava da minha vida e, principalmente, eu gostava da minha qualidade de vida.

Não era como se eu tivesse um homem exigindo que eu servisse o jantar às seis da tarde, cinco dias por semana. Eu simplesmente queria preparar o jantar para Simon às vezes, sem ter de trabalhar doze horas no dia anterior para poder fazer isso. Tampouco havia alguém me dizendo que eu não podia ter tudo ao mesmo tempo. Era eu mesma quem estava dizendo que não, meu Deus, eu não podia ter tudo – e por que eu desejaria ter tudo?

Eu tinha a vida que queria. E não tinha medo de dizer não a algo além.

Mas, ainda assim, eu queria uma fatia maior daquele bolo. Foi então que tive a coragem de dizer a Jillian "eis a minha proposta", que era incrivelmente simples. Eu assumiria um cargo de supervisão dentro da empresa, especialmente quando Jillian estivesse viajando. Continuaria responsável por Monica, por contratar novos estagiários e seria o ponto focal em todos os novos negócios. Manteria os meus clientes atuais, cuidaria de alguns clientes de Jillian e seria responsável por captar novos clientes. E, se Jillian consentisse, nós contrataríamos um gerente para executar as tarefas do dia a dia. Claro, haveria longos dias de corrida contra o prazo, mas nada de trabalhar aos domingos! Nada de ir embora do escritório depois das nove da noite.

Caso eu mudasse de ideia, haveria tempo de sobra para que eu assumisse o meu próprio show futuramente. Por ora, isso era exatamente o que eu queria fazer.

– Nossa, você pensou em tudo, hein? – Jillian comentou, virando a página da minha proposta, a qual tinha preparado com gráficos e planilhas e guardado numa pasta escondida atrás do pote de biscoitos até que eu estivesse pronta para encarar aquilo. – Tem certeza?

– Sim. É o que eu quero, desde que você concorde. – Prendi a respiração.

Jillian fez uma pausa tão longa que eu precisei soltar o ar e prendê-lo de novo. Essas estrelinhas sempre existiram na cozinha?

– Ok, Caroline… Acho que pode dar certo. Preciso mostrar isso pro contador, mas não vejo motivo para não dar certo – ela afirmou por fim.

Finalmente soltei a respiração. As estrelinhas sumiram.

Sexta-feira à noite, oito e cinquenta e sete. Estava preparando as coisas na cozinha. Simon tinha me mandado uma mensagem quando o seu avião aterrissou; ele estava voltando do Aeroporto de San Francisco. Tinha voado por horas, e eu sabia que estaria exausto. Mas queria que a sua chegada fosse especial.

Enquanto fazia uma última inspeção no andar de baixo para me certificar de que tudo estava no lugar e brilhando de tão limpo, me detive na sala de jantar. Mais especificamente, na janela hermeticamente fechada. Eu estremecia toda vez que olhava para ela e para o largo peitoril que Clive mal teve a chance de curtir.

O barulho da chave na porta da frente me tirou do transe, e eu corri para a cozinha.

– Amor? Cheguei! Ei, quando você… Uau – ouvi ele dizer quando reparou no ambiente.

Quando Simon partira, dez dias atrás, o caos ainda imperava. Agora já era possível ver o fim da reforma. A casa não estava totalmente pronta, mas estava completa. E tranquila. E tomada pelo

aroma de sopa. Ouvi os seus passos em direção à cozinha e, diante do fogão, me virei para encontrar o seu olhar. Vestida com o avental preferido dele – sobre roupas desta vez, que fique claro –, sorri para o meu doce Simon. Mesmo exausto e amarrotado da viagem, ele era o homem mais lindo que eu já tinha visto. Aquela deliciosa barba de três dias encarapinhava o seu rosto, acentuando a mais bem concebida mandíbula deste lado do Monte Rushmore. Os olhos azuis penetrantes brilhavam para mim; Simon adorava me ver de avental.

– Tudo está… nem sei dizer, está tão… – Encolhendo os ombros, ele riu. – Não tenho palavras. Está perfeito, amor!

– É porque você ainda não viu a fatura. Está com fome? – eu perguntei, servindo uma tigela com sopa de galinha feita com caldo encorpado, macarrão e legumes.

Simon farejou o ar, e eu sufoquei uma risada ao vê-lo caminhar até a copa, onde uma mesa posta para dois nos aguardava. Ele se sentou e, assim que coloquei a tigela à sua frente, me puxou para o seu colo.

– Parece que você andou ocupada – murmurou.

Senti a sua mandíbula feito lixa na lateral do meu pescoço, e a minha pele reagiu imediatamente.

– Eu queria deixar tudo especial pra você. – Me aproximei da sua orelha. – Bem-vindo ao lar, senhor Parker.

Ele me abraçou com força; tomou a sopa e bebeu o suco com uma mão só, sem querer me soltar. Nós conversamos confortavelmente sobre tudo e sobre nada. Depois, ele tomou banho enquanto eu limpava as coisas.

Após explorar todos os cômodos nos quais eu tinha dado os meus toques finais, fomos para o nosso quarto. Falamos sobre os planos para o fim de semana enquanto ele secava o cabelo com a toalha, e eu o admirei enquanto ele caminhava pelo quarto vestido apenas com a calça do pijama. A melhor coisa de todas.

– A Jillian e o Benjamin vão vir jantar no domingo, tudo bem? – eu comentei.

Ele puxou a colcha do seu lado da cama.

– Claro. O resto do pessoal vem também?

– A Mimi e o Ryan estão na casa dos pais dela, em Mendocino, e Sophia e Neil ainda não se desagarraram. – Eu sorri enquanto afofávamos o edredom ao pé da cama.

Sophia e Neil tinham voltado com tudo. Os dois mal tinham saído da cama desde então.

Simon e eu ajeitamos os travesseiros e as cobertas, e eu suspirei diante dos lençóis. Algodão egípcio, milhões de fios, reluzentes de tão brancos!

– Por falar em Mendocino, você não vai acreditar em quem me ligou. Lembra da Viv Franklin?

– Meia arrastão e tatuagens? Aquela do reencontro?

– Ela mesma! Talvez ela se mude pra cá, pra Mendocino.

– Sério? Que ótimo. Achei que ela estava bem estabelecida na sua… empresa de segurança da internet? – perguntei, gesticulando para que ele me jogasse os travesseiros. Eu tinha um jeito especial de empilhá-los na poltrona.

– Software de segurança, amor. Ela desenvolve software de segurança para empresas. Não sei o

que ela vai fazer, ela ainda está decidindo. Uma tia-avó dela morreu, e parece que a Viv herdou uma casa na praia. Não sei os detalhes… Mas talvez ela se mude pra essa casa.

– Isso seria demais! – A bela morena era uma figura, porra-louca e fofa ao mesmo tempo; ela tinha mantido Simon na linha, um bom motivo para eu gostar dela.

– Falei pra ela avisar a gente quando decidisse. A Viv não conhece ninguém por aqui, a gente pode dar uma força – Simon comentou, jogando para mim o último travesseiro.

– Ops, não joga este! – Eu coloquei o travesseiro delicadamente sobre os demais. – Claro! Me avisa quando ela decidir.

– É só um travesseiro, relaxa.

– Se você soubesse quanto eu paguei neste travesseiro, pensaria duas vezes antes de jogá-lo!

– Acho que eu também não quero saber o quanto esta aqui me custou, certo? – Ele apontou a cabeça na direção da cama.

Uma cama só nossa, sem antecedentes alheios. A California King era larga o bastante para acomodar tanto o ronco de Simon quanto a minha inquietação noturna. Era simples e elegante, com uma enorme cabeceira acolchoada.

– Eu acho que você tem que me deixar fazer as coisas do meu jeito e parar de fazer perguntas – brinquei, engatinhando na cama, o baby-doll cor-de-rosa roçando a minha pele do jeito certo.

– Eu gosto quando você faz as coisas do seu jeito, principalmente quando me deixa assistir – Simon sussurrou, erguendo uma sobrancelha quando eu me virei e o babado ficou à mostra. Ele pressionou o corpo contra o meu, a pele quente por conta do banho me esquentando tanto quanto as suas palavras.

– Hoje, eu prefiro que você me toque. Com as mãos. E com a boca – instruí, me posicionando em cima dele. Eu tinha posicionado a cama de modo que, quando estivéssemos aninhados, víssemos as luzes cintilando sobre a baía. – Olhe essa vista.

– Que vista – Simon sussurrou, espiando por baixo do baby-doll.

Quando me dei por conta, ele já tinha tirado a minha calcinha.

E, com a calcinha plissada fora do caminho e o baby-doll cor-de- rosa levantado sobre a minha pele, Simon não deixou dúvidas quanto à sua intenção.

E pergunta se ele não encontrou um jeito de bater esta cabeceira…

Tum.

– Cuidado… Ai, meu Deus… A pintura nova… Ai, Deus…

Tum.

– Você quer que eu tome… Nossa, Caroline… Cuidado? Tum, tum.

– Talvez… Só um… pouquinho… Ai, meu Deus… Simon!

– Essa é a minha Garota do Baby-Doll Cor-de-Rosa.

Tum, tum, tum.

– Simon?

– Hum?

– Está acordado?

– Huh-uh.

– Só queria dizer que te amo.

– Hum.

– Caroline?

– Hum?

– Eu também te amo.

– Hummm.

– Caroline?

– Hum?

– Quer brincar um pouquinho?

– Se eu disser não, o que vai acontecer?

– Eu vou ficar deitado do seu lado pensando sacanagem.

– Sacanagem comigo?

– Sempre!

– Sério?

– Você é literalmente a mulher das minhas fantasias.

– Ok, a coisa está começando a esquentar aqui…

– E, por falar em esquentar…

– Ah, me beija, seu Trepador de Paredes!

Eu me sentei na cama, o corpo tenso e vigilante. Por que eu acordei de repente? Às… duas e trinta e sete da madrugada?

Simon estava encolhido no seu lado da cama e roncando.

O cabelo na minha nuca se arrepiou, assim como a minha pele. Tinha alguma coisa acontecendo, mas eu não sabia o quê… Espera, o que foi isso?

Corri até a janela e espiei a escuridão. Nada. Nada fora do comum. Me arrastei de volta para a cama, sem me livrar da sensação de que… Ah, meu Deus!

– Simon! – Saí correndo do quarto e atravessei o corredor. Um fio de esperança se acendeu num recôndito do meu coração conforme descia a escada, escutando a voz de Simon me chamando e então os seus passos. Voei pelos degraus e pela sala de estar até chegar à sala de jantar. Colei o rosto no vidro da janela, procurando, relutando para não ser tomada por esse sentimento, pois eu não suportaria se não fosse…

Miau.

Não pode ser! Ele não sabe onde…

Miau.

– Simon! – berrei, e ele apareceu na sala segurando um bastão.

– Tem alguém na casa? – Simon perscrutou o ambiente. Saí para o jardim com Simon atrás de

mim, a esperança à flor da pele, já fora de controle.

No gramado, logo abaixo da janela da sala de jantar, estava Clive. Lambendo as patas na maior tranquilidade.

– Não acredito – Simon sussurrou, e eu mergulhei no chão e escancarei os braços.

Clive esfregou as orelhinhas como se tivesse todo o tempo do mundo, depois trotou até mim com o maior sorriso de gato que eu já vi. Ele tentou bancar o indiferente, mas eu conseguia escutar o rom-rom a distância. Fui tomada por lágrimas e soluços despudorados quando abracei o meu gato. Que ronronava sem parar. Ele estava magro, ele estava sujo, ele estava com frio, ele estava de volta.

Simon se agachou ao meu lado, acariciando as costas de Clive, que eu apertava com força.

– Bom garoto – Simon falava repetidamente e coçava a cabeça de Clive. Quando os olhos de Simon encontraram os meus, percebi que estavam cheios de lágrimas.

Eu finalmente me levantei, ainda agarrada a Clive. Acariciei o meu gatinho e balbuciei que nunca mais fizesse aquilo ou acabaria com a raça dele e que ele poderia comer filé-mignon o dia inteiro, todos os dias. Simon apenas sorriu quando Clive lhe deu uma cabeçadinha pedindo mais carinho.

Quando eu me virei para levá-lo para dentro de casa, Clive de repente saltou dos meus braços e correu para os arbustos nos quais tinha desaparecido semanas atrás.

– Não! Clive! Não! – eu gritei.

No entanto, antes que eu desse dois passos, a cabecinha dele surgiu, e Clive saiu do mato. Estou certa de que ele encolheu o ombro esquerdo. Então, materializando-se do nada, outro gato apareceu. Pequenininho, malhado, rechonchudinho, com a carinha mais fofa que eu já vi! Ele se esfregou em Clive, depois se sentou ao seu lado.

– Quem é o seu amiguinho, Clive? – perguntei, me ajoelhando de novo, com medo de assustá-los.

Simon se agachou ao meu lado e sussurrou no meu ouvido:

– Parece que o nosso garotão arranjou uma namorada. Clive assentiu para Simon, e eu me segurei para não rir.

– Sempre achei que seria legal ter outro gato. Acha que ela tem dono? – Simon indagou.

– Como você sabe que é menina?

– Ah, é menina, pode apostar – Simon respondeu, e Clive assentiu mais uma vez.

Se os dois estivessem mais perto um do outro, teria rolado um high five interespécie.

Então, Clive pareceu encolher o ombro direito, e um terceiro gato apareceu. Encapada com um lindo pelo cinza-escuro, tinha os olhos verdes e traços delicados. Ela se esfregou em Clive, agora ladeado por gatinhas.

– Não acredito nisso – eu sussurrei, e Simon riu.

– Acho que ter três gatos não é muito diferente de ter dois, certo?

– Simon, fala sério! A gente não pode ter três gatos. Quer dizer, será que…

Clive pigarreou como que dizendo hu-hum.

Eis que, abrindo caminho entre a gatinha rechonchuda e um sorridente Clive, uma terceira

recém-chegada se apresentou ao casal em choque. Brincalhona, ela trombou nas outras gatas e se jogou na grama em frente a Clive, rolando e emitindo os sons mais curiosos. Eu poderia jurar que ela estava dando risadinhas.

– Cacete, ele arranjou um harém – eu falei, e Simon não conseguiu mais conter uma gargalhada.

Eu balancei a cabeça, e Clive se voltou para as suas donzelas. Agrupando-as no gramado, ele as conduziu para dentro de casa, uma a uma. Ao cruzar o batente da porta, Clive nos fitou com todo o amor que um gato pode demonstrar. E é muito amor. Quando os miados começaram lá dentro, ele deu uma piscadinha.

– Ai, meu Pai amado – disse, com um sorriso de orelha a orelha.

Ainda gargalhando, Simon estendeu a mão para mim.

Eu entrelacei os meus dedos nos dele, e nós atravessamos o gramado para entrar na nossa casa, onde Clive e todo o seu harém nos aguardavam.

EPÍLOGO

A última palavra

Saio em patrulha, atento a todos os odores deste novo território. Ele mudou desde a última vez em que estive aqui. Está mais brilhante de certo modo, com mais bugigangas espalhadas para a minha diversão. Há duas prateleiras cheias de garrafas esquisitas para eu derrubar. Quanta consideração. Vou investigá-las mais a fundo amanhã. Hoje, tenho outras coisas em mente!

Durante semanas, eu vaguei pela selva desta estranha cidade, acanhado por montanhas de um lado e por água de outro. Água na qual aprendi – da pior maneira – a não confiar, imprevisível e imbebível que só ela. "Água salgada", assim a chama o capitão dos Highsteppers. A gangue dos High Steppers é formada pelos gatos de rua mais sábios que eu encontrei durante as minhas andanças; duros, porém justos. Nada parecidos com os Whisker Sours, que são simplesmente malvados.

Fui convidado a entrar para os High Steppers, motivo de grande honra para mim. No entanto, eu sabia que a Alimentadora estava me procurando. Assim, percorri as encostas à procura da casa da qual eu acidentalmente tinha fugido.

Aqui vai a verdade que nenhum gato quer admitir. Nós ansiamos pela liberdade; nós ansiamos por correr e saltitar e brincar. Mas – e isto é um segredo – vocês não podem nos deixar sair.

Porque nós nem sempre encontramos o caminho de volta. Eu tive sorte. Nunca desisti. Eu sabia que a mamãe, ops, a Alimentadora devia estar sentindo muito a minha falta e eu não podia aceitar isso. E então? Então, eu encontrei as donzelas. Ou melhor, elas me encontraram… Mas essa é uma história para outro dia.

Eu sabia que os meus humanos ficariam muito felizes em me ver e que não me destituiriam das minhas donzelas, agora seguras dentro de um palete feito de cobertores, sob a mesa de café. O Altão colocou a cama no descoberto, porém eu a puxei para baixo da mesa, ciente de que as donzelas estão acostumadas a dormir mais protegidas. Essa é a diferença entre ser esperto e ser malandro. As ruas sórdidas de Sossa Leeto me ensinaram isso.

Continuo a inspecionar o perímetro, monitorando um galho de árvore que faz um desagradável barulho em contato com uma janela do lado leste. Não se trata de uma ameaça imediata, mas eu vou ficar de olho. Caminho até a sala de jantar e me deparo com a janela que me conduziu à maior e mais angustiante aventura das minhas sete vidas. Testo o reparo; parece firme. Observo o mundo lá fora, que sempre me pareceu tão grande e bonito e cheio de agitação. E é mesmo!

Mas agora, virando-me para observar este espaço tranquilo que é o lado de dentro, cheio de cantos e recantos para cochilar e me lamber e correr e brincar, percebo que esta também é uma grande aventura.

Me afasto da janela e subo a escada. Ao passar pelas minhas donzelas, ouço a respiração pesada; elas dormem profundamente. Vou me enfiar entre elas em breve. Tem uma mancha na minha nuca que precisa ser limpa, e seria muito mais fácil fazer isso num banho em grupo.

Ao entrar no quarto da Alimentadora e do Altão, estudo a posição em que eles estão dormindo. Nada mudou durante a minha ausência, ainda bem. O Altão está comprimido de um lado, e a Alimentadora, esparramada como uma estrela-do-mar. Igualzinha à que eu tinha visto na "água

salgada".

Pulo na nossa cama e me sento no travesseiro entre os dois. Quero desfrutar um momento com os meus humanos. Esticando o corpo de modo que as minhas patas da frente descansem na testa da mamãe e as de trás toquem o queixo do papai, eu enfim relaxo.

Estou em casa.

AGRADECIMENTOS

Este livro é cem por cento fruto do desejo dos fãs de Subindo pelas Paredes [Wallbanger] de saborear um pouco mais da história de Simon e Caroline. Foi por você, leitor lindo, leitora perfeita, e somente por você, que estas páginas se consumaram. Muito obrigada pela paciência em esperá-las, por fazer propaganda para amigos e amigas, por se manter firme na crença de que é possível, sim, ser sexy e engraçado ao mesmo tempo. A família Subindo pelas Paredes sabe do que estou falando. Então, este livro é para vocês. Do fundo do meu coração, muito obrigada!

Agradeço ao meu editor, Micki Nuding, e a toda a equipe da Gallery Books por terem me concedido uma oportunidade tão valiosa de publicação. Preciso me beliscar quase todos os dias para ter certeza de que não estou sonhando.

Agradeço à minha confiabilíssima fonte sobre San Francisco/Sausalito, a primeira e única Staci Reilly. E, sim, o elevadorzinho existe e Staci tem histórias muito interessantes sobre ele.

Agradeço à minha família, que sempre tem uma paciência incrível comigo quando preciso dizer não a algumas coisas por conta dos prazos apertados, além de me lembrar que, ainda que eu trabalhe de pijama, não deixa de ser trabalho.

Obrigada a todos os blogueiros e blogueiras que tocam esse barco dia após dia, promovendo os autores e levando os nossos livros às mãos dos leitores. No fim das contas, eu sou uma leitora antes de ser uma escritora. Valorizo demais o amor que vocês têm pela literatura e o desejo de compartilhar as suas experiências de leitura.

Agradeço a algumas das minhas autoras favoritas cujas palavras eu amo e a quem posso agora chamar de amigas: Kristen Proby, Tiffany Reisz, Jennifer Probst, Ruthi Knox, Kresley Cole, Samantha Young, Sylvia Day, Helena Hunting, Debra Anastasia, Mina Vaughn, Leisa Rayven, E. L. James, Katy Evans e Jasinda Wilder. Muito obrigada, meninas.

Agradeço a Christina Hogrebe, a minha agente, amiga e guia nesta empreitada maluca de levar a série às prateleiras. Você é uma mulher corajosa, e eu a admiro por milhões de motivos. Não vejo a hora de a gente comemorar no Mohonk a nossa próxima conquista!

Agradeço a uma das minhas amigas mais queridas e antigas, Jessica Royer-Ocken, que literalmente atravessou os vales do inferno para tornar este livro inteligível. Neste caso, os vales do inferno são a minha dificuldade com pontuação e a minha habilidade de merda com ferramentas de formatação. Sem falar que Jessica é uma baita conselheira. E não se sai nada mal na cozinha…

Agradeço às Captain Hookers, as minhas parceiras no crime, a PQ e Lo (mais conhecidas como Christina Lauren). Pelo podcast, pelas mensagens de texto, pela Tower of Terror.

Agradeço a Nina e ao melhor taco do mundo! Obrigada por me motivar sempre, pelas fotos do Robert Pattinson e pelos Ursinhos Gummi nos momentos de desespero. Que, sejamos sinceras, são bastante frequentes. Não vejo a hora de ver o seu livro pronto!

E agradeço especialmente a todos os leitores e leitoras fiéis. A todos vocês que estão comigo desde o início, a todos vocês que pularam neste barco agora. Muito obrigada. Esta é a viagem da minha vida. E é apenas o começo.

Bjos!

Alice